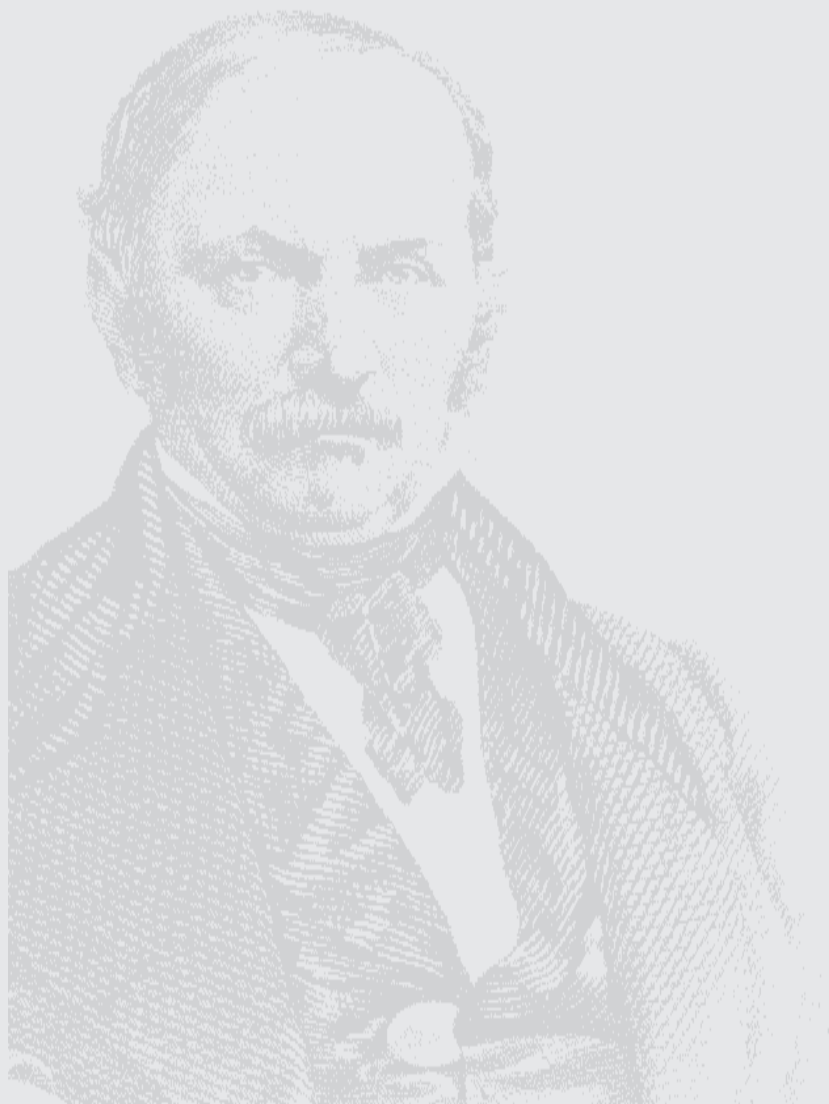


Federação Espírita Brasileira

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

Federação Espírita Brasileira



Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

Programa Fundamental

Tomo I



Federação Espírita Brasileira

Apresentação

A Campanha do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita - ESDE foi lançada, em Brasília-DF, na reunião anual do Conselho Federativo Nacional de novembro de 1983, em atendimento às expectativas do Movimento Espírita. Esta Campanha, efetivada na forma de seis apostilas de estudo, representativas de níveis graduais e seqüenciais de aprendizado doutrinário, utilizou a técnica do trabalho em grupo como diretriz pedagógica. A sistematização do estudo espírita buscou, por outro lado, apoio nas seguintes orientações de Allan Kardec: “um curso regular de Espiritismo seria professado com o fim de desenvolver os princípios da ciência e difundir o gosto pelos estudos sérios [...]”. (*)

Ao avaliar os resultados positivos apresentados pelo Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, ao longo dos anos, sobretudo em relação ao trabalho de unificação do Movimento Espírita e à união dos espíritas, percebemos que a aquisição do conhecimento doutrinário deve seguir o método indicado pelo próprio Codificador, conforme expressam estas suas palavras: “Acrescentemos que o estudo de uma doutrina, qual a Doutrina Espírita, que nos lança de súbito numa ordem de coisas tão nova quão grande, só pode ser feito com utilidade por homens sérios, perseverantes, livres de prevenções e animados de firme e sincera vontade de chegar a um resultado. Não sabemos como dar esses qualificativos aos que julgam *a priori*, levemente, sem tudo ter visto; que não imprimem a seus estudos a continuidade, a regularidade e o recolhimento indispensáveis. [...] O que caracteriza um estudo sério é a continuidade que se lhe dá.

(*) *Obras Póstumas*: Projeto 1868.

[...] Quem deseje tornar-se versado numa ciência tem que a estudar metodicamente, começando pelo princípio e acompanhando o encadeamento e o desenvolvimento das idéias. (**)”

Mantendo-se fiel no propósito de difundir o Espiritismo em todos os seus aspectos, com base nas obras da Codificação de Allan Kardec e no Evangelho de Jesus Cristo, a Federação Espírita Brasileira disponibiliza ao Movimento Espírita novo programa do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita. Trata-se de um programa mais compacto, adequado às exigências da vida atual, cujos assuntos, distribuídos objetivamente em dois níveis de aprendizado – Programa Fundamental e Programa Complementar –, contém 27 módulos de estudo.

Em face do exposto, contamos com uma boa receptividade dos interessados por este tipo de trabalho.

Explicações Necessárias

O novo curso do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita-ESDE oferece uma visão panorâmica e doutrinária do Espiritismo, fundamentada na ordem dos assuntos existentes em *O Livro dos Espíritos*.

O objetivo fundamental deste Curso, como do anterior, é propiciar condições para estudar o Espiritismo de forma séria, regular e contínua, tendo como base as obras codificadas por Allan Kardec e o Evangelho de Jesus, conforme os esclarecimentos prestados na apresentação.

O seu conteúdo doutrinário está distribuído em dois programas, assim especificado:

Programa Fundamental – subdividido em dois tomos, cada um contendo nove módulos de estudo.

Programa Complementar – constituído de um único tomo, também com nove módulos de estudo.

A formatação pedagógica-doutrinária utiliza, em ambos os programas, o sistema de módulos para agrupar assuntos semelhantes, os quais são desenvolvidos em unidades básicas denominadas *roteiros de estudo*.

A duração mínima prevista para a execução do Curso é de dois anos letivos.

Cada roteiro de estudo deve, em princípio, ser desenvolvido numa reunião semanal de 1 hora e 30 minutos.

Todos os roteiros contêm: a) uma página de rosto, onde estão definidos o número e o nome do módulo, os objetivos específicos e o conteúdo básico, norteador do assunto a ser desenvolvido em cada reunião; b) um formulário de sugestões didáticas que indica como aplicar e avaliar o assunto de forma dinâmica e diversificada; c) formulários de subsídios, existentes em número variável segundo a com-

plexidade do assunto, redigidos em linguagem didática de acordo com os objetivos específicos e o conteúdo básico do roteiro; d) formulário de referências bibliográficas. Alguns roteiros contam também com anexos, glossários ou notas de rodapé, bem como recomendações de atividades extraclasse.

Sugere-se que as reuniões semanais enfoquem, na medida do possível, o trabalho em grupo, evitando a monotonia e o cansaço.

Sumário

Módulo I – Introdução ao Estudo do Espiritismo	11
Rot. 1 – O contexto histórico do século XIX na Europa	12
Rot. 2 – Espiritismo ou Doutrina Espírita: conceito e objeto	24
Rot. 3 – Tríplice aspecto da Doutrina Espírita	29
Rot. 4 – Pontos principais da Doutrina Espírita	36
Módulo II – A Codificação Espírita	41
Rot. 1 – Fenômenos mediúnicos que antecederam a Codificação: Hydesville e mesas girantes	42
Rot. 2 – Allan Kardec: o professor e o codificador	50
Rot. 3 – Metodologia e critérios utilizados na Codificação Espírita	67
Rot. 4 – Obras básicas	79
Módulo III – Deus	95
Rot. 1 – Existência de Deus	96
Rot. 2 – Provas da existência de Deus	102
Rot. 3 – Atributos da divindade	108
Rot. 4 – A providência divina	116
Módulo IV – Existência e Sobrevivência do Espírito	123
Rot. 1 – Perispírito: conceito	124
Rot. 2 – Origem e natureza do Espírito	130
Rot. 3 – Provas da existência e da sobrevivência do Espírito	145
Rot. 4 – Progressão dos Espíritos	154
Módulo V – Comunicabilidade dos Espíritos	161
Rot. 1 – Influência dos Espíritos em nossos pensamentos e atos, e nos acontecimentos da vida	162
Rot. 2 – Mediunidade e médium	168
Rot. 3 – Mediunidade com Jesus	173

Módulo VI – Reencarnação	179
Rot. 1 – Fundamentos e finalidades da reencarnação	180
Rot. 2 – Provas da reencarnação	190
Rot. 3 – Retorno à vida corporal: o planejamento reencarnatório	200
Rot. 4 – Retorno à vida corporal: união da alma ao corpo	212
Rot. 5 – Retorno à vida corporal: a infância	221
Rot. 6 – O esquecimento do passado: justificativas da sua necessidade	228
Módulo VII – Pluralidade dos Mundos Habitados	235
Rot. 1 – O fluido cósmico universal	236
Rot. 2 – Elementos gerais do universo: espírito e matéria	245
Rot. 3 – Formação dos mundos e dos seres vivos	256
Rot. 4 – Os reinos da natureza: mineral, vegetal, animal e hominal	264
Rot. 5 – Diferentes categorias de mundos habitados	274
Rot. 6 – Encarnação nos diferentes mundos	281
Rot. 7 – A Terra: mundo de expiação e provas	287
Módulo VIII – Lei Divina ou Natural	293
Rot. 1 – Lei natural: definição e caracteres	294
Rot. 2 – O bem e o mal	305
Módulo IX – Lei de Adoração	313
Rot. 1 – Adoração: significado e objetivo	314
Rot. 2 – A prece: importância, eficácia e ação	320
Rot. 3 – Evangelho no lar	328

PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO I

Introdução ao Estudo do Espiritismo

OBJETIVO GERAL

*Propiciar conhecimentos gerais sobre a
Doutrina Espírita*

ROTEIRO 1

O contexto histórico do século XIX na Europa

Objetivo específico Identificar o contexto histórico do século XIX na Europa, por ocasião do surgimento da Doutrina Espírita.

Conteúdo básico

- *O século XIX desenrolava uma torrente de claridades na face do mundo, encaminhando todos os países para reformas úteis e preciosas [...]. Emmanuel: A caminho da luz. Cap. 23.*
- *Esse século, por direito, pode ser chamado o século das revoluções, porque nenhum – até agora – foi tão fértil em levantes, insurreições, guerras civis, ora vitoriosas, ora esmagadas. Essas revoluções têm como ponto comum o fato de serem quase todas dirigidas contra a ordem estabelecida [...], quase todas feitas em favor da liberdade, da democracia política ou social, da independência ou unidade nacionais. René Rémond: O século 19 – Introdução.*
- *No século XIX as [...] lições sagradas do Espiritismo iam ser ouvidas pela Humanidade sofredora. Jesus, na sua magnanimidade, repartiria o pão sagrado da esperança e da crença com todos os corações. Emmanuel: A caminho da luz. Cap. 23.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Iniciar a reunião fazendo uma apresentação geral do tema, por meio da técnica expositiva, destacando as idéias introdutórias dos *subsídios* deste Roteiro. Utilizar projeções ou cartazes.

Desenvolvimento

- Pedir aos participantes que formem grupos para a realização das seguintes atividades, tendo como base os *subsídios*:
 - Grupo 1 Leitura, comentários e resumo escrito do item 1.1– A Revolução Francesa e as suas conseqüências.
 - Grupo 2 Leitura, comentários e resumo escrito do item 1.2 – A Revolução Industrial e as suas repercussões.
 - Grupo 3 Leitura, comentários e resumo escrito do item 1.3 – Manifestações artísticas e culturais do século XIX.
- Solicitar aos relatores dos grupos que façam a leitura do resumo, em plenária.
- Destacar pontos fundamentais da apresentação dos relatores, esclarecendo possíveis dúvidas.

Conclusão

- Fazer o fechamento do assunto, destacando os principais pontos constantes do item 1.4 dos *subsídios* (manifestações filosóficas, políticas, religiosas, científicas e sociais do século XIX), os quais tiveram o poder de influenciar as gerações posteriores.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes demonstrarem interesse e desenvolverem as tarefas com entusiasmo.

Técnica(s): Exposição; trabalho em pequenos grupos.

Recurso(s): Cartazes ou transparências; *subsídios* deste Roteiro; lápis, papel.

Subsídios O século XIX representou uma dessas épocas em que fomos especialmente abençoados pela bondade superior, a despeito de todas as dificuldades assinaladas nesse período. Além das enormes contribuições culturais recebidas, fomos imensamente distinguidos pelo advento do Espiritismo, materializado no mundo físico pelo trabalho inestimável do professor francês Hippolyte Léon Denizard Rivail que, ao codificar a Doutrina Espírita, adotou o pseudônimo de Allan Kardec.

Entretanto, é o século que dá início aos grandes movimentos revolucionários europeus que derrubaram o absolutismo, implantaram a economia liberal e extinguiram o antigo sistema colonial, movimentos esses apoiados nas idéias renovadoras da Filosofia e da Ciência, divulgadas no século XVIII por Espíritos reformadores, denominados iluministas e enciclopedistas. Tais idéias, de acordo com o Espírito Emmanuel, constituíram a base para que fossem combatidos, no século XIX, os [...] *erros da sociedade e da política, fazendo soçobrar os princípios do direito divino, em nome do qual se cometiam todas as barbaridades. Vamos encontrar nessa plêiade de reformadores os vultos veneráveis de Voltaire [1694-1778], Montesquieu [1689-1755], Rousseau [1712-1778], D'Alembert [1717-1783], Diderot [1713-1784], Quesnay [1694-1774]. Suas lições generosas repercutem na América do Norte, como em todo o mundo. Entre cintilações do sentimento e do gênio, foram eles os instrumentos ativos do mundo espiritual, para regeneração das coletividades terrestres*¹⁴. Enfatiza, ainda, Emmanuel que [...] *foi dos sacrifícios desses corações generosos que se fez a fagulha divina do pensamento e da liberdade, substância de todas as conquistas sociais de que se orgulham os povos modernos*¹⁴.

Os Estados Unidos foram a primeira nação a absorver efetivamente o pensamento renovador dos iluministas. Assim é que, após alguns incidentes com a metrópole – Grã-Bretanha –, os americanos proclamam a sua independência política, em 4 de julho de 1776, tendo sido organizada, posteriormente, a *Constituição de Filadélfia*, modelo dos códigos democráticos do futuro¹⁵.

A independência americana repercutiu intensamente na França, acendendo o [...] *mais vivo entusiasmo no ânimo dos franceses, humilhados pelas mais prementes dificuldades, depois do ex-*

travagante reinado de Luís XV ¹⁶. Em conseqüência, desencadeou-se um poderoso movimento revolucionário em 1789 – a Revolução Francesa –, considerada o marco que separa a Idade Moderna da atual, a Contemporânea. Os sucessivos progressos culturais em todos os campos do saber humano, desencadeados pela Revolução Francesa, foram tão marcantes que o século XIX entrou para a história como sendo o *Século da Razão*, assim como o século XVIII é denominado o *Século das Luzes*.

No contexto da história da civilização ocidental européia [...] *o século XIX, tal como os historiadores o delimitam, ou seja, o período compreendido entre o fim das guerras napoleônicas e o início do primeiro conflito mundial [...], é um dos séculos mais complexos [...]* ⁷, marcado por um período de profundas transformações político-sociais e econômicas, as quais tiveram o poder de influenciar gerações posteriores.

1. O contexto histórico europeu do século XIX

1.1 A Revolução Francesa e as suas conseqüências

No apagar das luzes do século XVIII, a França, uma monarquia governada por Luiz XVI, é ainda um país agrário, com industrialização incipiente. A sociedade francesa está constituída de três grupos sociais básicos: o clero, a nobreza e a burguesia. O clero, cognominado de *Primeiro Estado*, representava 2% da população total e era isento de impostos. Havia um grande desnível entre o *alto clero*, de origem nobre e possuidor de grandes rendimentos originários das rendas eclesiásticas, e o *baixo clero*, de origem plebéia, reduzido à própria subsistência. A nobreza, conhecida como *Segundo Estado*, fazia parte dos 2,5% de uma população de 23 milhões de habitantes. Não pagava impostos e tinha acesso aos cargos públicos. Subdividia-se em *alta nobreza*, cujos rendimentos provinham dos tributos senhoriais, das pensões reais e dos cargos na corte; em *nobreza rural*, que possuía direitos de senhorio e de exploração agrícola, e em *nobreza burocrática*, de origem burguesa, que ocupava os altos postos administrativos. Cerca de 95% da população – que incluía desde ricos comerciantes até camponeses – formavam o *Terceiro Estado*, que englobava a burguesia (fabricantes, banqueiros, comerciantes, advogados, médicos), os artesãos, o proletariado industrial e os camponeses. Os burgueses tinham poder econômico, devido, principalmente, às atividades industriais e financeiras. No entanto, igualada ao povo, a burguesia não tinha direito de participação

política nem de ascensão social. Foi essa situação que desencadeou uma série de conflitos, que culminaram com a Revolução Francesa, de 14 de julho de 1789³.

A despeito dos inegáveis benefícios sociais e políticos produzidos pela Revolução Francesa, entre eles a célebre *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, seguiram-se anos de terror, que favoreceram o golpe de estado executado por Napoleão Bonaparte, no final do século XVIII. Os sublimes ideais da Revolução Francesa foram desvirtuados, em razão do abuso do poder exercido por aqueles que assumiram o governo do país. Segundo Emmanuel, naqueles anos de terror, a [...] *França atraía para si as mais dolorosas provações coletivas nessa torrente de desastrosos. Com a influência inglesa, organiza-se a primeira coligação européia contra o nobre país [França]. [...] Também no mundo espiritual reúnem-se os gênios da latinidade, sob a bênção de Jesus, implorando a sua proteção e misericórdia para a grande nação transviada. Aquela que fora a corajosa e singela filha de Domrémy [Joanna D'Arc] volta ao ambiente da antiga pátria, à frente de grandes exércitos de Espíritos consoladores, confortando as almas aflitas e aclarando novos caminhos. Numerosas caravanas de seres flagelados, fora do cárcere material, são por ela conduzidos às plagas da América, para as reencarnações regeneradoras, de paz e de liberdade*¹⁷.

Entre o final do século XVIII e o início do século XIX (1799 a 1815), a política européia está centrada na figura carismática de Napoleão Bonaparte, um dos grandes chefes militares da História, administrador talentoso, que, entre outras reformas civis, promulga uma nova Constituição; reestrutura o aparelho burocrático; cria o ensino controlado pelo Estado (ensino público); declara lei o Estado, separando-o, assim, da religião; promulga o Código Napoleônico – que garante a liberdade individual, a igualdade perante a lei, o direito à propriedade privada, o divórcio – e adota o primeiro Código Comercial³.

No que diz respeito às ações deste imperador francês, lembra-nos Emmanuel que [...] *as atividades de Napoleão pouco se aproximaram das idéias generosas que haviam conduzido o povo francês à revolução. Sua história está igualmente cheia de traços brilhantes e escuros, demonstrando que a sua personalidade de general manteve-se oscilante entre as forças do mal e do bem. Com as suas vitórias, garantia a integridade do solo francês, mas espalhava a miséria e a ruína no seio de outros povos. No cumprimento da sua tarefa, organizava-se o Código Civil, estabelecendo as mais belas fórmulas do direito, mas difundiam-se a pilhagem e o insulto à sagrada emancipação de outros, com o movimento dos seus exércitos na absorção e anexação de vários povos. Sua frente de soldado pode ficar laureada, para o mundo, de tradições gloriosas, e verdade é que ele foi um missionário do Alto, embora traído em suas próprias forças* [...] ¹⁸.

Após Napoleão, a França passa por um novo período de transformações históricas, uma vez que [...] *vários princípios liberais da Revolução foram adotados, tais como a igualdade dos cidadãos perante a lei, a liberdade de cultos, estabelecendo-se, a par de todas as conquistas políticas e sociais, um regime de responsabilidade individual no mecanismo de todos os departamentos do Estado. A própria Igreja, habituada a todas as arbitrariedades na sua feição dogmática, reconheceu a limitação dos seus poderes junto das massas, resignando-se com a nova situação*¹⁹.

O movimento democrático na França mistura política e literatura. Assim, numerosos escritores se engajam na luta política e social, através de suas obras e ação. Desse modo, Lamartine e Víctor Hugo são eleitos deputados, tornando-se o próprio Lamartine – que muito contribuiu para o advento da República – chefe do governo provisório. Muitos desses escritores, como Zola, militam na causa republicana ou socialista⁸.

Sob o regime da Restauração, as questões mais importantes são as de ordem política: o partido liberal exige a aplicação da Carta (Constituição) e um alargamento da liberdade que ela garante. Os liberais, como Stendhal e Paul-Louis Courier, são anticlericais. Chateaubriand torna-se liberal, e prevê o advento da Democracia⁹.

1.2 A Revolução Industrial e as suas repercussões

Outra revolução, iniciada na Inglaterra em meados do século XVIII, a Revolução Industrial, acarretou profundas transformações na sociedade, modificando a feição das relações humanas dentro e fora dos países. Serviu de alavanca para o progresso tecnológico que presenciamos nos dias atuais, pela invenção de máquinas e de equipamentos cada vez mais sofisticados. Propiciou o desenvolvimento das relações internacionais, em especial nas áreas econômicas, comerciais e políticas, transformando o mundo numa aldeia global. Conduziu à urbanização de ajuntamentos humanos e à construção de modernos cercamentos (propriedades rurais). Desenvolveu a rede de comunicações de curta e de longa distância, principalmente pelo emprego inteligente da energia elétrica e da eletrônica. Ampliou os meios de transportes, em especial o marítimo e o aéreo. Favoreceu as pesquisas médico-sanitárias voltadas para o controle das doenças epidêmicas, resultando no aumento das faixas da sobrevivência humana⁴.

A Revolução Industrial, no entanto, produziu igualmente várias distorções e malefícios, de certa forma esperados, se se considerar o relativo atraso moral da nossa Humanidade. Os principais desequilíbrios produzidos pela Revolução Industrial são, essencialmente, decorrentes das relações trabalhistas, infelizmente

caracterizadas pela exploração do trabalho e pelas deficientes condições de segurança e higiene laborais, ocorridas em gradações diversas ⁴.

É oportuno considerar que os ideais da Revolução Francesa e os princípios da Revolução Industrial se espalharam, como um rastilho de pólvora, por todo o continente europeu, estimulando revoluções liberais, que incitavam a burguesia e os trabalhadores a ações contra o poder constituído. A Europa do século XIX assemelha-se a um caldeirão em constante ebulição, afetando o cotidiano das pessoas, em decorrência das contínuas mudanças no campo das idéias, na organização das instituições, na definição das formas de governo, e em virtude dos embates político-sociais, das conquistas científicas e tecnológicas, das planificações educativas, dos questionamentos religiosos e filosóficos.

1.3 Manifestações artísticas e culturais do século XIX

As atividades artísticas e culturais do século XIX revelam uma preferência predominantemente romântica. O romantismo influencia as idéias políticas e sociais abraçadas pela burguesia revolucionária da primeira metade do século, associando as manifestações românticas aos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. A inspiração do artista romântico era buscada junto das pessoas simples, numa manifestação antielitista e antiaristocrática. Pesquisava-se a cultura popular e o folclore para a produção de pinturas, esculturas e peças musicais. As obras românticas de caráter épico destacam o heroísmo. O ideário artístico estava diretamente relacionado à realidade das lutas políticas e sociais da época: os sacrifícios da população, o sangue derramado nas batalhas e até as dificuldades encontradas nas disputas amorosas ⁵.

No que diz respeito à produção literária, sobressai, na Alemanha, o poeta Goethe (1749-1832), que, em *Fausto* – uma de suas mais importantes obras –, enaltece a liberdade individual, tema repetido em seus demais trabalhos ⁵.

Na França, destaca-se a figura de Víctor Hugo, que ocupa lugar excepcional na história das letras francesas. Grande parte de sua obra é popular pelas idéias sociais que difunde, e pelos sentimentos humanos, nobres e simples que ela canta. No livro *Napoleão, o Pequeno*, Víctor Hugo critica o governo de Napoleão III. Em *Os Miseráveis*, denuncia, como ninguém até então fizera, o estado de penúria dos pobres ¹³.

As artes plásticas, inspiradas no classicismo greco-romano, têm como exemplos mais importantes o Arco do Triunfo e as colunas existentes em Paris, construídas por ordem de Napoleão Bonaparte. Jacques-Louis David (1746-1828) legou à posteridade famoso quadro sobre o assassinato de Jean-Paul Marat, um dos líderes da Revolução Francesa.

O pintor francês Eugène Delacroix (1798-1863) – líder do movimento romântico na pintura francesa – retrata no quadro *A Liberdade* uma mulher que, segurando a bandeira tricolor francesa, guia o povo nas dramáticas jornadas revolucionárias ⁵.

No campo das composições musicais ocorre uma reviravolta. O virtuosismo do século anterior é substituído por interpretações musicais de forte colorido emocional. A música para os românticos não era só uma obra de arte, mas um meio de comunicação com o estado de alma. Os grandes compositores românticos captam e executam peças musicais que destacam o momento político. Um dos compositores que demonstra de forma notável essa relação é Richard Wagner (1813-1883). A composição musical *Lohengrin* revela a forte influência dos socialistas utópicos e dos revolucionários da época. Beethoven (1770-1827) homenageia Napoleão Bonaparte em sua *Nona Sinfonia*. A *Rapsódia Húngara*, de Liszt (1811-1886), e as *Polonaises*, de Chopin (1810-1849), são verdadeiros panfletos de manifestações nacionalistas. O nacionalismo, na produção das óperas de Rossini (1792-1868), Bellini (1801-1835) e Verdi (1813-1901), transmite um apelo pungente à unificação da Itália. O surgimento dessa forma de ópera determina a passagem da música de câmara para a música dos grandes teatros, onde um grande número de pessoas poderia ter acesso aos espetáculos artísticos ⁵.

Ao idealismo romântico contrapõe-se o Realismo, que professa o respeito pelos fatos materiais, e estuda o homem segundo o seu comportamento e em seu meio, à luz das teorias sociais ou fisiológicas. Escritores realistas como Stendhal, Balzac, Flaubert, e naturalistas como Zola, escreveram romances com pretensões científicas. Zola imita o método científico experimental do biólogo Claude Bernard ^{10, 12}.

Na segunda metade do século XIX, a pintura europeia passa por uma verdadeira transformação, desencadeada pelo movimento chamado *Impressionismo*. Os pintores impressionistas procuram captar o cotidiano da vida urbana e do campo, buscando registrar nas telas as impressões dos efeitos da luz sobre a cena desejada. Os pintores mais importantes desse movimento foram Édouard Manet (1832-1883), Claude Monet (1840-1926), Renoir (1841-1920), Cézanne (1839-1906) e Degas (1834-1917) ⁵.

1.4 Manifestações filosóficas, políticas, religiosas, sociais e científicas do século XIX

Para Emmanuel, o [...] *campo da Filosofia não escapou a essa torrente renovadora. Aliando-se às ciências físicas, não toleraram as ciências da alma o ascen-*

dente dos dogmas absurdos da Igreja. As confissões cristãs, atormentadas e divididas, viviam nos seus templos um combate de morte. Longe de exemplificarem aquela fraternidade do Divino Mestre, entregavam-se a todos os excessos do espírito de seita. A Filosofia recolheu-se, então, no seu negativismo transcendente, aplicando às suas manifestações os mesmos princípios da ciência racional e materialista. Schoupenhauer [1788-1860] é uma demonstração eloqüente do seu pessimismo e as teorias de Spencer [1820-1903] e de Comte [1798-1857] esclarecem as nossas assertivas, não obstante a sinceridade com que foram lançadas no vasto campo das idéias²¹. De acordo com o Positivismo de Auguste Comte, a humanidade ultrapassou o estado teológico e o estado metafísico ao penetrar o *estado positivo*, caracterizado pelo sucesso dos conhecimentos positivos, fundados numa certeza racional e científica. Tais idéias conduzem aos exageros do cientificismo, em que a fé na Ciência se torna a verdadeira fé. Acredita-se que ela vá resolver todos os problemas, elucidar todos os mistérios do mundo; tornar inúteis a religião e a metafísica. Este entusiasmo é revelado na conhecida obra literária de Renan: *L'Avenir de la Science* (O Futuro da Ciência)¹².

Em relação às idéias anarquistas e às ideologias socialistas da sociedade da época, essas concepções ainda repercutem nos dias atuais. O Anarquismo, como sabemos, representa um conjunto de doutrinas que preconizam a organização da sociedade sem nenhuma forma de autoridade imposta. Considera o Estado uma força coercitiva que impede os indivíduos de usufruir liberdade plena. A concepção moderna de anarquismo nasce com a Revolução Industrial e com a Revolução Francesa. Em fins do século XVIII, William Godwin (1756-1836) desenvolve o pensamento anárquico, na obra *Enquiry Concerning Political Justice*. No século XIX surgem duas correntes principais do Anarquismo, de ação marcante na mentalidade dos povos. A primeira encabeçada pelo francês Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), afirma que a sociedade deve estruturar sua produção e seu consumo em pequenas associações baseadas no auxílio mútuo entre as pessoas. Segundo essa teoria, as mudanças sociais são feitas com base na fraternidade e na cooperação. O russo Mikhail Bakunin (1814-1876) é um dos principais pensadores da outra corrente, também chamada de Coletivismo. Defende a utilização de meios mais violentos nos processos de transformação da sociedade, e propõe a revolução universal sustentada pelos camponeses (campesinato). Afirma que as reformas só podem ocorrer depois que o sistema social existente for destruído. Os trabalhadores espanhóis e italianos são bastante influenciados por Bakunin, mas o movimento anarquista nesses países é esmagado pelo surgimento do Fascismo. O russo Peter Kropotkin (1842-1876) é

considerado o sucessor de Bakunin. Sua tese é conhecida como anarco-comunista e se fundamenta na abolição de todas as formas de governo, em favor de uma sociedade comunista regulada pela cooperação mútua dos indivíduos, em vez da oriunda das instituições governamentais. Essas idéias resultaram no surgimento do Marxismo, que, de socialismo científico, transforma-se em crítico do regime capitalista, tendo como base o materialismo histórico⁸. Assim, em 1848, o Manifesto do Partido Comunista, de autoria dos alemães Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), afirma que o comunismo seria a etapa final da organização político-econômica humana. A sociedade viveria em um coletivismo, sem divisão de classes e sem a presença de um Estado coercitivo. Para chegar ao Comunismo, no entanto, os marxistas prevêem um estágio intermediário de organização, o Socialismo, que instauraria uma ditadura do proletariado para garantir a transição.

Esses movimentos políticos também confrontam as práticas religiosas conduzidas pela Igreja Católica que, desviada dos princípios morais do estabelecimento de um império espiritual no coração dos homens, aproxima-se em demasia das necessidades políticas da nobreza reinante na Europa. Essa aproximação com o poder real trouxe conseqüências desastrosas, abrindo espaço a discussões sobre o papel desempenhado pela Igreja em particular, e pela religião, considerada como sinônimo de movimento religioso de igreja – católica ou reformada –, equívoco que ainda norteia o pensamento religioso da maioria dos europeus dos dias atuais. Nesse contexto, surge o *Catolicismo Social*, movimento criado por Lamennais, que buscava um ideal de caridade e de justiça, conforme os ensinamentos do Evangelho. Lamennais rompe com a Igreja e se torna abertamente socialista. Lacordaire e Mont’Alembert se submetem sem abandonar a ação generosa (caridade e justiça)¹¹. A fragilidade demonstrada pela Igreja Católica, frente aos contumazes ataques que recebia, abriu espaço à expansão das doutrinas divulgadas pelas igrejas reformadas. Na verdade, a propagação do Protestantismo na Europa e na América – da mesma forma que a multiplicidade de interpretações doutrinárias surgidas ao longo de sua evolução histórica –, estava ocorrendo desde o século XVI. Os questionamentos levantados sobre o papel da religião, num período em que a sociedade estava submetida a um racionalismo dominante, conduziram teólogos e intelectuais protestantes do século XIX a um reexame dos textos bíblicos, e até a um estudo crítico da razão de ser do Cristianismo. Nasceram, a partir daquele momento histórico, as teorias sobre a salvação pela fé, dogma considerado imprescindível à experiência religiosa de cada pessoa e à necessidade social que o homem tem de crer em Deus e de senti-lo.

No campo da Ciência, as mudanças foram significativas, fundamentais ao progresso científico e tecnológico dos dias futuros: a descoberta do planeta Netuno por Leverrier; os trabalhos de Louis Pasteur sobre microbiologia; os estudos de Pierre e Marie Curie no campo das energias emitidas pelo rádio, e a teoria da origem e evolução das espécies, de Charles Darwin. O surgimento da máquina a vapor revoluciona os meios de transportes. O desenvolvimento da indústria e sua concentração progressiva levam a um aumento considerável do proletariado urbano e da acuidade das questões sociais. O movimento industrial necessita de operações bancárias e permite a edificação de novas fortunas. A burguesia rica acelera sua ascensão e torna-se a classe dominante, força política e social. O dinheiro é tema literário de primeiro plano, com cuja inspiração os autores pintam a insolência de seus privilegiados ou a miséria de suas vítimas ¹². Em [...] *confronto com todas as épocas precedentes, o período que vai de 1830 a 1914 assinala o apogeu do progresso científico. As conquistas desse período não só foram mais numerosas mas também devassaram mais profundamente os segredos das coisas e revelaram a natureza do mundo e do homem, projetando sobre ela uma luz até então insuspeitada [...]. O fenomenal progresso científico dessa época resultou de vários fatores. Deveu-se, até certo ponto, ao estímulo da Revolução Industrial, à elevação do padrão de vida e ao desejo de conforto e prazer* ⁶.

Todavia, é importante assinalar que uma revolução diferente marcou, também, esse período. Falamos da revolução moral proposta pelo Espiritismo nascente: *O século XIX desenrolava uma torrente de claridades na face do mundo, encaminhando todos os países para as reformas úteis e preciosas. As lições sagradas do Espiritismo iam ser ouvidas pela Humanidade sofredora. Jesus, na sua magnanimidade, repartiria o pão sagrado da esperança e da crença com todos os corações. Allan Kardec, todavia, na sua missão de esclarecimento e consolação, fazia-se acompanhar de uma plêiade de companheiros e colaboradores, cuja ação regeneradora não se manifestaria tão-somente nos problemas de ordem doutrinária, mas em todos os departamentos da atividade intelectual do século XIX* ²⁰.

Referência Bibliográfica

1. AMORIM, Deolindo. *O espiritismo e os problemas humanos*. Rio de Janeiro: Mundo Espírita, 1948. Cap. 34, p. 170.
2. _____. *Transição inevitável. O espiritismo e os problemas humanos*. São Paulo: USE, 1985, p. 23.
3. AMARAL, Jesus S. F. [et al.]. *Enciclopédia mirador internacional*. São Paulo: 1995. (Revolução francesa), vol. 18. Item III, p. 9852-9859.
4. _____. (Revolução industrial), p. 9877-9881.
5. BURNS, Edward McNall. *História da civilização ocidental*. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1975. Progresso intelectual e artístico durante a época da democracia e do nacionalismo, p. 661.
6. _____. p. 792.
7. RÉMOND, René. *O século XIX*. Tradução de Frederico Pessoa de Barros. 12. ed. São Paulo: Cultrix. Os componentes sucessivos, p. 13.
8. LAGARDE, André et MICHARD, Laurent. *XIX^e Siècle*. Les grands auteurs français du programme. Paris: Bordas, 1964. Introduction (Le mouvement démocratique), vol. 5, p. 7-8.
9. _____. p. 8.
10. _____. (Le réalisme), p. 11.
11. _____. (Le socialisme), p. 8.
12. _____. (Le progrès scientifique et industriel), p. 9.
13. _____. Victor Hugo, p. 153.
14. XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 33. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 21 (Época de transição), item: Os enciclopedistas, p. 185.
15. _____. (A independência americana), p. 186.
16. _____. Cap. 22 (A revolução francesa), p. 187.
17. _____. (Contra os excessos da revolução), p. 189.
18. _____. (Napoleão Bonaparte), p. 192-193.
19. _____. Cap. 23 (Depois da revolução), p. 196.
20. _____. (Allan Kardec e os seus colaboradores), p. 197.
21. _____. (As ciências sociais), p. 198-199.

ROTEIRO 2

**Espiritismo ou Doutrina Espírita:
conceito e objeto**

Objetivo específico

Conceituar Doutrina Espírita, destacando o seu objeto.

Conteúdo básico

- Diremos [...] *que a Doutrina Espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou, se quiserem, os spiritistas.* Allan Kardec. *O livro dos espíritos* – Introdução, item 1.
- *O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.* Allan Kardec: *O que é o espiritismo* – Preâmbulo.
- *O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as conseqüências morais que dimanam dessas mesmas relações.* Allan Kardec: *O que é o espiritismo* – Preâmbulo.
- *Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual.* Allan Kardec: *A gênese*. Cap. 1, item 16.

Sugestões didáticas

Introdução

- Apresentar, no início da reunião, os objetivos do tema, realizando breves comentários a respeito.
- Pedir aos participantes que, individual e silenciosamente, leiam os *subsídios* deste Roteiro, assinalando com um traço as idéias que melhor correspondem ao conceito e objeto da Doutrina Espírita.

Desenvolvimento

- Enquanto os participantes realizam a leitura recomendada, afixar no mural da sala de aula dois cartazes intitulados, respectivamente: a) *Conceito de Espiritismo*; b) *Objeto do Espiritismo*.
- Em seguida, entregar, aleatoriamente, a cada participante, uma tira de cartolina contendo frases copiadas dos *subsídios*, referentes ao conceito e ao objeto do Espiritismo.
- Pedir à turma que, sem consulta ao texto lido, faça a montagem do mesmo, colando cada tira de cartolina em um dos cartazes afixados. Explicar também que essa montagem deve ser auxiliada por um colega, formando, assim, duplas para a troca de idéias e realização do trabalho.
- Verificar se a montagem do texto está correta, solicitando às duplas breves comentários a respeito das frases que lhes couberam.

Conclusão

- Após os comentários, fazer considerações sobre o trabalho realizado, destacando pontos relevantes.

Avaliação

O Estudo será considerado satisfatório se:

- a) os participantes selecionarem, acertadamente, as frases das tiras de cartolina que deverão ser coladas nos cartazes;
- b) os comentários das duplas refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): leitura; montagem de texto.

Recurso(s): *subsídios* deste Roteiro; cartazes, tiras de cartolinas com frases copiadas dos *subsídios*; cola ou fita adesiva.

Subsídios 1. Conceito de Espiritismo

O termo *Espiritismo* foi criado por Allan Kardec pelas razões que ele mesmo explica na Introdução de *O Livro dos Espíritos*:

Para se designarem coisas novas são precisos termos novos. Assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente à variedade de sentidos das mesmas palavras. Os vocábulos espiritual, espiritualista, espiritualismo têm aceção bem definida. Dar-lhes outra, para aplicá-los à doutrina dos Espíritos, fora multiplicar as causas já numerosas de anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espiritualista. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras espiritual, espiritualismo, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos espírita e espiritismo, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo espiritualismo a aceção que lhe é própria. Diremos, pois, que a doutrina espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou, se quiserem, os espiritistas⁴.

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as conseqüências morais que dimanam dessas mesmas relações. Podemos defini-lo assim: O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal⁵.

Em o *Evangelho segundo o Espiritismo*, assinala, ainda, Kardec: *O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele não-lo mostra, não mais como coisa sobrenatural, porém, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da Natureza, como a fonte de uma imensidade de fenômenos até hoje incompreendidos*

*e, por isso, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que o Cristo alude em muitas circunstâncias e daí vem que muito do que ele disse permaneceu ininteligível ou falsamente interpretado. O Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil*¹.

2. Objeto do Espiritismo

*Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da Natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, segue-se que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação. O estudo das leis da matéria tinha que preceder o da espiritualidade, porque a matéria é que primeiro fere o sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria abortado, com tudo quanto surge antes do tempo*².

Mais adiante, ainda nesta referência (A gênese), acrescenta Kardec:

*A Ciência moderna abandonou os quatro elementos primitivos dos antigos e, de observação em observação, chegou à concepção de um só elemento gerador de todas as transformações da matéria; mas, a matéria, por si só, é inerte; carecendo de vida, de pensamento, de sentimento, precisa estar unida ao princípio espiritual. O Espiritismo não descobriu, nem inventou este princípio; mas, foi o primeiro a demonstrar-lhe, por provas inconcussas, a existência; estudou-o, analisou-o e tornou-lhe evidente a ação. Ao elemento material, juntou ele o elemento espiritual. Elemento material e elemento espiritual, esses os dois princípios, as duas forças vivas da Natureza. Pela união indissolúvel deles, facilmente se explica uma multidão de fatos até então inexplicáveis. O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, toca forçosamente na maior parte das ciências; só podia, portanto, vir depois da elaboração delas; nasceu pela força mesma das coisas, pela impossibilidade de tudo se explicar com o auxílio apenas das leis da matéria*³.

Em suma, os [...] fatos ou fenômenos espíritas, isto é, produzidos por Espíritos desencarnados, são a substância mesma da Ciência Espírita, cujo objeto é o estudo e conhecimento desses fenômenos, para fixação das leis que os regem [...]⁶.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 1, item 5, p. 56-57.
2. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 1, item 16, p. 21.
3. _____. Item 18, p. 22.
4. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução. Item 1, p. 13.
5. _____. *O que é o espiritismo*. 53. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Preâmbulo, p. 50.
6. BARBOSA, Pedro Franco. *Espiritismo básico*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. (O espiritismo científico). Segunda parte, p. 103.

ROTEIRO 3

Tríplice Aspecto da Doutrina Espírita

Objetivo específico Identificar os aspectos científico, filosófico e religioso do Espiritismo.

Conteúdo básico

- *O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo.* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo* – Cap. 1, item 5.
- *O Espiritismo é uma doutrina essencialmente filosófica, embora seus princípios sejam comprovados experimentalmente, o que lhe confere também o caráter científico. [...] O caráter filosófico do Espiritismo está, portanto, no estudo que faz do Homem, sobretudo Espírito, de seus problemas, de sua origem, de sua destinação.* Pedro Franco Barbosa: *Espiritismo básico* – Segunda parte – O espiritismo filosófico.
- *O [...] Espiritismo repousa sobre as bases fundamentais da religião e respeita todas as crenças; [...] um de seus efeitos é inculcar sentimentos religiosos nos que os não possuem, fortalecê-los nos que os tenham vacilantes.* Allan Kardec: *O livro dos médiuns* – Primeira parte. Cap. 3, item 24.
- *O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas, não é uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que, entre seus adeptos, nenhum tomou, nem recebeu o título de sacerdote ou de sumo-sacerdote.* Allan Kardec: *Obras póstumas* – Ligeira resposta aos detratores do espiritismo.

- *No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos vangloriamos por isto, porque é a Doutrina que funda os vínculos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as próprias leis da natureza. Allan Kardec: Revista espírita. Dezembro de 1868 – discurso de abertura pelo senhor Allan Kardec.*

Sugestões didáticas

Introdução:

- Projetar, no início da reunião, três imagens (ou ícones) que caracterizem, respectivamente, a Ciência, a Filosofia e a Religião, como incentivo inicial.
- Fazer correlação entre essas imagens e o significado do tríplice aspecto da Doutrina Espírita, tendo como base os *subsídios* do Roteiro.

Desenvolvimento:

- Dividir a turma em três grupos, orientando-os na realização das seguintes atividades:
 - a) Grupo 1 – leitura, troca de idéias, e resumo escrito do item 2 dos *subsídios* (O aspecto científico);
 - b) Grupo 2 – leitura, troca de idéias, e resumo escrito do item 3 dos *subsídios* (O aspecto filosófico);
 - c) Grupo 3 – leitura, troca de idéias, e resumo escrito do item 4 dos *subsídios* (O aspecto religioso).

Observação: Cada grupo deve indicar um participante para resumir as conclusões e um relator para apresentá-las em plenário.

- Ouvir os relatos dos grupos, destacando os pontos mais importantes das conclusões.

Conclusão:

- Concluir o estudo apresentando, em transparências de retro-projetor, as características do tríplice aspecto da Doutrina Espírita, segundo a orientação kardequiana (veja referências bibliográficas 1 a 7).

Atividade extraclasse para a próxima reunião de estudo

Solicitar aos participantes a leitura do item 6, da introdução de *O Livro dos Espíritos* – que trata dos pontos principais da Doutrina Espírita –, e o resumo por escrito dos pontos assinalados por Allan Kardec.

Avaliação

O Estudo será considerado satisfatório se os relatos das conclusões do trabalho em grupo indicarem que houve entendimento do tríplice aspecto do Espiritismo.

Técnica(s): exposição; estudo em pequenos grupos.

Recurso(s): *subsídios* deste roteiro; transparências; retroprojetor, lápis/ caneta; papel.

Subsídios 1. O tríplice aspecto da Doutrina Espírita

O tríplice aspecto da Doutrina Espírita ressalta da própria conceituação que lhe dá Allan Kardec, conforme citação feita no roteiro anterior, de número 2: *O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, ele compreende todas as conseqüências morais que dimanam dessas mesmas relações*⁶.

O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: [é ainda Kardec quem afirma] o das manifestações, o dos princípios e da filosofia que delas decorrem e o da aplicação desses princípios. Daí, três classes, ou, antes, três graus de adeptos: 1º. Os

que crêm nas manifestações e se limitam a comprová-las; para esses, o Espiritismo é uma ciência experimental; 2º. Os que lhe percebem as conseqüências morais; 3º. Os que praticam ou se esforçam por praticar essa moral. Qualquer que seja o ponto de vista, científico ou moral, sob que considerem esses estranhos fenômenos, todos compreendem constituírem eles uma ordem, inteiramente nova, de idéias que surge e da qual não pode deixar de resultar uma profunda modificação no estado da Humanidade e compreendem igualmente que essa modificação não pode deixar de operar-se no sentido do bem ⁴.

Assim, consoante as palavras de Kardec, podemos identificar o tríplice aspecto do Espiritismo:

- a) *científico* – concernente às manifestações dos Espíritos;
- b) *filosófico* – respeitante aos princípios, inclusive morais, em que se assenta a sua doutrina; c) *religioso* – relativo à aplicação desses princípios.

2. O aspecto científico

Nenhuma ciência existe que haja saído prontinha do cérebro de um homem. Todas, sem exceção de nenhuma, são fruto de observações sucessivas, apoiadas em observações precedentes, como em um ponto conhecido, para chegar ao desconhecido. Foi assim que os Espíritos procederam, com relação ao Espiritismo. Daí o ser gradativo o ensino que ministram ¹.

Os fatos ou fenômenos espíritas, isto é, produzidos por espíritos desencarnados, são a substância mesma da Ciência Espírita, cujo objeto é o estudo e conhecimento desses fenômenos, para fixação das leis que os regem. Eles constituem o meio de comunicação entre o nosso mundo físico e o mundo espiritual, de características diferentes, mas que não impedem o intercâmbio, que sempre houve, entre os vivos e os mortos, segundo a terminologia usual ⁹.

O caráter científico deflui ainda das seguintes conclusões de Allan Kardec:

O Espiritismo, pois, não estabelece com o princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. [...] Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará ².

Gabriel Delanne, em sua obra *O Fenômeno Espírita* também salienta o papel científico do Espiritismo, quando diz:

O Espiritismo é uma ciência cujo fim é a demonstração experimental da existência da alma e sua imortalidade, por meio de comunicações com aqueles aos quais impropriamente têm sido chamados mortos ¹¹.

Sendo assim, a [...] *Ciência Espírita se classifica [...] entre as ciências positivas ou experimentais e se utiliza do método analítico ou indutivo, porque observa e examina os fenômenos mediúnicos, faz experiências, comprova-os* ¹⁰.

3. O aspecto filosófico

O aspecto filosófico do Espiritismo vem destacado na folha de rosto de *O Livro dos Espíritos*, a primeira obra do Espiritismo, quando Allan Kardec classifica a nova doutrina de *Filosofia Espiritualista*.

Na conclusão dessa mesma obra, Kardec enfatiza:

Falsíssima idéia formaria do Espiritismo quem julgasse que a sua força lhe vem da prática das manifestações materiais e que, portanto, obstando-se a tais manifestações, se lhe terá minado a base. Sua força está na sua filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom senso [...] ³.

De fato, o [...] *Espiritismo é uma doutrina essencialmente filosófica, embora seus princípios sejam comprovados experimentalmente, o que lhe confere também o caráter científico. Quando o Homem pergunta, interroga, cogita, quer saber o «como» e o «porquê» das coisas, dos fatos, dos acontecimentos, nasce a FILOSOFIA, que mostra o que são as coisas e porque são as coisas o que são.*

Em verdade, o Homem quer justificar-se a si mesmo e ao mundo em que vive, ao qual reage e do qual recebe contínuos impactos, procura compreender como as coisas e os fatos se ordenam, em suma, deseja conhecer sempre mais e mais.

O caráter filosófico do Espiritismo está, portanto, no estudo que faz do Homem, sobretudo Espírito, de seus problemas, de sua origem, de sua destinação. Esse estudo leva ao conhecimento do mecanismo das relações dos Homens que vivem na Terra com aqueles que já se despediram dela, temporariamente, pela morte, estabelecendo as bases desse permanente relacionamento, e demonstra a existência, inquestionável, de algo que tudo cria e tudo comanda, inteligentemente – DEUS.

Definindo as responsabilidades do Espírito – quando encarnado (alma) e também do desencarnado, o Espiritismo é Filosofia, uma regra moral de vida e comportamento para os seres da Criação, dotados de sentimento, razão e consciência ⁸.

4. O aspecto religioso

O Espiritismo [diz Allan Kardec] é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas, não é uma religião

constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que, entre seus adeptos, nenhum tomou, nem recebeu o título de sacerdote ou de sumo sacerdote [...] ⁵.

No discurso de abertura da Sessão Anual Comemorativa dos Mortos, na Sociedade de Paris, publicado na Revista Espírita de dezembro de 1968, Allan Kardec, respondendo à pergunta *O Espiritismo é uma Religião?*, afirma, a certa altura:

O laço estabelecido por uma religião, seja qual for o seu objetivo é [...] essencialmente moral, que liga os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não somente o fato de compromissos materiais, que se rompem à vontade, ou da realização de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao espírito. O efeito desse laço moral é o de estabelecer entre os que ele une, como consequência da comunhão de vistas e de sentimentos, a fraternidade e a solidariedade, a indulgência e a benevolência mútuas. É nesse sentido que também se diz: a religião da amizade, a religião da família.

Se é assim, perguntarão, então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores! No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos vangloriamos por isto, porque é a Doutrina que funda os vínculos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as próprias leis da Natureza.

Por que, então, declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Em razão de não haver senão uma palavra para exprimir duas idéias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; porque desperta exclusivamente uma idéia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí mais que uma nova edição, uma variante, se se quisesse, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das idéias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes a opinião se levantou.

Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis por que simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral ⁷.

Em suma, concluímos com Emmanuel:

Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado [...] como um triângulo de forças espirituais. A Ciência e a Filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém, a Religião é o ângulo divino que a liga ao céu. No seu aspecto científico e filosófico, a doutrina será sempre um campo nobre de investigações humanas, como outros movi-

*mentos coletivos, de natureza intelectual que visam ao aperfeiçoamento da Humanidade. No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus Cristo, estabelecendo a renovação definitiva do homem, para a grandeza do seu imenso futuro espiritual*¹².

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 1, item 54, p. 42.
2. _____. Item 55, p. 44.
3. _____. Conclusão 6, p. 484.
4. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Conclusão 7, p. 486-487.
5. _____. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 38. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. (Ligeira resposta aos detratores do espiritismo). Primeira parte, p. 260-261.
6. _____. *O que é o espiritismo*. 53. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Preâmbulo, p. 50.
7. _____. *Revista espírita. Jornal de estudos psicológicos*. Ano 1868. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Ano 11. Dezembro de 1868. Nº 12. Item: Discurso de abertura pelo senhor Allan Kardec: O espiritismo é uma religião?, p. 490-491.
8. BARBOSA, Pedro Franco. *Espiritismo básico*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. (O espiritismo filosófico). Segunda parte, p. 101.
9. _____. p. 103.
10. _____. p. 104.
11. DELANNE, Gabriel. *O fenômeno espírita*. Tradução de Francisco Raymundo Ewerton Quadros. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Prefácio, p. 13.
12. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Definição, p. 19-20.

ROTEIRO 4

Pontos principais da Doutrina Espírita

Objetivo específico

- Apresentar os pontos principais da Doutrina Espírita, de acordo com o resumo existente na Introdução de *O livro dos espíritos*.

Conteúdo básico

- Os pontos principais da Doutrina Espírita são: Deus, criador do Universo; o mundo espírita, habitado pelos Espíritos desencarnados; a encarnação e reencarnação dos Espíritos na Terra e em outros mundos; o melhoramento progressivo dos Espíritos, que passam pelos diversos graus da hierarquia espírita até atingirem a perfeição moral; a relação constante dos Espíritos desencarnados com os homens (Espíritos encarnados); a existência do perispírito, como envoltório semimaterial do Espírito, e os ensinamentos morais dos Espíritos Superiores, que podem ser sintetizados, como os do Cristo, na máxima evangélica *fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem*. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Introdução – item 6.

Sugestões didáticas

Introdução

- Introduzir o tema, esclarecendo que uma doutrina (científica, filosófica ou religiosa), para ser considerada como tal, deve conter princípios norteadores dos seus ensinamentos. Similamente, o Espiritismo também os possui, identificados por Allan Kardec como *pontos principais da Doutrina*.
- Acrescentar que, tendo como base esses pontos principais, Allan Kardec codificou a Doutrina transmitida pelos Espíritos Superiores, no século XIX.

Desenvolvimento

- Em seguida, solicitar aos participantes que façam leitura silenciosa dos pontos principais do Espiritismo, por eles resumidos na atividade extraclasse.
- Aproveitar o período de tempo da leitura para afixar, no mural da sala de aula, três folhas de papel pardo. A primeira dessas folhas deve conter o registro de alguns pontos principais da Doutrina Espírita, identificados pelo Codificador do Espiritismo e inseridos na introdução 6 de *O Livro dos Espíritos*.
- Pedir à turma que, individualmente ou em grupo, escreva nas folhas em branco os demais pontos principais da Doutrina que estão faltando no cartaz parcialmente preenchido.
- Verificar, junto com os participantes, se todos os pontos assinalados por Kardec estão registrados nos demais cartazes, acrescentando os que faltam ou eliminando os repetidos.

Conclusão

- Fazer o fechamento da reunião indicando, nos registros, os pontos principais da Doutrina Espírita que estão mais relacionados às nossas necessidades de aprendizado no plano físico.

Avaliação

O Estudo será considerado satisfatório se: a) a maioria dos participantes realizar atividade extraclasse; b) os registros nos cartazes indicarem que houve correto entendimento do assunto.

Técnica(s): exposição; leitura.

Recurso(s): *O Livro dos Espíritos*; cartazes; pncéis hidrográficos de cores variadas; folhas de papel pardo; fita adesiva.

Subsídios Allan Kardec, na Introdução de *O Livro dos Espíritos*, item 6, trata dos pontos principais dos ensinamentos transmitidos pelos Espíritos Superiores. Ressalta, primeiramente, que [...] *os próprios seres que se comunicam se designam a si mesmos pelo nome de Espíritos*

ou Gênios, declarando, alguns, pelo menos, terem pertencido a homens que viveram na Terra. Eles compõem o mundo espiritual, como nós constituímos o mundo corporal durante a vida terrena¹.

Passa, em seguida, a resumir esses pontos principais:

Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom. Criou o Universo, que abrange todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais. Os seres materiais constituem o mundo visível ou corpóreo, e os seres imateriais, o mundo invisível ou espírita, isto é, dos Espíritos. O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo. O mundo corporal é secundário; poderia deixar de existir, ou não ter jamais existido, sem que por isso se alterasse a essência do mundo espírita.

Os Espíritos revestem temporariamente um invólucro material perecível, cuja destruição pela morte lhes restitui a liberdade. Entre as diferentes espécies de seres corpóreos, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos [...] ¹.

A alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltório. Há no homem três coisas: 1º. o corpo ou ser material, análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2º. a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3º, o laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito. [...] O laço ou perispírito, que prende ao corpo o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que lhe constitui um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, porém que pode tornar-se acidentalmente visível e mesmo tangível, como sucede no fenômeno das aparições ².

O Espírito não é, pois, um ser abstrato, indefinido, só possível de conceber-se pelo pensamento. É um ser real, circunscrito, que, em certos casos, se torna apreciável pela vista, pelo ouvido e pelo tato.

Os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais, nem em poder, nem em inteligência, nem em saber, nem em moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos superiores, que se distinguem dos outros pela sua perfeição, seus conhecimentos, sua proximidade de Deus, pela pureza de seus sentimentos e por seu amor do bem: são os anjos ou puros Espíritos. Os das outras classes se acham cada vez mais distanciados dessa perfeição, mostrando-se os das categorias inferiores, na sua maioria, eivados das nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho, etc ³.

Os Espíritos não ocupam perpetuamente a mesma categoria. Todos se melhoram, passando pelos diferentes graus de hierarquia espírita. Esta melhora se efetua por meio da encarnação, que é imposta a uns como expiação, a outros como missão. A vida material é uma prova que lhes cumpre sofrer repetidamente, até que hajam atingido a absoluta perfeição moral ³.

Deixando o corpo, a alma volta ao mundo dos Espíritos, donde saíra, para passar por nova existência material, após um lapso de tempo mais ou menos longo, durante o qual permanece em estado de Espírito errante 3.

Tendo o Espírito que passar por muitas encarnações, segue-se que todos nós temos tido muitas existências e que teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, quer na Terra, quer em outros mundos 4.

A encarnação dos Espíritos se dá sempre na espécie humana; seria erro acreditar-se que a alma ou Espírito possa encarnar no corpo de um animal 4.

As diferentes existências corpóreas do Espírito são sempre progressivas e nunca regressivas; mas, a rapidez do seu progresso depende dos esforços que faça para chegar à perfeição. [...] Os Espíritos encarnados habitam os diferentes globos do Universo. Os não encarnados ou errantes não ocupam uma região determinada e circunscrita; estão por toda parte no espaço e ao nosso lado, vendo-nos e acotovelando-nos de contínuo. É toda uma população invisível, a mover-se em torno de nós 4.

Os Espíritos exercem incessante ação sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico. Atuam sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das potências da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até então inexplicados ou mal explicados e que não encontram explicação racional senão no Espiritismo 4.

As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos atraem para o bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação. Os maus nos impelem para o mal; é-lhes um gozo ver-nos sucumbir e assemelhar-nos a eles 5.

As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas se verificam pela influência boa ou má que exercem sobre nós, à nossa revelia. Cabe ao nosso juízo discernir as boas das más inspirações. [...] Os Espíritos se manifestam espontaneamente ou mediante evocação. [...] Os Espíritos são atraídos na razão da simpatia que lhes inspire a natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos Superiores se comprazem nas reuniões sérias, onde predominam o amor do bem e o desejo sincero, por parte dos que as compõem, de se instruírem e melhorarem. A presença deles afasta os Espíritos inferiores que, inversamente, encontram livre acesso e podem obrar com toda a liberdade entre pessoas frívolas ou impelidas unicamente pela curiosidade e onde quer que existam maus instintos [...] 6.

Distinguir os bons dos maus Espíritos é extremamente fácil. Os Espíritos superiores usam constantemente de linguagem digna, nobre, repassada da mais alta moralidade [...]. A dos Espíritos inferiores, ao contrário, é inconseqüente, amiúde, trivial e até grosseira 6.

A moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, isto é, fazer o bem e não o mal. Neste princípio encontra o homem uma regra universal de proceder, mesmo para as suas menores ações. [...] Ensinam, finalmente que, no mundo dos Espíritos, nada podendo estar oculto, o hipócrita será desmascarado e patenteadas todas as suas torpezas; que a presença inevitável, e de todos os instantes, daqueles para com quem houvermos procedido mal constitui um dos castigos que nos estão reservados; que ao estado de inferioridade e superioridade dos Espíritos correspondem penas e gozos desconhecidos na Terra. Mas, ensinam também não haver faltas irremissíveis, que a expiação não possa apagar. Meio de consegui-lo encontra o homem nas diferentes existências que lhe permitem avançar, conformemente aos seus desejos e esforços, na senda do progresso, para a perfeição, que é o seu destino final⁷.

Eis, assim, os pontos principais da Doutrina Espírita, que serão desenvolvidos no transcorrer deste Curso.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Introdução, item 6, p. 23.
2. _____. p. 23-24.
3. _____. p. 24.
4. _____. p. 25.
5. _____. p. 25-26.
6. _____. p. 26.
7. _____. p. 27.

PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO II

A Codificação Espírita

OBJETIVO GERAL

Favorecer a compreensão do surgimento da Doutrina Espírita e da missão de Allan Kardec

ROTEIRO 1

Fenômenos mediúnicos que antecederam a Codificação: Hydesville e mesas girantes

Objetivo específico ■ Justificar a importância dos fenômenos de Hydesville e das mesas girantes para o surgimento do Espiritismo.

Conteúdo básico ■ Em março de 1848, no humilde vilarejo de Hydesville, Estado de Nova Iorque, surgiram fenômenos mediúnicos que abalaram a opinião pública da época. Tais fenômenos ocorreram numa tosca cabana, residência da família Fox. Os acontecimentos a partir do primeiro diálogo com o Espírito, em 31 de março de 1848, empolgaram a população do vilarejo, surgindo, em novembro de 1849, as primeiras demonstrações públicas, com as irmãs Fox, o que resultou na formação do primeiro núcleo de estudantes do espiritualismo moderno. Zêus Wantuil: *As mesas girantes e o espiritismo*. Cap. 1.

■ O acontecimento de Hydesville [...] repercutiria na Europa, despertando as consciências e, ao lado dos fenômenos das mesas girantes, prepararia o advento do Espiritismo. Pedro Barbosa: *O espiritismo básico*. O episódio de Hydesville.

■ Em Paris de 1853, principalmente, a recreação mais palpitante e mais original era a das mesas girantes [...]. Os fenômenos constituíam para a generalidade dos assistentes um passatempo como qualquer outro. Quase ninguém se aprofundava no estudo da causa de tais manifestações extraordinárias. Às vezes surgia uma que outra pretenciosa explicação, que logo era desprezada, por não poder satisfazer aos fatos observados. Zêus Wantuil e Francisco Thiesen: *Allan Kardec*, vol. 2. A fagulha da renovação. Cap. 1, item 2.

- Os [...] *Espíritos, aproveitando-se da onda de curiosidade que invadira todas as plagas* [as nações européias e alhures], *nelas também se movimentaram intensamente, no grandioso e abençoado objetivo de despertar progressivo dos homens para as realidades vivas da vida póstuma*. Zêus Wantuil: *As mesas girantes e o espiritismo*. Cap. 10.

Sugestões didáticas

Introdução

- Informar à turma que o Módulo II trata da Codificação Espírita – as cinco obras básicas –, dos assuntos que giram em torno dela e do seu Codificador, Allan Kardec.
- Em breve exposição, explicar aos participantes que em meados do século XIX houve uma série de fenômenos considerados extraordinários, e que causaram forte impacto na opinião pública, tendo mesmo atingido os intelectuais da época: os fenômenos de Hydesville e as mesas girantes. (Veja: *As Mesas Girantes e o Espiritismo*, p. 7 e *Allan Kardec*, vol. 2, p. 52, por exemplo.)
- Mostrar, então, figuras ilustrativas dos dois fenômenos, fazendo breves comentários sobre cada um deles.

Desenvolvimento

- Em seqüência, dividir a turma em quatro grupos e solicitar-lhes que leiam, silenciosamente, os *subsídios* deste Roteiro.
- Terminada a leitura, propor-lhes a realização das tarefas abaixo descritas:
 Grupo I: narrar, de forma resumida, os episódios de Hydesville, ou, se o grupo preferir, dramatizar o diálogo de Kate e Margareth Fox com o Espírito batedor.
 Grupo II: retirar dos *subsídios*, item 1 (*Os fenômenos de Hydesville*), os aspectos que o grupo julgar mais importantes, e comentá-los de modo sucinto.
 Grupo III: fazer a síntese do item 2 (*As mesas girantes*).
 ■ Após essa tarefa, pedir aos grupos que apresentem as conclusões.

- A seguir, afixar em lugar visível a todos um cartaz contendo a seguinte pergunta: *Qual a importância dos fenômenos de Hydesville e das mesas girantes, para o surgimento do Espiritismo?*
- Com o auxílio da técnica *explosão de idéias*, pedir aos alunos que respondam à pergunta do cartaz, anotando as respostas no quadro-de-giz / quadro branco ou no *flip-chart*.
- Fazer breves comentários sobre as idéias emitidas pelos participantes.

Conclusão

- Considerando o objetivo da aula, destacar a importância do papel dos fenômenos que antecederam a Codificação: “invasão organizada” pela Espiritualidade Superior, com vistas à chegada de uma Era Nova para a Humanidade.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os alunos realizarem, de forma correta, o trabalho em grupo e participarem efetivamente da explosão de idéias.

Técnica(s): exposição; leitura silenciosa; estudo em grupo; explosão de idéias.

Recurso(s): *subsídios* do Roteiro; roteiro para o trabalho em grupo; cartaz; quadro-de-giz / quadro branco / *flip-chart*.

Atividade extraclasse para a próxima reunião de estudo

Informar à turma que o roteiro seguinte – *Allan Kardec: o professor e o codificador* – será estudado por meio de um *simpósio*. Explicar resumidamente a técnica, pedindo a colaboração de quatro alunos, que deverão preparar os temas (10 minutos para a cada exposição), da seguinte maneira: 1º expositor: o menino Hyppolyte – nascimento; primeiros estudos; o Instituto de Yverdon. 2º expositor: o professor Rivail: as obras didáticas; o ensino intuitivo; o exercício das funções diretivas e educativas. 3º expositor: Kardec

e a missão: os primeiros contatos com os fenômenos mediúnicos; os primeiros estudos sérios de Espiritismo; notícias e desempenho da missão. 4º expositor: Kardec e as obras espíritas: o nome *Allan Kardec*; as obras espíritas; a atuação de Kardec na codificação da Doutrina Espírita. Solicitar à turma que leia com atenção os *subsídios* do roteiro 2, para participar com proveito do *simpósio*. Reunir-se, oportunamente, com os expositores para prestar-lhes esclarecimentos a respeito do trabalho, o que os tornará seguros e motivados para a execução da tarefa.

Subsídios

Em meados do século XIX, surgiram na América, fenômenos que, pelo caráter ostensivo e intencional, causaram forte impacto na opinião pública, em geral, com ressonância no mundo intelectual da época: os fenômenos de Hydesville, que, ao lado das *mesas girantes*, contribuiriam efetivamente para o surgimento do Espiritismo.

1. Os fenômenos de Hydesville

Em 1847, a casa [uma tosca cabana] de um certo John Fox [e sua mulher Margareth], residente em Hydesville, pequena cidade do Estado de New York, foi perturbada por estranhas manifestações; ruídos inexplicáveis faziam-se ouvir com tal intensidade que essa família não pôde mais repousar.

Apesar das mais numerosas pesquisas, não se pôde encontrar o autor dessa bulha insólita; logo, porém, se notou que a causa produtora parecia ser inteligente ⁴.

As filhas do casal Fox, Margareth e Kate e ainda a mais velha, Lia, casada, eram médiuns. Kate, de 11 anos, no dia 31 de março de 1848, quando as pancadas (em inglês chamadas raps) se tornaram mais persistentes e fortes, resolveu desafiar o mistério, travando-se um diálogo com o que todos julgavam fosse o diabo:

— Senhor Pé-rachado, faça o que eu faço, batendo palmas.

Imediatamente se ouviram pancadas, em número igual ao das palmas. A Sra. Margareth, animada, disse, por sua vez:

— Agora faça exatamente como eu. Conte um, dois, três, quatro.

Logo se fizeram ouvir as pancadas correspondentes.

— *É um espírito? perguntou, em seguida. Se for, dê duas batidas.*

A resposta, afirmativa, não se fez esperar.

— *Se for um espírito assassinado, dê duas batidas. Foi assassinado nesta casa?*

*Duas pancadas estrepitosas se fizeram ouvir*³.

Chamados os vizinhos, estes foram testemunhas dos mesmos fenômenos. Todos os meios de vigilância foram postos em ação para a descoberta do invisível bate-dor, mas o inquérito da família e o de toda a vizinhança foi inútil. Não se pôde descobrir a causa real daquelas singulares manifestações.

*As experiências seguiram-se, numerosas e precisas. Os curiosos, atraídos por esses fenômenos novos, não se contentaram mais com perguntas e respostas. Um deles, chamado Isaac Post, teve a idéia de nomear em voz alta as letras do alfabeto, pedindo ao Espírito para bater uma pancada quando a letra entrasse na composição das palavras que quisesse fazer compreender. Desde esse dia, ficou descoberta a telegrafia espiritual; este processo é o que vemos aplicado nas mesas girantes*⁵.

Foi através desse processo — o uso do alfabeto na telegrafia espiritual — que os Espíritos enviaram mensagens reveladoras dos desígnios superiores, como esta a seguir:

*“Caros amigos, deveis proclamar ao Mundo estas verdades. É a aurora de uma nova era; e não deveis tentar ocultá-la por mais tempo. Quando houverdes cumprido o vosso dever, Deus vos protegerá; e os bons Espíritos velarão por vós*¹².”

Os Fox, vítimas da intolerância e do fanatismo dos conservadores da fé, resolveram, então, oferecer-se para mostrar publicamente os fenômenos à população reunida no *Corynthian-Hall*, o maior salão da cidade de Rochester. Essas apresentações, após passarem pelo exame rigoroso de três comissões, foram declaradas verdadeiras, e, como era de se esperar, grande foi o tumulto, com o quase linchamento das jovens Fox.

Mas a perseguição traz, como conseqüência, o aumento do número de adeptos para as idéias que combate. Assim, poucos anos depois, já havia alguns milhares de seguidores do espiritualismo moderno nos Estados Unidos⁶.

2. As mesas girantes

*É necessário dizer-se que o fenômeno tomou, em seguida, outro aspecto. As pancadas, em vez de se produzirem sobre as paredes e sobre o assoalho, faziam-se ouvir na mesa, em torno da qual estavam reunidos os experimentadores. Este modo de proceder fora indicado pelos próprios Espíritos*⁷.

O primeiro fato observado foi o da movimentação de objetos diversos. Designaram-no vulgarmente pelo nome de mesas girantes ou dança das mesas. Este fenômeno, que parece ter sido notado primeiramente na América [...], se produziu rodeado de circunstâncias estranhas, tais como ruídos insólitos, pancadas sem nenhuma causa ostensiva. Em seguida, propagou-se rapidamente pela Europa e pelas outras partes do mundo ¹.

As primeiras manifestações inteligentes se produziram por meio de mesas que se levantavam e, com um dos pés, davam certo número de pancadas, respondendo desse modo – sim, ou – não, conforme fora convenionado, a uma pergunta feita. Até aí nada de convincente havia para os cépticos, porquanto bem podiam crer que tudo fosse obra do acaso. Obtiveram-se depois respostas mais desenvolvidas com o auxílio das letras do alfabeto: dando o móvel um número de pancadas correspondente ao número de ordem de cada letra, chegava-se a formar palavras e frases que respondiam às questões propostas. A precisão das respostas e a correlação que denotavam com as perguntas causaram espanto. O ser misterioso que assim respondia, interrogado sobre a sua natureza, declarou que era Espírito ou Gênio, declinou um nome e prestou diversas informações a seu respeito. Há aqui uma circunstância muito importante, que se deve assinalar. É que ninguém imaginou os Espíritos como meio de explicar o fenômeno; foi o próprio fenômeno que revelou a palavra ².

Vale enfatizar que, a propósito dessas manifestações novas na América, muitos intelectuais, como o juiz John W. Edmonds, o professor James J. Mapes, o célebre professor Roberto Hare, o sábio Robert Dale Owen, dentre outros, aproximaram-se das novas idéias com o objetivo de esclarecer as pessoas quanto à ilusão em que estavam imersas. Mas, em vez disso, eles, os sábios, recuando honestamente em seus propósitos, declararam a veracidade dos fatos, aumentando ainda mais o interesse pelas manifestações mediúnicas, portadoras de mensagens vindas do mundo espiritual ^{8, 11}.

A notícia dos fenômenos misteriosos que se produziam na América suscitou na França viva curiosidade e, em pouco tempo, a experiência das mesas girantes atingiu grau extraordinário. Nos salões, a moda era interrogá-las sobre as mais fúteis questões. Era um passatempo de nova espécie e que fez furor ⁹.

Em 1853, a Europa inteira tinha as atenções gerais convergidas para o fenômeno das chamadas mesas girantes e dançantes, considerado o maior acontecimento do século pelo Rev.^{mo} Padre Ventura de Raulica, então o mais ilustre representante da teologia e da filosofia católicas ¹⁴.

A imprensa informava e tecia largos comentários acerca das estranhas manifestações, e, a não ser o grande físico inglês Faraday, o sábio químico Chevreul, o

conde de Gasparin, o marquês de Mirville, o abade Moigno, Arago, Babinet e alguns outros eminentes homens de ciência, bem poucos se importavam em descobrir-lhes as causas, em explicá-las, a maioria dos acadêmicos olhando os fenômenos com superioridade e desdém ¹⁵.

Voltando aos dias da tumultuosa França de meados de 1853, vemos que grupos e mais grupos de experimentadores curiosos se haviam organizado num fechar de olhos. A maravilhosa loucura do século XIX já se havia infiltrado no cérebro da Humanidade [...]. E Paris inteira assistia, atônita e estarrecida, a este turbilhão feérico de fenômenos imprevistos que, para a maioria, só alucinadas imaginações poderiam criar, mas que a realidade impunha aos mais cépticos e frívolos.

A Imprensa francesa, diante da demonstração irrefragável dos novos fatos [manifestações de Espíritos], que saltavam aos olhos de todos, franqueou mais amplamente suas colunas ao noticiário a respeito, dessa forma ateando mais fogo nos debates e controvérsias que então se levantaram entre os observadores menos superficiais ¹³.

Mas as mesas continuaram... Veio o Santo Ofício e, em 4 de agosto de 1856, condenou os fenômenos em voga, dizendo serem consequência de hipnotismo e magnetismo (já que pouca gente acreditava em peripécias do diabo), e tachava de hereges as pessoas por intermédio das quais eles eram produzidos ¹⁶.

Estava, assim, cumprido o papel dos fenômenos dessa fase inicial — *invasão organizada*, no dizer do escritor inglês Arthur Conan Doyle —, programada pelos Espíritos Superiores, com vistas à chegada de uma nova era de progresso para os homens ¹⁰.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro, 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução, item 3, p. 17.
2. _____. Item 4, p. 20.
3. BARBOSA, Pedro Franco. *Espiritismo básico*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Primeira parte. (O episódio de Hydesville), p. 42.
4. DELANNE, Grabriel. *O fenômeno espírita*. Tradução de Francisco Raymundo Ewerton Quadros. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Parte primeira. Cap. 2 (Na América), p. 23.
5. _____. p. 24.
6. _____. p. 25-26.
7. _____. p. 27.
8. _____. p. 29-33.
9. _____. p. 38.
10. DOYLE, Arthur Conan. *História do espiritismo*. Tradução de Júlio Abreu Filho. São Paulo: Pensamento. S/d. Cap. 1, p. 33.
11. _____. Cap. 6, p. 120-128.
12. WANTUIL, Zêus. *As mesas girantes e o espiritismo*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 1, p. 6-7.
13. _____. Cap. 9, p. 57.
14. WANTUIL, Zêus e THIESEN, Francisco. *Allan Kardec*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996, vol. 2, cap. 2, p. 56-57.
15. _____. p. 57.
16. _____. p. 59-60.

ROTEIRO 2

Allan Kardec: o professor e o codificador

Objetivos específicos ■ Evidenciar os aspectos mais importantes da vida de Allan Kardec e os traços marcantes da sua personalidade.

- Destacar a missão de Allan Kardec.

Conteúdo básico

- *Nascido em Lião [França], a 3 de outubro de 1804, de uma família antiga que se distinguiu na magistratura e na advocacia, Allan Kardec (Hippolyte Léon Denizard Rivail) não seguiu essas carreiras. Desde a primeira juventude, sentiu-se inclinado ao estudo das ciências e da filosofia. Allan Kardec: Obras póstumas. Biografia de Allan Kardec.*
- Mais tarde, como professor, tornou-se muito conhecido pelas obras didáticas publicadas e pelo trabalho realizado no campo da Educação. *Através de sua carreira pedagógica, exercitou a paciência, a abnegação, o trabalho, a observação, a força de vontade e o amor às boas causas, a fim de melhor poder desempenhar a gloriosa missão que lhe estava reservada. Zêus Wantuil: Grandes espíritos do Brasil. Homenagem especial a Allan Kardec.*
- *Allan Kardec renasceu [...] com a sagrada missão de abrir caminho ao Espiritismo, a grande voz do Consolador Prometido ao mundo pela misericórdia de Jesus Cristo. Emmanuel: A caminho da luz. Cap. 22.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Iniciar a aula retomando o que foi dito na anterior, isto é, que haveria um *simpósio* sobre o assunto: *Allan Kardec - o professor e o codificador*.
- Explicar sucintamente a técnica, definindo a função de cada um dos seus participantes, a saber: *o coordenador do simpósio* (que, no caso, é o próprio monitor da turma); os *expositores*, ou *simposistas* (os alunos convidados), e os *participantes do auditório* (os próprios alunos). Esclarecer, ainda, que, durante as apresentações, os participantes anotarão suas dúvidas, com vistas à formulação de perguntas a serem posteriormente encaminhadas aos expositores. (Veja a técnica de simpósio na apostila *Técnicas Pedagógicas*, edição FEB, 2003)
- Apresentar os quatro simposistas, indicando a parte do tema que cada um deles irá desenvolver, de acordo com o previsto na atividade extraclasse, descrita ao final do roteiro 1.

Desenvolvimento

- Em seqüência, passar a palavra ao primeiro expositor, para que ele desenvolva a sua parte, procedendo de igual modo com relação aos demais.
- Após isso, convidar o auditório a formular perguntas, e, de acordo com o seu conteúdo, encaminhá-las aos respectivos expositores para as respostas.

Conclusão

- Terminadas as perguntas e esgotado o tempo, fazer a exposição final (síntese das idéias desenvolvidas pelos simposistas), e encerrar o simpósio.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as exposições estiverem dentro dos objetivos propostos, e as respostas forem esclarecedoras.

Técnica(s): simpósio.

Recurso(s): *subsídios* do Roteiro; lápis/ caneta; papel; recursos visuais.

Subsídios Duas são as fases em que se pode dividir a vida de Allan Kardec: a primeira, como o consagrado professor Rivail; a segunda, como o Codificador do Espiritismo. Destacaremos, a seguir, os aspectos mais importantes de sua luminosa trajetória pela Terra.

1. O menino Hippolyte

1.1 Nascimento

Allan Kardec, cujo verdadeiro nome é Hippolyte Léon Denizard Rivail, nasceu na cidade de Lião (França), a 3 de outubro de 1804, no seio de antiga família lionesa, de nobres e dignas tradições.

Foram seus pais Jean-Baptiste Antoine Rivail, magistrado íntegro, e Jeanne Louise Duhamel [...]. O futuro codificador do Espiritismo recebeu um nome querido e respeitado e todo um passado de virtudes, de honra e probidade. Grande número de seus antepassados se tinham distinguido na advocacia, na magistratura e até mesmo no trato dos problemas educacionais. Bem cedo, o menino se revelou altamente inteligente e agudo observador, denotando franca inclinação para as ciências e para os assuntos filosóficos, compenetrado de seus deveres e responsabilidades, como se fora um adulto¹².

1.2 Primeiros estudos. O Instituto de Yverdon

Conforme nos conta Henri Sausse [biógrafo de Kardec], Rivail realizou seus primeiros estudos em Lião, sua cidade natal, sendo educado dentro de severos princípios de honradez e retidão moral. É de se presumir que a influência paterna e materna tenham sido das mais benéficas na sua infância, constituindo-se em fonte de nobres sentimentos. Com a idade de dez anos, seus pais o enviam a Yverdon (ou Yverdun), cidade suíça do cantão de Vaud, situada na extremidade S. O. do lago Neuchâtel e na foz do Thiele, a fim de completar e enriquecer sua bagagem escolar no célebre Instituto de Educação ali instalado em 1805, pelo professor-filantropo João Henrique Pestalozzi [...]. Frequentado todos os anos por grande número de estrangeiros, citado, descrito, imitado, era, numa palavra, a escola modelo da Europa¹⁵.

Altas personalidades políticas, científicas, literárias e filantrópicas voltavam maravilhadas de suas visitas ao famoso Instituto. *Louvaram o criador dessa obra revolucionária, e por ela também se interessaram Goethe; o rei da Prússia, Frederico Guilherme III, e sua esposa Luísa; o czar da Rússia, Alexandre I; o rei Carlos IV da Espanha; os reis da Baviera e de Wurtemberg; o imperador da Áustria; a futura imperatriz do Brasil, D. Leopoldina de Áustria, e muitos expoentes da nobreza européia e do mundo cultural* ¹⁶.

O menino Denizard Rivail, ao qual os destinos reservariam sublime missão, logo se revelou um dos discípulos mais fervorosos do insigne pedagogo suíço [...]. Possuidor de inteligência penetrante e alto espírito de observação, e, ainda mais, inclinado naturalmente para a solução dos importantes problemas do ensino e para o estudo das ciências e da filosofia, – Rivail cativou a simpatia e a admiração do velho professor, deste se tornando, pouco depois, eficiente colaborador. Os exemplos de amor ao próximo fornecidos por Pestalozzi [para quem o amor é o eterno fundamento da educação] norteariam para sempre a vida do futuro Codificador do Espiritismo. Aliás, até mesmo aquele bom-senso, que Flammarion com felicidade aplicou a Rivail, foi cultivado e avigorado com as lições e os exemplos recebidos no Instituto de Yverdon, onde também lhe desabrocharam as idéias que mais tarde o colocariam na classe dos homens progressistas e dos livres-pensadores ¹³.

2. O professor Rivail

2.1 As obras didáticas

Sem dúvida, chegando à capital da França, Denizard Rivail logo se pôs a exercer o magistério, aproveitando as horas vagas para traduzir obras inglesas e alemãs, e para preparar o seu primeiro livro didático ¹⁷. Assim é que em dezembro de 1823, lançou o *Curso Prático e Teórico de Aritmética*, segundo o método de Pestalozzi, com modificações. O *Cours d'Arithmétique* (Curso de Aritmética) *constituiu a primeira obra de cunho pedagógico e a primeira entre todas as demais dadas a público por Rivail. O futuro Codificador do Espiritismo, com apenas dezoito anos de idade [...], empregara esforços e talento na preparação do utilíssimo livro, assentando-o em bases pestalozzianas, mas com muitas idéias originais e práticas do próprio autor. A obra em questão era recomendada aos institutores e às mães de família que desejassem dar aos seus filhos as primeiras noções de Aritmética, e primava pela simplicidade e clareza, qualidades estas que são, aliás, o principal mérito de todas as publicações de Rivail-Kardec. O método por ele empregado desenvolve gradualmente*

as faculdades intelectuais do aluno. Este não se limita a reter as fórmulas pela memória: penetra-lhes a essência, por assim dizer¹⁸.

Além dessa obra, Rivail publicou numerosos livros didáticos, bem como planos e projetos dirigidos à reforma do ensino francês, numa verdadeira *fertilidade pedagógica*, no dizer de Wantuil e Thiesen²². Destacaremos, dentre outras, as seguintes obras: *Curso Completo Teórico e Prático de Aritmética* (1845); *Plano Proposto para a Melhoria da Educação Pública* (1828); *Gramática Francesa Clássica* (1831); *Qual o Sistema de Estudos Mais em Harmonia com as Necessidades da Época?* (1831); *Memória sobre a Instrução Pública* (1831); *Manual dos Exames para os Títulos de Capacidade* (1846); *Soluções dos Exercícios e Problemas do Tratado Completo de Aritmética* (1847); *Projeto de Reforma no tocante aos Exames e aos Educandários para meninas* (1847); *Catecismo Gramatical da Língua Francesa* (1848); *Ditados Normais dos Exames* (1849); *Ditados da Primeira e da Segunda Idade* (1850); *Gramática Normal dos Exames* (com Lévi-Alvarès – 1849); *Curso de Cálculo Mental* (1845, ou antes); *Programa dos Cursos Usuais de Física, Química, Astronomia e Fisiologia* (1849, provavelmente)¹⁴.

2.2 O ensino intuitivo

Como não podia deixar de ser, Rivail utilizou-se do ensino intuitivo, processo didático preconizado por Pestalozzi e, segundo o qual, se transmite ao educando a realização, a atualização da idéia, recorrendo-se aos exercícios de intuição sensível (educação dos sentidos), com passagem natural a atividades mentais que prelidiam a intuição intelectual. A idéia existe originariamente na criança, e a intuição sensível é somente a sua realização concreta, único meio de a idéia se tornar compreensível, porque se encontra como força modeladora que vive e atua na criança. O ensino intuitivo se funda na substituição do verbalismo e do ensino livresco pela observação, pelas experiências, pelas representações gráficas, etc., operando sobre todas as faculdades da criança. A base da instrução elementar de Pestalozzi – afirmou Jullien de Paris – é a INTUIÇÃO, que ele considera como o fundamento geral de nossos conhecimentos e o meio mais adequado para desenvolver as forças do espírito humano, da maneira mais natural¹⁹.

2.3 O exercício das funções diretivas e educativas

Tendo fundado em 1826, em Paris, a Instituição Rivail²⁰, o jovem professor aí exerceu funções diretivas e educativas, desenvolvendo *notável trabalho de aprimoramento da inteligência de centenas de educandos, aos quais ele carinhosa-*

*mente chamava meus amigos*²¹. Deve-se ressaltar que tanto na Instituição, como em muitos outros de seus empreendimentos, Rivail pôde contar com o apoio e a dedicação da Prof^a Amélie-Gabrielle Boudet, com quem se casara em 1832²¹.

Foi no decorrer de sua carreira de instrutor-filantropo que *Rivail exercitou a paciência, a abnegação, o trabalho, a observação, a força de vontade e o amor às boas causas, a fim de melhor poder desempenhar a gloriosa missão que lhe estava reservada*²³. Assim, antes mesmo que o *Espiritismo* lhe popularizasse e imortalizasse o pseudônimo Allan Kardec, já havia Rivail firmado bem alto, no conceito do povo francês e no respeito de autoridades e professores, a sua reputação de distinguido mestre da Pedagogia moderna, com o seu nome inscrito em importantes obras bibliográficas²³.

3. A missão

3.1 Os primeiros contatos com os fenômenos mediúnicos

Conforme já foi comentado no item *dois* do roteiro *um* deste Módulo, em meados do século XIX as mesas girantes revolucionaram a Europa, sobretudo a França, chamando a atenção de toda a sociedade, inclusive da imprensa. O professor Rivail, estudioso do magnetismo, assim se expressa, a respeito dos novos fatos:

Foi em 1854 que pela primeira vez ouvi falar das mesas girantes. Encontrei um dia o magnetizador, Senhor Fortier, a quem eu conhecia desde muito tempo e que me disse: Já sabe da singular propriedade que se acaba de descobrir no Magnetismo? Parece que já não são somente as pessoas que se podem magnetizar, mas também as mesas, conseguindo-se que elas girem e caminhem à vontade. — É, com efeito, muito singular, respondi; mas, a rigor, isso não me parece radicalmente impossível. O fluido magnético, que é uma espécie de eletricidade, pode perfeitamente atuar sobre os corpos inertes e fazer que eles se movam. [...] Algum tempo depois, encontrei-me novamente com o Sr. Fortier, que me disse: Temos uma coisa muito mais extraordinária; não só se consegue que uma mesa se mova, magnetizando-a, como também que fale. Interrogada, ela responde. — Isto agora, repliquei-lhe, é outra questão. Só acreditarei quando o vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita que eu não veja no caso mais do que um conto para fazer-nos dormir em pé². Era lógico este raciocínio: eu concebia o movimento por efeito de uma força mecânica, mas, ignorando a causa e a lei do fenômeno, afigurava-me absurdo atribuir-se inteligência a uma coisa puramente material. Achava-me na posição dos incrédulos atuais, que negam porque apenas vêem um fato que não compreendem³.

Eu estava, pois, diante de um fato inexplicado, aparentemente contrário às leis da Natureza e que a minha razão repelia. Ainda nada vira, nem observara; as

*experiências, realizadas em presença de pessoas honradas e dignas de fé, confirmavam a minha opinião, quanto à possibilidade do efeito puramente material; a idéia, porém, de uma mesa falante ainda não me entrara na mente*⁴.

No ano seguinte, estávamos em começo de 1855, encontrei-me com o Sr. Carlotti, amigo de 25 anos, que me falou daqueles fenômenos durante cerca de uma hora, com o entusiasmo que consagrava a todas as idéias novas [...].

*Passado algum tempo, pelo mês de maio de 1855, fui à casa da sonâmbula Sra. Roger, em companhia do Sr. Fortier, seu magnetizador. Lá encontrei o Sr. Pâtier e a Sra. Plainemaison, que daqueles fenômenos me falaram no mesmo sentido em que o Sr. Carlotti se pronunciara, mas em tom muito diverso. O Sr. Pâtier era [...] muito instruído, de caráter grave, frio e calmo; sua linguagem pausada, isenta de todo entusiasmo, produziu em mim viva impressão e, quando me convidou a assistir às experiências que se realizavam em casa da Sra. Plainemaison, à rua Grange-Batelière, 18, aceitei imediatamente [...]*⁵.

Foi aí que, pela primeira vez, presenciei o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam, em condições tais que não deixavam lugar para qualquer dúvida. Assisti então a alguns ensaios, muito imperfeitos, de escrita mediúnica numa ardósia, com o auxílio de uma cesta. Minhas idéias estavam longe de precisar-se, mas havia ali um fato que necessariamente decorria de uma causa. Eu entrevia, naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim estudar a fundo.

Bem depressa, ocasião se me ofereceu de observar mais atentamente os fatos, como ainda o não fizera. Numa das reuniões da Sra. Plainemaison, travei conhecimento com a família Baudin, que residia então à rua Rechechouart. O Sr. Baudin me convidou para assistir às sessões hebdomadárias que se realizavam em sua casa e às quais me tornei desde logo muito assíduo. [...] Os médiuns eram as duas senhoritas Baudin, que escreviam numa ardósia com o auxílio de uma cesta, chamada carrapeta e que se encontra descrita em O Livro dos Médiuns.

*Esse processo, que exige o concurso de duas pessoas, exclui toda possibilidade de intromissão das idéias do médium. Aí, tive ensejo de ver comunicações contínuas e respostas a perguntas formuladas, algumas vezes, até, a perguntas mentais, que acusavam, de modo evidente, a intervenção de uma inteligência estranha*⁶.

3.2 Os primeiros estudos sérios de Espiritismo

Foi nessas reuniões [na casa da família Baudin] que comecei os meus estudos sérios de Espiritismo, menos, ainda, por meio de revelações, do que de observações.

[...] Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurara em toda a minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas idéias e nas crenças; fazia-se mister, portanto, andar com a maior circunspeção e não levemente; ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir ⁷.

Um dos primeiros resultados que colhi das minhas observações foi que os Espíritos, nada mais sendo do que as almas dos homens, não possuíam nem a plena sabedoria, nem a ciência integral; que o saber de que dispunham se circunscrevia ao grau, que haviam alcançado, de adiantamento, e que a opinião deles só tinha o valor de uma opinião pessoal. Reconhecida desde o princípio, esta verdade me preservou do grave escolho de crer na infalibilidade dos Espíritos e me impediu de formular teorias prematuras, tendo por base o que fora dito por um ou alguns deles.

O simples fato da comunicação com os Espíritos, dissessem eles o que dissessem, provava a existência do mundo invisível ambiente. Já era um ponto essencial, um imenso campo aberto às nossas explorações, a chave de inúmeros fenômenos até então inexplicados. O segundo ponto, não menos importante, era que aquela comunicação permitia se conhecessem o estado desse mundo, seus costumes, se assim nos podemos exprimir. Vi logo que cada Espírito, em virtude da sua posição pessoal e de seus conhecimentos, me desvendava uma face daquele mundo, do mesmo modo que se chega a conhecer o estado de um país, interrogando habitantes seus de todas as classes, não podendo um só, individualmente, informar-nos de tudo. Compete ao observador formar o conjunto, por meio dos documentos colhidos de diferentes lados, colecionados, coordenados e comparados uns com outros. Conduzi-me, pois, com os Espíritos, como houvera feito com homens. Para mim, eles foram, do menor ao maior, meios de me informar e não reveladores predestinados ⁸.

3.3 Notícias e desempenho da missão

Em 12 de junho de 1856, pela mediunidade da senhorita Aline C..., o professor Rivail dirige-se ao Espírito Verdade com a intenção de obter mais informações acerca da missão que alguns Espíritos já lhe haviam apontado: missionário-chefe da nova doutrina. Estabeleceu-se, então, o diálogo que segue:

Pergunta (à Verdade) – Bom Espírito, eu desejara saber o que pensas da missão que alguns Espíritos me assinalam. Dize-me, peço-te, se é uma prova para o meu amor-próprio. Tenho, como sabes, o maior desejo de contribuir para a propagação

da verdade, mas, do papel de simples trabalhador ao de missionário-chefe, a distância é grande e não percebo o que possa justificar em mim graça tal, de preferência a tantos outros que possuem talento e qualidades de que não disponho.

Resposta – Confirmando o que te foi dito, mas recomendo-te muita discrição, se quiseres sair-te bem. Tomarás mais tarde conhecimento de coisas que te explicarão o que ora te surpreende. Não esqueças que podes triunfar, como podes falir. Neste último caso, outro te substituiria, porquanto os desígnios de Deus não assentam na cabeça de um homem. Nunca, pois, fales da tua missão; seria a maneira de a fazeres malograr-se. Ela somente pode justificar-se pela obra realizada e tu ainda nada fizeste. Se a cumprires, os homens saberão reconhecê-lo, cedo ou tarde, visto que pelos frutos é que se verifica a qualidade da árvore.

P. — Nenhum desejo tenho certamente de me vangloriar de uma missão na qual dificilmente creio. Se estou destinado a servir de instrumento aos desígnios da Providência, que ela disponha de mim. Nesse caso, reclamo a tua assistência e a dos bons Espíritos, no sentido de me ajudarem e ampararem na minha tarefa.

R. — A nossa assistência não te faltará, mas será inútil se, de teu lado, não fizeres o que for necessário. Tens o teu livre-arbítrio, do qual podes usar como o entenderes. Nenhum homem é constringido a fazer coisa alguma.

P. — Que causas poderiam determinar o meu malogro? Seria a insuficiência das minhas capacidades?

R. — Não; mas, a missão dos reformadores é prenhe de escolhos e perigos. Previno-te de que é rude a tua, porquanto se trata de abalar e transformar o mundo inteiro. Não suponhas que te baste publicar um livro, dois livros, dez livros, para em seguida ficares tranqüilamente em casa. Tens que expor a tua pessoa. Suscitarás contra ti ódios terríveis; inimigos encarniçados se conjurarão para tua perda; ver-te-ás a braços com a malevolência, com a calúnia, com a traição mesma dos que te parecerão os mais dedicados; as tuas melhores instruções serão desprezadas e falseadas; por mais de uma vez sucumbirás sob o peso da fadiga; numa palavra: terás de sustentar uma luta quase contínua, com sacrifício de teu repouso, da tua tranqüilidade, da tua saúde e até da tua vida, pois, sem isso, viverias muito mais tempo. Ora bem! não poucos recuam quando, em vez de uma estrada florida, só vêem sob os passos urzes, pedras agudas e serpentes. Para tais missões, não basta a inteligência. Faz-se mister, primeiramente, para agradar a Deus, humildade, modéstia e desinteresse, visto que Ele abate os orgulhosos, os presunçosos e os ambiciosos. Para lutar contra os homens, são indispensáveis coragem, perseverança e inabalável firmeza. Também são de necessidade prudência e tato, a fim de conduzir as coisas de modo conveniente e não lhes comprometer o êxito com palavras ou medidas intempestivas.

*Exigem-se, por fim, devotamento, abnegação e disposição a todos os sacrifícios. Vês, assim, que a tua missão está subordinada a condições que dependem de ti*⁹.

Após o diálogo com o Espírito Verdade, estando mais lúcido sobre o que lhe competiria fazer daí para diante, Rivail elevou a Deus uma prece, revelando humildade e total submissão aos desígnios superiores. *Senhor! Pois que te dignaste lançar os olhos sobre mim para cumprimento dos teus desígnios, faça-se a tua vontade! Está nas tuas mãos a minha vida; dispõe do teu servo. Reconheço a minha fraqueza diante de tão grande tarefa; a minha boa-vontade não desfalecerá, as forças, porém, talvez me traiam. Supre a minha deficiência; dá-me as forças físicas e morais que me forem necessárias. Ampara-me nos momentos difíceis e, com o teu auxílio e dos teus celestes mensageiros, tudo envidarei para corresponder aos teus desígnios*¹⁰.

No que diz respeito ao teor do diálogo travado com o Espírito Verdade, Kardec registra, dez anos depois, as seguintes observações:

Escrevo esta nota a 1º de janeiro de 1867, dez anos e meio depois que me foi dada a comunicação acima e atesto que ela se realizou em todos os pontos, pois experimentei todas as vicissitudes que me foram preditas. Andei em luta com o ódio de inimigos encarniçados, com a injúria, a calúnia, a inveja e o ciúme; libelos infames se publicaram contra mim; as minhas melhores instruções foram falseadas; traíram-me aqueles em quem eu mais confiança depositava, pagaram-me com a ingratidão aqueles a quem prestei serviços. A Sociedade de Paris se constituiu foco de contínuas intrigas urdidas contra mim por aqueles mesmos que se declaravam a meu favor e que, de boa fisionomia na minha presença, pelas costas me golpeavam. Disseram que os que se me conservavam fiéis estavam à minha soldada e que eu lhes pagava com o dinheiro que ganhava do Espiritismo. Nunca mais me foi dado saber o que é o repouso; mais de uma vez sucumbi ao excesso de trabalho, tive abalada a saúde e comprometida a existência.

Graças, porém, à proteção e assistência dos bons Espíritos que incessantemente me deram manifestas provas de solicitude, tenho a ventura de reconhecer que nunca senti o menor desfalecimento ou desânimo e que prossegui, sempre com o mesmo ardor, no desempenho da minha tarefa, sem me preocupar com a maldade de que era objeto. Segundo a comunicação do Espírito de Verdade, eu tinha de contar com tudo isso e tudo se verificou.

Mas, também, a par dessas vicissitudes, que de satisfações experimentei, vendo a obra crescer de maneira tão prodigiosa! Com que compensações deliciosas foram pagas as minhas tribulações! Que de bênçãos e de provas de real simpatia recebi da parte de muitos aflitos a quem a Doutrina consolou! Este resultado não mo anun-

ciou o Espírito de Verdade que, sem dúvida intencionalmente, apenas me mostrara as dificuldades do caminho. Qual não seria, pois, a minha ingratidão, se me queixasse! Se dissesse que há uma compensação entre o bem e o mal, não estaria com a verdade, porquanto o bem, refiro-me às satisfações morais, sobrelevaram de muito o mal.

*Quando me sobrevinha uma decepção, uma contrariedade qualquer, eu me elevava pelo pensamento acima da Humanidade e me colocava antecipadamente na região dos Espíritos e desse ponto culminante, donde divisava o da minha chegada, as misérias da vida deslizavam por sobre mim sem me atingirem. Tão habitual se me tornara esse modo de proceder, que os gritos dos maus jamais me perturbaram*¹¹.

3.4 O nome Allan Kardec

Quando da publicação de *O Livro dos Espíritos*, o autor se viu diante de um sério problema: como assinar o trabalho? E mais uma vez prevaleceu o bom senso do professor Rivail, segundo se depreende das palavras do biógrafo:

No momento de publicá-lo – diz H. Sausse [na obra Biographie d’Allan Kardec 4ª edição, p. 32], o Autor ficou muito embaraçado em resolver como o assinaria, se com seu nome – Hippolyte Léon Denizard Rivail, ou com um pseudônimo. Sendo o seu nome muito conhecido do mundo científico, em virtude dos seus trabalhos anteriores, e podendo originar confusão, talvez mesmo prejudicar o êxito do empreendimento, ele adotou o alvitre de o assinar com o nome Allan Kardec, nome que, segundo lhe revelara o guia, [Zéfiro], ele tivera ao tempo dos druidas [nas Gálias, hoje França]*²⁴.

3.5 As obras espíritas

Além de *O Livro dos Espíritos*, saído a lume em 18 de abril de 1857, Kardec escreveu muitas outras obras espíritas, das quais se destacam: *A Revista Espírita* (1º de janeiro de 1858); *O que é o Espiritismo* (julho de 1859); *O Livro dos Médiuns* (15 de janeiro de 1861); *O Evangelho segundo o Espiritismo* (abril de 1864); *O Céu e o Inferno* (agosto de 1865); *A Gênese* (16 de janeiro de 1868). Após a sua desencarnação, foi publicado em 1890, em Paris, por P. G. Leymarie, o livro *Obras Póstumas* – coletânea de escritos do Codificador do Espiritismo.

* Druidas: Sacerdotes dos gauleses e dos celtas. Não tinham templos, reuniam-se nos bosques e veneravam certas plantas, tais como o visco e o carvalho. Acreditavam na imortalidade da alma e na metempsicose (transmigração da alma em corpos de animais). Sua filosofia é quase desconhecida, porque não a escreveram, confiando-a à memória de seus discípulos.

Não menos importante é a correspondência, mediante a qual Kardec estabeleceu contato com escritores, políticos, eclesiásticos, sábios, pessoas de todas as condições e de todos os lugares, esforçando-se [...] *por consolar, satisfazer e instruir, abrindo às almas aflitas e torturadas as ridentes e doces perspectivas da vida supraterebre* ²⁶.

3.6 A atuação de Kardec na codificação da Doutrina Espírita

É voz geral entre os estudiosos da Doutrina Espírita – no que diz respeito ao trabalho da codificação – que Kardec não foi simples compilador, tendo sua tarefa ido muito além da coleta e seleção do material, isto é, das mensagens recebidas do mundo espiritual. Sobre este assunto, Wantuil e Thiesen fazem os seguintes comentários:

Conquanto Kardec sempre repetisse que o mérito da obra cabia todo aos Espíritos que a ditaram, não é menos verdadeiro que a ele é que coube a ingente tarefa de organizar e ordenar as perguntas (e que perguntas!) sobre os assuntos mais simples aos mais complexos, abrangendo variados ramos do conhecimento humano. A distribuição didática das matérias encerradas no texto; a redação dos comentários às respostas dos Espíritos, os quais primam pela concisão e pela clareza com que foram expostos; a precisão com que intitula capítulos e subcapítulos; as elucidações complementares de sua autoria; as observações e anotações, as paráfrases e conclusões, sempre profundas e incisivas; e bem assim a sua notável «Introdução» – tudo isto atesta a grande cultura de Kardec, o carinho e a diligência com que ele se houve no afanoso trabalho que se comprometera a publicar. Kardec fez o que ninguém ainda havia feito: foi o primeiro a formar com os fatos observados um corpo de doutrina metódico e regular, claro e inteligível para todos, extraindo do amontoado caótico de mensagens mediúnicas os princípios fundamentais com que elaborou uma nova doutrina filosófica, de caráter científico e de conseqüências morais ou religiosas ²⁵.

4. A desencarnação

Trabalhador infatigável, sempre o primeiro a tomar da obra e o último a deixá-la, Allan Kardec sucumbiu, a 31 de março de 1869, quando se preparava para uma mudança de local, imposta pela extensão considerável de suas múltiplas ocupações. Diversas obras que ele estava quase a terminar, ou que aguardavam oportunidade para vir a lume, demonstrarão um dia, ainda mais, a extensão e o poder das suas concepções.

Morreu conforme viveu: trabalhando. Sofria, desde longos anos, de uma enfermidade do coração, que só podia ser combatida por meio do repouso intelectual e

pequena atividade material. Consagrado, porém, todo inteiro à sua obra, recusava-se a tudo o que pudesse absorver um só que fosse de seus instantes, à custa das suas ocupações prediletas. Deu-se com ele o que se dá com todas as almas de forte têmpera: a lâmina gastou a bainha ¹.

Acerca da luminosa existência do mestre lionês, escreve o Irmão X [Espírito Humberto de Campos]:

[...] *Allan Kardec, apagando a própria grandeza, na humildade de um mestre-escola, muita vez atormentado e desiludido, como simples homem do povo, deu integral cumprimento à divina missão que trazia à Terra, inaugurando a era espírita-cristã, que, gradativamente, será considerada em todos os quadrantes do orbe como a sublime renascença da luz para o mundo inteiro* ²⁷.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 38. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Biografia de Allan Kardec, p. 17.
2. _____. Segunda parte. Item: A minha primeira iniciação no espiritismo, p. 265.
3. _____. p. 265-266.
4. _____. p. 266.
5. _____. p. 266-267.
6. _____. p. 267-268.
7. _____. p. 268.
8. _____. p. 269.
9. _____. Item: Minha missão, p. 281-283.
10. _____. p. 283.
11. _____. p. 283-285.
12. WANTUIL, Zéus. *Grandes espíritas do Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002, Allan Kardec, p. 15.
13. _____. p. 17.
14. _____. p. 26-29.
15. WANTUIL, Zéus e THIESEN, Francisco. *Allan Kardec*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999, vol. 1, cap. 2 (Formação escolar de Rivail...), p. 32-33.
16. _____. p. 33.
17. _____. Cap. 14 (Seu primeiro livro), p. 85.
18. _____. p. 88-89.
19. _____. Cap. 16 (Princípios enunciados...), p. 99.
20. _____. Cap. 19 (Instituições pestalozzianas em Paris), p. 110-111.
21. _____. p. 112.
22. _____. Cap. 37 (Fertilidade pedagógica), p. 182.
23. _____. Cap. 38 (Fim da primeira fase), p. 189.
24. _____. Vol. 2, cap. I (A fagulha da renovação), item 6, p. 74.
25. _____. Item 7, p. 84-85.
26. _____. Cap. 3, item 5, p. 201.
27. XAVIER, Francisco Cândido. *Cartas e crônicas*. Pelo Espírito Irmão X. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 28, p. 127.

Anexo Esboço do Sistema Pestalozziano (*)

Analisando o livro de Pestalozzi – *Como Gertrudes ensina seus filhos* (1801), H. Morf, considerado o autor de uma das melhores biografias do mestre zuriquense, resumiu-lhe assim os princípios pedagógicos:

- I – A intuição é o fundamento da instrução.
- II – A linguagem deve estar ligada à intuição.
- III – A época de ensinar não é a de julgar e criticar.
- IV – Em cada matéria, o ensino deve começar pelos elementos mais simples, e daí continuar gradualmente, de acordo com o desenvolvimento da criança, isto é, por séries psicologicamente encadeadas.
- V – Deve-se insistir bastante tempo em cada ponto da lição, a fim de que a criança adquira sobre ela o completo domínio e a livre disposição.
- VI – O ensino deve seguir a via do desenvolvimento e jamais a da exposição dogmática.
- VII – A individualidade do aluno deve ser sagrada para o educador.
- VIII – O principal fim do ensino elementar não é sobrecarregar a criança de conhecimentos e talentos, mas desenvolver e intensificar as forças de sua inteligência.
- IX – Ao saber é preciso aliar a ação; aos conhecimentos, o *savoir-faire* [saber fazer].
- X – As relações entre mestre e aluno, sobretudo no que concerne à disciplina, devem ser fundadas no amor e por ele governadas.
- XI – A instrução deve constituir o escopo superior da educação.

Acontece que a experiência de Pestalozzi em Berthoud, junto dos colaboradores, modificaria em alguns pontos o seu método. Ademais, novos ensaios e experiências realizados em

(*) WANTUIL, Zêus & THIESEN, Francisco. Allan Kardec. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002, v. I. Cap. 15, p. 96-97.

Yverdon levariam-no a reformular conceitos, a desenvolver e desdobrar sua doutrina pedagógica. Daí a razão das dificuldades a que aludimos, o que faria um crítico dizer, com evidente exagero, que, sob o ponto de vista do método, o maior mérito de Pestalozzi foi não ter tido ele método.

O acadêmico lusitano Sousa Costa enunciou, em poucas palavras, os princípios basilares da educação pestalozziana: desenvolvimento da atenção, formação da consciência, enobrecimento do coração.

Segundo o biógrafo P. P. Pompée, Pestalozzi achava que todo bom método devia partir do conhecimento dos fatos adquiridos pela observação, pela experiência e pela analogia, para daí se extraírem, por indução, os resultados e se chegar a enunciados gerais que possam servir de base ao raciocínio, dispondo-se esses materiais com ordem, sem lacuna, harmoniosamente. Para Pestalozzi a arte da educação devia aproximar-se da natureza, e o melhor método de ensino seria aquele que dela se aproximasse.

Princípios enunciados e seguidos pelo discípulo (*)

Logo em sua primeira obra, Denizard Rivail relaciona em seis itens os princípios que lhe parecem mais adequados ao ensino à criança, fazendo-o em harmonia com o sistema pestalozziano, como era de se esperar de um discípulo do mestre suíço.

Eis os princípios que o nortearam na elaboração do seu *Cours d'Arithmétique* [Curso de Aritmética], alguns dos quais o guiariam, bem mais tarde, nos estudos e nas pesquisas espíritas e bem assim na Codificação da Doutrina:

- 1º – Cultivar o espírito natural de observação das crianças, dirigindo-lhes a atenção para os objetos que as cercam.
- 2º – Cultivar a inteligência, observando um comportamento que habilite o aluno a descobrir por si mesmo as regras.
- 3º – Proceder sempre do conhecido para o desconhecido, do simples para o composto.

(*) WANTUIL, Zêus & THIESEN, Francisco. Allan Kardec. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002, v. I. Cap. 15, p. 98.

- 4º – Evitar toda atitude mecânica (*mécanisme*), levando o aluno a conhecer o fim e a razão de tudo o que faz.
- 5º – Conduzi-lo a apalpar com os dedos e com os olhos todas as verdades. Este princípio forma, de algum modo, a base material deste curso de aritmética.
- 6º – Só confiar à memória aquilo que já tenha sido apreendido pela inteligência.

ROTEIRO 3

Metodologia e critérios utilizados na Codificação Espírita

Objetivos específicos ■ Justificar a importância da aplicação do método experimental para a elaboração da Doutrina Espírita.

- Explicar por que a *generalidade* e a *concordância* se constituem na garantia dos ensinamentos dos Espíritos.

Conteúdo básico

- *O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação.* Allan Kardec: *A gênese*. Cap. 1, item 16.
- *Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. [...] Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida; assim, não apresentou como hipóteses a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos, quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo de igual maneira quanto aos outros princípios. [...] As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas.* Allan Kardec: *A gênese*. Cap. 1, item 14.
- *Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares.* Allan Kardec: *O Evangelho segundo o espiritismo*. Introdução. Item 2.

- *Essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos, passada ao demais pelo critério da lógica, é que constitui a força da Doutrina Espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela mudasse, fora mister que a universalidade dos Espíritos mudasse de opinião e viesse um dia dizer o contrário do que o dissera. Allan Kardec: A gênese. Introdução.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Iniciar a aula escrevendo no quadro-de-giz / quadro branco a seguinte pergunta: *Pelo fato de ter a Doutrina Espírita aspecto científico, pode-se deduzir que Allan Kardec seja um cientista?*
- Propor aos alunos – utilizando a técnica *explosão de idéias* – que respondam à questão, justificando a resposta. Destinar cinco minutos para essa atividade.
- Esgotado o tempo, expor o conteúdo do primeiro parágrafo dos *subsídios*, ressaltando as condições indispensáveis ao espírito científico, atribuídas a Kardec.

Desenvolvimento

- A seguir, pedir à turma que leia silenciosa e atentamente os subsídios do roteiro (10 minutos).
- Finda a leitura, afixar em lugar visível a todos um cartaz contendo a síntese do conteúdo do item 1 dos *subsídios* (Ver anexo 2). Dar tempo necessário para que os alunos leiam a síntese. Em seqüência, expor o assunto correspondente, esclarecendo possíveis dúvidas. Dar continuidade à aula, agindo como no passo anterior, conforme orientação a seguir: afixar, ao lado do primeiro cartaz, um segundo, contendo a síntese do conteúdo do item 2; dar tempo para a leitura; expor o assunto correspondente e esclarecer possíveis dúvidas. Agir de igual modo quanto aos terceiro e quarto cartazes, de forma que todos os itens sejam explanados.
- Em seqüência, dividir a turma em quatro grupos para a realização das tarefas que seguem:

- Grupo I Explicar as palavras de Kardec, com respeito ao *método experimental* por ele utilizado: *Não foram os fatos que vieram a posteriori confirmar a teoria: a teoria é que veio subseqüentemente explicar e resumir os fatos.* (Veja item 2 dos *subsídios*)
- Grupo II Responder à pergunta: Por que foi importante, para a elaboração da Doutrina Espírita, a aplicação do *método experimental*?
- Grupo III Explicar por que a *generalidade* e a *concordância* se constituem na garantia dos ensinamentos dos Espíritos.
- Proceder à apresentação dos resultados do estudo em grupo, prestando esclarecimentos cabíveis.
 - Fazer a integração do assunto, com base nos cartazes que estão afixados, dispostos em ordem, formando um mural.

Conclusão

- Encerrar a aula enfatizando a importância da aplicação do método experimental, na investigação e comprovação do fato mediúnico, e da adoção dos critérios de *generalidade* e *concordância* dos ensinamentos dos Espíritos na elaboração da Doutrina Espírita.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os alunos realizarem, de forma correta, o trabalho em grupo.

Técnica(s): explosão de idéias; exposição; leitura silenciosa; trabalho em grupo.

Recurso(s): *subsídios* do Roteiro; orientação para o trabalho em grupo; quadro-de-giz / quadro branco; cartazes; mural; lápis / caneta; papel.

Subsídios

Allan Kardec, como se sabe, não era um cientista no sentido profissional, de especialista neste ou naquele ramo da Ciência, mas tinha cultura científica, espírito científico. A propósito deste assunto, o escritor e jornalista espírita Deolindo Amorim, num de seus artigos dedicados ao Codificador, assim se expressa: *Allan Kardec revela-se, em tudo e por tudo, um homem de espírito científico pela sua própria natureza... Todas as condições indispensáveis ao espírito científico nele estão, sem tirar nem pôr, como diz o jargão habitual: em primeiro lugar, a serenidade com que encarou os fatos mediúnicos, com equilíbrio imperturbável, sem negar nem afirmar aprioristicamente; em segundo lugar, o domínio próprio, a fim de não se entusiasmar com os primeiros resultados; em terceiro lugar, o cuidado na seleção das comunicações; em quarto lugar, a prudência nas declarações, sempre com a preocupação de evitar divulgação precipitada de fatos ainda não de todo examinados e comprovados; em quinto lugar, finalmente, a humildade, que é também uma condição do espírito científico, interessado na procura da verdade, antes e acima de tudo*¹¹. E foi esse espírito científico que o secundou, todo o tempo, no cumprimento da sua missão de Codificador da Doutrina Espírita.

1. O Espiritismo e a Ciência

1.1 Espiritismo e Ciência se completam

Espírito e matéria, de acordo com a Doutrina Espírita, são duas constantes da realidade universal. Assim, Espiritismo e Ciência não são forças antagônicas, mas, ao contrário, *completam-se reciprocamente*, segundo o pensamento de Kardec, expresso em *A Gênese: Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da Natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, segue-se que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossi-*

bilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação. O estudo das leis da matéria tinha que preceder o da espiritualidade, porque a matéria é que primeiro fere os sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria abortado, como tudo quanto surge antes do tempo ⁸.

1.2 O Espiritismo não é da alçada da Ciência

O fato de a Ciência oferecer ao Espiritismo apoio e confirmação não garante, no entanto, àquela a competência para se pronunciar em questão de Doutrina Espírita. Eis os argumentos apresentados pelo Codificador, com respeito a este assunto.

As ciências ordinárias assentam nas propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular livremente; os fenômenos espíritas repousam na ação de inteligências dotadas de vontade própria e que nos provam a cada instante não se Acharem subordinadas aos nossos caprichos. As observações não podem, portanto, ser feitas da mesma forma; requerem condições especiais e outro ponto de partida. Querer submetê-las aos processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem. A Ciência, propriamente dita, é, pois, como ciência, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo: não tem que se ocupar com isso e qualquer que seja o seu julgamento, favorável ou não, nenhum peso poderá ter ⁹.

É importante considerar-se que, ao referir-se às ciências ordinárias, Kardec fazia alusão às ciências positivas, classificadas por Augusto Comte em: Matemática, Astronomia, Física, Química, Biologia e Sociologia.

2. O método de investigação científica dos fenômenos espíritas

O método adotado por Allan Kardec na investigação e comprovação do fato mediúnico — instrumento comprobatório da existência e comunicabilidade do Espírito — é o experimental, aplicado às ciências positivas, fundamentado na observação, comparação, análise sistemática e conclusão. São suas palavras: *Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as conseqüências e busca as aplicações úteis. Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida; assim, não apresentou como hipóteses a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina; concluiu pela existên-*

cia dos Espíritos, quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo de igual maneira quanto aos outros princípios. Não foram os fatos que vieram a posteriori confirmar a teoria: a teoria é que veio subseqüentemente explicar e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas⁷. Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental; nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia conseqüências; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão¹⁰.

3. O Espiritismo e a lógica indutiva

Na indução científica(*), chega-se à generalização pela análise das partes. *Esse tipo de lógica exige observações repetidas de uma experiência ou de um acontecimento. Da observação de muitos exemplos diferentes [partes] os cientistas podem tirar uma conclusão geral¹².* Foi assim que procedeu Kardec em relação à Doutrina Espírita, colocando-a confortavelmente entre as demais ciências.

A respeito do caminho das induções – percorrido pela Doutrina Espírita –, Herculano Pires, em seu livro *O Espírito e o Tempo*, infere que é a partir da observação dos fatos positivos que o Espiritismo chega às realidades extrafísicas¹⁴. Em *A Gênese*, diz-nos o Codificador: *Não foram os fatos que vieram a posteriori confirmar a teoria: a teoria é que veio subseqüentemente explicar e resumir os fatos⁷.* Fica, assim, a estrutura lógica do Espiritismo caracterizada como de natureza indutiva¹³.

No entanto, o processo dedutivo(**) está igualmente consagrado na Doutrina Espírita¹³, já que o método científico exige que se combinem indução e dedução. São palavras de Kardec: *Nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia conseqüências; dos efeitos, procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão¹⁰.* As idéias do homem estão na razão do que ele sabe; como todas as descobertas impor-

(*) Veja método indutivo, anexo.

(**) Veja método dedutivo, anexo.

tantes, a da constituição dos mundos [por exemplo] deveria imprimir-lhes outro curso; sob a influência desses conhecimentos novos, as crenças se modificaram; o Céu foi deslocado e a região estelar, sendo ilimitada, não mais lhe pode servir. Onde está ele, pois? E ante esta questão emudecem todas as religiões. O Espiritismo vem resolvê-la demonstrando o verdadeiro destino do homem. Tomando-se por base a natureza deste último e os atributos divinos, chega-se a uma conclusão; isto quer dizer que, partindo do conhecido, atinge-se o desconhecido por uma dedução lógica, sem falar das observações diretas que o Espiritismo faculta ¹.

4. O controle universal dos ensinamentos dos Espíritos

Dois importantes critérios, igualmente tomados à metodologia científica, foram adotados por Kardec na difícil tarefa de reunir informações para a elaboração da Doutrina Espírita: a *generalidade* (ou *universalidade*) e a *concordância dos ensinamentos dos Espíritos*. Esses critérios, com o suporte do uso da razão, do bom senso e da lógica rigorosa emprestam à Doutrina Espírita força e autoridade, como podemos constatar na introdução de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*: *Quis Deus que a nova revelação chegasse aos homens por mais rápido caminho e mais autêntico. Incumbiu, pois, os Espíritos de levá-la de um pólo a outro, manifestando-se por toda a parte, sem conferir a ninguém o privilégio de lhes ouvir a palavra. Um homem pode ser ludibriado, pode enganar-se a si mesmo; já não será assim, quando milhões de criaturas vêem e ouvem a mesma coisa. Constitui isso uma garantia para cada um e para todos. Ao demais, pode fazer-se que desapareça um homem; mas não se pode fazer que desapareçam as coletividades; podem queimar-se os livros, mas não se podem queimar os Espíritos. Ora, queimassem-se todos os livros e a fonte da doutrina não deixaria de conservar-se inexaurível, pela razão mesma de não estar na Terra, de surgir em todos os lugares e de poderem todos dessedentar-se nela ². Não será à opinião de um homem que se aliarão os outros, mas à voz unânime dos Espíritos; não será um homem, como não será – qualquer outro, que fundará a ortodoxia espírita; tampouco será um Espírito que se venha impor a quem quer que seja: será a universalidade dos Espíritos que se comunicam em toda a Terra, por ordem de Deus. Esse o caráter essencial da Doutrina Espírita; essa a sua força, a sua autoridade. Quis Deus que a sua lei assentasse em base inamovível e por isso não lhe deu por fundamento a cabeça frágil de um só ⁵. O primeiro exame comprobativo [das mensagens dos Espíritos] é, pois, sem contradição, o da razão, ao qual cumpre se submeta, sem exceção, tudo o que venha dos Espíritos. Toda teoria em manifesta contradição com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos já adquiridos, deve ser rejeitada, por mais respeitá-*

vel que seja o nome que traga como assinatura. Incompleto, porém, ficará esse exame em muitos casos, por efeito da falta de luzes de certas pessoas e das tendências de não poucas a tomar as próprias opiniões, como juízes únicos da verdade. Assim sendo, que hão de fazer aqueles que não depositam confiança absoluta em si mesmos? Buscar o parecer da maioria e tomar por guia a opinião desta. De tal modo é que se deve proceder em face do que digam os Espíritos, que são os primeiros a nos fornecer os meios de consegui-lo³. Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares³.

Essa [concordância] a base em que nos apoiamos, quando formulamos um princípio da doutrina. Não é porque esteja de acordo com as nossas idéias que o temos por verdadeiro. Não nos arvoramos, absolutamente, em árbitro supremo da verdade e a ninguém dizemos: «Crede em tal coisa, porque somos nós que vo-lo dizemos.» A nossa opinião não passa, aos nossos próprios olhos, de uma opinião pessoal, que pode ser verdadeira ou falsa, visto não nos considerarmos mais infalível do que qualquer outro. Também não é porque um princípio nos foi ensinado que, para nós, ele exprime a verdade, mas porque recebeu a sanção da concordância.

Na posição em que nos encontramos, a receber comunicações de perto de mil centros espíritas sérios, disseminados pelos mais diversos pontos da Terra, achamo-nos em condições de observar sobre que princípio se estabelece a concordância. Essa observação é que nos tem guiado até hoje e é a que nos guiará em novos campos que o Espiritismo terá de explorar. Porque, estudando atentamente as comunicações vindas tanto da França como do estrangeiro, reconhecemos, pela natureza toda especial das revelações, que ele tende a entrar por um novo caminho e que lhe chegou o momento de dar um passo para diante. Essas revelações, feitas muitas vezes com palavras veladas, hão freqüentemente passado despercebidas a muitos dos que as obtiveram. Outros julgaram-se os únicos a possuí-las. Tomadas insuladamente, elas, para nós, nenhum valor teriam; somente a coincidência lhes imprime gravidade. Depois, chegado o momento de serem entregues à publicidade, cada um se lembrará de haver obtido instruções no mesmo sentido. Esse movimento geral, que observamos e estudamos, com a assistência dos nossos guias espirituais, é que nos auxilia a julgar da oportunidade de fazermos ou não alguma coisa. Essa verificação universal constitui uma garantia para a unidade futura do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. Aí é que, no porvir, se encontrará o critério da verdade. O que deu lugar ao êxito da doutrina exposta em O Livro dos Espíritos e em O Livro dos

Médiuns foi que em toda a parte todos receberam diretamente dos Espíritos a confirmação do que esses livros contêm ⁴.

Retomando, em *A Gênese*, esse assunto, Kardec assim se expressa: *Generalidade e concordância no ensino, esse o caráter essencial da doutrina, a condição mesma da sua existência, donde resulta que todo princípio que ainda não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina. Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade. Essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos, passada, ao demais, pelo critério da lógica, é que constitui a força da Doutrina Espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela mudasse, fora mister que a universalidade dos Espíritos mudasse de opinião e viesse um dia dizer o contrário do que dissera. Pois que ela tem sua fonte de origem no ensino dos Espíritos, para que sucumbisse, seria necessário que os Espíritos deixassem de existir. É também o que fará que prevaleça sobre todos os sistemas pessoais, cujas raízes não*

Referência Bibliográfica

se encontram por toda parte, como com ela se dá ⁶.

1. KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 58. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. 1ª parte. Cap. 3, item 4, p. 29.
2. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução, p. 29.
3. _____. p. 31.
4. _____. p. 32-33.
5. _____. p. 36.
6. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução, p. 11.
7. _____. Cap. 1, item 14, p. 20.
8. _____. Item 16, p. 21.
9. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução, p. 28-29.
10. _____. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 38. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Segunda parte. (A minha primeira iniciação no Espiritismo), p. 268.
12. AMORIM, Deolindo. *Análises espíritas*. Compilação de Celso Martins. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995. (Allan Kardec e o espírito científico), p. 133-134.
13. ENCICLOPÉDIA DELTA UNIVERSAL. Rio de Janeiro: Delta S.A., 1980, vol. 4, p. 2043.
13. PIRES, J. Herculano. *O espírito e o tempo*. 7. ed. Sobradinho: Edicel, 1995. 3ª parte. Cap. 1 (O triângulo de Emmanuel), p. 136.

Anexo 1

14. _____. Cap. 2 (A Ciência admirável), p. 139.

«A Experimentação Científica (*) é um método empregado para testar idéias e descobrir os fatos sobre qualquer coisa que um cientista possa controlar e observar. Os cientistas utilizam-no para estudar os seres vivos ou brutos, em vários campos das ciências físicas e da vida. [...] Qualquer experimento científico válido deve ser capaz de ser repetido, não só pelo pesquisador original, mas por outros cientistas. Se eles concordam com as conclusões, atribui-se ao pesquisador original o crédito de ter feito uma importante descoberta.»

■ **Método dedutivo (**)** é o processo de raciocínio pelo qual tiramos conclusões por inferência lógica de premissas dadas. Se começamos aceitando as proposições ‘Todos os gregos têm barba’ e ‘Zenão é grego’, podemos concluir validamente que «Zenão tem barba». Referimo-nos às conclusões do raciocínio dedutivo como *válidas*, ao invés de *verdadeiras*, porque precisamos distinguir claramente entre *aquilo que se depreende logicamente* de outras afirmações e *aquilo que efetivamente é*. As premissas iniciais podem ser artigos de fé ou suposições. Antes de podermos considerar as conclusões tiradas dessas premissas como válidas, precisamos demonstrar que elas são coerentes entre si e com a premissa original. A matemática e a lógica são exemplos de disciplinas que utilizam muito o método dedutivo. O método científico exige uma combinação de dedução e indução.»

■ **Método indutivo (**)** é o processo de raciocínio pelo qual de uma experiência particular se passa a generalizações. Pode-se começar com ‘Todas as maçãs que comi são doces’. A partir dessa constatação, conclui-se que ‘As maçãs são doces’. Mas a

(*) Enciclopédia Delta Universal, v. 6, p. 3154.

(**) _____. v. 10, p. 5257.

maçã seguinte pode não ser doce. O método indutivo leva a probabilidades, não a certezas. É a base do senso comum, segundo o qual uma pessoa age. É também empregado na descoberta científica. Os cientistas utilizam a *indução e a dedução*. Na dedução, o cientista começa com generalizações. Ele deduz afirmativas particulares a partir delas. Pode testar suas suposições pela experimentação, confirmá-las, revisá-las ou rejeitar suas generalizações originais. Usando apenas a dedução, o homem ignora a experiência. Empregando apenas a indução, ignora as relações entre os fatos. Pela combinação destes métodos, a ciência estabelece uma união entre a teoria e a prática.»

Sugestões de sínteses para os cartazes

1

Espírito e matéria, segundo o Espiritismo, são duas constantes da realidade universal. Assim, Espiritismo e Ciência se completam reciprocamente. A Ciência, no entanto, é «incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo.»

2

O método adotado por Kardec na investigação e comprovação do fato mediúnico é o experimental, aplicado às ciências positivas, fundamentado na observação, comparação, análise sistemática e conclusão.

3

A estrutura lógica do Espiritismo é de natureza indutiva, pois é a partir das observações dos fatos positivos que ele chega à realidade extrafísica. No entanto, o processo dedutivo está também consagrado na Doutrina Espírita.

4

Dois importantes critérios científicos foram adotados por Kardec, na tarefa de reunir informações para a elaboração da Doutrina Espírita: a *generalidade* (*universalidade*) e a *concordância* dos ensinamentos dos Espíritos.

ROTEIRO 4 Obras básicas

Objetivos específicos ■ Elaborar o resumo de cada obra básica, a partir dos conteúdos apresentados nos *subsídios*.

- Correlacionar cada parte de *O Livro dos Espíritos* com a correspondente obra da Codificação.
- Reconhecer a importância das obras básicas do Espiritismo na formação moral-intelectual do ser humano.

Conteúdo básico

- A Codificação Espírita compreende as seguintes obras, obedecendo à ordem de publicação: *O Livro dos Espíritos* (18 de abril de 1857); *O Livro dos Médiuns* (janeiro de 1861); *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (abril de 1864); *O Céu e o Inferno* (agosto de 1865); *A Gênese* (janeiro de 1868).
- *O Livro dos Espíritos* trata dos princípios da Doutrina Espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da Humanidade – Folha de rosto. *O livro dos espíritos*.
- *O Livro dos Médiuns* contém o ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os tropeços que se podem encontrar na prática do Espiritismo – Folha de rosto. *O livro dos médiuns*.
- *O Evangelho Segundo o Espiritismo* oferece a explicação das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida – Folha de rosto. *O Evangelho segundo o espiritismo*.
- *O Céu e o Inferno* apresenta um [...] exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, sobre

as penalidades e recompensas futuras, sobre os anjos e demônios, sobre as penas, etc., e exemplos sobre as diferentes situações nos Espíritos desencarnados – Folha de rosto. O céu e o inferno.

- Em *A Gênese* consta que a *Doutrina Espírita* há resultado do ensino coletivo e concordante dos Espíritos. A *Ciência* é chamada a constituir a *Gênese* de acordo com as leis da Natureza – Folha de rosto. *A gênese.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Apresentar à turma as obras da Codificação, na ordem em que foram publicadas. Para isso, pedir auxílio a cinco participantes, que, de pé e diante dos colegas, as exibirão. Informar à classe que esses cinco livros – o *pentateuco espírita* – são as obras básicas do Espiritismo.
- Realizar, a seguir, uma *enquete relâmpago*, para verificar, entre os alunos, o grau de conhecimento das obras básicas. Perguntar-lhes, então: Quem já leu *O Livro dos Espíritos*, ou parte dele? Fazer a mesma pergunta em relação às demais obras da Codificação. Registrar cada manifestação no quadro/*flip-chart*.
- Terminada essa etapa, fazer a contagem dos pontos referentes a cada livro e apresentar o resultado da enquete.

Desenvolvimento

- Em seqüência, dividir a turma em cinco grupos para leitura dos *subsídios* correspondente a cada uma das obras básicas. Por exemplo, o grupo número um ler o item 2.1 dos *subsídios*, referente a *O Livro dos Espíritos*. E assim, sucessivamente, com os demais subitens. Oferecer aos participantes folhas de papel-pardo, canetas hidrográficas e o roteiro do trabalho em grupo, para a elaboração das seguintes tarefas:
 1. fazer a leitura silenciosa do subitem dos *subsídios*, indicado para cada grupo;

2. elaborar o resumo do conteúdo desse subitem;
 3. transcrever esse resumo para a folha de papel pardo;
 4. afixá-lo, em seguida, em local visível a todos.
- Em prosseguimento, examinar, juntamente com os alunos, os resumos por eles elaborados, completando informações, suprindo detalhes, verificando, enfim, se as idéias mais importantes foram consideradas.
 - Dar continuidade à aula, expondo o conteúdo do item 3 dos *subsídios*, apoiando-se no esquema inserido no anexo.

Conclusão

- Encerrar a aula enfatizando a importância das obras básicas para o progresso intelecto-moral da Humanidade. Pedir a um aluno que leia, em voz alta e de forma expressiva, o texto de Emmanuel, colocado ao final dos *subsídios*.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os alunos realizarem, de forma correta, o estudo em grupo e participarem com interesse da exposição que trata da conexão entre O Livro dos Espíritos e as demais obras da Codificação.

Técnica(s): enquete relâmpago; trabalho em pequenos grupos; exposição.

Recurso(s): os livros da Codificação; *subsídios* do Roteiro; orientação para o trabalho em grupo; quadro-de-giz/*flip-chart*; folhas de papel pardo; canetas hidrográficas; papel; lápis / caneta.

Subsídios 1. A Codificação Espírita

*Verdadeira enciclopédia de ensinamentos transcendentais, a Codificação [...] foi o fruto, sazonado e bendito, de um plano arquitetado na Espiritualidade, havendo um de seus elaboradores concretizado a parte que lhe cabia desempenhar, já encarnado na Terra: Allan Kardec*³¹.

A Codificação Espírita compreende as seguintes obras, obedecendo à ordem de publicação: *O Livro dos Espíritos* (18 de abril de 1857); *O Livro dos Médiuns* (janeiro de 1861); *O Evangelho segundo o Espiritismo* (abril de 1864); *O Céu e o Inferno* (agosto de 1865); *A Gênese* (janeiro de 1868). Cada obra contém a matéria exatamente necessária ao seu entendimento à época, mas, como a Doutrina é progressiva, embora os ensinamentos básicos perdurem, estes são complementados por estudos posteriores, sem que nada se modifique nos alicerces doutrinários expostos pelos Espíritos e por Kardec³².

2. As Obras Básicas

2.1 – O Livro dos Espíritos

O Livro dos Espíritos, a primeira obra da Codificação, encerra as bases fundamentais do Espiritismo. De acordo com a folha de rosto, aí estão exarados os princípios da Doutrina Espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da Humanidade – segundo os ensinamentos dados por Espíritos superiores com o concurso de diversos médiuns – recebidos e coordenados por Allan Kardec¹¹. A 1ª edição, com 501 questões, contém o ensino dado pelos Espíritos, liderados pelo Espírito de Verdade. Receberam as mensagens as jovens médiuns Caroline e Julie Baudin, assim como a senhorita Japhet e outros médiuns. Na segunda edição, que Kardec considerava definitiva, outros médiuns são utilizados. A obra, bem mais desenvolvida, se compõe, nesta edição, de 1018 questões, notas aditivas e comentários²⁶. Este livro, em sua estrutura geral, apresenta:

- **Introdução**, composta de 17 itens, contém uma síntese da Doutrina Espírita. É aí que aparecem os termos *espírita*, *espiritista* e *Espiritismo*, criados por Kardec para indicar a

crença na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo corporal ¹³.

■ **Prolegômenos** (*), que, encimados pela cepa(**) desenhada pelos próprios Espíritos, dão a conhecer a maneira como foi revelada a Doutrina; a autoria e finalidade do livro; os Espíritos que concorreram para a execução da obra, e trechos das mensagens transmitidas a Kardec sobre a sua missão de escrever *O Livro dos Espíritos* ¹⁴.

■ **Corpo da obra**, dividido em quatro partes, de acordo com a *tábua das matérias a saber*:

Parte primeira — Causas primárias: Deus. Elementos gerais do Universo. Criação. Princípio Vital.

Parte segunda — Mundo espírita ou mundo dos Espíritos: Os Espíritos. A encarnação dos Espíritos. A volta do Espírito, extinta a vida corpórea, à vida espiritual. A pluralidade das existências. A vida espírita. A volta do Espírito à vida corporal. A emancipação da alma. A intervenção dos Espíritos no mundo corporal. As ocupações e missões dos Espíritos. Os três reinos.

Parte terceira — Leis Morais: Lei divina ou natural. Leis de adoração; trabalho; reprodução; conservação; destruição; sociedade; progresso; igualdade; liberdade; justiça, amor e caridade. A perfeição moral.

Parte quarta — Esperanças e consolações: Penas e gozos terrenos. Penas e gozos futuros ¹².

Conforme se pode observar, a divisão das matérias não foi feita de modo arbitrário, mas, ao contrário, denota correspondência lógica, seqüência de pensamento. As matérias aí contidas, distribuídas em ordem metodológica, partem das questões mais gerais para as especiais e, de igual modo, começam por especulações na ordem transcendental, indo até aos problemas práticos, próprios da natureza humana ²³.

■ **Conclusão**, composta de nove itens, na qual o Codificador mostra as seqüências futuras dos atos da nossa vida presente e, retomando os conceitos básicos da Doutrina Espírita, dá harmonioso arremate à obra ¹⁶.

(*) Prolegômenos: Introdução geral de uma obra. Prefácio.

(**) Cepa – Tronco de videira. Parte da planta a que se cortou o caule e que permanece viva no solo. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.

Quanto à autoria de *O Livro dos Espíritos*, Kardec a atribui aos Espíritos. Eis o que nos afirma nos Prolegômenos: *Este livro é o repositório de seus ensinamentos. Foi escrito por ordem e mediante ditado de Espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, isenta dos preconceitos do espírito de sistema. Nada contém que não seja a expressão do pensamento deles e que não tenha sido por eles examinado. Só a ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação, constituem obra daquele que recebeu a missão de os publicar*¹⁵. Por outro lado, afirma Hermínio Miranda, *não é intenção dos mensageiros espirituais – ao que parece – ditar um trabalho pronto e acabado, como um «flash» divino, de cima para baixo. Deixam a Kardec [naturalmente inspirado por eles] a iniciativa de elaborar as perguntas e conceber não a essência do trabalho, mas o plano geral da sua apresentação aos homens. A obra [...] é um diálogo no qual o homem encarnado busca aprender com irmãos mais experimentados novas dimensões da verdade. É preciso, pois, que as questões e as dúvidas sejam levantadas do ponto de vista humano, para que o mundo espiritual as esclareça na linguagem simples da palestra [...]*³⁴.

Em suma, *O Livro dos Espíritos é um repositório de princípios fundamentais de onde emergem inúmeras «tomadas» para outras tantas especulações, conquistas e realizações. Nele estão os germes de todas as grandes idéias que a humanidade sonhou pelos tempos afora, mas os Espíritos não realizam por nós o nosso trabalho. Em nenhum outro cometimento humano vê-se tão claramente os sinais de uma inteligente, consciente e preestabelecida coordenação de esforços entre as duas faces da vida – a encarnada e a desencarnada*³³.

2.2 – O Livro dos Médiuns

Segunda obra da Codificação, *O Livro dos Médiuns*, ou *Guia dos médiuns e dos evocadores*, veio a lume – em janeiro de 1861 – para [...] *fazer seqüência a O Livro dos Espíritos*³⁶. Tendo englobado a *Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas* (*), obra publicada em 1858,²⁸ *O Livro dos Médiuns*, muito mais completo, contém, de acordo com a sua folha de rosto, o ensino [...] *especial dos*

(*) *Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas* – com a exposição completa das condições necessárias para se comunicar com os Espíritos, e os meios de desenvolver a faculdade mediadora com os médiuns. Zêus Wantuil e Francisco Thiesen: Allan Kardec. Cap. I (A Doutrina Espírita ou Espiritismo...), v. III, p. 15.

*Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os tropeços que se podem encontrar na prática do Espiritismo*¹⁷. As matérias aí estão organizadas em duas partes, constituindo-se a primeira das *noções preliminares*, em quatro capítulos, enquanto que a segunda enfeixa, em trinta e dois capítulos, as *manifestações espíritas*.

Terminado o trabalho de construção da coluna central da Codificação Espírita – *O Livro dos Espíritos* –, era chegado o momento de *estudar e expor aos homens os aspectos experimentais implícitos na Doutrina dos Espíritos* [...] ³⁵, sobretudo no que diz respeito à prática da mediunidade, o mais importante desses aspectos, por ser o instrumento de comunicação entre os dois mundos ³⁵. A propósito de que nos diz Pedro Barbosa: *A mediunidade [...] é a fonte primordial dos ensinamentos da Doutrina, e suas tarefas constituem, hoje, sem dúvida, importante contribuição dos espíritas, que a elas se dedicam, à consolidação da fé raciocinada e ao retorno, à normalidade, das condições psíquicas alteradas daqueles que, enleados nas tramas da obsessão disfarçada e tenaz, procuram, agoniados, os centros espíritas, ou são a eles encaminhados. A comunicação entre os dois mundos, o corporal, material ou visível e o incorpóreo, imaterial ou invisível, é uma premissa básica do Espiritismo, que seria apenas um espiritualismo irreal e duvidoso, se a negasse ou a repudiasse. Essa comunicação, disciplinada e orientada para suas verdadeiras finalidades, pode ser conseguida e mantida, desde que apliquemos à técnica de sua realização os ensinamentos de Allan Kardec contidos em O Livro dos Médiuns*²⁹.

Esses ensinamentos de Kardec são verdadeiramente preciosos, porque vão muito além do ensino da técnica de comunicação com os Espíritos. É que, ao tratar o assunto «prática mediúnica», ele chama a atenção dos que com esta se ocupam, mostrando-lhes que: *Todos os dias a experiência nos traz a confirmação de que as dificuldades e os desenganos, com que muitos topam na prática do Espiritismo, se originam da ignorância dos princípios desta ciência e feliz nos sentimos de haver podido comprovar que o nosso trabalho, feito com o objetivo de precaver os adeptos contra os escolhos de um noviciado, produziu frutos e que à leitura desta obra devem muitos o terem logrado evitá-los. Natural é, entre os que se ocupam com o Espiritismo, o desejo de poderem pôr-se em comunicação com os Espíritos. Esta obra se destina a lhes achar o caminho, levando-os a tirar proveito dos nossos longos e laboriosos estudos, porquanto muito falsa idéia formaria aquele que pensasse bastar, para se considerar perito nesta matéria, saber colocar os dedos sobre uma mesa, a fim de fazê-la mover-se, ou segurar um lápis, a fim de escrever. Enganar-se-ia igualmente quem supusesse encontrar nesta obra uma receita universal e*

*infallível para formar médiuns. Se bem cada um traga em si o gérmen das qualidades necessárias para se tornar médium, tais qualidades existem em graus muito diferentes e o seu desenvolvimento depende de causas que a ninguém é dado conseguir se verifiquem à vontade*¹⁸.

Muitos estudiosos do Espiritismo – encarnados ou desencarnados – têm-se manifestado quanto à importância e atualidade desta obra. Eis as impressões de um deles: *Mais de cem anos depois de publicado, O Livro dos Médiuns é ainda o roteiro seguro para médiuns e dirigentes de sessões práticas, e os doutrinadores encontram em suas páginas abundantes ensinamentos, preciosos e seguros, que a todos habilitam à nobre tarefa de comunicação com os Espíritos, sem os perigos da improvisação, das crendices e do empirismo rotineiro, fruto do comodismo e da fuga ao estudo*²⁹.

2.3 – O Evangelho segundo o Espiritismo

Este livro – *com a explicação das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida*² – foi publicado em abril de 1864, com o título *Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo*. A partir da 2ª edição, em 1865, surge com o novo nome – *O Evangelho segundo o Espiritismo*³⁰. Contém ele um *índice de referências bíblicas*; o *prefácio*, que se constitui de uma mensagem assinada pelo Espírito da Verdade e que, de acordo com a nota de rodapé colocada pela editora (FEB), *resume a um tempo o caráter do Espiritismo e a finalidade desta obra [...]*³. A *introdução* contém quatro itens, e o *corpo da obra* vinte e oito capítulos.

*Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o ensino moral. As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse Código Divino, a própria incredulidade se curva. É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas. [...] Para os homens, em particular, constitui aquele Código uma regra de proceder que abrange todas as circunstâncias da vida privada e da vida pública, o princípio básico de todas as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça. É, finalmente e acima de tudo, o roteiro infalível para a felicidade vindoura [...]*⁵. Assim argumentando, o Codificador justifica a escolha do ensino moral do Cristo para

a elaboração do livro, constituindo-se, então, os princípios da moral evangélica em *objeto exclusivo desta obra* ⁶.

Em continuidade à tarefa, as máximas são grupadas e classificadas metodicamente, de acordo com a sua natureza – e não mais em ordem cronológica –, de modo que decorram umas das outras ⁷. Com esse material didaticamente organizado, e utilizando-se da chave que o Espiritismo lhe oferece – a realidade do mundo espiritual e suas relações com o mundo corporal –, Kardec parte para a explicação das passagens obscuras e o desdobramento de todas as conseqüências, tendo em vista a aplicação dos ensinamentos a todas as condições de vida.

E essa chave, facultando compreensão do verdadeiro sentido dos pontos ininteligíveis dos Evangelhos, da Bíblia e dos autores sacros, permite se rasguem *horizontes novos para o futuro*, ao mesmo tempo que faculta a projeção de *luz não menos viva sobre os mistérios do passado* ⁸.

2.4 – O Céu e o Inferno

Pode-se ler na folha de rosto desse livro o seguinte: *Exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, sobre as penalidades e recompensas futuras, sobre os anjos e demônios, sobre as penas, etc., seguido de numerosos exemplos acerca da situação real da alma durante e depois da morte* ¹. Foi publicado em 1º agosto de 1865, com o título *O Céu e o Inferno, ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo*. É constituído de duas partes, tendo a primeira – intitulada *Doutrina* – onze capítulos e a segunda – denominada *Exemplos* – oito capítulos.

Em artigo publicado na *Revista Espírita* de setembro de 1865, Kardec, ao fazer a apresentação de *O Céu e o Inferno*, informa, principalmente, o objetivo do livro, as matérias e a forma como aí foram organizadas. São suas palavras: *O título desta obra indica claramente o seu objetivo. Aí reunimos todos os elementos próprios para esclarecer o homem sobre o seu destino* ²¹.

A primeira parte desta obra, intitulada *Doutrina*, contém o exame comparado das diversas crenças sobre o céu e o inferno, os anjos e os demônios, as penas e as recompensas futuras; o dogma das penas eternas aí é encarado de maneira especial e refutado por argumentos tirados das próprias leis da Natureza, e que demonstram não só o seu lado ilógico, já assinalado centenas de vezes, mas a sua impossibilidade material. Com as penas eternas caem, naturalmente, as conseqüências que se acreditava delas poder tirar.

A segunda parte encerra numerosos exemplos em apoio da teoria, ou, melhor, que serviram para estabelecer a teoria. Colhem sua teoria na diversidade dos tempos e lugares onde foram obtidas, porquanto, se emanassem de uma única fonte, poderiam ser consideradas como produto de uma mesma influência. Além disso, colhem-na na sua concordância com o que diariamente se obtém em toda parte onde se ocupam das manifestações espíritas de um ponto de vista sério e filosófico. Esses exemplos poderiam ter sido multiplicados ao infinito, pois não há centro espírita que não os possa fornecer em notável contingente. Para evitar repetições fastidiosas, tivemos de fazer uma escolha entre os mais instrutivos. Cada um desses exemplos é um estudo em que todas as palavras têm o seu alcance para quem quer que as medite com atenção, porque de cada lado jorra uma luz sobre a situação da alma depois da morte, e a passagem, até então tão obscura e tão temida, da vida corporal à vida espiritual. É o guia do viajor, antes de entrar num país novo. A vida de além-túmulo aí se desdobra sob todos os seus aspectos, como um vasto panorama; cada um aí colherá novos motivos de esperança e de consolação, e novos suportes para firmar a fé no futuro e na justiça de Deus²².

2.5 – A Gênese

Publicado em janeiro de 1868, com o nome de *A Gênese – os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, este livro fecha o ciclo das obras da Codificação Espírita. Em sua folha de rosto está escrito: *A Doutrina Espírita há resultado do ensino coletivo e concordante dos Espíritos. A Ciência é chamada a constituir a Gênese de acordo com as leis da Natureza. Deus prova a sua grandeza e seu poder pela imutabilidade das suas leis e não pela ab-rogação delas. Para Deus, o passado e o futuro são o presente*⁹. O objeto desta obra é, conforme o título indica, o estudo de três pontos, a saber: a *gênese*, propriamente dita, do I ao XII capítulo; os *milagres*, do XIII ao XV capítulo, e as *predições*, do XVI ao XVIII capítulo¹⁰.

Em mensagem datada de dezembro de 1867, o Espírito São Luís, referindo-se ao livro que estava prestes a surgir, assim se expressa: *Esta obra vem a propósito, no sentido de que a Doutrina está hoje bem firmada do ponto de vista moral e religioso. Seja qual for a direção que tome doravante, tem raízes muito profundas no coração dos adeptos, para que ninguém possa temer se desvie ela de sua rota. O Espiritismo atualmente entra numa nova fase. Ao atributo de consolador alia o de instrutor e diretor do espírito, em ciência e em filosofia, como em moralidade. A caridade, sua base inabalável, dele fez o laço das almas eternas; a ciência, a solidariedade, a progressão, o espírito liberal dele farão o traço de união das almas fortes.*

[...] *A questão de origem que se liga à Gênese é para todos apaixonante. Um livro escrito sobre esta matéria deve, em conseqüência, interessar a todos os espíritos sérios. Por esse livro, como vos disse, o Espiritismo entra numa nova fase e esta preparará as vias da fase que se abrirá mais tarde [...]* ³⁷. É que, com [...] *o seu livro A Gênese, o Codificador abria uma brecha seriíssima em vastos domínios da Ciência, sem deixar, por isso, de penetrar em ínvios terrenos antes reservados à Teologia ou à Filosofia [...]* ³⁸.

No que se refere à importância e oportunidade da obra, duas mensagens – endereçadas a Kardec pelos Espíritos que o secundaram na sua elaboração – merecem destaque. A primeira, datada de setembro de 1867, diz o seguinte: *Pessoalmente, estou satisfeito com o trabalho [de elaboração de A Gênese], mas a minha opinião pouco vale, a par da satisfação daqueles a quem ela transformará. O que, sobretudo, me alegra são as conseqüências que produzirá sobre as massas, tanto no espaço, quanto na Terra* ¹⁹. A segunda, com data de julho de 1868, afirma: *Está apenas em começo a impulsão que A Gênese produziu e muitos elementos, abalados por ela, se colocarão, dentro em pouco, sob a tua bandeira. Outras obras sérias também aparecerão, para acabar de esclarecer o juízo humano sobre a nova doutrina* ²⁰.

Conforme foi previsto nessas mensagens, muitos ficaram realmente abalados pelos novos estudos e, como conseqüência, surgiram importantes pesquisas, livros, tratados, marcas da fase nova na qual entrara o Espiritismo, de acordo com a afirmativa do Espírito São Luís: [...] *o Espiritismo entra numa nova fase e esta preparará as vias da fase que se abrirá mais tarde [...]* *cada coisa deve vir a seu tempo* ³⁸.

3. Concordância de princípios nas Obras da Codificação – unidade doutrinária

Existe uma concordância de princípios nas obras da Codificação Espírita, de forma que, em *O Livro dos Espíritos* – a primeira obra básica publicada – há um núcleo central e conceitos espíritas que compreende as partes primeira e segunda (até o capítulo VI), e que tratam, respectivamente, «Das causas primárias» e do «mundo espírita». A parte segunda, do capítulo VI ao XI, constitui a fonte de *O Livro dos Médiuns*. A parte terceira («Das leis Morais»), origina o *Evangelho segundo o Espiritismo*. A parte quarta («Das esperanças e consolações») fornece subsídios para o livro *O Céu e o Inferno*. *A Gênese*, por sua vez, tem como fonte as partes primeira (capítulos II, III e IV), segunda (capítulos IX, X e XI) e terceira (capítulos IV e V). A Introdução e os Prolegômenos de *O Livro dos*

Espíritos originou a obra *O que é o Espiritismo*. Esta obra, na verdade, não faz parte do chamado *pentateuco kardequiano*. Foi citada para indicar a sua origem ²⁷.

Veja esquema em anexo.

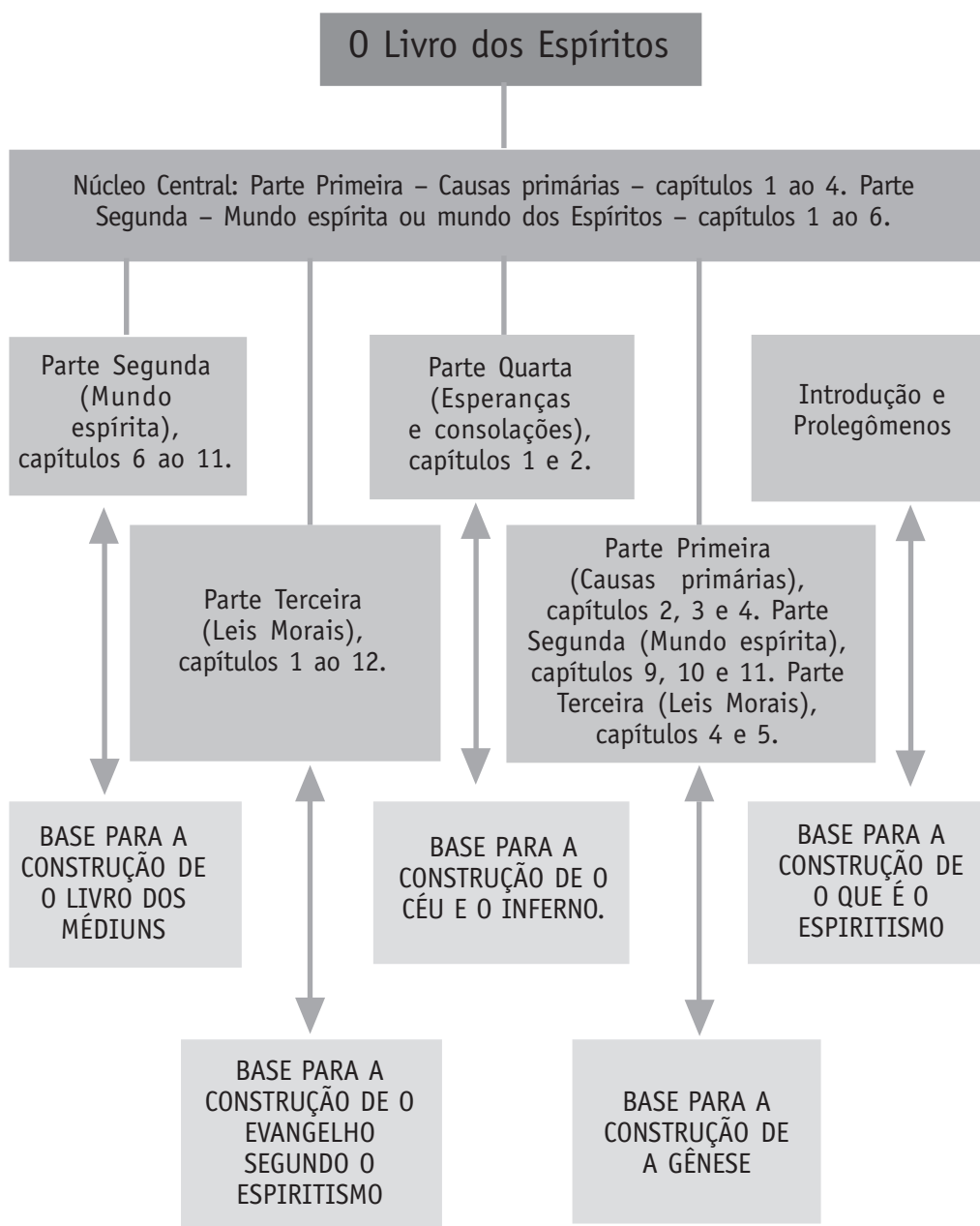
Essa concordância revela a unidade doutrinária do Espiritismo, conforme registra Deolindo Amorim, em seus *Cadernos Doutrinários*. Diz este eminente pensador espírita que *O Livro dos Espíritos* é a coluna central do Espiritismo, não só porque foi a primeira obra a ser publicada, mas porque nele estão inseridos os ensinamentos básicos da Doutrina. Todos os demais livros da Codificação contêm o desdobramento desses ensinamentos, constituindo com *O Livro dos Espíritos* um *corpo de doutrina*, em que todas as partes se ajustam de forma harmônica e interdependente. Assinala ainda o mencionado autor que, possuindo a Doutrina Espírita três aspectos fundamentais – científico, filosófico e religioso –, não poderiam esses ser estudados ou desenvolvidos de modo unilateral, sob pena de se quebrar a referida unidade doutrinária. Do mesmo modo, seria inconveniente fazer um estudo exclusivo de *O Livro dos Espíritos*, ou de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, e assim por diante, porque, estando todas as obras da Codificação interligadas, perder-se-ia a visão de conjunto, indispensável à sua compreensão. Ressalta, por fim, que a força da Doutrina Espírita está, justamente, na segurança de sua unidade ²⁵.

Concluindo com Emmanuel, pode-se dizer que [...] *os princípios codificados por Allan Kardec abrem uma nova era para o Espírito humano, compelindo-o à auscultação de si mesmo, no reajuste dos caminhos traçados por Jesus ao verdadeiro progresso da alma, e explicam que o Espiritismo, por isso mesmo, é o disciplinador de nossa liberdade, não apenas para que tenhamos na Terra uma vida social dignificante, mas também para que tenhamos, no campo do espírito, uma vida individual harmoniosa, devidamente ajustada aos impositivos da Vida Universal Perfeita, consoante as normas de Eterna Justiça, elaboradas pelo supremo equilíbrio das Leis de Deus* ³⁹.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 58. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Folha de rosto.
2. _____. *O evangelho Segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Folha de rosto.
3. _____. Prefácio, p. 23.
4. _____. Introdução, p. 25.
5. _____. p. 25-26.
6. _____. p. 26.
7. _____. p. 26-27.
8. _____. p.27.
9. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Folha de rosto.
10. _____. Introdução, p. 9.
11. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Folha de rosto.
12. _____. Tábua das matérias, p. 7-12.
13. _____. Introdução, p. 13.
14. _____. Prolegômenos, p. 48-50.
15. _____. p. 49.
16. _____. p. 477-494.
17. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 76. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Folha de rosto.
18. _____. Introdução, p. 13-14.
19. _____. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 38. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Segunda parte. (Minha nova obra sobre a gênese), p. 332.
20. _____. (Meus trabalhos pessoais. Conselhos diversos), p. 335.
21. _____. *Revista espírita. Jornal de estudos psicológicos*. Ano 1865. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Ano 8, setembro de 1865. Nº 9, p. 377.
22. _____. p. 380-381.
23. AMORIM, Deolindo. *Cadernos doutrinários*. 1. ed. Salvador: Circulus, 2000. Caderno nº 5. (Origem, plano e conteúdo geral de *O livro dos espíritos*), p. 109-120.

24. _____. p. 112.
25. _____. (Unidade da doutrina), p. 142-144.
26. BARBOSA, Pedro. *O espiritismo básico*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Segunda parte (Análise sintética das obras...). Cap. 1, p. 114-115.
27. _____. p. 115-116.
28. _____. Cap. 2, p. 117.
29. _____. p. 118.
30. _____. p. 119.
31. _____. Cap. 6 (Conclusões), p. 126.
32. _____. p. 127.
33. MIRANDA, Hermínio C. *A obra de Kardec e Kardec diante da obra*. Reformador, Rio de Janeiro: FEB, ano 90, nº 3, março, 1972, p. 7.
34. _____. p. 8.
35. _____. p. 10.
36. WANTUIL, Zêus & THIESEN, Francisco. *Allan Kardec*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998, vol. 3, cap. I (As obras espíritas de Allan Kardec), p. 15.
37. _____. p. 286-289.
38. _____. p. 290.
39. XAVIER, Francisco Cândido. *Ação e reação*. Pelo Espírito André Luiz. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Ante o centenário (introdução de Emmanuel), p. 8.





PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO III

Deus

OBJETIVO GERAL

Apresentar Deus como a inteligência suprema e a causa primeira de todas as coisas.

ROTEIRO 1

Existência de Deus

Objetivos específicos

- Explicar a necessidade da crença em Deus para o homem.
- Conceituar Deus à luz da Doutrina Espírita.

Conteúdo básico

- A idéia de Deus [...] *se afirma e se impõe, fora e acima de todos os sistemas, de todas as filosofias, de todas as crenças.* Léon Denis: *O grande enigma*. Cap. 5.
- A necessidade da crença em Deus está, instintivamente, alojada na mente humana, e decorre do axioma de que não há efeito sem causa. Foi por este motivo que Kardec perguntou aos Espíritos Superiores: — «Que dedução se pode tirar do sentimento instintivo, que todos os homens trazem em si, da existência de Deus?» A resposta foi a seguinte: — «A de que Deus existe; pois, donde lhes viria esse sentimento, se não tivesse uma base? É ainda uma consequência do princípio — não há efeito sem causa.» Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 5.
- *Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 1.

Sugestões didáticas

Introdução

- Iniciar a aula apresentando o assunto e os objetivos, conforme consta deste Roteiro.
- Dividir a turma em duplas, solicitando aos integrantes que expliquem, um ao outro, a sua idéia a respeito da crença em Deus.

Desenvolvimento

- Ouvir as respostas das duplas, comentando-as ligeiramente.
- Explicar que a crença em Deus está presente no homem desde a sua origem, mas que se expressa de acordo com a experiência evolutiva de cada um.

- Em seqüência, dividir a turma em pequenos grupos e pedir que realizem a seguinte tarefa:
 1. ler os subsídios do roteiro;
 2. analisar as conseqüências da idéia de Deus para a Humanidade, tendo como base a leitura realizada;
 3. emitir um conceito de Deus, utilizando as próprias palavras;
 4. escrever o conceito num cartaz, a ser posteriormente afixado na parede da sala de aula.
- Ouvir a leitura dos cartazes, prestando os esclarecimentos que se fizerem necessários.

Conclusão

- Ao término, fazer uma síntese do assunto estudado, salientando a importância da crença em Deus, emitindo um conceito espírita de Deus.

Avaliação

O Estudo será considerado satisfatório se os participantes explicarem corretamente a necessidade da crença em Deus para o homem, emitindo um conceito de Deus segundo o estudo realizado.

Técnica(s): estudo em duplas; trabalho em pequenos grupos; exposição.

Recurso(s): *subsídios* do Roteiro; papel pardo / cartolina; lápis e papel.

Subsídios *O homem que desconhece Deus e não quer saber que forças, que recursos, que socorros d'Ele promanam, esse é comparável a um indigente que habita ao lado de palácios, cheios de tesouros, e se arrisca a morrer de miséria diante da porta que lhe está aberta e pela qual tudo o convida a entrar*¹¹.

A crença em Deus [...] se afirma e se impõe, fora e acima de todos os sistemas, de todas as filosofias, de todas as crenças⁴. O homem [...] não se pode desinteressar dela porque o homem é um ser [pensante]. O homem vive, e importa-lhe saber qual é a fonte, qual é a causa, qual é a lei da vida. A opinião que tem sobre a causa, sobre a lei do Universo, essa opinião, quer ele queira ou não, quer saiba ou não, se reflete em seus atos, em toda a sua vida pública ou particular⁷.

A questão de Deus é o mais grave de todos os problemas suspensos sobre nossas cabeças e cuja solução se liga, de maneira restrita, imperiosa, ao problema do ser humano e de seu destino, ao problema da vida individual e da vida social⁴.

O conhecimento da verdade sobre Deus, sobre o mundo e a vida é o que há de mais essencial, de mais necessário, porque é Ele que nos sustenta, nos inspira e nos dirige, mesmo à nossa revelia⁵.

A crença em Deus está instintivamente impressa na mente humana. À medida que o homem evolui, apura-se também a crença em Deus. Dessa forma, como nos ensinam os Espíritos Superiores, o sentimento instintivo de crer em Deus nos prova que Deus existe. É também [...] uma conseqüência do princípio – não há efeito sem causa².

Poder-se-ia argumentar que a crença em Deus resulta da educação recebida, conseqüência das idéias adquiridas. Entretanto, esclarecem os Espíritos da Codificação, se [...] assim fosse, porque existiria nos vossos selvagens esse sentimento?³

Opinando a respeito, Kardec nos elucida: Se o sentimento da existência de um ser supremo fosse tão-somente produto de um ensino, não seria universal e não existiria senão nos que houvessem podido receber esse ensino, conforme se dá com as noções científicas³.

Deus nos fala por todas as vozes do Infinito. E fala, não em uma Bíblia escrita há séculos, mas em uma bíblia que se escreve todos os dias, com estes característicos majestosos, que se chamam

oceanos, montanhas e astros do céu; por todas as harmonias, doces e graves, que sobem do imo da Terra ou descem dos espaços etéreos. Fala ainda no santuário do ser, nas horas de silêncio e de meditação. Quando os ruídos discordantes da vida material se calam, então a voz interior, a grande voz desperta e se faz ouvir. Essa voz sai da profundidade da consciência e nos fala dos deveres, do progresso, da ascensão da criatura. Há em nós uma espécie de retiro íntimo, uma fonte profunda de onde podem jorrar ondas de vida, de amor, de virtude, de luz. Ali se manifesta esse reflexo, esse gérmen divino, escondido em toda Alma humana⁹.

A história da idéia de Deus mostra-nos que ela sempre foi relativa ao grau intelectual dos povos e de seus legisladores, correspondendo aos movimentos civilizadores, à poesia dos climas, às raças, à florescência de diferentes povos; enfim, aos progressos espirituais da Humanidade. Descendo pelo curso dos tempos, assistimos sucessivamente aos desfalecimentos e tergiversações dessa idéia imperecível, que, às vezes fulgurante e outras vezes eclipsada, pode, todavia, ser identificada sempre, nos fastos da Humanidade¹³. Liga-se [...] estreitamente à idéia de Lei, e assim à de dever e de sacrifício. A idéia de Deus liga-se a todas as noções indispensáveis à ordem, à harmonia, à elevação dos seres e das sociedades. Eis por que, logo que a idéia de Deus se enfraquece, todas essas noções se debilitam; desaparecem, pouco a pouco, para dar lugar ao personalismo, à presunção, ao ódio por toda autoridade, por toda direção, por toda lei superior¹⁰.

Diremos, pois, que desconhecer, desprezar a crença em Deus e a comunhão do pensamento que a Ele se liga [...] seria, ao mesmo tempo, desconhecer o que há de maior, e desprezar as potências interiores que fazem a nossa verdadeira riqueza. Seria calcar aos pés nossa própria felicidade, tudo que pode fazer nossa elevação, nossa glória, nossa ventura¹¹.

A idéia de Deus impõe-se por todas as faculdades do nosso Espírito, ao mesmo tempo que nos fala aos nossos olhos os esplendores do Universo. A inteligência suprema revela a causa eterna, na qual todos os seres vêm haurir a força, a luz e a vida. Aí está o Espírito Divino, o Espírito Potente, que se venera sob tantas denominações; mas, sob todos esses nomes, é sempre o centro, a lei viva, a razão pela qual os seres e os mundos se sentem viver, se conhecem, se renovam e elevam⁸.

Viver sem a crença em um ser superior é negar a obra da Criação; é omitir o evidente, o real; é alimentar o nosso orgulho; é permanecer no estado de ignorância em que ainda nos encontramos, é, em suma, negar a realidade que está ao alcance de todos, pois tudo no Universo, o visível e o invisível, e, principalmente, a nossa consciência, nos fala de um Ser superior.

A crença em Deus é, além disso, questão essencial para o entendimento da Doutrina Espírita. Entretanto, para elucidar esse assunto de tão magna importância, [...] *temos agora recursos mais elevados que os do pensamento humano; temos o ensino daqueles que deixaram a Terra, a apreciação das Almas que, tendo franqueado o túmulo, nos fazem ouvir, do fundo do mundo invisível, seus conselhos, seus apelos, suas exortações. Verdade é que nem todos os Espíritos são igualmente aptos a tratar dessas questões. [...] Nem todos estão igualmente desenvolvidos; não chegaram todos ao mesmo grau de evolução. [...] Acima, porém, da multidão das Almas obscuras, ignorantes, atrasadas, há Espíritos eminentes, descidos das esferas [superiores] para esclarecer e guiar a Humanidade. Ora, que dizem esses Espíritos sobre a questão de Deus? A existência da Potência Suprema é afirmada por todos os Espíritos elevados*⁶. Todos [...] *aqueles cujos ensinamentos têm reconfortado as nossas almas, mitigado nossas misérias, sustentado nossos desfalecimentos, são unânimes em afirmar, em repetir, em reconhecer a alta Inteligência que governa os seres e os mundos.*

*Eles dizem que essa Inteligência se revela mais brilhante e mais sublime à medida que se escalam os degraus da vida espiritual*⁶.

Assim, nos esclarecem os Espíritos Superiores na primeira questão de O Livro dos Espíritos:

Que é Deus?

*Deus é a inteligência suprema, causa primária [primeira] de todas as coisas*¹.

Afirmando a existência de uma causa primeira no Universo, os Espíritos Superiores trazem, dessa forma, um novo conceito de Deus para a Humanidade, oposto à idéia de um deus antropomórfico, parcial e vingador, apresentado pelas religiões de um modo geral. *Pode-se levar mais longe do que temos feito a definição de Deus? Definir é limitar. Em face deste grande problema, a fraqueza humana aparece. Deus impõe-se ao nosso Espírito, porém escapa a toda análise. O Ser que enche o tempo e o espaço não será jamais medido por seres limitados pelo tempo e pelo espaço. Querer definir Deus seria circunscrevê-lo e quase negá-lo [...]. Para resumir, tanto quanto podemos, tudo o que pensamos referente a Deus, diremos que Ele é a Vida, a Razão, a Consciência em sua plenitude. É a causa eternamente operante de tudo o que existe. É a comunhão universal, onde cada ser vai sorver a existência, a fim de, em seguida, concorrer, na medida de suas faculdades crescentes e de sua elevação, para a harmonia do conjunto*¹².

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Questão 1, p. 51.
2. _____. Questão 5, p. 52.
3. _____. Questão 6, p. 52.
4. DENIS, Léon. *O grande enigma*. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Primeira parte. Cap. 5 (Necessidade da idéia de Deus), p. 69.
5. _____. p. 70.
6. _____. p. 70-71.
7. _____. p. 72.
8. _____. p. 82.
9. _____. Cap. 6 (As leis universais), p. 82-83.
10. _____. Cap. 7 (A idéia de Deus e a experimentação psíquica), p. 95.
11. _____. Cap. 8 (Ação de Deus no mundo e na História), p. 98.
12. _____. *Depois da morte*. Tradução de João Lourenço de Souza. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Parte segunda, cap. 9 (O universo e Deus), p. 121-122.
13. FLAMMARION, Camille. *Deus na natureza*. Tradução de Manuel Quintão. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Tomo 5 (Deus), p. 385.

ROTEIRO 2

Provas da existência de Deus

Objetivo específico

- Citar e analisar provas da existência de Deus.

Conteúdo básico

- A prova da existência de Deus, como dizem os Espíritos, pode ser encontrada num [...] *axioma que aplicais às vossas ciências. Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 4.
- *Deus não se mostra, mas se revela pelas suas obras.* Allan Kardec: *A gênese*. Cap. 2, item 6.
- *A existência de Deus é, pois, uma realidade comprovada não só pela revelação [dos Espíritos Superiores] como pela evidência material dos fatos. Os povos selvagens nenhuma revelação tiveram; entretanto, crêem instintivamente na existência de um poder sobre-humano.* Allan Kardec: *A gênese*. Cap. 2, item 7.

Sugestões didáticas

Introdução

- Apresentar à turma a seguinte questão, no início da aula.
 - Como interpretar a existência de Deus, considerando esta afirmativa de Kardec: *Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá.*

Desenvolvimento

- Em seguida, anotar em destaque as idéias emitidas pelos participantes, analisando-as.
- Em seqüência, dividir a turma em pequenos grupos e pedir-lhes que realizem a tarefa que se segue.
 1. ler os *subsídios* do Roteiro;
 2. trocar opiniões a respeito do texto lido;
 3. citar provas da existência de Deus.
- Concluído o trabalho em grupo, convidar os relatores que apresentem as conclusões em plenária.
- Solicitar a um dos participantes a leitura, em voz alta, da página do Espírito Meimei inserida em anexo.

Conclusão

- Fazer uma análise geral das conclusões apresentadas pelos relatores, assim como do conteúdo da mensagem de Meimei, destacando a idéia espírita de que a existência de Deus é instintiva no ser humano e independe da educação (*O Livro dos Espíritos*, questões 5 e 6).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes souberem relacionar e analisar corretamente as provas da existência de Deus.

Técnica(s): explosão de idéias; exposição; trabalho em pequenos grupos.

Recurso(s): *subsídios* do Roteiro; cartaz; *flip-chart* / quadro de giz / pincel; texto; papel; lápis.

Subsídios

Cada religião [...] explica Deus à sua maneira; cada teoria o descreve a seu modo. E de tudo isso resulta uma confusão, um caos inextricável. [...] Dessa confusão, os ateus têm tirado argumentos para negar a existência de Deus; os positivistas, para o declarar «incognoscível». Como remediar tal desordem? Como escapar a essas contradições? Da mais simples maneira. Basta elevarmo-nos acima das teorias e dos sistemas, bastante alto para as ligar em seu conjunto e pelo que têm de comum. Basta elevarmo-nos até à grande Causa, na qual tudo se resume e tudo se explica ¹⁰.

Duvidar da existência de Deus é negar que todo efeito tem uma causa e declarar que o nada pode fazer alguma coisa. A prova da existência de Deus, como dizem os Espíritos Superiores, pode ser encontrada em um [...] axioma que aplicais às vossas ciências. Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá ⁶.

Vemos constantemente uma imensidade de efeitos, cuja causa não está na Humanidade, pois que a Humanidade é impotente para produzi-los, ou, sequer, para os explicar. [...] Tais efeitos absolutamente não se produzem ao acaso, fortuitamente e em desordem. Desde a organização do mais pequenino inseto e da mais insignificante semente, até a lei que rege os mundos que circulam, no Espaço, tudo atesta uma idéia diretora, uma combinação, uma providência, uma solicitude, que ultrapassam todas as combinações humanas. A causa é, pois, soberanamente inteligente ⁹.

Constitui princípio elementar que pelos seus efeitos é que se julga de uma causa, mesmo quando ela se conserve oculta. Se, fendendo os ares, um pássaro é atingido por mortífero grão de chumbo, deduz-se que hábil atirador o alvejou, ainda que este último não seja visto. Nem sempre, pois, se faz necessário vejamos uma coisa, para sabermos que ela existe. Em tudo, observando os efeitos é que se chega ao conhecimento das causas ¹.

Outro princípio igualmente elementar e que, de tão verdadeiro, passou a axioma, é o de que todo efeito inteligente tem que decorrer de uma causa inteligente. Se perguntassem qual o construtor de certo mecanismo engenhoso, que pensaríamos de quem respondesse que ele se fez a si mesmo? Quando se contempla uma obra-prima da arte ou da indústria, diz-se que há de tê-la produzido um homem de gênio, porque só uma alta inteligência poderia concebê-

-la. Reconhece-se, no entanto, que ela é obra de um homem, por se verificar que não está acima da capacidade humana; mas, a ninguém acudirá a idéia de dizer que saiu do cérebro de um idiota ou de um ignorante, nem, ainda menos, que é trabalho de um animal, ou produto do acaso ².

Não podendo nenhum ser humano criar o que a Natureza produz, a causa primária [primeira] é, conseguintemente, uma inteligência superior à Humanidade. Quaisquer que sejam os prodígios que a inteligência humana tenha operado, ela própria tem uma causa e, quanto maior for o que opere, tanto maior há de ser a causa primária [primeira]. Aquela inteligência superior é que é a causa primária [primeira] de todas as coisas, seja qual for o nome que lhe dêem ⁸.

Pois bem! Lançando o olhar em torno de si, sobre as obras da Natureza, notando a providência, a sabedoria, a harmonia que presidem a essas obras, reconhece o observador não haver nenhuma que não ultrapasse os limites da mais portentosa inteligência humana. Ora, desde que o homem não as pode produzir, é que elas são produto de uma inteligência superior à Humanidade, a menos que se sustente que há efeitos sem causa ³.

A harmonia existente no mecanismo do Universo patenteia combinações e desígnios determinados e, por isso mesmo, revela um poder inteligente. Atribuir a formação primária ao acaso é insensatez, pois que o acaso é cego e não pode produzir os efeitos que a inteligência produz. Um acaso inteligente já não seria acaso ⁷.

Deus não se mostra, mas se revela pelas suas obras ⁴.

A existência de Deus é, pois, uma realidade comprovada não só pela revelação, como pela evidência material dos fatos. Os povos selvagens nenhuma revelação tiveram; entretanto, crêem instintivamente na existência de um poder sobre-humano. Eles vêem coisas que estão acima das possibilidades do homem e deduzem que essas coisas provêm de um ente superior à Humanidade. Não demonstram raciocinar com mais lógica do que os que pretendem que tais coisas se fizeram a si mesmas? ⁵

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 2, item 2, p. 53.
2. _____. Item 3, p. 53-54.
3. _____. Item 5, p. 54.
4. _____. Item 6, p. 55-56.
5. _____. Item 7, p. 55.
6. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Questão 4, p. 52.
7. _____. Questão 8, p. 53.
8. _____. Questão 9, p. 53.
9. _____. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 38. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Profissão de fé espírita raciocinada. Primeira Parte. Cap. 1 (Deus), item 1, p. 31.
10. DENIS, Léon. *O grande enigma*. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Primeira parte. Cap. 9 (Objeções e contradições), p. 110-111.

Anexo Provas da Existência de Deus

Existência de Deus *

Conta-se que um velho árabe analfabeto orava com tanto fervor e com tanto carinho, cada noite, que, certa vez, o rico chefe de grande caravana chamou-o à sua presença e lhe perguntou:

— Por que oras com tanta fé? Como sabes que Deus existe, quando nem ao menos sabes ler?

O crente fiel respondeu:

— Grande senhor, conheço a existência de Nosso Pai Celeste pelos sinais dele.

— Como assim? — indagou o chefe, admirado.

O servo humilde explicou-se:

— Quando o senhor recebe uma carta de pessoa ausente, como reconhece quem a escreveu?

— Pela letra.

— Quando o senhor recebe uma jóia, como é que se informa quanto ao autor dela?

— Pela marca do ourives.

O empregado sorriu e acrescentou:

— Quando ouve passos de animais, ao redor da tenda, como sabe, depois, se foi um carneiro, um cavalo ou um boi?

— Pelos rastros — respondeu o chefe, surpreso.

Então, o velho crente convidou-o para fora da barraca e, mostrando-lhe o céu onde a lua brilhava, cercada por multidões de estrelas, exclamou, respeitoso:

— Senhor, aqueles sinais, lá em cima, não podem ser dos homens!

Nesse momento, o orgulhoso caravaneiro, de olhos lacrimosos, ajoelhou-se na areia e começou a orar também.

* XAVIER, Francisco Cândido. *Pai nosso*. Pelo Espírito Meimei. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006, cap. I.

ROTEIRO 3

Atributos da divindade

Objetivos específicos ■ Citar os atributos da divindade, segundo o Espiritismo, analisando-os.

- Destacar a idéia de Deus ensinada por Jesus.

Conteúdo básico

- *Deus é eterno. Se tivesse tido princípio, teria saído do nada, ou, então, também teria sido criado por um ser anterior.*
 - *É imutável. Se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo nenhuma estabilidade teriam.*
 - *É imaterial. Quer isto dizer que a sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria.*
 - *É único. Se muitos Deuses houvesse, não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder na ordenação do Universo.*
 - *É onipotente. Ele o é, porque é único. Se não dispusesse do soberano poder, algo haveria mais poderoso ou tão poderoso quanto ele, que então não teria feito todas as coisas.*
 - *É soberanamente justo e bom. A sabedoria providencial das leis divinas se revela, assim nas mais pequenas coisas, como nas maiores, e essa sabedoria não permite se duvide nem da justiça nem da bondade de Deus. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 13 – comentário.*
- *E a ninguém na terra chameis vosso pai, porque um só é o vosso Pai, o qual está nos céus. (Mateus, 23:9.)*

Sugestões didáticas

Introdução

- Apresentar o assunto e os objetivos da aula.
- Em seguida, entregar a cada participante uma cópia da poesia *Deus*, de Antero de Quental, que deverá ser lida em voz alta por um voluntário. (Veja anexo).
- Interpretar, em conjunto com a turma, as idéias do autor expressas na poesia.

Desenvolvimento

- Dividir a turma em seis pequenos grupos.

Grupo I:

1. ler os *subsídios* do Roteiro;
2. estudar o atributo divino *eternidade*;
3. elaborar um texto que analise o atributo estudado.

Grupo II:

1. ler os *subsídios* do Roteiro;
2. estudar os atributos divinos *imutabilidade e imaterialidade*;
3. elaborar um texto que analise o atributo estudado.

Grupo III:

1. ler os *subsídios* do Roteiro;
2. estudar os atributos divinos *unicidade e onipotência*;
3. elaborar um texto que analise o atributo estudado.

Grupo IV:

1. ler os *subsídios* do Roteiro;
2. estudar o atributo divino *suprema e soberana inteligência*;
3. elaborar um texto que analise o atributo estudado.

Grupo V:

1. ler os *subsídios* do Roteiro;
2. estudar os atributos divinos *soberana justiça e bondade*;
3. elaborar um texto que analise o atributo estudado.

Grupo VI:

1. ler os *subsídios* do Roteiro;
2. estudar o atributo divino *perfeição infinita*;
3. elaborar um texto que analise o atributo estudado.

- Solicitar aos representantes dos grupos que leiam, em voz alta, os textos elaborados.

- Prestar os esclarecimentos necessários.

Conclusão

- Pedir aos participantes que releiam a poesia entregue no início da aula, identificando no texto os atributos da divindade.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes citarem corretamente os atributos da divindade, analisando cada um deles.

Técnica(s): análise de texto (poesia); trabalho em pequenos grupos.

Recurso(s): *subsídios* do Roteiro; poesia.

Subsídios

A inferioridade das faculdades do homem não lhe permite compreender a natureza íntima de Deus. Na infância da Humanidade, o homem o confunde muitas vezes com a criatura, cujas imperfeições lhe atribui; mas, à medida que nele se desenvolve o senso moral, seu pensamento penetra melhor no âmago das coisas; então, faz idéia mais justa da Divindade e, ainda que sempre incompleta, mais conforme à sã razão ¹¹.

Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom, temos idéia completa de seus atributos? ¹²

A este questionamento de Allan Kardec responderam os Espíritos Superiores: *Do vosso ponto de vista, sim, porque credes abranger tudo. Sabei, porém, que há coisas que estão acima da inteligência do homem mais inteligente, as quais a vossa linguagem, restrita às vossas idéias e sensações, não tem meios de exprimir. A razão, com efeito, vos diz que Deus deve possuir em grau supremo essas perfeições, porquanto, se uma lhe faltasse, ou não fosse infinita, já ele não seria superior a tudo, não seria, por conseguinte, Deus. Para estar acima de todas as coisas, Deus tem que se achar isento de qualquer vicissitude e de qualquer das imperfeições que a imaginação possa conceber* ¹².

Deus é a suprema e soberana inteligência. É limitada a inteligência do homem, pois que não pode fazer, nem compreender, tudo o que existe. A de Deus, abrangendo o infinito, tem que ser infinita. Se a supuséssemos limitada num ponto qualquer, poderíamos conceber outro ser mais inteligente, capaz de compreender e fazer o que o primeiro não faria e assim por diante, até ao infinito ¹.

Deus é eterno, isto é, não teve começo e não terá fim. Se tivesse tido princípio, houvera saído do nada. Ora, não sendo o nada coisa alguma, coisa nenhuma pode produzir. Ou, então, teria sido criado por outro ser anterior e, nesse caso, este ser é que seria Deus. Se lhe supuséssemos um começo ou fim, poderíamos conceber uma entidade existente antes dele e capaz de lhe sobreviver, e assim por diante, ao infinito ².

Deus é imutável. Se estivesse sujeito a mudanças, nenhuma estabilidade teriam as leis que regem o Universo ³.

*Deus é imaterial, isto é, a sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria. De outro modo, não seria imutável, pois estaria sujeito às transformações da matéria. Deus carece de forma apreciável pelos nossos sentidos, sem o que seria matéria. Dizemos: a mão de Deus, o olho de Deus, a boca de Deus, porque o homem, nada mais conhecendo além de si mesmo, toma a si próprio por termo de comparação para tudo o que não compreende. São ridículas essas imagens em que Deus é representado pela figura de um ancião de longas barbas e envolto num manto. Têm o inconveniente de rebaixar o Ente supremo até às mesquinhas proporções da Humanidade. Daí a lhe emprestarem as paixões humanas e a fazerem-no um Deus colérico e cioso, não vai mais que um passo*⁴.

*Deus é onipotente. Se não possuísse o poder supremo, sempre se poderia conceber uma entidade mais poderosa e assim por diante, até chegar-se ao ser cuja potencialidade nenhum outro ultrapassasse. Esse então é que seria Deus*⁵.

*Deus é soberanamente justo e bom. A providencial sabedoria das leis divinas se revela nas mais pequeninas coisas, como nas maiores, não permitindo essa sabedoria que se duvide da sua justiça, nem da sua bondade. O fato de ser infinita uma qualidade, exclui a possibilidade de uma qualidade contrária, porque esta a apoucaria ou anularia. Um ser infinitamente bom não poderia conter a mais insignificante parcela de malignidade, nem o ser infinitamente mau conter a mais insignificante parcela de bondade, do mesmo modo que um objeto não pode ser de um negro absoluto, com a mais ligeira nuance de branco, nem de um branco absoluto com a mais pequenina mancha preta. Deus, pois, não poderia ser simultaneamente bom e mau, porque então, não possuindo qualquer dessas duas qualidades no grau supremo, não seria Deus; todas as coisas estariam sujeitas ao seu capricho e para nenhuma haveria estabilidade. Não poderia ele, por conseguinte, deixar de ser ou infinitamente bom ou infinitamente mau. Ora, como suas obras dão testemunho da sua sabedoria, da sua bondade e da sua solicitude, concluir-se-á que, não podendo ser ao mesmo tempo bom e mau sem deixar de ser Deus, ele necessariamente tem de ser infinitamente bom. A soberana bondade implica a soberana justiça, porquanto, se ele procedesse injustamente ou com parcialidade numa só circunstância que fosse, ou com relação a uma só de suas criaturas, já não seria soberanamente justo e, em consequência, já não seria soberanamente bom*⁶.

*Deus é infinitamente perfeito. É impossível conceber-se Deus sem o infinito das perfeições, sem o que não seria Deus, pois sempre se poderia conceber um ser que possuísse o que lhe faltasse. Para que nenhum ser possa ultrapassá-lo, faz-se mister que ele seja infinito em tudo. Sendo infinitos, os atributos de Deus não são suscetíveis nem de aumento, nem de diminuição, visto que, do contrário, não seriam infinitos e Deus não seria perfeito. Se lhe tirassem a qualquer dos atributos a mais mínima parcela, já não haveria Deus, pois que poderia existir um ser mais perfeito*⁷.

Deus é único. A unicidade de Deus é consequência do fato de serem infinitas as suas perfeições. Não poderia existir outro Deus, salvo sob a condição de ser igualmente infinito em todas as coisas, visto que, se houvesse entre eles a mais ligeira diferença, um seria inferior ao outro, subordinado ao poder desse outro e, então, não seria Deus. Se houvesse entre ambos igualdade absoluta, isso equivaleria a existir, de toda eternidade, um mesmo pensamento, uma mesma vontade, um mesmo poder. Confundidos assim, quanto à identidade, não haveria, em realidade, mais que um único Deus. Se cada um tivesse atribuições especiais, um não faria o que o outro fizesse; mas, então, não existiria igualdade perfeita entre eles, pois que nenhum possuiria a autoridade soberana ⁸.

A mais elevada concepção de Deus que podemos abrigar no Santuário do Espírito é aquela que Jesus nos apresentou, em no-lo revelando Pai amoroso e justo, à espera dos nossos testemunhos de compreensão e de amor ¹³.

Jesus não [...] se sentou na praça pública para explicar a natureza de Deus e, sim, chamou-lhe simplesmente «Nosso Pai», indicando os deveres de amor e reverência com que nos cabe contribuir na extensão e no aperfeiçoamento da Obra Divina ¹⁴.

Por este ensinamento, o Cristo nos esclarece que todos [...] somos irmãos, filhos de um só Pai, que nos aguarda sempre, de braços abertos, para a suprema felicidade no eterno bem!... ¹⁶

O Mestre queria dizer-nos que Deus, acima de tudo, é nosso Pai. Criador dos homens, das estrelas e das flores. Senhor dos céus e da Terra. Para Ele, todos somos filhos abençoados. Com essa afirmativa, Jesus igualmente nos explicou que somos no mundo uma só família e que, por isso, todos somos irmãos, com o dever de ajudar-nos uns aos outros [...]. Na condição de aprendizes do nosso Divino Mestre, devemos seguir-lhe o exemplo. Se sentirmos Deus como Nosso Pai, reconheceremos que os nossos irmãos se encontram em toda parte e estaremos dispostos a ajudá-los, a fim de sermos ajudados, mais cedo ou mais tarde. A vida só será realmente bela e gloriosa, na Terra, quando pudermos aceitar por nossa grande família a Humanidade inteira ¹⁵.

Em resumo, Deus não pode ser Deus, senão sob a condição de que nenhum outro o ultrapasse, porquanto o ser que o excedesse no que quer que fosse, ainda que apenas na grossura de um cabelo, é que seria o verdadeiro Deus. Para que tal não se dê, indispensável se torna que ele seja infinito em tudo. É assim que, comprovada pelas suas obras a existência de Deus, por simples dedução lógica se chega a determinar os atributos que o caracterizam ⁹.

Deus é, pois, a inteligência suprema e soberana, é único, eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as perfeições, e não pode ser diverso disso ¹⁰.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 2, item 9, p. 56.
2. _____. Item 10, p. 57.
3. _____. Item 11, p. 57.
4. _____. Item 12, p. 57.
5. _____. Item 13, p. 57.
6. _____. Item 14, p. 57-58.
7. _____. Item 15, p. 58-59.
8. _____. Item 16, p. 59.
9. _____. Item 18, p. 59.
10. _____. Item 19, p. 60.
11. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Questão 11, p. 54.
12. _____. Questão 13, p. 54.
13. XAVIER, Francisco Cândido. *Palavras de Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002, cap. 14, p. 71-72.
14. _____. p. 72.
15. _____. *Pai nosso*. Pelo Espírito Meimei. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Item 1, p. 11.
16. _____. *Roteiro*. Pelo Espírito Emmanuel. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, cap. 40 (Ante o infinito), p. 169.

Anexo Deus *

Antero de Quental

Quem, senão Deus, criou obra tamanha,
O espaço e o tempo, as amplidões e as eras,
Onde se agitam turbilhões de esferas,
Que a luz, a excelsa luz, aquece e banha?
Quem, senão ELE, fez a esfinge estranha
No segredo inviolável das moneras,
No coração dos homens e das feras,
No coração do mar e da montanha?!
Deus!... somente o Eterno, o Impenetrável,
Poderia criar o imensurável
E o Universo infinito criaria!...
Suprema paz, intérmina piedade,
E que habita na eterna claridade
Das torrentes da Luz e da Harmonia!

* XAVIER, Francisco Cândido. *Parnaso de além-túmulo*. Diversos Espíritos. (Pelo Espírito Antero de Quental). 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006, p. 90.

ROTEIRO 4

A providência divina

Objetivos específicos

- Conceituar providência divina.
- Explicar como se realiza a ação providencial de Deus para com as criaturas.

Conteúdo básico

- *A providência é a solicitude de Deus para com as suas criaturas. Ele está em toda parte, tudo vê, a tudo preside, mesmo às coisas mais mínimas. É nisto que consiste a ação providencial. Allan Kardec: A gênese. Cap. 2, item 20.*
- *Para estender a sua solicitude a todas as criaturas, não precisa Deus lançar o olhar do Alto da imensidade. As nossas preces, para que ele as ouça, não precisam transpor o espaço, nem ser ditas com voz retumbante, pois que, estando de contínuo ao nosso lado, os nossos pensamentos repercutem nele. Os nossos pensamentos são como os sons de um sino, que fazem vibrar todas as moléculas do ar ambiente. Allan Kardec: A gênese. Cap. 2, item 24.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Citar os objetivos da aula.
- Mostrar em transparências, ou cartaz, os versículos 19 a 21 e 25 a 31 do capítulo 6 de Mateus. (Veja anexo)
- Pedir a um ou mais participantes que leiam o texto evangélico em voz alta.
- Solicitar à turma que, em duplas, responda às seguintes perguntas:
 - Como se manifesta a providência de Deus entre os seres inferiores da criação?
 - Como se realiza a ação providencial de Deus para com os seres humanos?
- Ouvir as respostas das duplas, em seguida destacando que a solicitude de Deus para com os seres da Criação é dada de acordo com as necessidades de sua subsistência.

Desenvolvimento

- Em conjunto com os participantes, conceituar Providência Divina, esclarecendo a forma como ela se manifesta.
- Pedir a um ou outro participante que relatem uma experiência que fique demonstrada a ação providencial de Deus.

Conclusão

- Concluir a aula, retornar aos objetivos do roteiro, estabelecendo uma ligação com os assuntos estudados.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes souberem conceituar Providência Divina e explicar a ação providencial de Deus para com as criaturas.

Técnica(s): estudo em duplas; exposição; trabalho em plenária.

Recurso(s): cartaz/transparência; texto evangélico.

Subsídios *A Providência é a solicitude de Deus para com as suas criaturas*¹. É a suprema sabedoria com que o Criador conduz todas as coisas, é o cuidado constante, o zelo ininterrupto, [...] é o espírito superior, é o anjo velando sobre o infortúnio, é o consolador invisível, [...] é o farol aceso no meio da noite, para a salvação dos que erram sobre o mar tempestuoso da vida. A Providência é, ainda, principalmente, o amor divino derramando-se a flux sobre suas criaturas⁸.

Deus [...] está em toda parte, tudo vê, a tudo preside, mesmo às coisas mais mínimas. É nisto que consiste a ação providencial. Como pode Deus, tão grande, tão poderoso, tão superior a tudo, imiscuir-se em pormenores ínfimos, preocupar-se com os menores atos e os menores pensamentos de cada indivíduo? Esta a interrogação que a si mesmo dirige o incrédulo, concluindo por dizer que, admitida a existência de Deus, só se pode admitir, quanto à sua ação, que ela se exerça sobre as leis gerais do Universo; que este funcione de toda a eternidade em virtude dessas leis, às quais toda criatura se acha submetida na esfera de suas atividades, sem que haja mister a intervenção incessante da Providência².

Achamo-nos então, constantemente, em presença da Divindade; nenhuma das nossas ações lhe podemos subtrair ao olhar; o nosso pensamento está em contato ininterrupto com o seu pensamento, havendo, pois, razão para dizer-se que Deus vê os mais profundos refulhos do nosso coração. Estamos nele, como ele está em nós, segundo a palavra do Cristo. Para estender a sua solicitude a todas as criaturas, não precisa Deus lançar o olhar do Alto da imensidade. As nossas preces, para que ele as ouça, não precisam transpor o espaço, nem ser ditas com voz retumbante, pois que, estando de contínuo ao nosso lado, os nossos pensamentos repercutem nele. Os nossos pensamentos são como os sons de um sino, que fazem vibrar todas as moléculas do ar ambiente³.

Nada obsta a que se admita, para o princípio da soberana inteligência, um centro de ação, um foco principal a irradiar incessantemente, inundando o Universo com seus eflúvios, como o Sol com a sua luz. Mas onde esse foco? É o que ninguém pode dizer. Provavelmente, não se acha fixado em determinado ponto, como não o está a sua ação, sendo também provável que percorra constantemente as regiões do espaço sem fim. Se simples Espíritos têm o

dom da ubiqüidade, em Deus há de ser sem limites essa faculdade. Enchendo Deus o Universo, poder-se-ia ainda admitir, a título de hipótese, que esse foco não precisa transportar-se, por se formar em todas as partes onde a soberana vontade julga conveniente que ele se produza, donde o poder dizer-se que está em toda parte e em parte nenhuma ⁴.

A ação providencial de Deus pode ser percebida nas seguintes palavras de Emmanuel:

Se acreditas que o hálito das entidades angélicas bafeja exclusivamente os cultivadores da virtude, medita na Providência Divina que honra o Sol, na grandeza do Espaço, mas induzindo-o a sustentar os seres que ainda jazem colados à crosta do Planeta, inclusive os últimos vermes que rastejam no chão.

Contempla os quadros que te circundam, em todas as direções, e reconhecerás o Amor Infinito buscando suprimir, em silêncio, as situações deprimentes da natureza.

Cachoeiras cobrem abismos.

Fontes alimentam a terra seca.

Astros clareiam o céu noturno.

Flores valorizam espinheirais.

No campo de pensamento em que estagias, surpreenderás esse mesmo Infinito Amor, procurando extinguir as condições inferiores da Humanidade.

Pais transfigurados em gênios de ternura.

Professores desfazendo as sombras da ignorância.

Médicos a sanarem doenças.

Almas generosas socorrendo a necessidade ⁹.

Entendemos, assim, que *Deus se ocupa com todos os seres que criou, por mais pequeninos que sejam. Nada, para a sua bondade, é destituído de valor* ⁶.

Devemos, entretanto, considerar que, a despeito da ação providencial de Deus para com todas as suas criaturas, estamos vinculados aos resultados do nosso livre-arbítrio. Dessa forma, todas [...] *nossas ações estão submetidas às leis de Deus. Nenhuma há, por mais insignificante que nos pareça, que não possa ser uma violação daquelas leis. Se sofrermos as conseqüências dessa violação, só nos devemos queixar de nós mesmos, que desse modo nos fazemos os causadores da nossa felicidade, ou da nossa infelicidade futuras* ⁷.

Fica claro, portanto, que a Providência Divina se manifesta duplamente: sob a forma de misericórdia e de justiça, porque a [...] *compaixão, filha do Amor, desejará estender sempre o braço que salva, mas a justiça, filha da Lei, não prescinde da ação que retifica. Haverá recursos da misericórdia para as situações mais deplo-*

ráveis. Entretanto, a ordem legal do Universo cumprir-se-á, invariavelmente. Em virtude, pois, da realidade, é justo que cada filho de Deus assuma responsabilidades e tome resoluções por si mesmo ¹⁰.

As provações da vida representam, assim, os cuidados de Deus para com todos os seus filhos, oferecendo-lhes benditas oportunidades de progresso espiritual, como nos esclarece o benfeitor Emmanuel:

Em todas as provas que te assaltem os dias, considera a quota das bênçãos que te rodeiam, e, escorando-te na fé e na paciência, reconhecerás que a Divina Providência está agindo contigo e por teu intermédio, sustentando-te, em meio dos problemas que te marcam a estrada, para doar-lhes a solução ¹¹.

Diante desses problemas insondáveis, cumpre que a nossa razão se humilhe. Deus existe: disso não poderemos duvidar. É infinitamente justo e bom: essa a sua essência. A tudo se estende a sua solicitude: compreendemo-lo. Só o nosso bem, portanto, pode ele querer, donde se segue que devemos confiar nele: é o essencial. Quanto ao mais, esperemos que nos tenhamos tornado dignos de o compreender ⁵.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 2, item 20, p. 60.
2. _____. p. 60-61.
3. _____. Item 24, p. 62-63.
4. _____. Item 29, p. 64-65.
5. _____. Item 30, p. 65.
6. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, questão 963, questão 447.
7. _____. questão 964, p. 447-448.
8. DENIS, Léon. *Depois da morte*. Tradução de João Lourenço de Souza. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 40 (Livre-arbítrio e providência), p. 243.
9. XAVIER, Francisco Cândido. *Justiça divina*. Pelo Espírito Emmanuel. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Item: Divino amparo, p. 97-98.
10. _____. *Obreiros da vida eterna*. Pelo Espírito André Luiz. 31. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 9 (Louvor e gratidão), p. 172.
11. _____. *Rumo certo*. Pelo Espírito Emmanuel. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 3 (Provas e bênçãos), p. 22.

Anexo **Observai os pássaros do céu ***

Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam. Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam, nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração. [...]

Por isso, vos digo: não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo, mais do que a vestimenta? Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas? E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura? E, quanto ao vestuário, porque andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham, nem fiam. E eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pequena fé? Não andeis, pois, inquietos, dizendo: Que comeremos ou que beberemos ou com que nos vestiremos? (Porque todas essas coisas os gentios procuram.) Decerto, vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas essas coisas; mas buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas. Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal.

*Mateus, 6: 19-21 e 25-34.

PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO IV

Existência e sobrevivência do Espírito

OBJETIVO GERAL

Propiciar conhecimento a respeito da existência e da sobrevivência do Espírito

ROTEIRO 1

Perispírito: conceito

Objetivo específico ■ Conceituar perispírito.

Conteúdo básico ■ *Envolvendo o gérmen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar perispírito, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 93 – comentário.*

- *O laço ou perispírito, que prende ao corpo o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro [corpo físico]. O Espírito conserva o segundo, que lhe constitui um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal [...]. Allan Kardec: O livro dos espíritos. Introdução, item 6.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Apresentar à turma uma figura esquemática do corpo físico, do perispírito e do Espírito, explicando que o corpo físico é construído pelo Espírito a partir do molde, ou matriz, denominado *perispírito*.
- Esclarecer que, devido à importância do tema, o *perispírito* será estudado em outros roteiros, cabendo a este apenas a sua conceituação.

Desenvolvimento

- Dividir a turma em grupos, de acordo com o número de participantes. Cada grupo recebe um pequeno texto, uma cartolina, pincéis atômicos, fita adesiva, e as seguintes instruções:
 - a) leitura do texto e troca de idéias sobre o assunto. (Veja anexo);
 - b) elaboração de um conceito de *perispírito*, tendo como base as idéias expressas no texto lido;
 - c) registro escrito do conceito de *perispírito* na folha de cartolina, de forma que todos possam ler à distância;
 - d) afixação da cartolina no mural da sala de aula;
 - e) indicação de um relator que, em plenário, deve fazer a leitura do texto e apresentar o conceito de *perispírito* elaborado pelo grupo.
- Ouvir os resultados do trabalho dos grupos, esclarecendo possíveis dúvidas.

Conclusão

- Fazer a integração do tema, fundamentando-se nas citações 2 e 3 da referência bibliográfica deste roteiro (*O Livro dos Espíritos*, questões 93 e 135 – comentário), e na figura apresentada no início da reunião.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os grupos elaborarem conceitos corretos de perispírito, a partir dos textos estudados.

Técnica(s): exposição; elaborando conceitos.

Recurso(s): figuras; textos; cartolinas; pincéis atômicos; fita adesiva; *O Livro dos Espíritos*.

Subsídios Allan Kardec indaga aos Espíritos Superiores: *O Espírito, propriamente dito, nenhuma cobertura tem, ou, como pretendem alguns, está sempre envolto numa substância qualquer?* A que os Espíritos respondem: *Envolve-o uma substância, vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira*². Comentando essa resposta, Kardec cria a palavra *perispírito* (do grego *peri*, em torno, e do latim *spiritus*, alma, espírito) para designar esse envoltório do Espírito, por comparação com o *perisperma*, que envolve o gérmen do fruto².

*Hão dito [afirma Kardec] que o Espírito é uma chama, uma centelha. Isto se deve entender com relação ao Espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral, a que se não poderia atribuir forma determinada. Mas, qualquer que seja o grau em que se encontre, o Espírito está sempre revestido de um envoltório, ou perispírito, cuja natureza se eteriza, à medida que ele se depura e se eleva na hierarquia espiritual. De sorte que, para nós, a idéia de forma é inseparável da de Espírito e não concebemos uma sem a outra. O perispírito faz, portanto, parte integrante do Espírito, como o corpo o faz do homem. Porém, o perispírito, por si só, não é o Espírito, do mesmo modo que só o corpo não constitui o homem, porquanto o perispírito não pensa. Ele é para o Espírito o que o corpo é para o homem: o agente ou instrumento de sua ação*⁴.

Quando encarnado o Espírito, o perispírito é o laço que o prende ao corpo físico. Esse laço [...] *é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que lhe constitui um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal* [...] ¹.

*O homem é, portanto, formado de três partes essenciais: 1º – o corpo ou ser material, análogo ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2º – a alma, Espírito encarnado que tem no corpo a sua habitação; 3º – o princípio intermediário, ou perispírito, substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito e liga a alma ao corpo. Tais, num fruto, o gérmen, o perisperma e a casca*³.

A respeito do uso dos termos *alma* e *Espírito*, Kardec assinala:

[...] *Seria mais exato reservar a palavra alma para designar o princípio inteligente, e o termo Espírito para o ser semimaterial formado desse princípio e do corpo fluídico; mas, como não se pode conceber o princípio inteligente isolado da matéria, nem o perispírito sem ser animado pelo princípio inteligente, as palavras alma e Espírito são, no uso, indiferentemente empregadas uma pela outra [...]; filosoficamente, porém, é essencial fazer-se a diferença* ⁵.

É oportuno ressaltar que o *perispírito* tem tido outras denominações, das quais destacamos: *corpo espiritual* ou *psicossoma* (Espírito André Luiz); *corpo fluídico* (Leibniz); *mediador plástico* (Cudworth); e *modelo organizador biológico*, (Ernani G. Andrade) ⁶.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução, item 6, p. 24.
2. _____. Questão 93, p. 85.
3. _____. Questão 135, p. 104-105.
4. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 76. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Primeira parte, cap. 1, item 55, p. 72-73.
5. _____. *O que é o espiritismo*. 53. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 2, item 14, p. 155.
6. ZIMMERMANN, Zalmino. *Perispírito*. 2. ed. Campinas: Centro Espírita Allan Kardec, 2002. Cap. 1 (Conceito e natureza), p. 23-24.

Anexo **Textos para conceituação de perispírito**

1. Considerado parte «[...] essencial do complexo humano, o perispírito ou psicossoma se constitui de variados fluidos que se agregam, decorrentes da energia universal primitiva de que se compõe cada Orbe, gerando uma matéria hiperfísica, que se transforma em mediador plástico entre o Espírito e o corpo físico. [...] Revestimento temporário, imprescindível à encarnação e à reencarnação, é tanto mais denso ou sutil, quanto evoluído seja o Espírito que dele se utiliza. Também considerado corpo astral, exterioriza-se através e além do envoltório carnal, irradiando-se como energia específica ou aura.» (Divaldo P. Franco: *Estudos espíritas*. Por Joanna de Ângelis. FEB. Cap. 4, p. 39).

2. «O perispírito é, ainda, corpo organizado que, representando o molde fundamental da existência para o homem, subsiste, além do sepulcro, demorando-se na região que lhe é própria, de conformidade com o seu peso específico. Formado por substâncias químicas que transcendem a série estequiogenética conhecida até agora pela ciência terrena, é aparelhagem de matéria rarefeita, alterando-se, de acordo com o padrão vibratório do campo interno. Organismo delicado, com extremo poder plástico, modifica-se sob o comando do pensamento. É necessário, porém, acentuar que o poder apenas existe onde prevaleçam a agilidade e a habilitação que só a experiência consegue conferir. Nas mentes primitivas, ignorantes e ociosas, semelhante vestidura se caracteriza pela feição pastosa, verdadeira continuação do corpo físico, ainda animalizado ou enfermiço.» (Francisco Cândido Xavier: *Roteiro*. Por Emmanuel. FEB. Cap. 6, p. 31-32.)

3. «Para definirmos, de alguma sorte, o corpo espiritual, é preciso considerar, antes de tudo, que ele não é reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o corpo mental [envoltório sutil da mente] que lhe preside a formação. Do ponto de vista da constituição e função em que se

caracteriza na esfera imediata ao trabalho do homem, após a morte, é o corpo espiritual o veículo físico por excelência, com sua estrutura eletromagnética, algo modificado no que tange aos fenômenos genésicos e nutritivos, de acordo, porém, com as aquisições da mente que o maneja. Todas as alterações que apresenta, depois do estágio berço-túmulo, verificam-se na base da conduta espiritual da criatura [...].» (Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira: *Evolução em dois mundos*. Por André Luiz. FEB, Primeira Parte, cap. 2, p.29-30.)

ROTEIRO 2

Origem e natureza do Espírito

Objetivos específicos ■ Informar a respeito da origem e da natureza do Espírito, seguindo a Doutrina Espírita.

- Explicar, em linhas gerais, como se processa a evolução do princípio inteligente.

Conteúdo básico

- *Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material. A época e o modo por que essa formação se operou é que são desconhecidos. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 79.*
- *O [...] princípio inteligente, distinto do princípio material, se individualiza e se elabora, passando pelos diversos graus da animalidade. É aí que a alma se ensaia para a vida e desenvolve, pelo exercício, suas primeiras faculdades. Allan Kardec: A gênese. Cap. 11, item 23.*
- *Os [...] Espíritos são imateriais? Imaterial não é bem o termo; incorpóreo seria mais exato, pois debes compreender que, sendo uma criação, o Espírito há de ser alguma coisa. É a matéria quintessenciada, mas sem analogia para vós outros, e tão etérea que escapa inteiramente ao alcance dos vossos sentidos. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 82. Dizemos que os Espíritos são imateriais, porque, pela sua essência, diferem de tudo o que conhecemos sob o nome de matéria. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 82 – comentário.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Introduzir o tema, explicando em linhas gerais: a) a origem e a natureza do Espírito, segundo a Doutrina Espírita; b) a diferença que existe entre princípio inteligente e Espírito.
- Em seguida, fazer aos participantes perguntas objetivas a respeito do conteúdo exposto, realizando breves comentários sobre as respostas dadas, se necessário.

Desenvolvimento

- Dividir a turma em quatro grupos. Cada grupo recebe uma ficha que contém, em uma de suas faces, uma questão (ver exemplos no anexo 1), extraída do item 2 dos *subsídios* (Evolução do princípio inteligente).
- Orientar os grupos na realização das seguintes atividades:
 - ler e debater a questão constante da ficha recebida;
 - escrever no verso da ficha o entendimento do grupo a respeito da questão proposta;
 - escolher o relator que deverá apresentar as conclusões da atividade, em plenário.
- Projetar, em transparência, as questões propostas, à medida que os relatores apresentam as conclusões do trabalho em grupo.
- Dirimir possíveis dúvidas.

Conclusão

- Fazer as considerações finais do assunto, enfatizando o seguinte: *a evolução do princípio inteligente, ocorrendo nos dois planos de vida, é necessária para a construção do veículo perispiritual e do corpo físico. Sendo assim, quando o princípio inteligente se individualiza, tornando-se Espírito, a modelagem do perispiritito atinge o ápice da escala anímica, estando, então, preparado para produzir o corpo humano.*

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as explicações dadas pelos grupos às questões propostas na fichas, e expressas nos relatos subsequentes, demonstrarem que houve entendimento do tema.

Técnica(s): exposição; fichas de estudo.

Recurso(s): *subsídios* do Roteiro; transparências (ou cartazes); retroprojetor; fichas contendo questões; lápis/caneta.

Atividade extraclasse para a próxima reunião de estudo

Solicitar aos participantes que façam uma pesquisa junto a familiares, amigos ou colegas de trabalho, pedindo a essas pessoas que respondam às seguintes perguntas:

- Você acredita na sobrevivência do Espírito? Sim () Não ()
- Considerando a resposta anterior, dê um exemplo do que você entende por prova da sobrevivência ou da não-sobrevivência do Espírito.

Observação: As respostas devem ser tabuladas para a apresentação na próxima reunião de estudo.

Subsídios 1. Origem do Espírito

Ensina a Doutrina Espírita que o espírito (escrito em letra minúscula) é o [...] *princípio inteligente do Universo* ⁽⁶⁾, sendo a inteligência seu atributo essencial ⁷. Esse princípio inteligente, que tem sua origem no [...] *elemento inteligente universal* ²¹, passa por um processo de elaboração e individualização até transformar-se no ser denominado Espírito. ^{4, 23}

Assim, a palavra Espírito, tanto é empregada para designar o princípio inteligente do Universo, quanto para designar esse mesmo princípio após a sua individualização. O Espírito (princípio inteligente individualizado) é criado por Deus. Não é, porém, uma emanção ou uma porção da Divindade. É sua obra, [...] *exatamente qual a máquina o é do homem que a fabrica. A máquina é obra do homem, não é o próprio homem* ¹⁰.

Deus cria o Espírito pela sua vontade, como o faz em relação a tudo no Universo ¹³. Como Deus jamais deixou de criar, a criação dos Espíritos é permanente ¹².

O Espírito é a individualização do princípio inteligente assim como o corpo é a individualização do princípio material ¹¹. Essa individualização do princípio inteligente se efetua numa série de existências que precedem o período da Humanidade ²², existências essas onde o princípio inteligente passa a primeira fase do seu desenvolvimento, ensaiando-se para a vida. Esse seria para o Espírito, por assim dizer, o seu período de incubação ⁴. *É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. Entra então no período da humanização, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos* ²³.

2. Evolução do princípio inteligente

A propósito, ensinam os Espíritos Superiores que os elementos orgânicos formadores dos germens que propiciaram a união do princípio inteligente à matéria achavam-se, [...] *por assim dizer, no estado de fluido no Espaço, no meio dos Espíritos, ou em outros planetas, à espera da criação da Terra para começa-*

*rem existência nova em novo globo*⁹. Depois de criada a Terra, esses germens ficaram aguardando as condições propícias para se desenvolverem no planeta ⁸.

Assim, podemos dizer que o princípio inteligente se individualiza [...] *lentamente por um processo de elaboração das formas inferiores da natureza, a fim de atingir gradativamente a humanidade, [...]. Através de mil modelos inferiores, nos labirintos de uma escalada ininterrupta; através das mais bizarras formas; sob a pressão dos instintos e a sevícia de forças inverossímeis, [...] vai tendendo para a luz, para a consciência esclarecida, para a liberdade. Esses inúmeros avatares, em milhares de organismos diferentes, devem dotar [...] [o princípio inteligente] de todas as forças que lhe hajam de servir mais tarde. Eles têm por objeto desenvolver o envoltório fluídico, dar-lhe a necessária plasticidade, fixando nele as leis cada vez mais complexas que regem as formas vivas, criando-lhes, assim, um tesouro [potencial], mediante o qual possam, um dia, manipular a matéria, de modo inconsciente, para que o Espírito possa operar sem o entrave dos liames terrestres. Quem recusará ver nos milhões de existências a palpitem no Planeta a elaboração sublime da inteligência, prosseguindo incessante na extensão indefinita do tempo e do espaço? São as eternas leis da evolução que arrastam o princípio inteligente a destinos cada vez mais altanados, para um futuro sempre melhor, desdobrando-se em panorama de renovadas perspectivas, a partir da idade primária aos nossos dias. [...] Não foi o acaso que gerou essas espécies animais e vegetais. No seu desfile, a conseqüente possui sempre algo mais que a antecedente e, quando a Ciência nos desvenda os quadros sucessivos dessas transmutações, é que vemos a inapreciável riqueza nelas contida, a ampliar-se sempre. Quanta majestade nessas fases de transição! Que grandeza nessa marcha lenta, porém firme, para chegar ao homem, florescência da força criadora, magnífica jóia que resume e sintetiza todo o progresso, [...]*²⁴.

Tudo no Universo está submetido à lei do progresso. *Desde a célula verde, desde o embrião errante, boiando à flor das águas, a cadeia das espécies [diferentes manifestações do princípio inteligente] tem-se desenrolado através de séries variadas, até nós. Cada elo dessa cadeia representa uma forma da existência que conduz a uma forma superior, a um organismo mais rico, mais bem adaptado às necessidades, às manifestações crescentes da vida; mas, na escala da evolução, o pensamento, a consciência e a liberdade só aparecem passados muitos graus. Na planta, a inteligência dormita; no animal, sonha; só no homem acorda, conhece-se, possui-se, e torna-se consciente [...]*²⁵.

A união do princípio inteligente à matéria, assim como o processo evolutivo desse mesmo princípio inteligente, até atingir a sua individualização plena, são descritos pelo Espírito André Luiz da seguinte maneira:

A matéria elementar, [...] dera nascimento à província terrestre, no Estado Solar a que pertencemos [...]. A imensa fornalha atômica estava habilitada a receber as sementes da vida e, sob o impulso dos Gênios Construtores, que operavam no orbe nascituro, vemos o seio da Terra recoberto de mares mornos, invadido por gigantesca massa viscosa a espalhar-se no colo da paisagem primitiva. Dessa geléia cósmica, verte o princípio inteligente, em suas primeiras manifestações...

Trabalhadas, no transcurso de milênios, pelos operários espirituais que lhes magnetizam os valores, permutando-os entre si, sob a ação do calor interno e do frio exterior, as mônadas celestes [princípio inteligente] exprimem-se no mundo através da rede filamentosa do protoplasma de que se lhes derivaria a existência organizada no Globo constituído. Séculos de atividade silenciosa perpassam, sucessivos...²⁶ [através dos quais o princípio inteligente faz seu longo percurso pelos reinos da natureza até atingir a faixa da razão].

Das cristalizações atômicas e dos minerais, dos vírus e do protoplasma, das bactérias e das amebas, das algas e dos vegetais do período pré-câmbrico aos fetos e às licopodiáceas, aos trilobites e cistídeos, aos cefalópodes, foraminíferos e radiolários dos terrenos silurianos, o princípio espiritual [ou princípio inteligente] atingiu os espongiários e celenterados da era paleozóica, esboçando a estrutura esquelética. Avançando pelos equinodermos e crustáceos, entre os quais ensaiou, durante milênios, o sistema vascular e o nervoso, caminhou na direção dos ganóides e teleosteos, arqueossauros e labirintodontes para culminar nos grandes lacertinos e nas aves estranhas, descendentes dos pterossauros, no jurássico superior, chegando à época supracretácea para entrar na classe dos primeiros mamíferos, procedentes dos répteis teromorfos. Viajando sempre, adquire entre os dromatérios e anfitérios os rudimentos das reações psicológicas superiores, incorporando as conquistas do instinto e da inteligência ²⁷. Estagiando nos marsupiais e cetáceos do eoceno médio, nos rinocerotídeos, cervídeos, antilopídeos, eqüídeos, canídeos, proboscídeos e antropídeos inferiores do mioceno e exteriorizando-se nos mamíferos mais nobres do plioceno, incorpora aquisições de importância entre os megatérios e mamutes, precursores da fauna atual da Terra, e, alcançando os pitecantropídeos da era quaternária, que antecederam as embrionárias civilizações paleolíticas, a mônada vertida do Plano Espiritual sobre o Planeta Físico atravessou os mais rudes crivos da adaptação e seleção, assimilando os valores múltiplos da organização, da reprodução, da memória, do instinto, da sensibilidade, da percepção e da preservação própria, penetrando

do, assim, pelas vias da inteligência mais completa e laboriosamente adquirida, nas faixas inaugurais da razão²⁸. Compreendendo-se, porém, que o princípio divino aportou na Terra, emanando da Esfera Espiritual, trazendo em seu mecanismo o arquétipo a que se destina, qual a bolota de carvalho encerrando em si a árvore veneranda que será de futuro, não podemos circunscrever-lhe a experiência ao plano físico simplesmente considerado, porquanto, através do nascimento e morte da forma, sofre constantes modificações nos dois planos em que se manifesta, razão pela qual variados elos da evolução fogem à pesquisa dos naturalistas, por representarem estágios da consciência fragmentária fora do campo carnal propriamente dito, nas regiões extrafísicas, em que essa mesma consciência incompleta prossegue elaborando o seu veículo sutil, então classificado como protoforma humana, correspondente ao grau evolutivo em que se encontra²⁹.

Como se vê, por tudo que foi exposto, o princípio inteligente vai modelando, ao longo das eras, em seu processo de individualização, não só as suas estruturas físicas, mas também o seu envoltório fluídico, até tornar-se Espírito e estar apto para ingressar no período da Humanidade. Esse processo de modelagem, contudo, não se interrompe aí, antes se aprimora, pela evolução do Espírito, conforme deflui do seguinte ensino de Kardec:

O corpo é, pois, o envoltório e o instrumento do Espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste outro invólucro apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar, tal qual se faz com o operário, a quem é dado instrumento menos grosseiro, à proporção que ele se vai mostrando apto a executar obra mais bem cuidada¹. Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio Espírito que modela o seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades; aperfeiçoa-o e lhe desenvolve e completa o organismo, à medida que experimenta a necessidade de manifestar novas faculdades; numa palavra, talha-o de acordo com a sua inteligência. Deus lhe fornece os materiais; cabe-lhe a ele empregá-los [...] ². Desde que um Espírito nasce para a vida espiritual, tem, por adiantar-se, que fazer uso de suas faculdades, rudimentares a princípio. Por isso é que reveste um envoltório adequado ao seu estado de infância intelectual, envoltório que ele abandona para tomar outro, à proporção que se lhe aumentam as forças³. Quanto ao envoltório fluídico do Espírito, esse também se modifica com o progresso moral que o Espírito realiza em cada encarnação⁵.

3. Natureza do Espírito

Existem poucas informações a respeito da natureza do Espírito.

Dizem os Espíritos Superiores que o Espírito – na sua condição de princípio inteligente individualizado –, é incorpóreo, constituído de matéria

quintessenciada, ainda sem analogia para nós ¹⁴. A sua forma é também, para nós, indefinida. Podemos compreendê-lo como uma chama, um clarão, ou a uma centelha, tendo uma coloração que vai do escuro e opaco a uma cor brilhante, qual a do rubi, de acordo com a sua menor ou maior pureza ^{15, 16}.

Em virtude da sua natureza, o Espírito pode transportar-se com a rapidez do pensamento, sem que a matéria mais densa lhe ofereça qualquer obstáculo ^{17, 18}. O seu poder de irradiação se amplia, à medida que evolui, podendo, assim, projetar-se para diversos pontos ao mesmo tempo, sem se dividir, consistindo, nisso, o chamado dom de ubiqüidade dos Espíritos ^{19, 20}.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 11, item 10, p. 210-211.
2. _____. Item 11, p. 211.
3. _____. Item 12, p. 211.
4. _____. Item 23, p. 216.
5. _____. Cap. 14, item 10, p. 279.
6. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Questão 23, p. 59.
7. _____. Questão 24, p. 59.
8. _____. Questão 44, p. 65.
9. _____. Questão 45, p. 66.
10. _____. Questão 77, p. 80.
11. _____. Questão 79, p. 81.
12. _____. Questão 80, p. 81.
13. _____. Questão 81, p. 81.
14. _____. Questão 82, p. 82.
15. _____. Questão 88, p. 83.
16. _____. Questão 88-a, p. 83.
17. _____. Questão 89, p. 84.
18. _____. Questão 91, p. 84.
19. _____. Questão 92, p. 84.
20. _____. Questão 92-a, p. 84.
21. _____. Questão 606.
22. _____. Questão 607, p. 299.
23. _____. Questão 607-a, p. 299.
24. DELANNE, Gabriel. *A evolução anímica*. Tradução de Manuel Quintão. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 2 (A alma animal), item: A Evolução da alma, p. 75-77.
25. DENIS, Léon. *O problema do ser, do destino e da dor*. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 9 (A evolução e finalidade da alma), p. 122-123.
26. XAVIER, Francisco Cândido. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 23. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Primeira parte. Cap. 3 (Evolução e corpo espiritual), item: Primórdios da vida, p. 37-38.
27. _____. item: Dos artrópodos aos dromatérios e anfitérios, p. 40.
28. _____. item: Faixas inaugurais da razão, p. 41.
29. _____. item: Elos desconhecidos da evolução, p. 41-42.

Anexo 1 Questões retiradas dos subsídios para o trabalho em grupo

1

Podemos dizer que os elementos necessários à vida estavam dispersos, [...] *no estado de fluido no Espaço, no meio dos Espíritos, ou em outros planetas, à espera da criação da Terra, para começarem existência nova em novo globo* (O Livro dos Espíritos, questão 45). Depois de criada a Terra, esses germens (ou elementos) ficaram aguardando as condições propícias para se desenvolverem no planeta (obra citada, questão 44). Começa, assim a individualização do princípio inteligente que passa [...] *lentamente por um processo de elaboração das formas inferiores da natureza, a fim de atingir gradativamente a humanidade [...] através de mil modelos inferiores, nos labirintos de uma escalada ininterrupta, através das mais bizarras formas; sob a pressão dos instintos e a sevícia de forças inverossímeis [...] vai tendendo para a luz, para a consciência esclarecida, para a liberdade.* (A evolução anímica. Cap. 2, item: A evolução da alma)

Responder:

1. Onde se encontravam os elementos necessários à vida?
2. Onde e como se inicia o processo de individualização do princípio inteligente?

2

A união do princípio inteligente à matéria, assim como o processo evolutivo desse mesmo princípio inteligente até atingir a sua individualização plena, é descrita assim pelo Espírito André Luiz: *A matéria elementar [...] dera nascimento à província terrestre, no Estado Solar a que pertencemos [...]. A imensa fornalha atômica estava habilitada a receber as sementes da vida e, sob o impulso dos Gênios Construtores, que operavam no orbe nascituro, vemos o seio da terra recoberto de ma-*

res mornos, invadindo por gigantesca massa viscosa a espriar-se no colo da paisagem primitiva. Dessa geléia cósmica, verte o princípio inteligente, em suas primeiras manifestações... (Evolução em dois mundos. Cap. 3)

Responder:

1. De que forma o princípio inteligente surge em suas primeiras manifestações na Terra?

3

Trabalhadas, nos transcursos dos milênios, pelos operários espirituais que lhes magnetizam os valores, permutando-os entre si, sob ação do calor interno e do frio exterior, as mônadas celestes [ou princípio inteligente] exprimem-se no mundo através da rede filamentosa do protoplasma de que se lhes derivaria a existência organizada no Globo constituído. Séculos de atividade silenciosa perpassam, sucessivos... (Evolução em dois mundos. Cap. 3). Das cristalizações atômicas e dos minerais, dos vírus e do protoplasma, das bactérias e das amebas, das algas e dos vegetais (obra citada), dos invertebrados e dos vertebrados, o princípio inteligente incorpora as conquistas [...] da memória, do instinto, da sensibilidade, da percepção e da preservação própria, penetrando, assim, pelas vias da inteligência mais completa e laboriosamente adquirida, nas faixas inaugurais da razão (obra citada).

Responder:

1. Quais são as principais conquistas do princípio inteligente ao longo das etapas evolutivas até as faixas inaugurais da razão?

4

Alcançando [...] os *pitcantropóides* [símios] da era quartenária, que antecederam as embrionárias civilizações paleolíticas, a *mônada* [ou princípio inteligente] vertida do Plano Espiritual sobre o Planeta Físico (*Evolução em dois mundos*. Cap. 3) organiza a forma humana. Acrescentamos que o princípio inteligente, oriundo da Esfera Espiritual e cumprindo um planejamento divino, manifestou-se na Terra para sua culminância na humanização. Não podemos circunscrever-lhe a experiência ao plano físico simplesmente considerado, porquanto, através do nascimento e morte da forma, sofre constantes modificações nos dois planos em que se manifesta (obra citada). No plano espiritual o princípio inteligente continua o processo evolutivo, elaborando o veículo sutil (perispírito), necessário à formação do corpo físico das diferentes espécies, até atingir a culminância no ser humano.

Responder:

1. Como se operou o processo de evolução humana, na concepção espírita?

Anexo 2 Glossário

Anfitérios	Designação dos mamíferos primitivos sem placenta, que deram origem aos mamíferos com membrana abdominal (marsupiais) e aos mamíferos placentários.
Antilopídeos	Mamíferos ruminantes providos de chifres em forma de galho, tais como a gazela, o cabrito-montês e o antílope.
Antropóides	Macacos dos tipos chimpanzés, orangotangos e gorilas.
Arqueossauros	Lagartos primitivos que precederam às primeiras aves.
Canídeos	Mamíferos carnívoros a cujo grupo pertencem o cão, o lobo, a raposa e o chacal.
Cefalópodes	Animais marinhos que apresentam cabeça proeminente e tentáculos (lulas e polvos).
Celenterados	Animais marinhos, de simetria radiada, com uma cavidade para digestão e circulação (pólipos, medusas e corais).
Cervídeos	Animais mamíferos a que pertencem o veado, o alce e a rena.
Cistídeos	Grupo primitivo de equinodermos (estrela-do-mar).
Crustáceos	Animais de esqueleto externo e respiração branquial (caranguejos, camarões e lagostas).
Dromatérios	Répteis vegetarianos que existiram no período triássico da Era Mesozóica, extintos com a chegada dos répteis carnívoros.
Eoceno	O segundo período da Era Cenozóica, ou Terciária, em que ocorreu a expansão dos mamíferos.
Eqüídeos	Mamíferos aos quais pertencem o cavalo e a zebra.
Equinodermos	Animais de estrutura radiada, com espinhos (ouriço-do-mar).
Era Quaternária	Última era geológica, importante pelo surgimento do homem.
Espongiários	Animais marinhos de estrutura rudimentar, cujo tipo representativo é a esponja.
Fetos	Plantas da família das criptogâmicas, que têm os órgãos reprodutores ocultos.
Foraminíferos	Classe de infusórios, situada entre os equinodermos e os pólipos.

Ganóides	Peixes cartilaginosos, com escamas.
Jurássico	Período mediano da Era Mesozóica, ou Secundária, caracterizado pela proliferação dos dinossauros e das primeiras aves.
Labirintodontes	Nome genérico dos anfíbios primitivos.
Lacertinos	Animais com características de lagarto.
Licopodiáceas	Plantas rasteiras, cujas folhas miúdas se assemelham a escamas.
Mamutes	Mamíferos fósseis que deram origem ao elefante.
Marsupiais	Mamíferos que possuem bolsa formada de pele abdominal, denominada marsúpio.
Megatérios	Grandes mamíferos fósseis desdentados, da América do Sul (tamanduá).
Mioceno	Quarto período da Era Cenozóica, em que surgiram os antropóides.
Mônada	Entendida como princípio inteligente, ou espiritual (mônada celeste); e como unidade física básica, que dá origem à matéria (protoplasma).
Paleozóica	Era Primária, formada de seis períodos (cambriano, ordoviciano, siluriano, devoniano, carbonífero e permiano), em que surgem os animais invertebrados e vertebrados primitivos, e as primeiras plantas.
Pitecantropóides:	Antropóides fósseis intermediários entre o macaco e o homem (hominídeos).
Plioceno:	Quinto período da Era Cenozóica, no qual surgiram os hominídeos.
Pré-câmbrico ou pré-cambriano	Período extenso da Era Arqueozóica, caracterizada pela formação e consolidação do planeta e pelo surgimento da vida.
Proboscídeos	Mamíferos que têm o focinho em forma de tromba (elefante e tamanduá).
Protoplasma	Substância gelatinosa na qual estão inseridos todos os corpúsculos responsáveis pelas funções vitais da célula.
Pterossauros	Répteis primitivos voadores, marinhos.

Radiolários	Classe de protozoários, ou seres unicelulares, caracterizada por uma membrana quitinosa, no meio do protoplasma, e rodeada por pseudópodes radiantes (gregorinas – conchas marinhas).
Rinocerotídeos	Animais quadrúpedes, com dedos em forma de casco e dois chifres no focinho.
Siluriano	Um dos períodos da Era Paleozóica, caracterizado pelo surgimento dos insetos e das plantas terrestres.
Supracretácea	Fase do período cretáceo da Era Mesozóica.
Teleósteos	Peixes com barbatanas e esqueleto ósseo.
Teromorfos	Répteis existentes no período permiano da Era Paleozóica.
Trilobites ou trilobitas	Grupo extinto de artrópodes (insetos), que habitaram a Era Paleozóica.

ROTEIRO 3

Provas da existência e da sobrevivência do Espírito

Objetivo específico

- Citar provas da existência e da sobrevivência do Espírito.

Conteúdo básico

- *A alma do homem sobrevive ao corpo e conserva a sua individualidade após a morte deste. Allan Kardec: Obras póstumas. Primeira parte, item 7.*
- *Provam a existência da alma os atos inteligentes do homem, por isso eles não têm de ter uma causa inteligente e não uma causa inerte. Que ela independe da matéria está demonstrado de modo patente pelos fenômenos espíritos que a mostram agindo por si mesma [...]. Allan Kardec: Obras póstumas. Primeira parte, item 6.*
- *A sobrevivência desta [da alma] à morte do corpo está provada de maneira irrecusável e até certo ponto palpável, pelas comunicações espíritos. Sua individualidade é demonstrada pelo caráter e pelas qualidades peculiares a cada um. Essas qualidades, que distinguem umas das outras as almas, lhes constituem a personalidade. [...] Além dessas provas inteligentes, há também a prova material das manifestações visuais, ou aparições, tão freqüentes e autênticas, que não é lícito pô-las em dúvida. Allan Kardec: Obras póstumas. Primeira parte, item 7.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Iniciar a reunião com a apresentação dos resultados – previamente tabulados – da pesquisa indicada, na semana anterior, como atividade extraclasse.
- Passar a palavra a cada participante para apresentação do seu trabalho.

Desenvolvimento

- Fazer comentários pertinentes aos resultados apresentados, destacando, por exemplo, se o número de respondentes que acreditam na sobrevivência do Espírito é significativo; quais foram as melhores provas apresentadas, etc.
- Em seguida, pedir à turma que se organize em oito duplas. Cada dupla tem a incumbência de fornecer provas da existência e sobrevivência do Espírito, após a leitura de texto específico dos *subsídios*. A organização das duplas é a seguinte:
 - dupla nº 1 – texto: *fenômeno de exteriorização da alma*; dupla nº 2 – texto: *casas mal-assombradas*; dupla nº 3 – textos: *fenômeno de mesas girantes e manifestação dos Espíritos pela audição e pela palavra*; dupla nº 4 – texto: *manifestação dos Espíritos pela escrita*; dupla nº 5 – texto: *aparições e materializações dos Espíritos*; dupla nº 6 – textos: *xenoglossia e transcomunicação instrumental*; dupla nº 7 – textos: *experiência de quase morte e visões no leito da morte*; dupla nº 8 – texto: *fenômenos que demonstram a reencarnação*.
 - Aumentar ou diminuir a quantidade de duplas de acordo com o número de participantes. A atividade pode ser realizada também em grupos de três ou mais pessoas.
- Pedir às duplas que citem, em plenário, as provas da existência e sobrevivência do Espírito, retiradas do texto lido.

Conclusão

- Para fechar a reunião, fazer comentários gerais a respeito das apresentações, utilizando as idéias constantes da primeira página dos *subsídios* deste Roteiro.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as provas apresentadas pelos participantes, a partir da pesquisa realizada e do trabalho desenvolvido pelas duplas, demonstrarem que houve comprovação da existência e sobrevivência do Espírito.

Técnica(s): pesquisa; estudo em duplas.

Recurso(s): questões e dados da pesquisa; *subsídios* do Roteiro; lápis/ caneta; papel.

Subsídios

À pergunta - existe a alma? [ou Espírito] - a ciência responde talvez, os fenômenos do magnetismo, do hipnotismo e da anestesia dizem que sim, e nisso confirmam todas as deduções da filosofia e as afirmações da consciência.

Constrangidos, pela evidência dos fatos, a admitir uma força diretriz no homem, grande número de materialistas se refugiam em uma última negativa, sustentando que essa energia se extingue com o corpo, de que ela não era senão uma emanção. Como todas as forças físicas e químicas, dizem eles, a alma, essa resultante vital, cessa com a causa que a produz; morto o homem, está aniquilada a alma.

Será possível? Não seremos mais que um simples conglomerado vulgar de moléculas sem solidariedade umas com as outras? Deve desaparecer para sempre nossa individualidade cheia de amor e, do que foi um homem, não restará verdadeiramente senão um cadáver destinado a desagregar-se, lentamente, na fria noite do túmulo?¹⁷

A primeira refutação a esse pensamento de que o Espírito – ou a alma – se origina da matéria vem do raciocínio lógico de Descartes: *cogito, ergo sum* (penso, logo existo), que poderia ser entendido assim: a matéria por si mesma não pensa, logo existe em mim, além da matéria, algo que é o agente do meu pensamento. Poder-se-ia admitir que é o cérebro que segrega esse pensamento, como o fígado segrega a bÍlis? Seria isso ilógico con-

siderarmos que, sendo o pensamento um efeito inteligente, não reclamaria a existência de uma causa também inteligente?

Allan Kardec assinala que a [...] *dúvida, no que concerne à existência dos Espíritos, tem como causa primária a ignorância acerca da verdadeira natureza deles. Geralmente, são figurados como seres à parte na criação e de cuja existência não está demonstrada a necessidade. [...] Seja qual for a idéia que dos Espíritos se faça, a crença neles necessariamente se funda na existência de um princípio inteligente fora da matéria. Essa crença é incompatível com a negação absoluta deste princípio*¹.

*Se a crença nos Espíritos e nas suas manifestações – afirma ainda Kardec – representasse uma concepção singular, fosse produto de um sistema, poderia, com visos de razão, merecer a suspeita de ilusória. Digam-nos, porém, por que com ela deparamos tão vivaz entre todos os povos, antigos e modernos, e nos livros santos de todas as religiões conhecidas? É, respondem os críticos, porque, desde todos os tempos, o homem teve o gosto do maravilhoso. – Mas, que entendeis por maravilhoso? – O que é sobrenatural. – Que entendeis por sobrenatural? – O que é contrário às leis da Natureza. – Conheceis, porventura, tão bem essas leis, que possais marcar limite ao poder de Deus? Pois bem! Provai então que a existência dos Espíritos e suas manifestações são contrárias às leis da Natureza; que não é, nem pode ser uma destas leis. Acompanhai a Doutrina Espírita e vede se todos os elos, ligados uniformemente à cadeia, não apresentam todos os caracteres de uma lei admirável, que resolve tudo o que as filosofias até agora não puderam resolver*².

Os fenômenos que evidenciam a existência e a sobrevivência do Espírito vêm sendo pesquisados, sobretudo a partir do século XIX, por pessoas sérias e conceituadas em vários países. A pesquisa existente a respeito desse assunto é muito rica. Citaremos aqui apenas algumas modalidades desse trabalho investigativo.

Fenômeno de exteriorização da alma

Durante o sono [...] *quando o corpo descansa e os sentidos estão inativos, podemos verificar que um ser vela e age em nós, vê e ouve através dos obstáculos materiais, paredes ou portas, e a qualquer distância. [...] O ser fluídico se desloca, viaja, paira sobre a Natureza, assiste a uma multidão de cenas, [...] e tudo isso se realiza sem a intervenção dos sentidos materiais, estando fechados os olhos, e os ouvidos nada percebendo*¹⁸.

Kardec denomina este fenômeno, de *clarividência sonambúlica*. Assim se expressa o Codificador do Espiritismo:

Sendo de natureza diversa das que ocorrem no estado de vigília, as percepções que se verificam no estado sonambúlico não podem ser transmitidas pelos mesmos órgãos. É sabido que neste caso a visão não se efetua por meio dos olhos que, aliás, se conservam, em geral, fechados [...]. Ao demais, a visão à distância e através dos corpos opacos exclui a possibilidade do uso dos órgãos ordinários da vista¹². É a alma que confere ao sonâmbulo as maravilhosas faculdades de que ele goza¹³.

Casas mal-assombradas e transportes de objetos

O fenômeno das casas mal-assombradas é um dos mais conhecidos e frequentes. Encontramo-lo um pouco por toda a parte. Numerosíssimos são os lugares mal-assombrados, as casas, em cujas paredes e em cujos soalhos e móveis se ouvem ruídos e pancadas. Em certas habitações, os objetos se deslocam sem contato; caem pedras lançadas do exterior por uma força desconhecida; ouvem-se estrépitos de louça a quebrar-se, gritos, rumores diversos, que incomodam e atemorizam as pessoas impressionáveis²⁰.

A história do moderno Espiritualismo [Espiritismo] começou por um caso de natureza mal-assombrada. As manifestações da casa de Hydesville, assim visitada, em 1848, e as tribulações da família Fox, que nela residia, são bem conhecidas¹⁹. (Veja o roteiro 1 do Módulo II).

Fenômeno das mesas girantes

Mesas girantes são o nome dado às comunicações dos Espíritos por meio do movimento circular que eles imprimem a uma mesa³. *Este efeito igualmente se produz com qualquer outro objeto, mas sendo a mesa o móvel com que, pela sua comodidade, mais se tem procedido a tais experiências, a designação de mesas girantes prevaleceu, para indicar esta espécie de fenômenos³.*

Manifestação dos Espíritos pela escrita

Variadas são as formas de comunicação dos Espíritos pela escrita, a saber:

- a) Psicografia indireta: obtida por meio de pranchas, cestas e mesinhas às quais se adapta um lápis^{7,8}.
- b) Psicografia direta ou manual: obtida pelo próprio médium sob a influência dos Espíritos, podendo aquele ter, ou não, consciência do que escreve⁹.

c) Escrita direta ou pneumatografia: produzida [...] *espontaneamente, sem o concurso, nem da mão do médium, nem do lápis. Basta tomar-se de uma folha de papel branco, [...] dobrá-la e depositá-la em qualquer parte, numa gaveta, ou simplesmente sobre um móvel. Feito isso, se a pessoa estiver nas devidas condições, ao cabo de mais ou menos longo tempo, encontrar-se-ão, traçados no papel, letras, sinais diversos, palavras, frases e até dissertações, as mais das vezes com uma substância acizentada, análoga à plumbagina, doutras vezes com lápis vermelho, tinta comum e, mesmo, tinta de imprimir* ⁶.

Manifestação dos Espíritos pela audição e pela palavra

Os Espíritos podem-se comunicar pelo aparelho auditivo do médium, o que possibilita a este manter com eles conversação regular ¹⁰. Podem, de igual modo, atuar sobre os seus órgãos da palavra. Nesse caso, o médium transmite as idéias dos Espíritos muitas vezes sem ter consciência do que está falando e, frequentemente, [...] *diz coisas completamente estranhas às suas idéias habituais, aos seus conhecimentos e, até, fora do alcance de sua inteligência* ¹¹.

Aparições e materializações de Espíritos

Dão-se as aparições dos Espíritos [...] *quando o vidente se acha em estado de vigília e no gozo da plena e inteira liberdade das suas faculdades. Apresentam-se, em geral, sob uma forma vaporosa e diáfana, às vezes vaga e imprecisa. [...] Doutras vezes, as formas se mostram nitidamente acentuadas, distinguindo-se os menores traços da fisionomia, a ponto de se tornar possível fazer-se da aparição uma descrição completa* ⁴.

Por vezes, o Espírito se apresenta sob [...] *uma forma ainda mais precisa, com todas as aparências de um corpo sólido, ao ponto de causar completa ilusão e dar a crer, aos que observam a aparição, que têm adiante de si um ser corpóreo. Em alguns casos, finalmente, e sob o império de certas circunstâncias, a tangibilidade se pode tornar real, isto é, possível se torna ao observador tocar, palpar, sentir, na aparição, a mesma resistência, o mesmo calor que num corpo vivo, o que não impede que a tangibilidade se desvaneça com a rapidez do relâmpago. Nesses casos, já não é somente com o olhar que se nota a presença do Espírito, mas também pelo sentido tátil. Dado se possa atribuir à ilusão ou a uma espécie de fascinação a aparição simplesmente visual, o mesmo já não ocorre quando se consegue segurá-la, palpá-la, quando ela própria segura o observador e o abraça, circunstâncias em que nenhuma*

*dúvida mais é lícita. Os fatos de aparições tangíveis [materializações] são os mais raros; porém, os que se têm dado [...] pela influência de alguns médiuns de grande poder e absolutamente autenticados por testemunhos irrecusáveis, provam e explicam o que a história refere acerca de pessoas que, depois de mortas, se mostraram com todas as aparências da realidade*⁵.

Xenoglossia

*Por fenômenos de xenoglossia entendem-se os casos em que o médium não só fala ou escreve em línguas que ignora, mas fala ou escreve nessas línguas, formulando observações originais, ou conversando com os presentes [...]*¹⁶.

Transcomunicação Instrumental (TCI)

Esse fenômeno abrange a manifestação dos Espíritos através de meios técnicos, tais como, gravador, rádio, secretária eletrônica, computador, fax, televisão, telefone e, mais recentemente, TV-fone (uma composição de aparelhos que possibilita à entidade espiritual aparecer no monitor de TV e falar simultaneamente pelo telefone)²³.

Experiência de quase morte

É o estado de morte clínica que uma pessoa experimenta durante alguns instantes, após o que retorna à vida física. Os relatos feitos pelas pessoas que passaram por essa experiência coincidem com os ensinamentos do Espiritismo e das religiões que aceitam a reencarnação¹⁴.

Visões no leito da morte

No momento da morte, são comuns percepções do mundo espiritual e dos Espíritos, podendo, inclusive, aquele que está em processo de desencarnação visitar parentes e amigos, a fim de despedir-se deles. Investigações criteriosas têm demonstrado que esses fenômenos não são mera alucinação¹⁵.

Fenômenos que demonstram a reencarnação

Esses fenômenos, que serão vistos no roteiro 2, do Módulo VI, se juntam às demais provas da sobrevivência do Espírito nas diversas existências corporais.

As modalidades de fenômenos que referimos são, como dissemos, apenas ilustrativas do grande acervo de fatos que têm sido observados ao longo do tempo por eminentes pesquisadores de diversas nacionalidades. Essa gama de fenômenos, apenas explicados integralmente pelo Espiritismo, leva-nos a dizer com Léon Denis [...] *que a sobrevivência está amplamente demonstrada. Nenhuma outra teoria, a não ser a da intervenção dos sobrevividos, seria capaz de explicar o conjunto dos fenômenos, em suas variadas formas. Alf. Russel Wallace o disse: O Espiritismo está tão bem demonstrado como a lei de gravitação. E W. Crookes repetia: O Espiritismo está cientificamente demonstrado* ²¹.

Em resumo, podemos dizer que são copiosas as provas da sobrevivência para aqueles que as procuram de ânimo sincero, com inteligência e perseverança. Assim, a noção de imortalidade se destaca pouco a pouco das sombras acumuladas pelos sofismas e negações, e a alma humana se afirma em sua imperecedoura realidade ²².

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 76. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Primeira parte. Cap. 1, item 1, p. 19-20.
2. _____. Cap. 2, item 7, p. 27-28.
3. _____. Segunda parte. Cap. 2, item 60, p. 82.
4. _____. Cap. 6, item 102, p. 139.
5. _____. Item 104, p. 141-142.
6. _____. Cap. 8, item 127, p. 166.
7. _____. Cap. 8, item 152, p. 198.
8. _____. Item 156, p. 200-201.
9. _____. Cap. 13, item 157, p. 201.
10. _____. Cap. 14, item 165, p. 209-210.
11. _____. Item 166, p. 210.
12. _____. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 38. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Primeira parte. Causa e natureza da clarividência sonambúlica (Explicação do fenômeno da lucidez), p. 93.
13. _____. p. 95.
14. ANDRADE, Hernani Guimarães. *Morte: Uma luz no fim do túnel*. 2. ed. São Paulo: FE, 1999. Prefácio, p. 16.
15. _____. Cap. 3, p. 29.
16. BOZZANO, Ernesto. *Xenoglossia*. Tradução de Guillon Ribeiro. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. (Casos de xenoglossia obtidos com o automatismo escrevente), p. 60.
17. DELANNE, Gabriel. *O Espiritismo perante a ciência*. Tradução de Carlos Imbassahy. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Terceira parte. Cap. 1 (Provas da imortalidade da alma pela experiência), p. 147.
18. DENIS, Léon. *No invisível*. Tradução de Leopoldo Cirne. 23. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Segunda parte. Cap. 12, p. 132-133.
19. _____. Cap. 16, p. 186.
20. _____. p. 194.
21. _____. Cap. 21, p. 314.
22. _____. p. 338.
23. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Curso de estudo e prática da mediunidade*. Programa 2, módulo 5, roteiro 5, p. 317.

ROTEIRO 4

Progressão dos Espíritos

Objetivos específicos ■ Explicar, em linhas gerais, como se dá a progressão dos Espíritos.

- Identificar a hierarquia dos Espíritos, segundo a escala espírita.

Conteúdo básico

- *Os Espíritos são bons ou maus por natureza, ou são eles mesmos que se melhoram?*
São os próprios Espíritos que se melhoram e, melhorando-se, passam de uma ordem inferior para outra mais elevada. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 114.
- *Os Espíritos são classificados em [...] ordens, conforme o grau de perfeição que tenham alcançado. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 96.*
- *As ordens ou graus de perfeição dos Espíritos são [...] ilimitadas em número, porque entre elas não há linhas de demarcação traçadas como barreiras, de sorte que as divisões podem ser multiplicadas ou restringidas livremente. Todavia, considerando-se os caracteres gerais dos Espíritos, elas podem reduzir-se a três principais. Na primeira, colocar-se-ão os que atingiram a perfeição máxima: os puros Espíritos. Formam a segunda os que chegaram ao meio da escala: o desejo do bem é o que neles predomina. Pertencerão à terceira os que ainda se acham na parte inferior da escala: os Espíritos imperfeitos. A ignorância, o desejo do mal e todas as paixões más que lhes retardam o progresso, eis o que os caracteriza. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 97.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Explicar, em linhas gerais, como se dá a progressão dos Espíritos (primeira página dos *subsídios*)

Desenvolvimento

- Pedir aos participantes que leiam, em voz alta e seqüencialmente, o item 2 (dois) dos *subsídios*, de forma que todos possam contribuir com a leitura de um pequeno trecho.
- Solicitar a formação de três grupos de estudo, entregando folhas de papel em branco e lápis/caneta a cada equipe. Esclarecer que o trabalho em grupo deve ser realizado assim:
 - a) o grupo 1 escreve numa folha de papel em branco duas características dos Espíritos da terceira ordem da escala espírita: *Espíritos imperfeitos* (item 2.1 dos *subsídios*); o grupo 2 escreve duas características dos Espíritos da Segunda ordem: *Bons Espíritos* (item 2.2 dos *subsídios*); o grupo 3 escreve duas características dos Espíritos da primeira ordem: *Espíritos puros* (item 2.3 dos *subsídios*);
 - b) terminada essa etapa do trabalho, recolher as folhas de papel, redistribuindoas entre os grupos, como num rodízio: as anotações do grupo 1 vão para o grupo 2; as do grupo 2, para o grupo 3; as do grupo 3, para o grupo 1. Pedir aos grupos que escrevam mais duas características dos Espíritos, segundo a ordem da escala espírita que têm em mãos;
 - c) continuar na execução do rodízio, repetindo o procedimento descrito no item «b», até que todas as características dos Espíritos tenham sido registradas nas folhas de papel;
 - d) recolher as anotações, solicitar a presença de três voluntários à frente da turma (cada voluntário deve representar um grupo), pedindo-lhes que leiam as características dos Espíritos, registradas pelos grupos e identificadas por Allan Kardec na escala espírita (questões 100 a 107 de *O Livro dos Espíritos*).

Observação: O controle do tempo é fundamental na execução dessa atividade. Sendo assim, estabelecer a média de 2 minutos, por rodízio, nos grupos de até 8 participantes (turma de 24 pessoas).

Conclusão:

- Verificar se alguma característica importante foi excluída, fazendo as correções necessárias. Encerrar a reunião, ressaltando a importância do próximo módulo (Comunicabilidade dos Espíritos), em razão de ter sido a mediunidade o instrumento pelo qual a revelação espírita chegou até nós.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes executarem a atividade com ordem e entusiasmo, escrevendo, na folha de papel, as características dos Espíritos, de acordo com a escala espírita.

Técnica(s): exposição; leitura sequencial; rodízio de textos.

Recurso(s): *subsídios* do Roteiro; folhas de papel em branco; lápis/caneta.

Subsídios 1. Progressão dos Espíritos

Ensina a Doutrina Espírita que *Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem [nenhum] saber. A cada um deu determinada missão, com o fim de esclarecê-los e de os fazer chegar progressivamente à perfeição, pelo conhecimento da verdade, para aproximá-los de si. Nesta perfeição é que eles encontram a pura e eterna felicidade. Passando pelas provas que Deus lhes impõe é que os Espíritos adquirem aquele conhecimento. Uns aceitam submissos essas provas e chegam mais depressa à meta que lhes foi assinada. Outros só a suportam murmurando e, pela falta em que desse modo incorrem, permanecem afastados da perfeição e da prometida felicidade*¹³.

Os Espíritos, portanto, não foram criados uns bons e outros maus. Todos tiveram como ponto de partida a simplicidade e a ignorância, chegando à perfeição por meio das provas que lhes são impostas por Deus para atingi-la. Essas provas são por eles enfrentadas durante as reencarnações, necessárias ao seu progresso¹³.

A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia. É-lhes necessária, a bem deles, visto que a atividade que são obrigados a exercer lhes auxilia o desenvolvimento da inteligência. Sendo soberanamente justo, Deus tem de distribuir tudo igualmente por todos os seus filhos; assim é que estabeleceu para todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de proceder. Qualquer privilégio seria uma preferência, uma injustiça. Mas, a encarnação, para todos os Espíritos, é apenas um estado transitório. É uma tarefa que Deus lhes impõe, quando iniciam a vida, como primeira experiência do uso que farão do livre-arbítrio. Os que desempenham com zelo essa tarefa transpõem rapidamente e menos penosamente os primeiros graus da iniciação e mais cedo gozam do fruto de seus labores. Os que, ao contrário, usam mal da liberdade que Deus lhes concede retardam a sua marcha e, tal seja a obstinação que demonstrem, podem prolongar indefinidamente a necessidade da reencarnação [...] ¹.

Deflui desses ensinamentos a importância do livre-arbítrio para a progressão dos Espíritos. Contudo, como poderiam esses Espíritos, em sua origem, quando ainda não possuem consciência de si mesmos, escolher entre o bem e o mal? Haveria neles algum princípio ou alguma tendência que os encaminhasse para um caminho em relação a outro? Essa pergunta, formulada por Kardec aos Espíritos Superiores, recebeu desses a seguinte resposta: *O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Já não haveria liberdade, desde que a escolha fosse determinada por uma causa independente da vontade do Espírito. A causa não está nele, está fora dele, nas influências a que cede em virtude da sua livre vontade. É o que se contém na grande figura emblemática da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação, outros resistiram ¹⁵. Acrescentam os Espíritos Superiores que essas influências acompanham o Espírito [...] até que haja conseguido tanto império sobre si mesmo, que os maus desistem de obsidiá-lo ¹⁶.*

2. Diferentes ordens de Espíritos. Escala Espírita

Assinala o Codificador que a [...] *classificação dos Espíritos se baseia no grau de adiantamento deles, nas qualidades que já adquiriram e nas imperfeições de que ainda terão de despojar-se. Esta classificação, aliás, nada tem de absoluta. Apenas no seu conjunto cada categoria apresenta caráter definido. De um grau a outro a transição é insensível e, nos limites extremos, os matizes se apagam, como nos reinos da natureza, como nas cores do arco-íris, ou, também, como nos diferen-*

tes períodos da vida do homem. Podem, pois, formar-se maior ou menor número de classes, conforme o ponto de vista donde se considere a questão. Dá-se aqui o que se dá com todos os sistemas de classificação científica, que podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais, mais ou menos cômodos para a inteligência. Sejam, porém, quais forem, em nada alteram as bases da ciência ².

Os Espíritos, em geral, admitem três categorias principais, ou três grandes divisões. Na última, a que fica na parte inferior da escala, estão os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela predominância da matéria sobre o espírito e pela propensão para o mal. Os da segunda se caracterizam pela predominância do espírito sobre a matéria e pelo desejo do bem: são os bons Espíritos. A primeira, finalmente, compreende os Espíritos puros, os que atingiram o grau supremo da perfeição ³.

Essas três categorias principais ou ordens podem ser subdivididas em classes, como veremos a seguir.

2.1 – Terceira ordem – Espíritos imperfeitos

- **Décima classe. Espíritos impuros.** *São inclinados ao mal, de que fazem o objeto de suas preocupações. Como Espíritos, dão conselhos perversos, sopram a discórdia e a desconfiança e se mascaram de todas as maneiras para melhor enganar. Ligam-se aos homens de caráter bastante fraco para cederem às suas sugestões, a fim de induzi-los à perdição, satisfeitos com o conseguirem retardar-lhes o adiantamento, fazendo-os sucumbir nas provas por que passam. (...) Alguns povos os arvoraram em divindades maléficas; outros os designam pelos nomes de demônios, maus gênios, Espíritos do mal* ⁴.
- **Nona classe. Espíritos levianos.** *São ignorantes, maliciosos, irrefletidos e zombeteiros. Metem-se em tudo, a tudo respondem, sem se incomodarem com a verdade. Gostam de causar pequenos desgostos e ligeiras alegrias, de intrigar, de induzir maldosamente em erro, por meio de mistificações e de espertezas. A esta classe pertencem os Espíritos vulgarmente tratados de duendes, trasgos, gnomos, diabretes* ⁵.
- **Oitava classe. Espíritos pseudo-sábios.** *Dispõem de conhecimentos bastante amplos, porém, crêem saber mais do que realmente sabem. Tendo realizado alguns progressos sob diversos pontos de vista, a linguagem deles aparenta um cunho de seriedade, de natureza a iludir com respeito às suas capacidades e luzes* ⁶.
- **Sétima classe. Espíritos neutros.** *Nem bastante bons para fazerem o bem, nem bastante maus para fazerem o mal. Pendem tanto para um como para o outro e não ultrapassam a condição comum da Humanidade, quer no que concerne ao moral, quer no que toca à inteligência. Apegam-se às coisas deste mundo, de cujas grosseiras alegrias sentem saudades* ⁷.

- **Sexta classe. Espíritos batedores e perturbadores.** *Estes Espíritos, propriamente falando, não formam uma classe distinta pelas suas qualidades pessoais [...]. Manifestam geralmente sua presença por efeitos sensíveis e físicos, como pancadas, movimento e deslocamento anormal de corpos sólidos, agitação do ar, etc*⁸.

2.2 – Segunda ordem – Bons Espíritos

- **Quinta classe. Espíritos benévolos.** *A bondade é neles a qualidade dominante. Apraz-lhes prestar serviço aos homens e protegê-los. Limitados, porém, são os seus conhecimentos. Não progredido mais no sentido moral do que no sentido intelectual*⁹.
- **Quarta classe. Espíritos sábios.** *Distinguem-se pela amplitude de seus conhecimentos. Preocupam-se menos com as questões morais, do que com as de natureza científica, para as quais têm maior aptidão. Entretanto, só encaram a ciência do ponto de vista da sua utilidade e jamais dominados por quaisquer paixões próprias dos Espíritos imperfeitos*¹⁰.
- **Terceira classe. Espíritos de sabedoria.** *As qualidades morais da ordem mais elevada são o que os caracteriza. Sem possuírem ilimitados conhecimentos, são dotados de uma capacidade intelectual que lhes faculta juízo reto sobre os homens e as coisas*¹¹.
- **Segunda classe. Espíritos superiores.** *Esses em si reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Da linguagem que empregam se exala sempre a benevolência; é uma linguagem invariavelmente digna, elevada e, muitas vezes, sublime. Sua superioridade os torna mais aptos do que os outros a nos darem noções exatas sobre as coisas do mundo incorpóreo, dentro dos limites do que é permitido ao homem saber. [...] Afastam-se, porém, daqueles a quem só a curiosidade impele, ou que, por influência da matéria, fogem à prática do bem. Quando, por exceção, encarnam na Terra, é para cumprir missão de progresso e então nos oferecem o tipo da perfeição a que a Humanidade pode aspirar neste mundo*¹².

2.3 – Primeira ordem – Espíritos puros

- **Primeira classe. Classe única.** *Os Espíritos que a compõem percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é suscetível a criatura, não têm mais que sofrer provas, nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, realizam a vida eterna no seio de Deus. Gozam de inalterável felicidade, porque não se acham submetidos às necessidades, nem às vicissitudes da vida*

*material. Essa felicidade, porém, não é a de ociosidade monótona, a transcorrer em perpétua contemplação. Eles são os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam para manutenção da harmonia universal. [...] São designados às vezes pelos nomes de anjos, arcanjos ou serafins*¹³.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 4, item 25, p. 94-95.
2. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Questão 100, p. 87.
3. _____. p. 88.
4. _____. Questão 102, p. 90-91.
5. _____. Questão 103, p. 91.
6. _____. Questão 104, p. 91.
7. _____. Questão 105, p. 92.
8. _____. Questão 106, p. 92.
9. _____. Questão 108, p. 93.
10. _____. Questão 109, p. 94.
11. _____. Questão 110, p. 94.
12. _____. Questão 111, p. 94.
13. _____. Questão 113, p. 94-95.
14. _____. Questão 115, p. 95.
15. _____. Questão 122, p. 97.
16. _____. Questão 122-b, p. 98.

PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO V

Comunicabilidade dos Espíritos

OBJETIVO GERAL

Possibilitar entendimento do processo de comunicação dos Espíritos com o mundo corporal.

ROTEIRO 1

Influência dos Espíritos em nossos pensamentos e atos, e nos acontecimentos da vida

Objetivos específicos ■ Identificar a natureza da influência dos Espíritos em nossos pensamentos e atos, e nos acontecimentos da vida.

- Explicar como se processa essa influência.
- Indicar a forma de neutralizar as más influências espirituais.

Conteúdo básico

- *Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos? Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 459.
- *Como distinguirmos se um pensamento sugerido procede de um bom Espírito ou de um Espírito mau? Estudai o caso. Os bons Espíritos só para o bem aconselham. Compete-vos discernir.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 464.
- *Atuando sobre a matéria, podem os Espíritos manifestar-se de muitas maneiras diferentes: por efeitos físicos, quais os ruídos e a movimentação de objetos; pela transmissão do pensamento, pela visão, pela audição, pela palavra, pelo tato, pela escrita, pelo desenho, pela música, etc. Numa palavra, por todos os meios que sirvam a pô-los em comunicação com os homens.* Allan Kardec: *Obras póstumas*. Primeira parte – Manifestações dos Espíritos, item 14.
- *Por que meio podemos neutralizar a influência dos maus Espíritos? Praticando o bem e pondo em Deus toda a vossa confiança. [...].* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 469.

Sugestões didáticas

Introdução

- Apresentar o assunto e os objetivos da aula.
- Mostrar, em transparência ou cartaz, a questão 459 de *O Livro dos Espíritos*, e solicitar aos participantes que, em grupos de três, expliquem o conteúdo da referida questão.

Desenvolvimento

- Ouvir as idéias expostas pelos grupos, comentando-as. Ressaltar que a possibilidade de os Espíritos nos dirigirem está subordinada ao acolhimento que lhes damos em nossos pensamentos.
- Dividir a turma em pequenos grupos, que deverão realizar as seguintes tarefas:
 1. Ler os *subsídios* do roteiro.
 2. Responder às seguintes perguntas:
 - a) Como distinguir se um pensamento que nos é sugerido procede de um bom Espírito ou de um Espírito imperfeito?
 - b) Qual a relação entre a nossa conduta moral e a natureza da influência que recebemos dos Espíritos?
 - c) Dizem os Espíritos Superiores que temos a liberdade de seguir os bons Espíritos ou os Espíritos imperfeitos. Que procedimentos, então, deveremos adotar para atrair a atenção dos bons Espíritos?
- Ouvir o relato dos grupos, prestando-lhes os esclarecimentos necessários.
- Explicar como se processa a influência dos Espíritos em nossos pensamentos e atos, e nos acontecimentos da vida.
- Distribuir entre os participantes cópias da narrativa do Espírito Neio Lúcio intitulada *O poder das trevas (Jesus no Lar, item 39)*, fazendo uma leitura em voz alta da mesma.
- Destacar, em conjunto com os participantes, pontos significativos da narrativa.

Conclusão

- Concluir a aula ressaltando a determinação dos Espíritos imperfeitos no sentido de nos atrair para o mal e a vigilância

que devemos ter, sobre nós mesmos, a fim de neutralizá-lhes a ação e não perder as oportunidades de progresso que as leis divinas nos oferecem.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes realizarem corretamente os trabalhos de grupo.

Técnica(s): zum-zum; exposição; trabalho em pequenos grupos; leitura reflexiva.

Recurso(s): cartaz/transparência; textos; papel; lápis/caneta.

Subsídios

Allan Kardec pergunta aos Espíritos Superiores:

Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos? *Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem* ².

A resposta dada pelos Espíritos não nos deve causar estranheza, pois, se analisarmos o assunto fazendo uma comparação com o que sucede em nossas relações sociais, chegaremos à conclusão de que vivemos em permanente sintonia com as pessoas que nos rodeiam, familiares ou não, das quais recebemos influência por meio das idéias que exteriorizam e dos exemplos que nos dão, do mesmo modo que as influenciemos com as nossas idéias e com a nossa conduta.

O mesmo ocorre, naturalmente, com os habitantes do mundo espiritual, pois são eles os seres humanos desencarnados que, pelo simples fato de terem deixado o invólucro carnal, não mudaram as características de sua personalidade ou a sua maneira de pensar.

Assim, somos alvo não só da atenção de Benfeitores e Amigos Espirituais — incluindo entre eles os parentes e amigos desta e de outras reencarnações, os quais, vencendo o túmulo, desejam prosseguir auxiliando-nos — como também daqueles outros a quem prejudicamos com atos de maior ou menor gravi-

dade, nesta ou em anteriores existências, e que nos procuram para cobrar a dívida que com eles contraímos.

Portanto, a resposta dos Espíritos a Kardec nos dá uma noção exata do intercâmbio existente entre os Espíritos desencarnados e encarnados, intercâmbio esse real e constante.

O Espiritismo torna compreensível o processo pelo qual se dá a influência dos Espíritos no mundo corporal. Essa influência tem origem na possibilidade de transmissão do pensamento. Para que entendamos como o pensamento se transmite, [...] *precisamos conceber mergulhados no fluido universal, que ocupa o espaço, todos os seres, encarnados e desencarnados, tal qual nos achamos, neste mundo, dentro da atmosfera. Esse fluido recebe da vontade uma impulsão; ele é o veículo do pensamento, como o ar o é do som, com a diferença de que as vibrações do ar são circunscritas, ao passo que as do fluido universal se estendem ao infinito. Dirigido, pois, o pensamento para um ser qualquer, na Terra ou no espaço, de encarnado para desencarnado, ou vice-versa, uma corrente fluídica se estabelece entre um e outro, transmitindo de um ao outro o pensamento, como o ar transmite o som*¹.

Ensina ainda a Doutrina Espírita que por meio [...] *do perispírito é que os Espíritos atuam sobre a matéria inerte* [...]. *Sua natureza etérea [do perispírito] não é que a isso obstaria, pois se sabe que os mais poderosos motores se nos deparam nos fluidos mais rarefeitos e nos mais imponderáveis. Não há, pois, motivo de espanto quando, com essa alavanca [o perispírito], os Espíritos produzem certos efeitos físicos* [...] ⁷.

*Atuando sobre a matéria, podem os Espíritos manifestar-se de muitas maneiras diferentes: por efeitos físicos, quais os ruídos e a movimentação de objetos; pela transmissão do pensamento, pela visão, pela audição, pela palavra, pelo tato, pela escrita, pelo desenho, pela música, etc. Numa palavra, por todos os meios que sirvam a pô-los em comunicação com os homens*⁸.

Deflui desses ensinamentos que os Espíritos exercem influência nos acontecimentos da vida, por meio da transmissão de pensamento e por sua ação direta no mundo material, tudo, no entanto, dentro das leis da Natureza⁶.

Se a influência dos Espíritos em nossos pensamentos é de tal intensidade que, ordinariamente, são eles que nos dirigem², é preciso saber identificar a natureza dessa influência, a fim de que não atendamos aos alvitreiros dos Espíritos imperfeitos. *Como distinguirmos se um pensamento sugerido procede de um bom Espírito ou de um Espírito mau?* — indaga Kardec aos Espíritos Superiores. A resposta dos Benfeitores da Humanidade é um apelo ao nosso bom sen-

so. Dizem eles: *Estudai o caso. Os bons Espíritos só para o bem aconselham. Compete-vos discernir* ³.

Os Espíritos imperfeitos são instrumentos próprios a pôr em prova a fé e a constância dos homens na prática do bem. Como Espírito que és, tens que progredir na ciência do infinito. Daí o passares pelas provas do mal, para chegares ao bem. A nossa missão consiste em te colocarmos no bom caminho. Desde que sobre ti atuam influências más, é que as atraís, desejando o mal; porquanto os Espíritos inferiores correm a te auxiliar no mal, logo que desejes praticá-lo. Só quando queiras o mal, podem eles ajudar-te para a prática do mal. Se fores propenso ao assassinio, terás em torno de ti uma nuvem de Espíritos a te alimentarem no íntimo esse pendor. Mas, outros também te cercarão, esforçando-se por te influenciarem para o bem, o que restabelece o equilíbrio da balança e te deixa senhor dos teus atos.

É assim que Deus confia à nossa consciência a escolha do caminho que devamos seguir e a liberdade de ceder a uma ou outra das influências contrárias que se exercem sobre nós ⁴.

Assim, compete exclusivamente a nós neutralizar a influência dos Espíritos imperfeitos. Os Espíritos Superiores são bastante claros ao nos indicarem o meio para isso: *Praticando o bem e pondo em Deus toda a vossa confiança, repelireis a influência dos Espíritos inferiores e aniquilareis o império que desejem ter sobre vós. Guardai-vos de atender às sugestões dos Espíritos que vos suscitam maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vós outros e que vos insuflam as paixões más. Desconfiai especialmente dos que vos exaltam o orgulho, pois que esses vos assaltam pelo lado fraco. Essa a razão por que Jesus, na oração dominical, vos ensinou a dizer: Senhor! Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal* ⁵.

O Espiritismo trouxe ensinamentos preciosos sobre a importância da nossa atitude mental no sentido do bem, para que não nos desviemos do caminho que nos compete seguir rumo à perfeição, que é a nossa meta. Desse modo, é preciso aprender a disciplinar os nossos pensamentos, a fim de atrairmos os bons Espíritos, que nos auxiliarão a percorrer esse caminho, tornando-o menos árido, e pleno de realizações espirituais.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 27, item 10, p. 373.
2. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Questão 459, p. 246.
3. _____. Questão 464, p. 247.
4. _____. Questão 466, p. 248.
5. _____. Questão 469, p. 248-249.
6. _____. Questão 525-a, p. 267.
7. _____. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 38. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Primeira parte. Manifestações dos Espíritos. Cap. 1, item 13, p. 46.
8. _____. Item 14, p. 46.

ROTEIRO 2

Mediunidade e médium

Objetivos específicos

- Emitir conceito de mediunidade e de médium.
- Esclarecer a finalidade da mediunidade.

Conteúdo básico

- A [...] *mediunidade é inerente a uma disposição orgânica, de que qualquer homem pode ser dotado, como da de ver, de ouvir, de falar. [...] A mediunidade é conferida sem distinção, a fim de que os Espíritos possam trazer a luz a todas as camadas, a todas as classes da sociedade, ao pobre como ao rico; aos retos, para os fortificar no bem, aos viciosos para os corrigir. [...] A mediunidade não implica necessariamente relações habituais com os Espíritos superiores. É apenas uma aptidão para servir de instrumento mais ou menos dúctil aos Espíritos, em geral. O bom médium, pois, não é aquele que comunica facilmente, mas aquele que é simpático aos bons Espíritos e somente deles tem assistência.* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. 24, item 12.
- *Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva.* Allan Kardec. *O livro dos médiuns*. Segunda parte. Cap. 14, item 159.

Sugestões didáticas

Introdução

- Apresentar o assunto e os objetivos da aula.
- Solicitar aos participantes que se organizem, livremente, em duplas.
- Entregar a cada dupla cinco tiras de papel (tamanho 21cm x 10cm, aproximadamente), caneta hidrográfica.

Desenvolvimento

- Pedir às duplas que leiam atentamente os *subsídios* do Roteiro.
- Em seqüência, propor-lhes as questões a seguir, cujas respostas deverão ser escritas nas tiras de papel recebidas (uma resposta em cada tira):
 1. Que se entende por mediunidade?
 2. Dar um conceito de médium.
 3. Comentar a seguinte assertiva, constante nos *subsídios*: *A mediunidade é concedida sem distinção (...)*.
 4. Por que a mediunidade não implica relações habituais com os Espíritos Superiores?
 5. Qual a finalidade da mediunidade?

Observação: Após cada questão, dar tempo razoável para a resposta. Nesta fase da tarefa, não deve haver consulta aos *subsídios* do Roteiro.
- Quando todas as respostas tiverem sido dadas, pedir a um representante de cada dupla que afixe as referidas tiras de papel à vista de todos, conforme o exemplo abaixo:

Dupla 1	resposta 1	resposta 2	resposta 3	resposta 4	resposta 5
Dupla 2	resposta 1	resposta 2	resposta 3	resposta 4	resposta 5

(E assim por diante)

- Depois de serem afixadas todas as tiras, pedir a dois participantes que marquem as respostas que julgarem adequadas, lendo-as a seguir. · Fazer a correção das respostas em conjunto com a turma, prestando os esclarecimentos devidos.

Conclusão

- Concluir a aula reforçando os conceitos de mediunidade e de médium, e a finalidade da mediunidade.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes souberem emitir conceitos corretos de mediunidade e de médium, e esclarecer a finalidade da mediunidade.

Técnica(s): exposição; trabalho em duplas.

Recurso(s): *subsídios* do Roteiro; tiras de papel; canetas hidrográficas; questões; mural.

Subsídios

Digamos, antes de tudo, que a mediunidade é inerente a uma disposição orgânica, de que qualquer homem pode ser dotado, como da de ver, de ouvir, de falar. Ora, nenhuma há de que o homem, por efeito do seu livre-arbítrio, não possa abusar, e se Deus não houvesse concedido, por exemplo, a palavra senão aos incapazes de proferirem coisas más, maior seria o número dos mudos do que o dos que falam. Deus outorgou faculdades ao homem e lhe dá a liberdade de usá-las, mas não deixa de punir o que delas abusa.

Se só aos mais dignos fosse concedida a faculdade de comunicar com os Espíritos, quem ousaria pretendê-la? Onde, ao demais, o limite entre a dignidade e a indignidade? A mediunidade é conferida sem distinção, a fim de que os Espíritos possam trazer a luz a todas as camadas, a todas as classes da sociedade, ao pobre como ao rico; aos retos, para os fortificar no bem, aos viciosos para os corrigir. Não são estes últimos os doentes que necessitam de médico? Por que Deus, que não quer a morte do pecador, o privaria do socorro que o pode arrancar ao lameiro? Os bons Espíritos lhe vêm em auxílio e seus conselhos, dados diretamente, são de natureza a impressioná-lo de modo mais vivo, do que se os recebesse indiretamente. Deus, em sua bondade, para lhe poupar o trabalho de ir buscá-la longe, nas mãos lhe coloca a luz. Não será ele bem mais culpado, se não a quiser ver? Poderá desculpar-se com a sua ignorância, quando ele mesmo haja escrito com suas mãos, visto com seus próprios olhos, ouvido com seus próprios ouvidos, e pronunciando com a própria boca a sua condenação? Se não aproveitar, será

então punido pela perda ou pela perversão da faculdade que lhe fora outorgada e da qual, nesse caso, se aproveitam os maus Espíritos para o obsidiarem e enganarem, sem prejuízo das aflições reais com que Deus castiga os servidores indignos e os corações que o orgulho e o egoísmo endureceram.

A mediunidade não implica necessariamente relações habituais com os Espíritos superiores. É apenas uma aptidão para servir de instrumento mais ou menos dúctil aos Espíritos, em geral¹.

Segundo Emmanuel, a [...] mediunidade é aquela luz que seria derramada sobre toda carne e prometida pelo Divino Mestre aos tempos do Consolador, atualmente em curso na terra. [...] Sendo luz que brilha na carne, a mediunidade é atributo do Espírito, patrimônio da alma imortal, elemento renovador da posição moral da criatura terrena, enriquecendo todos os seus valores no capítulo da virtude e da inteligência, sempre que se encontre ligada aos princípios evangélicos na sua trajetória pela face do mundo⁷.

Mediunidade [é ainda Emmanuel quem o diz] é talento do céu, para o serviço de renovação do mundo. Lâmpada, que nos cabe acender, aproveitando o óleo da humildade, é indispensável nutrir com ela a sublime luz do amor, a irradiar-se em caridade e compreensão, para todos os que nos cercam⁸.

Por outro lado, todo [...] aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva³.

O médium, assim, é [...] o ser, é o indivíduo que serve de traço de união aos Espíritos, para que estes possam comunicar-se facilmente com os homens: Espíritos encarnados. Por conseguinte, sem médium, não há comunicações tangíveis, mentais, escritas, físicas, de qualquer natureza que seja⁴.

Note-se, entretanto, que o [...] bom médium [...] não é aquele que comunica facilmente, mas aquele que é simpático aos bons Espíritos e somente deles tem assistência. Unicamente neste sentido é que a excelência das qualidades morais se torna onipotente sobre a mediunidade².

A missão mediúnica, se tem os seus percalços e as suas lutas dolorosas, é uma das mais belas oportunidades de progresso e de redenção concedidas por Deus aos seus filhos misérrimos⁶.

Assim é que os [...] *grandes Instrutores da Espiritualidade utilizam-se dos médiuns para a transmissão de mensagens edificantes, enriquecendo o Mundo com novas revelações, conselhos e exortações que favorecem a definitiva integração a programas emancipadores. Tudo isso pode o mediunismo conseguir se o pensamento de Nosso Senhor, repleto de fraternidade e sabedoria, for a bússola de todas as realizações*⁵.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 24, item 12, p. 351-352.
2. _____. p. 352.
3. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 76. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Segunda parte, Cap. 14, item 159, p. 203.
4. _____. Cap. 22, item 236, p. 300-301.
5. PERALVA, Martins. *Estudando a mediunidade*. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 29, p. 159.
6. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Questão 382, p. 213.
7. _____. p. 213-214.
8. _____. *Dicionário da alma*. Por diversos Espíritos. Verbete: Mediunidade, pelo Espírito Emmanuel. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 255.

ROTEIRO 3

Mediunidade com Jesus

Objetivo específico

- Enumerar as características da mediunidade com Jesus.

Conteúdo básico

- *Restituí a saúde aos doentes, ressuscitai os mortos, curai os leprosos, expulsai os demônios. Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido. Mateus, 10:8.*
- *Mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. Se há um gênero de mediunidade que requeira essa condição de modo ainda mais absoluto é a mediunidade curadora. [...] O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos; não tem o direito de vendê-lo. Jesus e os apóstolos, ainda que pobres, nada cobravam pelas curas que operavam. Allan Kardec: O evangelho segundo o spiritismo. Cap. 26, item 10.*
- *Os médiuns atuais [...] igualmente receberam de Deus um dom gratuito: o de serem intérpretes dos Espíritos, para instrução dos homens, para lhes mostrar o caminho do bem e conduzi-los à fé, não para lhes vender palavras que não lhes pertencem, a eles médiuns, visto que não são fruto de suas concepções, nem de suas pesquisas, nem de seus trabalhos pessoais. Deus quer que a luz chegue a todos; não quer que o mais pobre fique dela privado [...]. Tal a razão por que a mediunidade não constitui privilégio e se encontra por toda parte. Fazê-la paga seria, pois, desviá-la do seu providencial objetivo. Allan Kardec: O evangelho segundo o spiritismo. Cap. 26, item 7.*
- *A par da questão moral, apresenta-se uma consideração efetiva não menos importante, que entende com a natureza mesma da faculdade. [...] É que se trata de uma faculdade essencialmente móvel, fugidia e mutável, com cuja perenidade, pois, ninguém pode contar. Allan Kardec: O evangelho segundo o spiritismo. Cap. 26, item 9.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Apresentar em transparência, ou cartaz, as seguintes palavras de Jesus: “*Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios; de graça recebestes, de graça dai.*” (Mateus, 10:8).
- Em seguida, solicitar aos participantes que manifestem seu entendimento sobre esse ensino. Não comentar as idéias emitidas.

Desenvolvimento

- Dividir a turma em grupos de cinco participantes para a realização da seguinte tarefa:
 1. ler os *subsídios* do Roteiro;
 2. trocar idéias a respeito do conteúdo lido, pedindo esclarecimentos ao monitor, se necessário;
 3. elaborar quatro perguntas, que serão, oportunamente, dirigidas aos demais grupos (uma pergunta para cada grupo).
- A seguir, solicitar ao representante do grupo 1 que dirija as perguntas formuladas pelo seu grupo aos demais. O mesmo procedimento deverá ser adotado em relação aos outros grupos.

Observação: À medida que os grupos vão respondendo às perguntas, um dos participantes, escolhido pelo monitor, marcará, no quadro de giz ou *flip-chart*, os pontos ganhos pelas respostas certas (um ponto para cada acerto).

- Ao final da tarefa, destacar o grupo ou os grupos que mais acertaram. Em seqüência, fazer uma exposição sobre as características da mediunidade com Jesus, tendo por base os *subsídios* e a referência bibliográfica do roteiro, prestando os esclarecimentos necessários.

Conclusão

- Voltar à citação evangélica apresentada na introdução, ressaltando o significado das palavras de Jesus: “*De graça recebestes, de graça dai.*”

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes conseguirem caracterizar a mediunidade com Jesus.

Técnica(s): torneio entre grupos; exposição.

Recurso(s): *subsídios* do Roteiro; transparência/cartaz; quadro de giz / *flip-chart*; giz/pincel atômico; papel; lápis/ caneta.

Subsídios

«Daí gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido,» diz Jesus a seus discípulos. Com essa recomendação, prescreve que ninguém se faça pagar daquilo por que nada pagou. Ora, o que eles haviam recebido gratuitamente era a faculdade de curar os doentes e de expulsar os demônios, isto é, os maus Espíritos. Esse dom Deus lhes dera gratuitamente, para alívio dos que sofrem e como meio de propagação da fé; Jesus, pois, recomendava-lhes que não fizessem dele objeto de comércio, nem de especulação, nem de meio de vida ¹.

Ressalta dessas palavras do Cristo, que a [...] *mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. Se há um gênero de mediunidade que requeira essa condição de modo ainda mais absoluto é a mediunidade curadora. O médico dá o fruto de seus estudos, feitos, muita vez, à custa de sacrifícios penosos. O magnetizador dá o seu próprio fluido, por vezes até a sua saúde. Podem pôr-lhes preço. O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos; não tem o direito de vendê-lo. Jesus e os apóstolos, ainda que pobres, nada cobravam pelas curas que operavam* ⁵.

Os médiuns [...] *receberam de Deus um dom gratuito: o de serem intérpretes dos Espíritos, para instrução dos homens, para lhes mostrar o caminho do bem e conduzi-los à fé, não para lhes vender palavras que não lhes pertencem, a eles médiuns, visto que não são fruto de suas concepções, nem de suas pesquisas, nem de seus trabalhos pessoais. Deus quer que a luz chegue a todos; não quer que o mais pobre fique dela privado [...]. Tal a razão por que a mediunidade não constitui privilégio e se encontra por toda parte. Fazê-la paga seria, pois, desviá-la do seu providencial objetivo* ².

Além disso, quem [...] *conhece as condições em que os bons Espíritos se comunicam, a repulsão que sentem por tudo o que é de interesse egoístico, e sabe quão pouca coisa se faz mister para que*

eles se afastem, jamais poderá admitir que os Espíritos superiores estejam à disposição do primeiro que apareça e os convoque a tanto por sessão ³.

Note-se, entretanto, que médiuns interesseiros [...] não são apenas os que porventura exijam uma retribuição fixa; o interesse nem sempre se traduz pela esperança de um ganho material, mas também pelas ambições de toda sorte, sobre as quais se fundem esperanças pessoais. É esse um dos defeitos de que os Espíritos zombeteiros sabem muito bem tirar partido e de que se aproveitam com uma habilidade, uma astúcia verdadeiramente notáveis, embalando com falaciosas ilusões os que desse modo se lhes colocam sob a dependência. Em resumo, a mediunidade é uma faculdade concedida para o bem e os bons Espíritos se afastam de quem pretenda fazer dela um degrau para chegar ao que quer que seja, que não corresponda às vistas da Providência ⁶.

A par da questão moral, apresenta-se uma consideração efetiva não menos importante, que entende com a natureza mesma da faculdade. A mediunidade séria não pode ser e não o será nunca uma profissão, não só porque se desacreditaria moralmente, identificada para logo com a dos ledores da boa-sorte, como também porque um obstáculo a isso se opõe. É que se trata de uma faculdade essencialmente móvel, fugidia e mutável, com cuja perenidade, pois, ninguém pode contar. Constituiria, portanto, para o explorador, uma fonte absolutamente incerta de receitas, de natureza a poder faltar-lhe no momento exato em que mais necessária lhe fosse. Coisa diversa é o talento adquirido pelo estudo, pelo trabalho e que, por essa razão mesma, representa uma propriedade da qual naturalmente lícito é, ao seu possuidor, tirar partido. A mediunidade, porém, não é uma arte, nem um talento, pelo que não pode tornar-se uma profissão. Ela não existe sem o concurso dos Espíritos; faltando estes, já não há mediunidade. Pode subsistir a aptidão, mas o seu exercício se anula. Daí vem não haver no mundo um único médium capaz de garantir a obtenção de qualquer fenômeno espírita em dado instante. Explorar alguém a mediunidade é, conseqüentemente, dispor de uma coisa da qual não é realmente dono. Afirmar o contrário é enganar a quem paga. Há mais: não é de si próprio que o explorador dispõe; é do concurso dos Espíritos, das almas dos mortos, que ele põe a preço de moeda. Essa idéia causa instintiva repugnância ⁴.

Todos os homens têm o seu grau de mediunidade, nas mais variadas posições evolutivas, e esse atributo do espírito representa, ainda, a alvorada de novas percepções para o homem do futuro, quando, pelo avanço da mentalidade do mundo, as criaturas humanas verão alargar-se a janela acanhada dos seus cinco sentidos.

Na atualidade, porém, temos de reconhecer que no campo imenso das potencialidades psíquicas do homem existem os médiuns com tarefa definida, precursores das

*novas aquisições humanas. É certo que essas tarefas reclamam sacrifícios e se constituem, muitas vezes, de provações ásperas; todavia, se o operário busca a substância evangélica para a execução de seus deveres, é ele o trabalhador que faz jus ao acréscimo de misericórdia prometido pelo Mestre a todos os discípulos de boa-vontade*⁹.

Mesmo o médium sob excelente assistência espiritual [...] não deve descurar-se da própria vigilância, lembrando sempre de que é uma criatura humana, sujeita, por isso, a oscilações vibratórias, a pensamentos e desejos inadequados.

Devemos ter sempre na lembrança a palavra de Emmanuel: Os médiums, em sua generalidade, não são missionários na acepção comum do termo; são almas que fracassaram **desastradamente**, que contrariaram, sobremaneira, o curso das leis divinas e que resgatam, sob o peso de severos compromissos e ilimitadas responsabilidades, o passado **obscuro e delituoso**.

O seu pretérito, muitas vezes, se encontra enodado de graves deslizes e erros clamorosos. Quando médium guarda a noção de fragilidade e pequenez, pela convicção de que é uma alma em processo de redenção e aperfeiçoamento, pelo trabalho e pelo estudo, está-se preparando, com segurança, para o triunfo nas lides do Espírito Eterno⁸.

Assim, podemos dizer que a [...] primeira necessidade do médium é evangelizar-se a si mesmo antes de se entregar às grandes tarefas doutrinárias, pois, de outro modo, poderá esbarrar sempre com o fantasma do personalismo, em detrimento de sua missão.¹⁰

Em suma, o médium [...] que vigia a própria vida, disciplina as emoções, cultiva as virtudes cristãs e oferece ao Senhor, multiplicados, os talentos que por empréstimo lhe foram confiados, estará, no silêncio de suas dores e de seus sacrifícios, preparando o seu caminho de elevação para o Céu.

*Estará, sem dúvida, exercendo a mediunidade com Jesus.*⁷

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 26, item 2, p. 363.
2. _____. Item 7, p. 365-366.
3. _____. Item 8, p. 366.
4. _____. Item 9, p. 366-367.
5. _____. Item 10, p. 367.
6. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 76. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 28, item 306, p. 410.
7. PERALVA, Martins. *Estudando a mediunidade*. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 1, p. 16.
8. _____. Cap. 7, p. 45.
9. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Questão 383, p. 214.
10. _____. Questão 387, p. 215.

PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO VI

Reencarnação

OBJETIVO GERAL

Possibilitar entendimento da reencarnação sob a ótica da Doutrina Espírita

ROTEIRO 1

Fundamentos e finalidade da reencarnação

Objetivos específicos ■ Relacionar a doutrina da reencarnação com a manifestação da justiça divina.

- Explicar a relação de causa e efeito no processo reencarnatório.
- Citar as finalidades da reencarnação.
- Esclarecer como atingir essas finalidades.

Conteúdo básico

- *A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o Espírito muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à idéia que formamos da justiça de Deus para com os homens que se acham em condição moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgataremos os nossos erros por novas provações. A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 171 – comentário.
- *Se admitimos a justiça de Deus, não podemos deixar de admitir que esse efeito tem uma causa; e se esta causa não se encontra na vida presente, deve achar-se antes desta, porque em todas as coisas a causa deve preceder ao efeito [...].* Allan Kardec: *O que é o espiritismo*. Cap. 3 – O homem durante a vida terrena, item 134.
- *Qual o fim objetivado com a reencarnação? Expição, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isto, onde a justiça?* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 167.

- *A obrigação que tem o Espírito encarnado de prover ao alimento do corpo, à sua segurança, ao seu bem-estar, o força a empregar suas faculdades em investigações, a exercitá-las e desenvolvê-las. Útil, portanto, ao seu adiantamento é a sua união com a matéria. Daí o constituir uma necessidade a encarnação. [...]. Allan Kardec: A gênese. Cap. 11, item 24.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Apresentar, no início da reunião, os objetivos específicos do tema, comentando-os rapidamente.

Desenvolvimento

- Propor à turma, em seguida, a realização de um exercício, fundamentado na técnica *buscando o consenso*, tendo em vista a necessidade de desenvolver as idéias expressas nos objetivos. Explicar que a correta execução da tarefa requisita a aplicação das seguintes regras:
 - a) leitura, silenciosa e individual, do item 2 dos *subsídios* (Finalidades da reencarnação);
 - b) formação de grupos, após a leitura;
 - c) recebimento de uma listagem de 10 itens, relacionados ao conteúdo da aula, para ser lida, coletivamente, em cada grupo (veja anexo);
 - d) seleção, por consenso grupal, de 3 itens considerados como finalidades da reencarnação, e de 1 item entendido como sendo fundamento da reencarnação. Fazer releitura do texto dos *subsídios*, se necessário;
 - e) enumeração dos itens selecionados de 1 a 4 – também por consenso do grupo –, segundo a importância atribuída a cada um deles (assim, o de nº 1 tem maior importância que o de nº 4).
 - f) na busca do consenso, pedir à turma que evite o recurso do voto, do meio-termo ou da imposição da vontade. O importante é que o grupo aprenda a discutir, ceder ou defender pontos de vista, de forma equilibrada.

- Pedir aos grupos que apresentem, em plenário, as conclusões do trabalho, assim como as justificativas que serviram de base para a seleção e a enumeração dos itens.
- Colocar pincéis atômicos e folhas de papel pardo à disposição dos grupos, para serem utilizados nas apresentações.
- Emitir comentários sobre as conclusões apresentadas, fazendo os possíveis ajustes.

Conclusão

- Retomar os objetivos do tema, comentados no início da aula, destacando:
a relação que existe entre a doutrina da reencarnação e a justiça divina; a relação de causa e efeito que ocorre no processo reencarnatório; as finalidades da reencarnação; como atingir essas finalidades.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes souberem selecionar corretamente os fundamentos e as finalidades da reencarnação, tendo como base o texto dos subsídios e as idéias expressas pelo monitor no início da reunião.

Técnica(s): exposição; buscando o consenso.

Recurso(s): *subsídios* do Roteiro; listagem de itens sobre fundamentos e finalidades da reencarnação; pincéis atômicos, folhas de papel pardo.

Subsídios A idéia da reencarnação não é recente nem foi inventada pelo Espiritismo. Trata-se, na verdade, de uma crença muito antiga, cuja origem se perde no tempo. *A idéia da transmigração das almas formava, pois, uma crença vulgar, aceita pelos homens mais eminentes. De que modo a adquiriram? Por uma revelação, ou por intuição? Ignoramo-lo. Seja, porém, como for, o que não padece dúvida é que uma idéia não atravessa séculos e séculos, nem consegue impor-se a inteligências de escol, se não contiver algo de sério. Assim, a ancianidade desta doutrina, em vez de ser uma objeção, seria prova a seu favor. [...] Portanto, ensinando o dogma da pluralidade das existências corporais, os Espíritos renovam uma doutrina que teve origem nas primeiras idades do mundo e que se conservou no íntimo de muitas pessoas, até aos nossos dias. Simplesmente, eles a apresentam de um ponto de vista mais racional, mais acorde com as leis progressivas da Natureza e mais de conformidade com a sabedoria do Criador, despindo-a de todos os acessórios da superstição* ¹³.

1. Fundamentos da Reencarnação

Em resposta dada pelos Espíritos Superiores a Kardec, encontramos, na questão 171 de *O Livro dos Espíritos*, a afirmação de que a idéia da reencarnação está fundamentada na justiça de Deus e na revelação, visto que todos [...] os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provações da vida corporal. Sua justiça, porém, lhes concede realizar, em novas existências, «o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova.» Não obraria Deus com equidade, nem de acordo com a sua bondade, se condenasse para sempre os que talvez hajam encontrado, oriundos do próprio meio onde foram colocados e alheios à vontade que os animava, obstáculos ao seu melhoramento. Se a sorte do homem se fixasse irrevogavelmente depois da morte, não seria uma única a balança em que Deus pesa as ações de todas as criaturas e não haveria imparcialidade no tratamento que a todas dispensa. A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o Espírito muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à idéia que formamos da justiça de

Deus para com os homens que se acham em condição moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros por novas provações. A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam ¹².

*Deus, em sua justiça, não pode ter criado almas desigualmente perfeitas. Com a pluralidade das existências, a desigualdade que notamos nada mais apresenta em oposição à mais rigorosa equidade: é que apenas vemos o presente e não o passado. A este raciocínio serve de base algum sistema, alguma suposição gratuita? Não. Partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral e verificamos que nenhuma das teorias correntes o explica, ao passo que uma outra teoria lhe dá explicação simples, natural e lógica. Será racional preferir-se as que não explicam àquela que explica?*²¹⁴

O princípio da reencarnação é uma consequência necessária da lei de progresso. Sem a reencarnação, como se explicaria a diferença que existe entre o presente estado social e o dos tempos de barbárie? Se as almas são criadas ao mesmo tempo que os corpos, as que nascem hoje são tão novas, tão primitivas, quanto as que viviam há mil anos; acrescentemos que nenhuma conexão haveria entre elas, nenhuma relação necessária; seriam de todo estranhas umas às outras. Por que, então, as de hoje haviam de ser melhor dotadas por Deus, do que as que precederam? Por que têm aquelas melhor compreensão? Por que possuem instintos mais apurados, costumes mais brandos? Por que têm a intuição de certas coisas, sem as haverem aprendido? Duvidamos de que alguém saia desses dilemas, a menos admita que Deus cria almas de diversas qualidades, de acordo com os tempos e lugares, proposição inconciliável com a idéia de uma justiça soberana ⁸.

*A pluralidade das existências, cujo princípio o Cristo estabeleceu no Evangelho * [...] é uma das mais importantes leis reveladas pelo Espiritismo, pois que lhe demonstra a realidade e a necessidade para o progresso. Com esta lei, o homem explica todas as aparentes anomalias da vida humana; as diferenças de posição social; as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis à alma as existências breves; a desigualdade de aptidões intelectuais e morais, pela ancianidade do Espírito que mais ou menos aprendeu e progrediu, e traz, nascendo, o que adquiriu em suas existências anteriores* ⁵.

Com a doutrina da criação da alma no instante do nascimento, vem-se a cair no sistema das criações privilegiadas; os homens são estranhos uns aos outros, nada os liga, os laços de família são puramente carnavais; não são de nenhum modo solidários com um passado em que não existiam; com a doutrina do nada após a morte, todas as relações cessam com a vida; os seres humanos não são solidários no futuro. Pela reencarnação, são solidários no passado e no futuro e, como as suas relações se perpetuam, tanto no mundo espiritual como no corporal, a fraternidade tem por base as próprias leis da Natureza; o bem tem um objetivo e o mal, conseqüências inevitáveis ⁶.

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. [...] Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade ⁷.

Reconheçamos, portanto, em resumo, que só a doutrina da pluralidade das existências explica o que, sem ela, se mantém inexplicável; que é altamente consoladora e conforme à mais rigorosa justiça; que constitui para o homem a âncora de salvação que Deus, por misericórdia, lhe concedeu ¹⁵.

2. Finalidades da Reencarnação

O fim objetivado da reencarnação, para os Espíritos Superiores, pode ser resumido no seguinte esclarecimento: *Expição, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isto, onde a Justiça? ¹⁰*

Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, «têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal»: nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta ⁹. A ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do Universo. Deus, porém, na sua sabedoria, quis que nessa mesma ação eles encontrassem um meio de progredir e de se aproximar dele. Deste modo, por uma admirável lei da Providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na Natureza ¹⁰.

A encarnação é necessária ao duplo progresso moral e intelectual do Espírito: ao progresso intelectual, pela atividade obrigatória do trabalho; ao progresso moral pela necessidade recíproca dos homens entre si. A vida social é a pedra de toque das

boas ou más qualidades. A bondade, a maldade, a doçura, a violência, a benevolência, a caridade, o egoísmo, a avareza, o orgulho, a humildade, a sinceridade, a franqueza, a lealdade, a má-fé, a hipocrisia, em uma palavra, tudo o que constitui o homem de bem ou o perverso tem por móvel, por alvo e por estímulo as relações do homem com os seus semelhantes. «Para o homem que vivesse insulado não haveria vícios nem virtudes; preservando-se do mal pelo insulamento, o bem de si mesmo se anularia.»²»

O progresso nos Espíritos é o fruto do próprio trabalho; mas, como são livres, trabalham no seu adiantamento com maior ou menor atividade, com mais ou menos negligência, segundo sua vontade, acelerando ou retardando o progresso e, por conseguinte, a própria felicidade. [...] Todo Espírito que se atrasa não pode queixar-se senão de si mesmo, assim como o que se adianta tem o mérito exclusivo do seu esforço, dando por isso maior apreço à felicidade conquistada. [...] O progresso intelectual e o progresso moral raramente marcham juntos, mas o que o Espírito não consegue em dado tempo, alcança em outro, de modo que os dois progressos acabam por atingir o mesmo nível. Eis por que se vêem muitas vezes homens inteligentes e instruídos pouco adiantados moralmente, e vice-versa¹.

Uma só existência corporal é manifestadamente insuficiente para o Espírito adquirir todo o bem que lhe falta e eliminar o mal que lhe sobra. [...] Para cada nova existência de permeio à matéria, entra o Espírito com o cabedal adquirido nas anteriores, em aptidões, conhecimentos intuitivos, inteligência e moralidade. Cada existência é, assim, um passo avante no caminho do progresso³.

É importante considerar, entretanto, que o [...] estado corporal é transitório e passageiro. É no estado espiritual, sobretudo, que o Espírito colhe os frutos do progresso realizado pelo trabalho da encarnação; é também nesse estado que se prepara para novas lutas e toma as resoluções que há de pôr em prática na sua volta à Humanidade [reencarnação]⁴.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 58. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Primeira parte. Cap. 3, item 7, p. 30-31.
2. _____. Item 8, p. 31.
3. _____. Item 9, p. 32.
4. _____. Item 10, p. 32-33.
5. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 1, item 34, p. 30.
6. _____. Item 35, p. 30-31.
7. _____. Item 36, p. 31.
8. _____. Cap. 11, item 33, p. 222.
9. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, questão 132, p. 103.
10. _____. Questão 132, comentário, p. 103.
11. _____. Questão 167, p. 121.
12. _____. Questão 171, p. 121-122.
13. _____. Questão 222, p. 143-144.
14. _____. p. 149.
15. _____. p. 153.

Anexo Listagem de itens sobre fundamentos e finalidades da reencarnação

- I. «A obrigação que tem o Espírito encarnado de prover ao alimento do corpo, à sua segurança, ao seu bem-estar, o força a empregar suas faculdades em investigações, a exercitá-las e desenvolvê-las. Útil, portanto, ao seu adiantamento é a sua união com a matéria.» Allan Kardec: *A gênese*, cap. 11, item 24.
- II. «Mediante as diversas existências corpóreas é que os Espíritos se vão expungindo, pouco a pouco, de suas imperfeições. As provações da vida os fazem adiantar-se, quando bem suportadas. Como expiações, elas apagam as faltas e purificam. São o remédio que limpa as chagas e cura o doente.» Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. 5, item 10.
- III. Pelo «[...] trabalho inteligente que ele [o Espírito] executa em seu proveito, sobre a matéria, auxilia a transformação e o progresso material do globo que lhe serve de habitação. É assim que, progredindo, colabora na obra do Criador, da qual se torna fator inconsciente.» Allan Kardec: *A gênese*, cap. 11, item 24.
- IV. Os Espíritos Superiores esclarecem que há expiação nas diferentes existências no plano material, tendo em vista o «melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isto, onde a justiça?» Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 167.
- V. «Os Espíritos não ocupam perpetuamente a mesma categoria. Todos se melhoram passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. [...] A vida material é uma prova que lhes cumpre sofrer repetidamente, até que hajam atingido a absoluta perfeição moral.» Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, introdução 6, p. 24.
- VI. «As diferentes existências corpóreas do Espírito são sempre progressivas e nunca regressivas [...].» Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, introdução 6, p. 25.

- VII. Os Espíritos Superiores ensinam «não haver faltas irremissíveis que a expiação não possa apagar. Meio de consegui-lo encontra o homem nas diferentes existências que lhe permitem avançar, conformemente aos seus desejos e esforços, na senda do progresso, para a perfeição, que é o seu destino final.» Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, introdução 6, p. 27.
- VIII. «A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia. É-lhes necessária, a bem deles, visto que a atividade que são obrigados a exercer lhes auxilia o desenvolvimento da inteligência.» Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. 4, item 25.
- IX. «Todavia, por virtude do axioma segundo o qual *todo efeito tem uma causa*, tais misérias são efeitos que hão de ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa também há de ser justa.» Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. 5, item 6.
- X. «A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o Espírito muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à idéia que formamos da justiça de Deus para com os homens que se acham em condição moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros por novas provações. A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam.» Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 171 – comentário.

ROTEIRO 2

Provas da reencarnação

Objetivo específico

- Citar provas da reencarnação.

Conteúdo básico

- As qualidades inatas que as pessoas [...] *trazem consigo constituem a prova de que já viveram e realizaram certo progresso.* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. 3, item 13.
- As lembranças espontâneas ou provocadas de existências passadas são evidências da reencarnação. *Os casos espontâneos de lembranças reencarnatórias, manifestados por crianças e adultos, não são raros, como pode pensar-se.* Hernani Guimarães Andrade: *Reencarnação no Brasil*. Cap. 1 – Casos resolvidos e não-resolvidos.
- *O conhecimento do pretérito, através das revelações ou das lembranças, chega sempre que a criatura se faz credora de um benefício como esse, o qual se faz acompanhar, por sua vez, de responsabilidades muito grandes no plano do conhecimento [...].* Emmanuel: *O consolador*, questão 370.
- A reencarnação pode ainda ser comprovada por outros meios, tais como: ditados mediúnicos, fenômenos de quase-morte e de transcomunicação instrumental.

Sugestões didáticas

Introdução

- Introduzir o tema, explicando, em linhas gerais, provas ou evidências da reencarnação.
- Apresentar um cartaz com duas colunas. A primeira coluna deve conter uma listagem de provas ou evidências da reencarnação (veja *subsídios* deste Roteiro). A segunda coluna traz esclarecimentos ou exemplos de cada prova ou evidência citada.

Desenvolvimento

- Pedir à turma que colabore no desenvolvimento do tema da reunião. Neste sentido, esclarecer que os participantes devem realizar, respectivamente, uma tarefa individual e uma tarefa grupal, de acordo com o seguinte roteiro:

Primeira etapa – trabalho individual

- a) leitura de pequenos textos (veja anexo);
- b) registro escrito dos fatos que comprovam a reencarnação em cada texto lido (se necessário, buscar orientação no cartaz afixado pelo monitor).

Segunda etapa – trabalho em grupo

- a) integração num grupo de até seis pessoas;
- b) leitura da síntese do Roteiro;
- c) desenvolvimento de tarefa cooperativa que pressupõe: troca de idéias, seleção e complementação do que foi realizado, individualmente, na primeira etapa;
- d) elaboração de um relatório conclusivo do grupo, contendo: os fatos ou evidências que comprovam a reencarnação; a explicação sucinta do fato ou evidência assinalada;
- e) indicação de relator que deverá apresentar as conclusões.

Conclusão

- Ouvir os relatos com atenção, verificando se todas as provas, citadas e explicadas nos *subsídios*, foram atendidas. Caso contrário, fazer as correções devidas.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes citarem corretamente, no relatório, as provas da reencarnação.

Técnica(s): exposição; estudo cooperativo.

Recurso(s): *subsídios* do Roteiro; cartaz; textos; lápis/caneta; folhas de papel.

Subsídios Provas da Reencarnação

As provas ou evidências da reencarnação baseiam-se, essencialmente:

■ Nas idéias inatas

O [...] *homem traz, «ao renascer», o germen das suas imperfeições, dos defeitos de que se não corrigiu e que se traduzem pelos instintos naturais e pelos pendores para tal ou tal vício*¹. Ao nascerem, trazem os homens a intuição do que aprenderam antes: São mais ou menos adiantados, conforme o número de existências que contem, conforme já estejam mais ou menos afastados do ponto de partida. Dá-se aí exatamente o que se observa numa reunião de indivíduos de todas as idades, onde cada um terá desenvolvimento proporcionado ao número de anos que tenha vivido. As existências sucessivas serão, para a vida da alma, o que os anos são para a do corpo. Reuni, em certo dia, um milheiro de indivíduos de um a oitenta anos; suponde que um véu encubra todos os dias precedentes ao em que os reunistes e que, em consequência, acreditais que todos nasceram na mesma ocasião. Perguntareis naturalmente como é que uns são grandes e outros pequenos, uns velhos e jovens outros, instruídos uns, outros ainda ignorantes. Se, porém, dissipando-se a nuvem que lhes oculta o passado, vierdes a saber que todos hão vivido mais ou menos tempo, tudo se vos tornará explicado. Deus, em sua justiça, não pode ter criado almas desigualmente perfeitas. Com a pluralidade das existências, a desigualdade que notamos nada mais apresenta em oposição à mais rigorosa equidade: é que

*apenas vemos o presente e não o passado. A este raciocínio serve de base algum sistema, alguma suposição gratuita? Não. Partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral, e verificamos que nenhuma das teorias correntes o explica, ao passo que uma outra teoria lhe dá explicação simples, natural e lógica. Será racional preferir-se as que não explicam àquela que explica?*³

As idéias inatas podem ser observadas na infância, porém, a rigor, elas são mais facilmente identificadas a partir da adolescência, período que o [...] *Espírito retoma a natureza que lhe é própria e se mostra qual era*⁴. O [...] *Espírito reencarnado retoma a herança de si mesmo, na estrutura psicológica do destino, reavendo o patrimônio das realizações e das dívidas que acumulou, a se lhe regravarem no ser, em forma de tendências inatas, e reencontrando as pessoas e as circunstâncias, as simpatias e as aversões, as vantagens e as dificuldades, com as quais se ache afinizado ou comprometido. [...] A moldura social ou doméstica, muitas vezes, é diferente, mas no quadro do trabalho e da luta, a consciência é a mesma, com a obrigação de aprimorar-se, ante a bênção de Deus, para a luta da imortalidade*¹⁴.

■ Nas lembranças das existências pretéritas

As lembranças das existências pretéritas podem ser espontâneas ou provocadas. Em geral, surgem sob a forma de imagens fragmentárias, mas podem ocorrer *flashes* (clarões) de memória que permitem recordações mais completas.

As lembranças espontâneas aparecem, naturalmente, no estado de vigília ou durante o sono, não sendo possível a identificação da causa desencadeadora das mesmas, na maioria das vezes. Neste estado, a pessoa se vê envolvida por uma sensação de algo conhecido, experimentado, ou visto (*dejà vu*). Segundo o estudioso espírita brasileiro e pesquisador rigoroso deste tipo específico de lembranças pretéritas, Hernani Guimarães de Andrade, os [...] *casos espontâneos de lembranças reencarnatórias, manifestados por crianças e adultos, não são tão raros, como pode pensar-se. Entretanto, apenas cerca de 5% podem ser considerados suficientemente fortes e representando evidências seguras em apoio à tese da reencarnação*¹¹.

Nem sempre as lembranças espontâneas não são cercadas de detalhes, sobretudo quando o Espírito recorda experiências desagradáveis. Adicionada [...] *aos amargores de uma nova existência, a lembrança, muitas vezes aflitiva e humilhante, do passado poderia turbá-lo e lhe criar embaraços. Ele apenas se lembra do que aprendeu, por lhe ser isso útil. Se às vezes lhe é dado ter uma intuição dos acontecimentos passados, essa intuição é como a lembrança de um sonho fugitivo*².

As lembranças provocadas ocorrem por indução de Espíritos desencarnados ou encarnados. No primeiro caso a ação pode estar relacionada a um fim útil e bom, entretanto, pode estar vinculada a propósitos inferiores, tal como ocorre nos processos obsessivos. No segundo caso as lembranças provocadas por médicos ou psicólogos têm representado, no mundo atual, uma ferramenta de auxílio terapêutico a pessoas portadoras de distúrbios psíquicos.

Kardec nos dá oportuno esclarecimento a respeito do assunto em artigo da Revista Espírita, de 1865, em que alega que não é [...] *somente depois da morte que o Espírito recobra a lembrança de seu passado. Pode dizer-se que não a perde jamais, mesmo na encarnação, porquanto, durante o sono do corpo, quando goza de certa liberdade, o Espírito tem consciência de seus atos anteriores; sabe por que sofre, e que sofre justamente; a lembrança não se apaga senão durante a vida exterior de relação. Mas, em falta de uma lembrança precisa, que lhe poderia ser penosa e prejudicar suas relações sociais, aere novas forças nos instantes de emancipação da alma, se os soube aproveitar* ⁸.

Finalmente, para Emmanuel, o [...] *conhecimento do pretérito, através das revelações ou das lembranças, chega sempre que a criatura se faz credora de um benefício como esse, o qual se faz acompanhar, por sua vez, de responsabilidades muito grandes no plano do conhecimento; tanto assim que, para muitos, essas reminiscências costumam constituir um privilégio doloroso, no ambiente das inquietações e ilusões da Terra* ¹².

■ Nas comunicações mediúnicas

As comunicações mediúnicas oferecem duas grandes contribuições em apoio à tese reencarnacionista: a informação da identidade de Espíritos que viveram experiências reencarnatórias e a revelação de vidas passadas de pessoas que ainda estão encarnadas.

A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo. É que, com efeito, os Espíritos não nos trazem um ato de notoriedade e sabe-se com que facilidade alguns dentre eles tomam nomes que nunca lhes pertenceram. [...] A identidade dos Espíritos das personagens antigas é a mais difícil de se conseguir, tornando-se muitas vezes impossível, pelo que ficamos adstritos a uma apreciação puramente moral ⁵. *Muito mais fácil de se comprovar é a identidade, quando se trata de Espíritos contemporâneos, cujos caracteres e hábitos se conhecem, porque, precisamente, esses hábitos, de que eles ainda não tiveram tempo de despojar-se, são que os fazem reconhecíveis e desde logo dizemos que isso constitui um dos sinais mais seguros de identidade* ⁶.

Em relação às revelações mediúnicas de vidas passadas, destacamos a pergunta número quinze, do item 290 de *O Livro dos Médiuns*, e as respectivas respostas que os Espíritos Superiores deram a Allan Kardec:

Podem os Espíritos dar-nos a conhecer as nossas existências passadas?

Deus algumas vezes permite que elas vos sejam reveladas, conforme o objetivo. Se for para vossa edificação e instrução, as revelações serão verdadeiras e, nesse caso, feitas quase sempre espontaneamente e de modo inteiramente imprevisto. Ele, porém, não o permite nunca para satisfação de vã curiosidade.

a) Por que é que alguns Espíritos nunca se recusam a fazer esta espécie de revelações?

São Espíritos brincalhões, que se divertem à vossa custa. Em geral, deveis considerar falsas, ou, pelo menos, suspeitas, todas as revelações desta natureza que não tenham um fim eminentemente sério e útil. Aos Espíritos zombeteiros apraz lisonjejar o amor-próprio, por meio de pretendidas origens. Há médiuns e crentes que aceitam como boa moeda o que lhes é dito a esse respeito e que não vêem que o estado atual de seus Espíritos em nada justifica a categoria que pretendem ter ocupado. Vaidadezinha que serve de divertimento aos Espíritos brincalhões, tanto quanto para os homens [...].

b) Assim como não podemos conhecer a nossa individualidade anterior, segue-se que também nada podemos saber do gênero de existência que tivemos, da posição social que ocupamos, das virtudes e dos defeitos que em nós predominaram?

Não, isso pode ser revelado, porque dessas revelações podeis tirar proveito para vos melhorardes. Aliás, estudando o vosso presente, podeis vós mesmos deduzir o vosso passado ⁷.

Para Emmanuel, os [...] *Espíritos que se revelam, através das organizações mediúnicas, devem ser identificados por suas idéias e pela essência espiritual de suas palavras. Determinados médiuns, com tarefa especializada, podem ser auxiliares preciosos à identificação pessoal, seja no fenômeno literário, nas equações da ciência, ou satisfazendo a certos requisitos da investigação; todavia, essa não é a regra geral, salientando-se que as entidades espirituais, muitas vezes, não encontram senão um material deficiente que as obriga tão-só ao indispensável, no que se refere à comunicação. Devemos entender, contudo, que a linguagem do Espírito é universal, pelos fios invisíveis do pensamento, o que, aliás, não invalida a necessidade de um estudo atento acerca de todas as idéias lançadas nas mensagens medianímicas, guardando-se muito cuidado no capítulo dos nomes ilustres que porventura as subscrevam. Nas manifestações de toda natureza, porém, o crente ou o estudioso do proble-*

*ma da identificação não pode dispensar aquele sentido espiritual de observação que lhe falará sempre no ímo da consciência*¹³.

■ Nos fenômenos de transcomunicação instrumental

A transcomunicação instrumental – que é a forma de os Espíritos se comunicarem por meio de aparelhos ou equipamentos eletrônicos – representa igualmente mais uma evidência da reencarnação. Tal como ocorre nas comunicações mediúnicas, propriamente ditas, os Espíritos podem dar informações a respeito de encarnações anteriores, de si ou de outrem. Devem ser dispensados aos fenômenos de transcomunicação instrumental os mesmos cuidados indicados para a análise e divulgação das mensagens provenientes das práticas mediúnicas.

■ Nos fenômenos das experiências de quase-morte

*A chamada Experiência de Quase-Morte é o estado de morte clínica experimentado durante alguns momentos, após os quais a pessoa retorna à vida do corpo físico. Os relatos do que se passou, feitos aos médicos e enfermeiras, por indivíduos de várias culturas e credos, coincidem com o que diz o Espiritismo e demais religiões reencarnacionistas*⁹. Essas pessoas relatam a ocorrência de acontecimentos semelhantes, vividos nos breves instantes entre uma parada cardíaca mais prolongada e a ressuscitação corporal, subsequente. Entre essas ocorrências, afirmam encontrar, após a travessia de um túnel ou de outras passagens, seres de luz que as acolhem carinhosamente. *É freqüente a recepção pelos parentes e amigos falecidos* [...] ¹⁰.

Atualmente, existe uma significativa produção de livros espíritas e não-espíritas que trazem boas contribuições à tese reencarnacionista. Recomendamos a leitura das seguintes obras: *Reencarnação*, de Gabriel Delanne, editora FEB; *Reencarnação no Brasil*, de Hernani Guimarães de Andrade, editora O Clarim; *20 Casos sugestivos de Reencarnação*, de Ian Stevenson, editora Difusora Cultural; *A Vida pretérita e futura*, de H. N. Banarjee, editora Nórdica; *Muitas Vidas Muitos Mestres*, de Brian L. Weiss, editora Salamandra; *Reencarnação baseada nos fatos*, de Karl E. Muller, editora Edicel.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 1, item 38, p. 32.
2. _____. Cap. 11, item 21, p. 215-216.
3. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, questão 222, p. 148-149.
4. _____. Questão 385, p. 211.
5. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 76. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 24, item 255, p. 324-325.
6. _____. Item 257, p. 327.
7. _____. Cap. 26, item 290, pergunta 15, p. 384-385.
8. _____. *Revista espírita. Jornal de estudos psicológicos*. Ano 1865. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Ano 8, janeiro de 1865. Nº 1. Item: Educação de um surdo-mudo encarnado, p. 39-40.
9. ANDRADE, Hernani Guimarães. *Morte: uma luz no fim do túnel*. Prefácio de Carlos Eduardo Noronha Luz. São Paulo: FÉ, 1999, p. 16.
10. _____. p. 18.
11. _____. *Reencarnação no Brasil*. Prefácio de José de Freitas Nobre. Matão: 1988, p. 7.
12. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006, questão 370, p. 208.
13. _____. Questão 379, p. 211-212.
14. _____. *Religião dos espíritos*. Pelo Espírito Emmanuel. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Item: Esquecimento e reencarnação, p. 112-113.

Anexo Provas da reencarnação

- 1) «Qual a origem das faculdades extraordinárias dos indivíduos que, sem estudo prévio, parecem ter a intuição de certos conhecimentos, o das línguas, do cálculo, etc?»
— «Lembrança do passado; progresso anterior da alma, mas de que ela não tem consciência.» Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 219.

- 2) «Podemos ter algumas revelações a respeito de nossas vidas anteriores?»
— «Nem sempre. Contudo, muitos sabem o que foram e o que faziam. Se se lhes permitisse dizê-lo abertamente, extraordinárias revelações fariam sobre o passado.»
Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 395.

- 3) «Os [...] Espíritos não nos trazem um ato de notoriedade e sabe-se com que facilidade alguns dentre eles tomam nomes que nunca lhes pertenceram. [...] A identidade dos Espíritos das personagens antigas é a mais difícil de se conseguir, tornando-se muitas vezes impossível, pelo que ficamos adstritos a uma apreciação puramente moral. [...] Muito mais fácil de se comprovar é a identidade, quando se trata de Espíritos contemporâneos, cujos caracteres e hábitos se conhecem, porque, precisamente, esses hábitos, de que eles ainda não tiveram tempo de despojar-se, são que os fazem reconhecíveis e desde logo dizemos que isso constitui um dos sinais mais seguros de identidade.» Allan Kardec: *O livro dos médiuns*, cap. 24, itens 255 e 257.

- 4) Os Espíritos podem comunicar-se por diversas «[...] maneiras: por meio de gravadores, de fitas magnéticas, por telefone (secretária eletrônica), por computador e, também, por via mediúnica.» Hernani Guimarães de Andrade: *A transcomunicação através dos tempos*. São Paulo: FÉ, 1997. Cap. II.

- 5) No auxílio a Espíritos presos a idéias fixas, os benfeitores espirituais podem atuar no centro da memória desses infelizes sofredores. Por meio da movimentação fluídica e indução verbal, é possível fazê-los recordar traumas. No livro *Entre a Terra e o Céu*, o Espírito André Luiz nos traz um exemplo: «Ante a surpresa que se estampou no semblante da interpelada, a orientadora, num gesto que nos era conhecido, nas operações magnéticas de Clarêncio, acariciou-lhe a fronte, de leve, e repetiu:
— Lembre-se! lembre-se!...
Bafejada pelo poder de Irmã Clara, em determinados centros da memória, Antonina fez-se pálida e exclamou, controlando a própria emoção:
— Sim, sou eu a cantora! Revejo, dentro de mim, os quadros que se foram!... Os conflitos no Paraguai!... Uma chácara em Luque!... a família ao abandono!... José Esteves, hoje Mário...» Francisco Cândido Xavier: *Entre a terra e o céu*. Rio de Janeiro: FEB, 2005, cap. 39.
- 6) O fenômeno de quase-morte «[...] é o estado de morte clínica experimentado durante alguns momentos, após os quais a pessoa retorna à vida do corpo físico. Os relatos do que se passou, feitos aos médicos e enfermeiras, por meio de indivíduos de várias culturas e credos, coincidem com o que diz o Espiritismo e demais religiões reencarnacionistas.» Hernani Guimarães de Andrade: *Morte: uma luz no fim do túnel*. São Paulo: FÉ, 1999, p. 16.

ROTEIRO 3

Retorno à vida corporal: o planejamento reencarnatório**Objetivo específico**

- Explicar como é realizado o planejamento reencarnatório.

Conteúdo básico

- De acordo com a Doutrina Espírita, o planejamento reencarnatório pode ser concebido pelo próprio Espírito que deseja reencarnar ou por Espíritos mais esclarecidos, especialmente designados para esta tarefa.

Na primeira situação, o Espírito [...] *escolhe o gênero de provas por que há de passar e nisso consiste o seu livre-arbítrio.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 258.

Na outra situação, *Deus lhe supre a inexperiência, traçando-lhe o caminho que deve seguir, como fazeis com a criancinha. Deixa-o, porém, pouco a pouco, à medida que o seu livre-arbítrio se desenvolve, senhor de proceder à escolha [...].* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 262.

- *Cada entidade reencarnante apresenta particularidades essenciais na re corporificação a que se entrega na esfera física [...]. Os Espíritos categoricamente superiores [...] podem plasmar por si mesmos [...] o corpo em que continuarão as futuras experiências [...]. Os Espíritos categoricamente inferiores, na maioria das ocasiões, [...] entram em simbiose fluidica com as organizações femininas a que se agregam [...] em moldes inteiramente dependentes da hereditariedade [...]. Entre ambas as classes, porém, contamos com milhões de Espíritos medianos na evolução, portadores de créditos apreciáveis e dívidas numerosas, cuja reencarnação exige cautela de preparo e esmero de previsão.* André Luiz: *Evolução em dois mundos*. Primeira parte, cap. 19 – particularidades da reencarnação.

Sugestões didáticas

Introdução

- Apresentar, no início da reunião, os objetivos específicos do tema, comentando-os rapidamente.

Desenvolvimento

- Explicar como é realizado o planejamento reencarnatório, tendo como base os *subsídios*. É importante que esta exposição seja objetiva e que destaque os principais pontos necessários à compreensão do tema. Se possível, utilizar projeções ou outro recurso que auxilie a transmissão das idéias.
- Em seguida, solicitar à turma que se organize em grupos, formados por afinidade, para a realização das seguintes tarefas:
 - a) leitura do caso: *A história de Stella* (veja anexo 1);
 - b) anotações ou destaques que facilitem a compreensão do texto;
 - c) troca de idéias entre os colegas do grupo a respeito de pontos que revelam a ocorrência de planejamento reencarnatório para os personagens citados no texto lido;
 - d) respostas ao questionário inserido no anexo 2;
 - e) indicação de um participante para apresentar, em plenário, as conclusões do trabalho em grupo.
- Ouvir, atentamente, as respostas dadas pelos grupos, anotando os pontos relevantes.

Conclusão

- Fazer considerações sobre o trabalho realizado, destacando as impressões que o caso despertou na turma.

Observação: É importante que essas apresentações não fiquem repetitivas nem monótonas. Sugere-se, como exemplo de dinamização, que cada relator apresente somente a resposta de uma ou de duas perguntas do questionário. Os demais relatores participam com idéias complementares, enriquecendo, assim, a apresentação dos colegas.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se houve entendimento no assunto estudado.

Técnica(s): exposição; estudo de caso (simplificado).

Recurso(s): *subsídios* do Roteiro;transparências; retroprojeto; lápis/caneta; folha de papel; texto: *A história de Stella*; questionário.

Subsídios

*Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provações da vida corporal. Sua justiça,porém, lhes concede realizar, em novas existências, o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova*¹. Partindo desta assertiva, compreendemos que não há improvisação nos procedimentos que antecedem as experiências reencarnatórias. Existe, na verdade, uma planificação fundamentada na lógica e na moralidade, tendo em vista o progresso espiritual da criatura humana. Neste sentido, a escolha das provas no planejamento reencarnatório merece cuidados especiais por parte dos Espíritos planejadores.

Conscientes das implicações desses esclarecimentos, ocorrem-nos automaticamente algumas indagações: Quando é definido o momento da reencarnação? Quais são as condições que determinam que é chegada a hora do retorno à vida corporal? Podemos selecionar as provas ou experiências que vivenciaremos no plano físico? Que critérios são utilizados, por exemplo, para a escolha dos nossos pais e demais familiares, ou da cidade e país em que renasceremos? Como são definidas questões relativas ao casamento, aos filhos, à profissão?

A Doutrina Espírita coloca ao nosso dispor esclarecidas respostas para essas e outras questões: *O homem, que tem consciência da sua inferioridade, haure consoladora esperança na doutrina da reencarnação. Se crê na justiça de Deus,não pode contar que venha a achar-se, para sempre, em pé de igualdade com os que mais fizeram do que ele. Sustém-no, porém, e lhe reanima a coragem a idéia de que aquela inferioridade não o deserda eternamente*

do supremo bem e que, mediante novos esforços, dado lhe será conquistá-lo. Quem é que, ao cabo da sua carreira, não deplora haver tão tarde ganho uma experiência de que já não mais pode tirar proveito? Entretanto, essa experiência tardia não fica perdida; o Espírito a utilizará em nova existência ².

A reencarnação, porém, não dispensa planejamento, mesmo em se tratando das reencarnações mais simples. Este planejamento pode ser elaborado pelo próprio Espírito que deseja ou necessita reencarnar, desde que ele tenha condições morais e intelectuais para tanto. O planejamento, pode, no entanto, ser delegado a um Espírito esclarecido, caso o reencarnante não ofereça, no momento, condições para planejar a própria reencarnação, ou opinar sobre a mesma. O Espírito mais adiantado em moralidade e em conhecimento [...] *escolhe o gênero de provas por que há de passar e nisso consiste o seu livre-arbítrio* ³. Neste assunto, como em outros, sabemos que não existe livre-arbítrio absoluto, mesmo em se tratando de Espíritos verdadeiramente superiores. *Nada ocorre sem a permissão de Deus, porquanto foi Deus quem estabeleceu todas as leis que regem o Universo. [...] Dando ao Espírito a liberdade de escolher, Deus lhe deixa a inteira responsabilidade de seus atos e das conseqüências que estes tiverem. Nada lhe estorva o futuro; abertos se lhe acham, assim, o caminho do bem, como o do mal. Se vier a sucumbir, restar-lhe-á a consolação de que nem tudo se lhe acabou e que a bondade divina lhe concede a liberdade de recomençar o que foi mal feito* ⁴.

É importante destacar que o planejamento reencarnatório prevê, em geral, apenas os principais acontecimentos que poderão ocorrer no mundo físico ⁵. Os Orientadores Espirituais nos esclarecem: *Escolheste apenas o gênero das provações. As particularidades correm por conta da posição em que vos achais; são, muitas vezes, conseqüências das vossas próprias ações. Escolhendo, por exemplo, nascer entre malfetores, sabia o Espírito a que arrastamentos se expunha; ignorava, porém, quais os atos que viria a praticar. Esses atos resultam do exercício da sua vontade, ou do seu livre-arbítrio. Sabe o Espírito que, escolhendo tal caminho, terá que sustentar lutas de determinada espécie; sabe, portanto, de que natureza serão as vicissitudes que se lhe depararão, mas ignora se se verificará este ou aquele êxito. Os acontecimentos secundários se originam das circunstâncias e da força mesma das coisas. Previstos só são os fatos principais, os que influem no destino. Se tomares uma estrada cheia de sulcos profundos, sabes que terás de andar cautelosamente, porque há muitas probabilidades de caíres; ignoras, contudo, em que ponto cairás e bem pode suceder que não caias, se fores bastante prudente. Se, ao percorreres uma rua, uma telha te cair na cabeça, não creias que estava escrito, segundo vulgarmente se diz* ⁶.

Independentemente de um Espírito ter elaborado ou participado efetivamente do próprio planejamento reencarnatório, não há garantias de que esse planejamento será cumprido, total ou parcialmente. Sabemos [...] *haver Espíritos que desde o começo tomam um caminho que os exime de muitas provas. Aquele, porém, que se deixa arrastar para o mau caminho, corre todos os perigos que o incham. Pode um Espírito, por exemplo, pedir a riqueza e ser-lhe esta concedida. Então, conforme o seu caráter, poderá tornar-se avaro ou pródigo, egoísta ou generoso, ou ainda lançar-se a todos os gozos da sensualidade* ⁷.

Percebe-se, pois, que a questão do planejamento reencarnatório está ligada às conseqüências do uso do livre-arbítrio, situação que sempre reflete o nosso nível de evolução moral e intelectual. O livre-arbítrio, repetidamente utilizado de forma incorreta, restringe a nossa capacidade de opinar em um novo planejamento. É por esta razão que os Espíritos dedicados a esse gênero de tarefa consideram todas as ações que executamos, antes e depois da desencarnação, definindo critérios norteadores do planejamento reencarnatório que nos cabe. *Efetivamente, logo após a morte do corpo físico, sofre a alma culpada minucioso processo de purgação, tanto mais produtivo quanto mais se lhe exteriorize a dor do arrependimento, e, apenas depois disso, consegue elevar-se a esferas de reconforto e reeducação. Se a moléstia experimentada na veste somática foi longa e difícil, abençoadas depurações terão sido feitas, pelo ensejo de auto-exame [...]. Todavia, se essa operação natural não foi possível no círculo carnal, mais se lhe agravam os remorsos, depois do tûmulo, por recalcados na consciência, a afluam, todos eles, através de reflexão [...]. Criminosos que mal ressarciram os débitos contraídos, instados pelo próprio arrependimento, plasmam, em torno de si mesmos, as cenas degradantes em que arruinaram a vida íntima [...]. Caluniadores que aniquilaram a felicidade alheia vivem pesadelos espantosos, regravando nas telas da memória os padecimentos das vítimas [...]. Tiranetes diversos volvem a sentir nos tecidos da própria alma os golpes que desferiram nos outros, e os viciados de toda sorte [...] experimentam agoniada insatisfação, qual ocorre também aos desequilibrados do sexo [...]. As vítimas do remorso padecem, assim, por tempo correspondente às necessidades de reajuste, larga internação em zonas compatíveis com o estado espiritual que demonstram* ¹³.

Passado esse período de perturbação espiritual, ocorrido após a desencarnação, e [...] *tão logo revele os primeiros sinais de positiva renovação para o bem, regista [o Espírito] o auxílio das Esferas Superiores, que, por agentes inúmeros, apóiam os serviços da Luz Divina onde a ignorância e a crueldade se transviam na sombra. Qual doente, agora acolhido em outros setores pela encorajadora conva-*

lescença de que dá testemunho, o devedor desfruta suficiente serenidade para rever os compromissos assumidos na encarnação recentemente deixada, sopesando os males e sofrimentos de que se fez responsável [...]. Muita vez, ascendem a escolas beneméritas, nas quais recolhem mais altas noções da vida, aprimoram-se na instrução, aperfeiçoam impulsos e exercem preciosas atividades, melhorando os próprios créditos; todavia, as lembranças dos erros voluntários, ainda mesmo quando as suas vítimas tenham já superado todas as seqüelas dos golpes sofridos, entranham-se-lhes no Espírito por «sementes de destino,» de vez que eles mesmos, em se reconhecendo necessitados de promoção a níveis mais nobres, pedem novas reencarnações com as provas de que carecem para se quitarem consciencialmente consigo próprios. Nesses casos, a escolha da experiência é mais que legítima, porquanto, através da limpeza de limiar, efetuada nas regiões retificadoras, e pelos títulos adquiridos nos trabalhos que abraça, no plano extrafísico, merece a criatura os cuidados preparatórios da nova tarefa em vista, a fim de que haja conjugação de todos os fatores, para que reencontre os credores ou as circunstâncias imprescindíveis, junto aos quais se redima perante a Lei¹⁴.

Os Espíritos no início do processo evolutivo, ou portadores de marcante perturbação espiritual, ou ainda que demonstram persistente estado de rebeldia perante a Lei de Deus, estão temporariamente impedidos de opinar no próprio planejamento reencarnatório. Nesta situação, a experiência reencarnatória é tutelada por um Espírito esclarecido, apresentando características de compulsoriedade. Como o Espírito não tem condições de programar a sua reencarnação, *Deus lhe supre a inexperiência* [no caso do Espírito simples e ignorante], *traçando-lhe o caminho que deve seguir, como fazeis com a criancinha. Deixa-o, porém, pouco a pouco, à medida que o seu livre-arbítrio se desenvolve, senhor de proceder à escolha e só então é que muitas vezes lhe acontece extraviar-se, tomando o mau caminho, por desatender os conselhos dos bons Espíritos*⁸. Deus impõe ainda a tutela de um Espírito esclarecido sobre outro [...] *quando este, pela sua inferioridade ou má-vontade, não se mostra apto a compreender o que lhe seria mais útil, e quando vê que tal existência servirá para a purificação e o progresso do Espírito, ao mesmo tempo que lhe sirva de expiação*⁹.

Entretanto, reencarnações se processam, muita vez, sem qualquer consulta, aos que necessitam segregação em certas lutas no plano físico, providências essas comparáveis às que assumimos no mundo com enfermos e criminosos que, pela própria condição ou conduta, perderam temporariamente a faculdade de resolver quanto à sorte que lhes convém no espaço de tempo em que se lhes perdura a enfermidade ou em que se mantenham sob as determinações da justiça. São os problemas especiais,

*em que a individualidade renasce de cérebro parcialmente inibido ou padecendo mutilações congênicas, ao lado daqueles que lhe devem abnegação e carinho*¹⁵.

*O momento preciso para iniciar um planejamento reencarnatório é infinitamente variável de Espírito para Espírito. Depende do grau de entendimento de cada um. Sabe-se, por exemplo, que o Espírito leva mais tempo para fazer a escolha das suas provas quando acredita na eternidade das penas após a desencarnação*¹⁰.

*O que motiva um Espírito a fazer a escolha de suas provações, ou concordar com a escolha feita por outro Espírito, é [...] a natureza de suas faltas, as que o levem à expiação destas e a progredir mais depressa. Uns, portanto, impõem a si mesmos uma vida de misérias e privações, objetivando suportá-las com coragem; outros preferem experimentar as tentações da riqueza e do poder, muito mais perigosas, pelos abusos e má aplicação a que podem dar lugar, pelas paixões inferiores que [...] desenvolvem; muitos, finalmente, se decidem a experimentar suas forças nas lutas que terão de sustentar em contato com o vício*¹¹. O certo é que se [...] soubermos, porém, suar no trabalho honesto, não precisaremos suar e chorar no resgate justo. E não se diga que todos os infortúnios da marcha de hoje estejam debitados a compromissos de ontem, porque, com a prudência e a imprudência, com a preguiça e o trabalho, com o bem e o mal, melhoramos ou agravamos a nossa situação, reconhecendo-se que todo dia, no exercício de nossa vontade, formamos novas causas, refazendo o destino¹⁶.

Em suma, podemos afirmar que os planejamentos reencarnatórios são muito diversificados, porque diversas são as necessidades humanas. Cada entidade reencarnante apresenta particularidades essenciais na re corporificação a que se entrega na esfera física, quando cada pessoa expõe características diferentes quando se rende ao processo liberatório, não obstante o nascimento e a morte parecerem iguais. Os Espíritos categoricamente superiores, quase sempre, em ligação sutil com a mente materna que lhes oferta guarida, podem plasmar por si mesmos, e, não raro, com a colaboração de instrutores da Vida Maior, o corpo em que continuarão as futuras experiências, interferindo nas essências cromossômicas, com vistas às tarefas que lhes cabem desempenhar. Os Espíritos categoricamente inferiores, na maioria das ocasiões, padecendo monoidéismo tiranizante, entram em simbiose fluídica com as organizações femininas a que se agregam, experimentando o definhamento do corpo espiritual [...], sendo inelutavelmente atraídos ao vaso uterino, em circunstâncias adequadas, para a reencarnação que lhes toca, em moldes inteiramente dependentes da hereditariedade [...]. Entre ambas as classes, porém, contamos com

milhões de Espíritos medianos na evolução, portadores de créditos apreciáveis e dívidas numerosas, cuja reencarnação exige cautela de preparo e esmero de previsão ¹⁷.

No Livro de André Luiz *E a vida continua...*, psicografia de Francisco Cândido Xavier, há o relato, no início do capítulo vinte e seis, sobre a existência de um *Instituto de Serviço para Reencarnação* no plano espiritual ¹⁸. Na colônia *Nosso Lar* (livro *Nosso lar*, do mesmo autor espiritual), o planejamento reencarnatório está afeto ao *Ministério do Auxílio* ²⁰. Na *Colônia Correccional Maria de Nazaré*, voltada para atendimento aos suicidas, existe o *Departamento de Reencarnação* localizado no extremo da Colônia, segundo as informações que fazem parte do livro *Memórias de um Suicida*, segunda parte, obra mediúcnica de Yvonne do Amaral Pereira, edição FEB ¹². Os livros *Missionários da luz*, capítulos 12 e 13, e *E a vida continua*, capítulos 16 a 26, trazem relatos elucidativos sobre o planejamento reencarnatório e as condições de execução das reencarnações ^{18, 19}.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, questão 171, comentário, p. 121.
2. _____. p. 122.
3. _____. Questão 258, p. 171.
4. _____. Questão 258-a, p. 171.
5. _____. Questão 259, p. 171.
6. _____. p. 171-172.
7. _____. Questão 261, p. 172-173.
8. _____. Questão 262, p. 173.
9. _____. Questão 262-a, p. 173.
10. _____. Questão 263, p. 173.
11. _____. Questão 264, p. 174.
12. PEREIRA, Yvonne do Amaral. *Memórias de um suicida*. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Segunda parte. Item: Prelúdios da reencarnação, p. 377.
13. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 23. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Primeira parte, cap. 19 (Alma e reencarnação), item: Depois da morte, p. 187-188.
14. _____. Item: Sementes de destino, p. 189-190.
15. _____. Item: Reencarnações especiais, p. 190-191.
16. _____. Item: Reencarnação e evolução, p. 193.
17. _____. Item: Particularidades da reencarnação, p. 194.
18. XAVIER, Francisco Cândido. *E a vida continua...* Pelo Espírito André Luiz. 31. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Capítulos 16 a 26, p. 155-296.
19. _____. *Missionários da luz*. Pelo Espírito André Luiz. 40. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 12 (Preparação de experiências), p. 195-226. Cap. 13 (Reencarnação), p. 227-296.
20. _____. *Nosso lar*. Pelo Espírito André Luiz. 55. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 8, p. 55-56.

Anexo 1 Estudo de caso simplificado: *A História de Stella*

A seguinte história foi relatada por Edgar Cayce, notável médium americano, cuja última encarnação ocorreu no período de 1877-1945.

Stela Kirby, uma senhora simpática, tranqüila e algo tímida, sempre teve vida difícil, sobretudo depois que, por motivos conjugais e financeiros, se viu na contingência de educar a única filha às próprias custas. Amigos aconselharam-na, então, a trabalhar na área de enfermagem.

Tempos depois, Stella foi encaminhada a uma família rica que procurava alguém para cuidar de um parente enfermo. No acerto das condições de trabalho, ficou estipulado que Stella receberia bom salário e local para morar com a filha, em aposentos próprios, na residência dos seus empregadores.

Quando Stella viu, pela primeira vez, o enfermo do qual deveria cuidar, quase desmaiou, chocada com a situação do mesmo. Tratava-se de um homem de 57 anos, em completo estado de retardamento mental. Sua cama era cercada por uma jaula de ferro. O doente ficava, a maior parte do dia, sentado, rasgando a roupa que lhe vestiam; recusava-se a comer, mantendo-se em permanente estado de imundície, devido à falta de controle das funções fisiológicas; o olhar era vago, perdido em si mesmo; a inexpressividade ao falar indicava que não tinha a menor consciência do que ocorria à sua volta.

Tomada de coragem, Stella entrou na jaula para cuidar do seu paciente, mas, devido às condições reinantes, passou tão mal que teve que correr ao banheiro, por não poder controlar as náuseas. Presa de angustiante sentimento de desânimo, imaginou que a tarefa poderia ser superior às suas forças.

Entretanto, ao buscar auxílio junto aos benfeitores espirituais, por intermédio da mediunidade de Edgar Cayce, estes esclareceram [...] *que já duas vezes no passado os caminhos de Stella e daquele homem se haviam cruzado. No Egito, ele havia sido filho dela; o asco que ora sentia por ele, no entanto, provinha de uma existência no Oriente Médio, na qual ele fora um rico filantropo que, no entanto, levava uma vida de devassidão, numa espécie de harém, onde praticava abusos de toda sorte. Stella fora, então, uma*

das infelizes que tinham de se submeter aos seus caprichos. () O reencontro de ambos, na presente reencarnação, visava ao perdão mútuo, reajustando-os perante a Lei de Deus.*

Stella foi também esclarecida por Cayce que, se soubesse agir com afeto, o doente responderia aos seus cuidados. Cabia-lhe, portanto, aprender a amar o enfermo, disposta a reparar o passado desditoso. Abandoná-lo não seria [...] *solução, porque a ligação entre os dois continuaria em suspenso, a invadir os domínios de futuras existências. Stella jamais ouvira falar de reencarnação. Cayce lhe disse, ainda, que numa outra existência, na Palestina, ela cuidara de crianças defeituosas e que, portanto, estava habilitada ao trabalho junto ao paciente. Ela voltou à tarefa com nova carga de coragem e nova compreensão dos seus problemas. Para encurtar a história: o pobre homem de fato respondeu ao tratamento carinhoso de Stella; começou a alimentar-se espontaneamente, a conservar-se limpo e vestido. Com o olhar pacificado ele seguia Stella, sem perdê-la de vista um minuto. (*)*

Anexo 2 Estudo de caso simplificado: Questionário

1. Onde, na história, encontramos evidências de um planejamento reencarnatório?
2. Que idéias o texto oferece para justificar as evidências indicadas na resposta anterior?
3. Que trecho da história indica que, efetivamente, não há improvisação nos procedimentos que antecedem as experiências reencarnatórias?
4. Seria correto afirmar que todos os personagens citados na história conceberam, por livre iniciativa, o próprio planejamento reencarnatório? Por quê?

(*) Hermínio C. Miranda. Reencarnação e imortalidade. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 21, p.244-245. (História adaptada).

5. Tendo como referência as informações que os Espíritos transmitiram a Cayce, que hipóteses poderiam ser concebidas para justificar o estado de debilidade mental do enfermo?
6. Por que o afeto de Stella, em especial, teve o poder de melhorar as condições espirituais do doente?
7. Por que outras pessoas, inclusive os familiares do enfermo, não conseguiram obter os resultados alcançados por Stella?
8. Um ponto – que não escapa à história – diz respeito ao enfermo: ter renascido em uma família rica, a qual poderia assegurar-lhe conforto e recursos materiais. Que explicação espírita poderíamos dar para tal fato, considerando a exposição que foi realizada pelo monitor no início da aula?
9. Será que o médium Edgar Cayce estaria, de alguma forma, vinculado à problemática evidenciada na história? Justifique a resposta.
10. E os pais do enfermo? Teriam eles alguma ligação com Stella? Por que tiveram que passar pela provação de receber aquele Espírito, em especial, como filho?

ROTEIRO 4

Retorno à vida corporal: união da alma ao corpo**Objetivo específico**

- Explicar o processo da união da alma ao corpo.

Conteúdo básico

- *Em que momento a alma se une ao corpo? A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 344.*
- *Quando o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção. À medida que o gérmen se desenvolve, o laço se encurta. Sob a influência do princípio vito-material do gérmen, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria [do plano físico], se une, molécula a molécula, ao corpo em formação, donde o poder dizer-se que o Espírito, por intermédio do seu perispírito, se enraíza, de certa maneira, nesse gérmen, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, completa é a união; nasce então o ser para a vida exterior. Allan Kardec: A gênese, cap. 11, item 18.*
- *A partir do instante da concepção, começa o Espírito a ser tomado de perturbação, que o adverte de que lhe soou o momento de começar nova existência corpórea. Essa perturbação cresce de contínuo até o nascimento. Nesse intervalo, seu estado é quase idêntico ao de um Espírito encarnado durante o sono. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 351.*
- *Em [...] milhares de renascimentos, na Terra, os princípios embriogênicos funcionam, automáticos, cada dia. A lei de causa*

e efeito executa-se sem necessidade de fiscalização da nossa parte. Na reencarnação, basta o magnetismo dos pais, aliado ao forte desejo daquele que regressa ao campo das formas físicas. André Luiz: *Entre a terra e o céu*. Cap. 28.

- O útero funciona [...] *como um vaso anímico de elevado poder magnético ou um molde vivo destinado à fundição e refundição das formas, ao sopro criador da Bondade Divina [...].* André Luiz: *Entre a terra e o céu*. Cap. 28.

Sugestões didáticas

Introdução

- Apresentar, no início da reunião, o objetivo do roteiro, realizando breves comentários a respeito do processo de união da alma ao corpo.

Desenvolvimento

- Dividir a turma em quatro grupos, orientando-os na realização das seguintes atividades:
 - Grupo 1 – leitura, troca de idéias e resumo escrito do item 1 dos *subsídios* (União da alma ao corpo), até o primeiro parágrafo da continuação 1;
 - Grupo 2 – leitura, troca de idéias e resumo escrito do item 1 dos *subsídios* (União da alma ao corpo), a partir do segundo parágrafo, subitens a, b, c, d;
 - Grupo 3 – leitura, troca de idéias e resumo escrito do item 1.1 dos *subsídios* (O processo da concepção ou fecundação);
 - Grupo 4 – leitura, troca de idéias e resumo escrito do item 1.2 dos *subsídios* (Gravidez ou gestação).
- Cada grupo deve indicar um participante para apresentar as conclusões em plenário.
- Ouvir os relatos dos grupos, destacando os pontos mais importantes.

Conclusão

- Retomar o objetivo, apresentado no início da reunião, explicando o processo de união da alma ao corpo, de acordo com a orientação constante da referência bibliográfica 2, 5, 7, 11 e 12 deste Roteiro.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se as conclusões do trabalho em grupo indicarem que houve correto entendimento do assunto.

Técnica(s): leitura; trabalho em grupo.

Recurso(s): *Subsídios* do Roteiro; referências bibliográficas indicadas.

Subsídios 1. União da alma ao corpo

A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até ao instante em que a criança vê a luz⁵. [...] Este laço se estreita cada vez mais, à medida que o corpo se vai desenvolvendo. Desde esse momento, o Espírito sente uma perturbação que cresce sempre; ao aproximar-se do nascimento, ocasião em que ela se torna completa, o Espírito perde a consciência de si e não recobra as idéias senão gradualmente, a partir do momento em que a criança começa a respirar; a união então é completa e definitiva⁹. É definitiva a união, no sentido de que outro Espírito não poderia substituir o que está designado para aquele corpo. Mas, como os laços que ao corpo o prendem são ainda muito fracos, facilmente se rompem e podem romper-se por vontade do Espírito, se este recua diante da prova que escolheu. Em tal caso, porém, a criança não vinga⁶.

A perturbação que acompanha o Espírito [...] o adverte de que lhe soou o momento de começar nova existência corpórea.

Essa perturbação cresce de *contínuo até ao nascimento. Nesse intervalo, seu estado é quase idêntico ao de um Espírito encarnado durante o sono. À medida que a hora do nascimento se aproxima, suas idéias se apagam, assim como a lembrança do passado, do qual deixa de ter consciência na condição de homem, logo que entra na vida. Essa lembrança, porém, lhe volta pouco a pouco ao retornar ao estado de Espírito* ⁷.

Assim, o Espírito [...] *jamaiz presencia o seu nascimento. Quando a criança respira, começa o espírito a recobrar as faculdades, que se desenvolvem à proporção que se formam e consolidam os órgãos que lhes hão de servir às manifestações* ³. Mas, ao mesmo tempo que o Espírito recobra a consciência de si mesmo, perde a lembrança do seu passado, sem perder as faculdades, as qualidades e as aptidões anteriormente adquiridas, que haviam ficado temporariamente em estado de latência e que, voltando à atividade, vão ajudá-lo a fazer mais e melhor do que antes. Ele renasce qual se fizera pelo seu trabalho anterior; o seu renascimento lhe é um novo ponto de partida, um novo degrau a subir ⁴.

O laço fluídico que prende o Espírito ao corpo é o próprio perispírito, que, como sabemos, é *semimaterial [...], isto é, pertence à matéria pela sua origem e à espiritualidade pela sua natureza etérea. Como toda matéria, ele é extraído do fluido cósmico universal que, nessa circunstância, sofre uma modificação especial. [...]* O fluido perispíritico constitui, pois, o traço de união entre o Espírito e a matéria. Enquanto aquele se acha unido ao corpo, serve-lhe ele de veículo ao pensamento, para transmitir o movimento às diversas partes do organismo, as quais atuam sob a impulsão da sua vontade e para fazer que repercutam no Espírito as sensações que os agentes exteriores produzam. Servem-lhe de fios condutores os nervos como, no telegrafo, ao fluido elétrico serve de condutor o fio metálico ¹.

Dessa forma, quando [...] o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção. À medida que o gérmen se desenvolve, o laço se encurta. Sob a influência do princípio vito-material do gérmen, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, molécula a molécula, ao corpo em formação, donde o poder dizer-se que o Espírito, por intermédio do seu perispírito, se enraíza, de certa maneira, nesse gérmen, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, completa é a união; nasce então o ser para a vida exterior ².

As elucidativas informações sobre a reencarnação de Segismundo e a de Mancini, relatadas pelo Espírito André Luiz, respectivamente, nos capítulos treze e catorze do livro *Missionários da Luz*, e a partir do capítulo dezesseis de *E a*

Vida Continua..., representam fontes de conhecimentos sobre o assunto. Resumidamente, André Luiz nos informa o seguinte:

a) *Os processos de reencarnação estão subordinados à evolução do Espírito reencarnante. Há companheiros de grande elevação que, ao voltarem à esfera mais densa em apostolado de serviço e iluminação, quase dispensam o nosso concurso. Outros irmãos nossos, contudo, procedentes de zonas inferiores, necessitam de cooperação muito mais complexa que a exercida no caso de Segismundo. [...] A reencarnação de Segismundo obedece às diretrizes mais comuns. Traduz expressão simbólica da maioria dos fatos dessa natureza, porquanto o nosso irmão pertence à enorme classe média dos Espíritos que habitam a Crosta, nem altamente bons, nem conscientemente maus*¹⁷.

b) O processo de redução, miniaturização ou restringimento do perispírito, ocorrido no [...] *Plano Espiritual, significa estágio preparatório para nova reencarnação*¹⁰. A tarefa de redução perispiritual, executada por Espíritos Construtores, tem como base os processos de magnetização e mentalização. O Espírito submetido a esses processos desenvolve uma palidez característica no perispírito e significativa diminuição da lucidez mental. Ao mesmo tempo, o Espírito em vias de reencarnar é induzido a mentalizar a forma pré-infantil e o retorno ao útero materno, como também a lembrar-se da organização fetal, imaginando a necessidade de tornar-se criança. Essa tarefa não é curta, nem simples, requisitando esforço geral dos colaboradores para a redução necessária¹⁶.

c) Um colaborador espiritual é designado para acompanhar a reencarnação do Espírito [...] *até que ele atinja os sete anos, após o renascimento, ocasião em que o processo reencarnacionista estará consolidado. Depois desse período, a sua tarefa de amigo e orientador será amenizada, visto que seguirá o nosso irmão em sentido mais distante. [...] Tomará todas as providências indispensáveis à harmoniosa organização fetal, seja auxiliando o reencarnante, seja defendendo o templo maternal contra o assédio de forças menos dignas* [...] ¹⁸.

d) Em relação à herança genética, o [...] *organismo dos nascituros, em sua expressão mais densa, provém do corpo dos pais, que lhes entretêm a vida e lhes criam os caracteres com o próprio sangue; todavia, em semelhante imperativo das leis divinas para o serviço de reprodução das formas, não devemos ver a subversão dos princípios de liberdade espiritual, imanente na ordem da Criação Infinita. Por isso mesmo, a criatura terrena herda tendências e não qualidades. As primeiras cercam o homem que renasce, desde os primeiros dias de luta, não só em seu corpo transitório, mas também no ambiente geral a que foi chamado a viver, aprimorando-se; as segundas resultam do labor individual da alma encarnada, na defesa, edu-*

cação e aperfeiçoamento de si mesma nos círculos benditos da experiência ¹⁹. Em relação à influência genética no corpo de Segismundo, encontramos os seguintes esclarecimentos do benfeitor Alexandre a André Luiz: *A forma física futura de nosso amigo Segismundo dependerá dos cromossomos paternos e maternos; adicione, porém, a esse fator primordial, a influência dos moldes mentais de Raquel [genitora de Segismundo], a atuação do próprio interessado, o concurso dos Espíritos Construtores, que agirão como funcionários da natureza divina, invisíveis ao olhar terrestre, o auxílio afetoso das entidades amigas que visitarão constantemente o reencarnante, nos meses de formação do novo corpo, e poderá fazer uma idéia do que vem a ser o templo físico que ele possuirá [...]* ²⁰.

1.1 O processo da concepção ou fecundação

Nos [...] milhares de renascimentos, na Terra, os princípios embriogênicos funcionam, automáticos, cada dia. A lei de causa e efeito executa-se sem necessidade de fiscalização da nossa parte. Na reencarnação, basta o magnetismo dos pais, aliado ao forte desejo daquele que regressa ao campo das formas físicas. [...] De modo geral, a maioria das almas que reencarnam satisfazem à fome inquietante de recombinação. [...] Milhões de destinos se reestruturam dessa forma, qual se refaz uma grande floresta. A sementeira cresce, estimulada pelo magnetismo do solo; a existência corpórea germina de novo, incentivada pelo magnetismo da carne... ¹¹. Nesse sentido, o útero funciona como [...] *um vaso anímico de elevado poder magnético ou um molde vivo destinado à fundição e refundição das formas, ao sopro criador da Bondade Divina, que, em toda parte, nos oferece recursos ao desenvolvimento para a Sabedoria e para o Amor. Esse vaso atrai a alma sequiosa de renascimento e que lhe é afim, reproduzindo-lhe o corpo denso, no tempo e no espaço, como a terra engole a semente para doar-lhe nova germinação, consoante os princípios que encerra. Maternidade é sagrado serviço espiritual em que a alma se demora séculos, na maioria das vezes aperfeiçoando qualidades do sentimento* ¹².

É oportuno considerar que, em atendimento a certas imposições do planejamento reencarnatório, o processo de fecundação pode ser conduzido por orientadores espirituais altamente qualificados. Na reencarnação de Segismundo temos a informação de que o benfeitor Alexandre, [...] *em vista de ser o missionário mais elevado do grupo em operação de auxílio, dirigia os serviços graves da ligação primordial [concepção]. Segundo depreendi – esclarece André Luiz –, ele podia ver as disposições cromossômicas de todos os princípios masculinos em movimento, depois de haver observado, atentamente, o futuro óvulo materno, presidindo ao trabalho prévio de determinação do sexo do corpo a organizar-se. Após acompanhar,*

profundamente absorto no serviço, a marcha dos minúsculos competidores que constituíam a substância fecundante, identificou o mais apto, fixando nele o seu potencial magnético, dando-me a idéia de que o ajudava a desembaraçar-se dos companheiros para que fosse o primeiro a penetrar a pequenina bolsa maternal. O elemento focalizado por ele ganhou nova energia sobre os demais e avançou rapidamente na direção do alvo. A célula feminina que, em face do microscópico projétil espermático, se assemelhava a um pequeno mundo arredondado de açúcar, amido e proteínas, aguardando o raio vitalizante, sofreu a dilaceração da cutícula, à maneira de pequenina embarcação torpedeada, e enrijeceu-se, de modo singular, cerrando os poros tenuíssimos [...], e impedindo a intromissão de qualquer outro dos competidores, que haviam perdido a primeira posição na grande prova. Sempre sob o influxo luminoso-magnético de Alexandre, o elemento vitorioso prosseguiu a marcha, depois de atravessar a periferia do óvulo, gastando pouco mais de quatro minutos para alcançar o seu núcleo. Ambas as forças, masculina e feminina, formavam agora uma só, convertendo-se ao meu olhar em tenuíssimo foco de luz. O meu orientador, absolutamente entregue ao seu trabalho, tocou a pequenina forma com a destra, mantendo-se no serviço de divisão da cromatina, [...] conservando a atitude do cirurgião seguro de si, na técnica operatória. Em seguida, Alexandre ajustou a forma reduzida de Segismundo, que se interpenetrava com o organismo perispirítico de Raquel, sobre aquele microscópico globo de luz, impregnado de vida, e observei que essa vida latente começou a movimentar-se*²¹.

1.2 A gravidez ou gestação

Durante a vida intra-uterina, tanto o embrião quanto o feto têm uma vida semelhante à [...] *da planta que vegeta. A criança vive vida animal. O homem tem a vida vegetal e a vida animal que, pelo seu nascimento, se completam com a vida espiritual*⁸. *O organismo maternal fornecerá todo o alimento para a organização básica do aparelho físico, enquanto a forma reduzida [do Espírito reencarnante] [...], atuará como ímã entre limalhas de ferro, dando forma consistente à sua futura manifestação no cenário da Crosta*²².

* **Cromatina:** substância constituinte do cromossomo de todas as células evolutivamente superiores (células eucariotas), composta de DNA, RNA e proteínas. *A cromatina sexual* ou *corpúsculo de Barr* é uma estrutura formada de cromossomo X, condensado e inativo, encontrada apenas nas células das mulheres e demais mamíferos do sexo feminino.

Retornemos ao exemplo da reencarnação de Segismundo. Nesse caso, André Luiz reconhece que, após a fecundação ocorrida sob a direção de Alexandre, [...] *o serviço de segmentação celular e ajustamento dos corpúsculos divididos ao molde do corpo perispiritico, em redução, era francamente mecânico, obedecendo a disposições naturais do campo orgânico, mas toda a entidade microscópica do desenvolvimento da estrutura celular recebia o toque magnético das generosas entidades em serviço, dando-me a idéia de que toda a célula-filha era convenientemente preparada para sustentar a tarefa da iniciação do aparelho futuro* ²³.

A mulher grávida, além da prestação de serviço orgânico à entidade que se reencarna, é igualmente constrangida a suportar-lhe o contato espiritual, que sempre constitui um sacrifício quando se trata de alguém com escuros débitos de consciência. A organização feminina, durante a gestação, sofre verdadeira enxertia mental. Os pensamentos do ser que se acolhe ao santuário íntimo, envolvem-na totalmente, determinando significativas alterações em seu cosmo biológico. Se o filho é senhor de larga evolução e dono de elogiáveis qualidades morais, consegue auxiliar o campo materno, prodigalizando-lhe sublimadas emoções e convertendo a maternidade, habitualmente dolorosa, em estação de esperanças e alegrias intraduzíveis [...] ¹³.

A corrente de troca entre mãe e filho não se circunscreve à alimentação de natureza material; estende-se ao intercâmbio constante das sensações diversas. [...] As mentes de um e de outro como que se justapõem, mantendo-se em permanente comunhão, até que a Natureza complete o serviço que lhe cabe no tempo. De semelhante associação, procedem os chamados «sinais de nascença». Certos estados íntimos da mulher alcançam, de algum modo, o princípio fetal, marcando-o para a existência inteira. É que o trabalho da maternidade assemelha-se a delicado processo de modelagem, requisitando, por isso mesmo, muita cautela e harmonia para que a tarefa seja perfeita ¹⁴.

É comum a verificação de exagerada sensibilidade na mulher que engravida. A transformação do sistema nervoso, nessas circunstâncias, é indiscutível. [...] A explicação é muito clara. A gestante é uma criatura hipnotizada a longo prazo. Tem o campo psíquico invadido pelas impressões e vibrações do Espírito que lhe ocupa as possibilidades para o serviço de reincorporação no mundo. Quando o futuro filho não se encontra suficientemente equilibrado diante da Lei, e isso acontece quase sempre, a mente maternal é suscetível de registrar os mais estranhos desequilíbrios, porque, à maneira de um médium, estará transmitindo opiniões e sensações da entidade que a empolga ¹⁵.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, Cap. 11, item 17, p. 213-214.
2. _____. Item 18, p. 214.
3. _____. Item 20, p. 215.
4. _____. Item 21, p. 215.
5. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, questão 344, p. 199.
6. _____. Questão 345, p. 199.
7. _____. Questão 351, p. 200-201.
8. _____. Questão 354, p. 201.
9. _____. *O que é o espiritismo*. 53. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 3 (O homem durante a vida terrena), pergunta 116, p. 197.
10. XAVIER, Francisco Cândido. *E a vida continua...* Pelo Espírito André Luiz. 30. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 16, p. 162 (nota de rodapé).
11. _____. *Entre a terra e o Céu*. Pelo Espírito André Luiz. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 28, p. 228-229.
12. _____. p. 229.
13. _____. Cap. 30, p. 241.
14. _____. p. 242.
15. _____. p. 187.
16. _____. *Missionários da luz*. Pelo Espírito André Luiz. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 13 (Reencarnação), p. 269-271.
17. _____. p. 272.
18. _____. p. 276.
19. _____. p. 277.
20. _____. p. 285.
21. _____. p. 292-294.
22. _____. p. 294.
23. _____. Cap. 14, p. 298.

ROTEIRO 5

Retorno à vida corporal: união da alma ao corpo

Objetivo específico ■ Justificar a passagem do Espírito pelo estado de infância.

Conteúdo básico ■ *Qual, para este [o Espírito], a utilidade de passar pelo estado de infância?*

Encarnando, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante este período, é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 383.

■ *A partir do nascimento, suas idéias [do Espírito] tomam gradualmente impulso, à medida que os órgãos se desenvolvem, pelo que se pode dizer que, no curso dos primeiros anos, o Espírito é verdadeiramente criança, por se acharem ainda adormecidas as idéias que lhe formam o fundo do caráter. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. 8, item 4.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Introduzir o tema por meio de uma pergunta: — *Por que temos que passar pelo estado de infância?*
- Projetar, simultaneamente, uma imagem de crianças brincando com alegria e descontração.

Desenvolvimento

- Anotar no quadro as colocações feitas pelos participantes com referência à pergunta.
- Propor, em seguida, a leitura individual do *subsídios*, para posterior discussão em plenária. Para melhor condução do debate, ter como referência as questões 183, 199, 383 e 385 de *O Livro dos Espíritos*, e o item 4 do capítulo VIII de *O Evangelho segundo o Espiritismo*.
- Conduzir o debate de forma a possibilitar a participação de todos, levando a uma ampla discussão do assunto.

Conclusão

- Ao final, o monitor deverá reagrupar as idéias dispersas, realizando um fechamento do assunto.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes debaterem o assunto com interesse, demonstrando entendimento das idéias desenvolvidas no estudo.

Técnica(s): leitura individual e debate.

Recurso(s): quadro de giz ou pincel, retroprojetor, transparência e *subsídios* do Roteiro.

Subsídios

Ao [...] *aproximar-se-lhe a encarnação, o Espírito entra em perturbação e perde, pouco a pouco a consciência de si mesmo, ficando, por certo tempo, numa espécie de sono, durante o qual todas as suas faculdades permanecem em estado latente. É necessário esse estado de transição para que o Espírito tenha um novo ponto de partida e para que esqueça, em sua nova existência, tudo aquilo que a possa enterrar. Sobre ele, no entanto, reage o passado. Renasce para a vida maior, mais forte, moral e intelectualmente, sustentado e secundado pela intuição que conserva da experiência adquirida. A partir do nascimento, suas idéias tomam gradualmente impulso, à medida que os órgãos se desenvolvem, pelo que se pode dizer que, no curso dos primeiros anos, o Espírito é verdadeiramente criança, por se acharem ainda adormecidas as idéias que lhe formam o fundo do caráter. Durante o tempo em que seus instintos se conservam amodorrados, ele é mais maleável e, por isso mesmo, mais acessível às impressões capazes de lhe modificarem a natureza e de fazê-lo progredir, o que torna mais fácil a tarefa que incumbe aos pais*².

A infância começa com o nascimento. Compreende o período de desenvolvimento da personalidade, iniciado no parto e completado com a chegada das primeiras manifestações da puberdade, marco inicial da adolescência. Durante o período de infância a criança não só muda com a idade, como revela características individuais, cujo ritmo varia de indivíduo para indivíduo. Para o Espiritismo, infância é um estado que [...] *corresponde a uma necessidade, está na ordem da natureza e de acordo com as vistas da Providência. É um período de repouso do Espírito*⁷. *Encarnando, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período, é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo*⁸.

As diferenças individuais observadas nas crianças resultam da carga genética herdada dos pais, da educação recebida, das tendências instintivas e das idéias inatas que o Espírito traz ao renascer. As transformações neurofisiológicas e bioquímicas do corpo físico seguem as leis da genética, tendo em vista a moldagem da personalidade infantil prevista no planejamento

reencarnatório. A educação, ou fator cultural, propicia condições ao desenvolvimento intelecto-moral e à explicitação de conquistas evolutivas anteriormente adquiridas pelo Espírito. As tendências instintivas e as idéias inatas surgem sob a forma de lembranças fragmentárias das conquistas e dos fracassos que o Espírito traz consigo à luta reencarnatória.

É importante destacar que a memória integral das experiências reencarnatórias encontra-se bloqueada, a fim de que o Espírito possa melhor aproveitar os benefícios objetivados pela reencarnação. *Com efeito, a lembrança traria gravíssimos inconvenientes. Poderia, em certos casos, humilhar-nos singularmente, ou, então, exaltar-nos o orgulho e, assim, entravar o nosso livre-arbítrio. Em todas as circunstâncias, acarretaria inevitável perturbação nas relações sociais. Frequentemente, o Espírito renasce no mesmo meio em que já viveu, estabelecendo de novo relações com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes haja feito. Se reconhecesse nelas as a quem odiara, quiçá o ódio se lhe despertaria outra vez no íntimo. De todo modo, ele se sentiria humilhado em presença daquelas a quem houvesse ofendido. Para nos melhorarmos, outorgou-nos Deus, precisamente, o de que necessitamos e nos basta: a voz da consciência e as tendências instintivas. Priva-nos do que nos seria prejudicial. Ao nascer, traz o homem consigo o que adquiriu, nasce qual se fez; em cada existência, tem um novo ponto de partida. Pouco lhe importa saber o que foi antes: se se vê punido, é que praticou o mal. Suas atuais tendências más indicam o que lhe resta a corrigir em si próprio e é nisso que deve concentrar-se toda a sua atenção, porquanto, daquilo de que se haja corrigido completamente, nenhum traço mais conservará. As boas resoluções que tomou são a voz da consciência, advertindo-o do que é bem e do que é mal e dando-lhe forças para resistir às tentações¹.*

As crianças são os seres que Deus manda a novas existências. Para que não lhe possam imputar excessiva severidade, dá-lhes ele todos os aspectos da inocência. Ainda quando se trata de uma criança de maus pendores, cobrem-se-lhe as más ações com a capa da inconsciência. Essa inocência não constitui superioridade real com relação ao que eram antes, não. É a imagem do que deveriam ser e, se não o são, o conseqüente castigo exclusivamente sobre elas recai. Não foi, todavia, por elas somente que Deus lhes deu esse aspecto de inocência; foi também e sobretudo por seus pais, de cujo amor necessita a fraqueza que as caracteriza. Ora, esse amor se enfraqueceria grandemente à vista de um caráter áspero e intratável, ao passo que, julgando seus filhos bons e dóceis, os pais lhes dedicam toda a afeição e os cercam dos mais minuciosos cuidados. Desde que, porém, os filhos não mais precisam da proteção e assistência que lhes foram dispensadas durante quinze ou vinte anos, surge-

*lhes o caráter real e individual em toda a nudez. Conservam-se bons, se eram fundamentalmente bons; mas, sempre irisados de matizes que a primeira infância manteve ocultos*⁹.

*Aliás, não é racional considerar-se a infância como um estado normal de inocência. Não se vêem crianças dotadas dos piores instintos, numa idade em que ainda nenhuma influência pode ter tido a educação? Algumas não há que parecem trazer do berço a astúcia, a felonía, a perfídia, até pendor para o roubo e para o assassinio, não obstante os bons exemplos que de todos os lados se lhes dão? A lei civil as absolve de seus crimes, porque, diz ela, obraram sem discernimento. Tem razão a lei, porque, de fato, elas obram mais por instinto do que intencionalmente. Donde, porém, provirão instintos tão diversos em crianças da mesma idade, educadas em condições idênticas e sujeitas às mesmas influências? Donde a precoce perversidade, senão da inferioridade do Espírito, uma vez que a educação em nada contribuiu para isso? As que se revelam viciosas, é porque seus Espíritos muito pouco têm progredido. Sofrem então, por efeito dessa falta de progresso, as conseqüências, não dos atos que praticam na infância, mas dos de suas existências anteriores. Assim é que a lei é uma só para todos e que todos são atingidos pela justiça de Deus*⁵.

A infância ainda tem outra utilidade. Os Espíritos só entram na vida corporal para se aperfeiçoarem, para se melhorarem. A delicadeza da idade infantil os torna brandos, acessíveis aos conselhos da experiência e dos que devam fazê-los progredir.

*Nessa fase é que se lhes pode reformar os caracteres e reprimir os maus pendores. Tal o dever que Deus impôs aos pais, missão sagrada de que terão de dar contas. Assim, portanto, a infância é não só útil, necessária, indispensável, mas também conseqüência natural das leis que Deus estabeleceu e que regem o Universo*¹⁰. Nesse sentido, tanto a paternidade quanto a maternidade são consideradas uma verdadeira missão. É ao mesmo tempo grandíssimo dever e que envolve [...], *mais do que o pensa o homem, a sua responsabilidade quanto ao futuro. Deus colocou o filho sob a tutela dos pais, a fim de que estes o dirijam pela senda do bem, e lhes facilitou a tarefa dando àquele uma organização débil e delicada, que o torna propício a todas as impressões. Muitos há, no entanto, que mais cuidam de aprumar as árvores do seu jardim e de fazê-las dar bons frutos em abundância, do que de formar o caráter de seu filho. Se este vier a sucumbir por culpa deles, suportarão os desgostos resultantes dessa queda e partilharão dos sofrimentos do filho na vida futura, por não terem feito o que lhes estava ao alcance para que ele avançasse na estrada do bem*¹¹. Por outro lado, os pais que dispensaram todos os cuidados na educação do filho, não devem sentir-se responsáveis pelo transviamento deste, [...]

porém, quanto piores forem as propensões do filho, tanto mais pesada é a tarefa e tanto maior o mérito dos pais, se conseguirem desviá-lo do mau caminho ¹².

Durante a infância não há possibilidade da livre manifestação do Espírito, porque, desde [...] *que se trate de uma criança, é claro que, não estando ainda nela desenvolvidos, não podem os órgãos da inteligência dar toda a intuição própria de um adulto ao Espírito que a anima. Este, pois, tem, efetivamente, limitada a inteligência, enquanto a idade lhe não amadurece a razão. A perturbação que o ato da encarnação produz no Espírito não cessa de súbito, por ocasião do nascimento. Só gradualmente se dissipa, com o desenvolvimento dos órgãos* ⁶.

O estado de infância parece ser uma lei de ocorrência universal nos diferentes mundos habitados, porque, quando Allan Kardec perguntou aos Espíritos Superiores: *Indo de um mundo para outro, o Espírito passa por nova infância?* ³ Como resposta, recebeu o seguinte esclarecimento: *Em toda parte a infância é uma transição necessária, mas não é, em toda parte, tão obtusa como no vosso mundo* ³.

Finalmente, é importante saber que justificativa o Espiritismo apresenta para a elevada mortalidade infantil existente no nosso planeta, em especial nos países de condições sócio-econômicas precárias. Para os Espíritos Orientadores, a [...] *curta duração da vida da criança pode representar, para o Espírito que a animava, o complemento de existência precedentemente interrompida antes do momento em que devera terminar, e sua morte, também não raro, constitui «provação ou expiação para os pais»* ⁴.

Se uma única existência tivesse o homem e se, extinguindo-se-lhe ela, sua sorte ficasse decidida para a eternidade, qual seria o mérito de metade do gênero humano, da que morre na infância, para gozar, sem esforços, da felicidade eterna e com que direito se acharia isenta das condições, às vezes tão duras, a que se vê submetida a outra metade? Semelhante ordem de coisas não corresponderia à justiça de Deus. Com a reencarnação, a igualdade é real para todos. O futuro a todos toca sem exceção e sem favor para quem quer que seja. Os retardatários só de si mesmos se podem queixar. Forçoso é que o homem tenha o merecimento de seus atos, como tem deles a responsabilidade ⁵.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 5, item 11, p. 104-105.
2. _____. Cap. 8, item 4, p. 148-149.
3. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, questão 183, p. 126.
4. _____. Questão 199, p. 133.
5. _____. Questão 199-a, p. 134.
6. _____. Questão 380, p. 210.
7. _____. Questão 382, p. 211.
8. _____. Questão 383, p. 211.
9. _____. Questão 385, p. 211-212.
10. _____. p. 213.
11. _____. Questão 582, p. 288.
12. _____. Questão 583, p. 289.

ROTEIRO 6

**O esquecimento do passado:
justificativas da sua necessidade****Objetivo específico**

- Justificar a necessidade do esquecimento do passado.

Conteúdo básico

- *Por que perde o Espírito encarnado a lembrança do seu passado? Não pode o homem, nem deve, saber tudo. Deus assim o quer em sua sabedoria [...]. Esquecido de seu passado ele é mais senhor de si.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 392.
- *Em vão se objeta que o esquecimento constitui obstáculo a que se possa aproveitar da experiência de vidas anteriores [...]. Com efeito, a lembrança traria gravíssimos inconvenientes. Poderia, em certos casos, humilhar-nos singularmente, ou, então, exaltar-nos o orgulho e, assim, entravar o nosso livre-arbítrio. Em todas as circunstâncias, acarretaria inevitável perturbação nas relações sociais.* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. 5, item 11.
- *Não temos, é certo, durante a vida corpórea, lembrança exata do que fomos e do que fizemos em anteriores existências; mas temos de tudo isso a intuição, sendo as nossas tendências instintivas uma reminiscência do passado.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 393 – comentário.

Sugestões didáticas

Introdução

- Projetar, em transparência, a pergunta 392 de *O Livro dos Espíritos*.
- Pedir aos participantes que respondam à indagação, emitindo livremente opiniões.
- Ouvir as respostas, apresentando, em outra transparências, a que foi dada a Kardec pelos Espíritos Superiores. Prestar esclarecimentos a respeito dessas orientações.

Desenvolvimento

- Dividir a turma em dois grandes grupos, orientando-os na realização das seguintes atividades:
 - a) Grupo 1 – recebimento de uma folha de papel pardo e de alguns pincéis atômicos. Os participantes deste grupo devem escrever, no cartaz, justificativas sobre a importância do esquecimento das experiências reencarnatórias anteriores.
 - b) Grupo 2 – recebimento de uma folha de papel pardo e de alguns pincéis atômicos. Os participantes deste grupo devem escrever, no cartaz, justificativas sobre a importância de se recordar experiências reencarnatórias anteriores.
- Pedir aos grupos que afixem os cartazes no mural da sala de aula e que defendam, em plenário, as idéias anotadas. Fazer as intervenções consideradas úteis ao bom desenvolvimento do trabalho.
- Em seguida, entregar aos participantes um texto contendo uma síntese dos conteúdos das referências bibliográficas 2, 3 e 7.
- Solicitar a leitura silenciosa e atenta da síntese.
- Terminada a leitura, sugerir à turma que faça:
 - uma avaliação dos pontos de vista emitidos, anteriormente, no trabalho em plenário;
 - possíveis correções nas idéias anotadas nos cartazes, adequando-as ao pensamento espírita.

Conclusão

- Encerrar o estudo apresentando a orientação que o Espírito Emmanuel dá sobre o tema, e que consta de sua mensagem *Olvido temporário* (veja no livro *Emmanuel*, o capítulo XIV, psicografia de Francisco Cândido Xavier, editora FEB).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes demonstrarem aceitação e entendimento das idéias que tratam da necessidade do esquecimento do passado.

Técnica(s): explosão de idéias; defesa e avaliação de idéias.

Recurso(s): cartazes; pincel atômico; textos.

Subsídios

Mergulhado na vida corpórea, perde o Espírito, momentaneamente, a lembrança de suas existências anteriores, como se um véu as cobrisse. Todavia, conserva algumas vezes vaga consciência dessas vidas, que, mesmo em certas circunstâncias, lhe podem ser reveladas. Esta revelação, porém, só os Espíritos superiores espontaneamente lha fazem, com um fim útil, nunca para satisfazer a vã curiosidade [...]. O esquecimento das faltas praticadas não constitui obstáculo à melhoria do Espírito, porquanto, se é certo que este não se lembra delas com precisão, não menos certo é que a circunstância de as ter conhecido na erraticidade e de haver desejado repará-las o guia por intuição e lhe dá a idéia de resistir ao mal, idéia que é a voz da consciência, tendo a secundá-la os Espíritos superiores que o assistem, se atende às boas inspirações que lhe dão. O homem não conhece os atos que praticou em suas existências pretéritas, mas pode sempre saber qual o gênero das faltas de que se tornou culpado e qual o cunho predominante do seu caráter. Bastará então julgar do que foi, não pelo que é, sim, pelas suas tendências. As vicissitudes da vida corpórea constituem expiação das faltas do passado e, simultaneamente, provas com relação ao futuro. Depuram-nos e elevam-nos, se as suportamos resignados e sem murmurar. A natureza dessas vicissitudes e das provas que sofremos também nos podem esclarecer acerca do que fomos e do que fizemos, do mesmo modo que neste mundo julgamos dos atos de um culpado pelo castigo que lhe inflige a lei. Assim, o orgulhoso será castigado no seu orgulho, mediante a humilhação de uma exis-

tência subalterna; o mau rico, o avarento, pela miséria; o que foi cruel para os outros, pelas crueldades que sofrerá; o tirano, pela escravidão; o mau filho, pela ingratidão de seus filhos; o preguiçoso, por um trabalho forçado, etc³.

Em vão se objeta que o esquecimento constitui obstáculo a que se possa aproveitar da experiência de vidas anteriores. Havendo Deus entendido de lançar um véu sobre o passado, é que há nisso vantagem. Com efeito, a lembrança traria gravíssimos inconvenientes. Poderia, em certos casos, humilhar-nos singularmente, ou, então, exaltar-nos o orgulho e, assim, enterrar o nosso livre-arbítrio. Em todas as circunstâncias, acarretaria inevitável perturbação nas relações sociais. Frequentemente, o Espírito renasce no mesmo meio em que já viveu, estabelecendo de novo relações com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes haja feito. Se reconhecesse nelas a quem odiara, quiçá o ódio se lhe despertaria outra vez no íntimo. De todo modo, ele se sentiria humilhado em presença daquelas a quem houvesse ofendido. Para nos melhorarmos, outorgou-nos Deus, precisamente, o de que necessitamos e nos basta: a voz da consciência e as tendências instintivas. Priva-nos do que nos seria prejudicial.

Ao nascer, traz o homem consigo o que adquiriu, nasce qual se fez; em cada existência, tem um novo ponto de partida. Pouco lhe importa saber o que foi antes: se se vê punido, é que praticou o mal. Suas atuais tendências más indicam o que lhe resta a corrigir em si próprio e é nisso que deve concentrar-se toda a sua atenção, porquanto, daquilo de que se haja corrigido completamente, nenhum traço mais conservará. As boas resoluções que tomou são a voz da consciência, advertindo-o do que é bem e do que é mal e dando-lhe forças para resistir às tentações. Aliás, o esquecimento ocorre apenas durante a vida corpórea. Voltando à vida espiritual, readquire o Espírito a lembrança do passado; nada mais há, portanto, do que uma interrupção temporária, semelhante à que se dá na vida terrestre durante o sono, a qual não obsta a que, no dia seguinte, nos recordemos do que tenhamos feito na véspera e nos dias precedentes. E não é somente após a morte que o Espírito recobra a lembrança do passado. Pode dizer-se que jamais a perde, pois que, como a experiência o demonstra, mesmo encarnado, adormecido o corpo, ocasião em que goza de certa liberdade, o Espírito tem consciência de seus atos anteriores; sabe por que sofre e que sofre com justiça. A lembrança unicamente se apaga no curso da vida exterior, da vida de relação. Mas, na falta de uma recordação exata, que lhe poderia ser penosa e prejudicá-lo nas suas relações sociais, forças novas haure ele nesses instantes de emancipação da alma, se os sabe aproveitar¹.

Percebemos, dessa forma, que no esquecimento do passado [...] a bondade do Criador se manifesta, porquanto, adicionada aos amargores de uma nova exis-

tência, a lembrança muitas vezes aflitiva e humilhante, do passado, poderia turbá-lo [o Espírito] e lhe criar embaraços. Ele apenas se lembra do que aprendeu, por lhe ser isso útil. Se às vezes lhe é dado ter uma intuição dos acontecimentos passados, essa intuição é como a lembrança de um sonho fugitivo. Ei-lo, pois, novo homem, por mais antigo que seja como Espírito. Adota novos processos, auxiliado pelas suas aquisições precedentes ².

O esquecimento do passado, [...] obedecendo às leis superiores que presidem ao destino, representa a diminuição do estado vibratório do Espírito, em contato com a matéria. Esse olvido é necessário, e, afastando-se os benefícios espirituais que essa questão implica, à luz das concepções científicas, pode esse problema ser estudado atenciosamente. Tomando um novo corpo, a alma tem necessidade de adaptar-se a esse instrumento. Precisa abandonar a bagagem dos seus vícios, dos seus defeitos, das suas lembranças nocivas, das suas vicissitudes nos pretéritos tenebrosos. Necessita de nova virgindade; um instrumento virgem lhe é então fornecido. Os neurônios desse novo cérebro fazem a função de aparelhos quebradores da luz; o sensorio limita as percepções do Espírito, e, somente assim, pode o ser reconstruir o seu destino. Para que o homem colha benefícios da sua vida temporária, faz-se mister que assim seja. Sua consciência é apenas a parte emergente da sua consciência espiritual; seus sentidos constituem apenas o necessário à sua evolução no plano terrestre. Daí, a exigüidade das suas percepções visuais e auditivas, em relação ao número inconcebível de vibrações que o cercam ⁵.

Todavia, como o esquecimento não é absoluto, [...] dentro dessa obscuridade requerida pela sua necessidade de estudo e desenvolvimento, experimenta a alma, às vezes, uma sensação indefinível... é uma vocação inata que a impele para esse ou aquele caminho; é uma saudade vaga e incompreensível, que a persegue nas suas meditações; são os fenômenos introspectivos, que a assediam freqüentemente. Nesses momentos, uma luz vaga da subconsciência atravessa a câmara de sombras, impostas pelas células cerebrais, e, através dessa luz coada, entra o Espírito em vaga relação com o seu passado longínquo; tais fatos são vulgares nos seres evolvidos, sobre quem a carne já não exerce atuação invencível. Nesses vagos instantes, parece que a alma encarnada ouve o tropel das lembranças que passam em revoada; aversões antigas, amores santificantes, gostos aprimorados, de tudo aparece uma fração no seu mundo consciente; mas, faz-se mister olvidar o passado para que se alcance êxito na luta ⁶.

É oportuno lembrar que – conforme nos esclarece o Espiritismo –, a nitidez das lembranças acompanha o nosso progresso espiritual. Assim como as fibras do cérebro são as últimas a se consolidarem no veículo físico em que encarnamos

na Terra, a memória perfeita é o derradeiro altar que instalamos, em definitivo, no templo de nossa alma, que, no Planeta, ainda se encontra em fases iniciais de desenvolvimento. É por isso que nossas recordações são fragmentárias... Todavia, de existência a existência, de ascensão em ascensão, nossa memória gradativamente converte-se em visão imperecível, a serviço de nosso espírito imortal...⁷

Léon Denis assinala que o [...] esquecimento do passado é a condição indispensável de toda prova e de todo progresso. O nosso passado guarda as suas manchas e nódoas. Percorrendo a série dos tempos, atravessando as idades de brutalidade, devemos ter acumulado bastantes faltas, bastantes iniquidades. Libertos apenas ontem da barbaria, o peso dessas recordações seria acabrunhador para nós. A vida terrestre é, algumas vezes, difícil de suportar; ainda mais o seria se, ao cortejo dos nossos males atuais, acrescesse a memória dos sofrimentos ou das vergonhas passadas.

A recordação de nossas vidas anteriores não estaria também ligada à do passado dos outros? Subindo a cadeia de nossas existências, o entrecho de nossa própria história, encontraríamos o vestígio das ações de nossos semelhantes. As inimizades perpetuar-se-iam; as rivalidades, os ódios e as discórdias agravar-se-iam de vida em vida, de século em século. Os nossos inimigos, as nossas vítimas de outrora, reconhecer-nos-iam e estariam a perseguir-nos com sua vingança. Bom é que o véu do esquecimento nos oculte uns aos outros, e que, apagando momentaneamente de nossa memória penosas recordações, nos livre de um remorso incessante. O conhecimento das nossas faltas e suas conseqüências, erguendo-se diante de nós como ameaça medonha e perpétua, paralisaria os nossos esforços, tornaria estéril e insuportável a nossa vida. Sem o esquecimento, os grandes culpados, os criminosos célebres estariam marcados a ferro em brasa por toda a eternidade. Vemos os condenados da justiça humana, depois de sofrida a pena, serem perseguidos pela desconfiança universal, repelidos com horror por uma sociedade que lhes recusa lugar em seu seio, e assim muitas vezes os atira ao exército do mal. Que seria se os crimes do passado longínquo se desenhasssem aos olhos de todos?

Quase todos temos necessidade de perdão e de esquecimento. A sombra que oculta as nossas fraquezas e misérias conforta-nos o ser, tornando-nos menos penosa a reparação ⁴.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 5, item 11, p. 104-105.
2. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 11, item 21, p. 215-216.
3. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, questão 399, p. 219-220.
4. DENIS, Léon. *Depois da morte*. Tradução de João Lourenço de Souza. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Parte segunda (Os grandes problemas), cap. 14 (Objeções), p. 146-147.
5. XAVIER, Francisco Cândido. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 14 (A subconsciência nos fenômenos psíquicos), Item: O olvido temporário, p. 82-83.
6. _____. Item: As recordações, p. 83.
7. _____. *Entre a terra e o céu*. Pelo Espírito André Luiz. 23. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 8 (Deliciosa excursão), p. 68-69.

PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO VII

Pluralidade dos Mundos Habitados

OBJETIVO GERAL

Possibilitar conhecimento a respeito da existência, da formação e das diversas categorias de mundos habitados.

ROTEIRO 1

O fluido cósmico universal

Objetivos específicos

- Explicar o que é fluido cósmico universal.
- Esclarecer a respeito do fluido vital.

Conteúdo básico

- *Há um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os corpos. Esse fluido é o éter ou matéria cósmica primitiva, geradora do mundo e dos seres. São-lhe inerentes as forças que presidiram às metamorfoses da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo.* Allan Kardec: *A gênese*, cap. 6, item 10.
- *A matéria cósmica primitiva continha os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que estadeiam suas magnificências diante da eternidade. Ela é a mãe fecunda de todas as coisas, a primeira avó e, sobretudo, a eterna geratriz.* Allan Kardec: *A gênese*, cap. 6, item 17.
- *Como princípio elementar do Universo, ele assume dois estados distintos: o de eterização ou imponderabilidade, que se pode considerar o primitivo estado normal, e o de materialização ou de ponderabilidade, que é, de certa maneira, consecutivo àquele. O ponto intermédio é o da transformação do fluido em matéria tangível.* Allan Kardec: *A gênese*, cap. 14, item 2.
- *O fluido vital, existente em todos os corpos vivos da Natureza, [...] tem por fonte o fluido universal. É o que chamais fluido magnético, ou fluido elétrico animalizado.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 65.

Sugestões didáticas

Introdução

- Fazer breve exposição sobre as idéias existentes no conteúdo básico deste roteiro, de forma que fique especificado:
 - o que é fluido cósmico universal;
 - as características dos dois estados apresentados por este fluido;
 - o que se deve entender por fluido vital.

Desenvolvimento

- Dividir a turma em grupos de acordo com o número de participantes. Cada grupo recebe um envelope contendo uma questão e dois textos com idéias afins (veja anexo 1).
- Em seguida, orientar os grupos na realização das seguintes atividades:
 - a) discussão das idéias evidenciadas na questão e nos textos;
 - b) seleção do texto cujas idéias mais se relacionam à questão apresentada, justificando a escolha;
 - c) indicação de um colega para apresentar, em plenária, as conclusões do trabalho em grupo;
- Ouvir as conclusões, projetando em transparência ou cartaz, a questão e os textos estudados em cada grupo e a respectiva chave de correção (anexo 2).

Conclusão

- Terminadas as apresentações, fazer as considerações finais, esclarecendo possíveis dúvidas.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes souberem selecionar o texto cujas idéias mais se relacionem à questão apresentada.

Técnica(s): exposição; trabalho em grupo; correlação de idéias.

Recurso(s): questões; textos; transparência ou cartaz.

Subsídios Os Espíritos Superiores nos esclarecem que há [...] *um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os corpos. Esse fluido é o éter ou matéria cósmica primitiva, geradora do mundo e dos seres. São-lhe inerentes as forças que presidiram às metamorfoses da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo. Essas múltiplas forças, indefinidamente variadas segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas, diversificadas em seus modos de ação, segundo as circunstâncias e os meios, são conhecidas na Terra sob os nomes de gravidade, coesão, afinidade, atração, magnetismo, eletricidade ativa. Os movimentos vibratórios do agente são conhecidos sob os nomes de som, calor, luz, etc. Em outros mundos, elas se apresentam sob outros aspectos, revelam outros caracteres desconhecidos na Terra e, na imensa amplidão dos céus, forças em número indefinido se têm desenvolvido numa escala inimaginável, cuja grandeza tão incapazes somos de avaliar, como o é o crustáceo, no fundo do oceano, para apreender a universalidade dos fenômenos terrestres. Ora, assim como só há uma substância simples, primitiva, geradora de todos os corpos, mas diversificada em suas combinações, também todas essas forças dependem de uma lei universal diversificada em seus efeitos e que, pelos desígnios eternos, foi soberanamente imposta à criação, para lhe imprimir harmonia e estabilidade*².

A grande diversidade de corpos materiais existentes no Universo, inclusive no nosso planeta, [...] *é porque, sendo em número ilimitado as forças que hão presidido às suas transformações e as condições em que estas se produziram, também as várias combinações da matéria não podiam deixar de ser ilimitadas. Logo, quer a substância que se considere pertença aos fluidos propriamente ditos, isto é, aos corpos imponderáveis, quer revista os caracteres e as propriedades ordinárias da matéria, não há, em todo o Universo, senão uma única substância primitiva; o cosmo, ou matéria cósmica dos uranógrafos*¹.

Esclarecem ainda os Espíritos Superiores que a *matéria cósmica primitiva continha os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que estadeiam suas magnificências diante da eternidade. Ela é a mãe fecunda de todas as coisas, a primeira avó e, sobretudo, a eterna geratriz. Absolutamente não desapare-*

ceu essa substância donde provêm as esferas siderais; não morreu essa potência, pois que ainda, incessantemente, dá à luz novas criações e incessantemente recebe, reconstituídos, os princípios dos mundos que se apagam do livro eterno. A substância etérea, mais ou menos rarefeita, que se difunde pelos espaços interplanetários; esse fluido cósmico que enche o mundo, mais ou menos rarefeito, nas regiões imensas, opulentas de aglomerações de estrelas; mais ou menos condensado onde o céu astral ainda não brilha; mais ou menos modificado por diversas combinações, de acordo com as localidades da extensão, nada mais é do que a substância primitiva onde residem as forças universais, donde a Natureza há tirado todas as coisas ³.

O Espírito André Luiz elucida que no fluido cósmico, entendido como sendo o plasma divino [...], *hausto do Criador ou força-nervosa do Todo-Sábio. [...] vibram e vivem constelações e sóis, mundos e seres, como peixes no oceano. [...] Nessa substância original, ao influxo do próprio Senhor Supremo, operam as Inteligências Divinas a Ele agregadas, em processo de comunhão indescritível [...], extraíndo desse hálito espiritual os celeiros da energia com que constroem os sistemas da Imensidade, em serviço de Co-Criação em plano maior, de conformidade com os desígnios do Todo-Misericordioso, que faz deles agentes orientadores da Criação Excelsa* ¹².

O fluido cósmico, entendido como sendo o princípio elementar do Universo, demonstra possuir propriedades «sui generis» assumindo [...] *dois estados distintos: o de eterização ou imponderabilidade, que se pode considerar o primitivo estado normal, e o de materialização ou de ponderabilidade, que é, de certa maneira, consecutivo àquele. O ponto intermédio é o da transformação do fluido em matéria tangível. Mas, ainda aí, não há transição brusca, porquanto podem considerar-se os nossos fluidos imponderáveis como termo médio entre os dois estados. Cada um desses dois estados dá lugar, naturalmente, a fenômenos especiais: ao segundo pertencem os do mundo visível e ao primeiro os do mundo invisível. Uns, os chamados fenômenos materiais, são da alçada da Ciência propriamente dita, os outros, qualificados de fenômenos espirituais ou psíquicos, porque se ligam de modo especial à existência dos Espíritos, cabem nas atribuições do Espiritismo. Como, porém, a vida espiritual e a vida corporal se acham incessantemente em contato, os fenômenos das duas categorias muitas vezes se produzem simultaneamente. No estado de encarnação, o homem somente pode perceber os fenômenos psíquicos que se prendem à vida corpórea; os do domínio espiritual escapam aos sentidos materiais e só podem ser percebidos no estado de Espírito* ⁴.

*No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme; sem deixar de ser etéreo, sofre modificações tão variadas em gênero e mais numerosas talvez do que no estado de matéria tangível. Essas modificações constituem fluidos distintos que, embora procedentes do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais e dão lugar aos fenômenos peculiares ao mundo invisível. Dentro da relatividade de tudo, esses fluidos têm para os Espíritos, que também são fluídicos, uma aparência tão material, quanto a dos objetos tangíveis para os encarnados e são, para eles, o que são para nós as substâncias do mundo terrestre. Eles os elaboram e combinam para produzirem determinados efeitos, como fazem os homens com os seus materiais, ainda que por processos diferentes*⁵.

Devido à natureza e o tipo de forças que atuam na vida extra-física, os elementos fluídicos do mundo espiritual escapam aos nossos instrumentos de análise e à percepção dos nossos sentidos, feitos para perceberem a matéria tangível e não a matéria etérea. Alguns há, pertencentes a um meio diverso a tal ponto do nosso, que deles só podemos fazer idéia mediante comparações tão imperfeitas como aquelas mediante as quais um cego de nascença procura fazer idéia da teoria das cores. Mas, entre tais fluidos, há os tão intimamente ligados à vida corporal, que, de certa forma, pertencem ao meio terreno. Em falta de observação direta, seus efeitos podem observar-se, como se observam os do fluido do imã, fluido que jamais se viu, podendo-se adquirir sobre a natureza deles conhecimentos de alguma precisão. É essencial esse estudo, porque está nele a chave de uma imensidade de fenômenos que não se conseguem explicar unicamente com as leis da matéria⁶.

Finalmente, nos parece oportuno esclarecer a respeito de um subproduto do fluido cósmico, existente em todos os seres vivos. Trata-se do fluido ou princípio vital. O princípio vital é [...] *o princípio da vida material e orgânica, qualquer que seja a fonte donde promane, princípio esse comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem. Pois que pode haver vida com exclusão da faculdade de pensar, o princípio vital é coisa distinta e independente. [...] Para uns é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz achando-se a matéria em dadas circunstâncias*⁷. O princípio vital – também chamado de fluido magnético ou fluido elétrico animalizado –, e tendo como fonte o fluido cósmico universal, é encontrado em todos os corpos vivos da Natureza^{8,11}. *Modificado segundo as espécies, é [...] ele que lhes dá movimento e atividade e os distingue da matéria inerte* [...] ⁹.

Podemos então dizer que o princípio ou fluido vital [...] *é a força motriz dos corpos orgânicos. Ao mesmo tempo que o agente vital dá impulsão aos órgãos, a ação destes entretém e desenvolve a atividade daquele agente, quase como sucede com o atrito, que desenvolve o calor*¹⁰.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 6, item 7, p. 109.
2. _____. Item 10, p. 111-112.
3. _____. Item 17, p. 114.
4. _____. Cap. 14, item 2, p. 274.
5. _____. Item 3, p. 274-275.
6. _____. Item 4, p. 275.
7. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução, item 2, p. 15.
8. _____. Questão 65, p. 75.
9. _____. Questão 66, p. 75.
10. _____. Questão 67, p. 76-comentário.
11. _____. Questão 427, p.232.
12. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 23. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Primeira parte, cap. 1 (Fluido cósmico), p.21.

Anexo 1 Correlação de assuntos doutrinários (exemplos)

Questão

1. De onde se originam os corpos materiais existentes no Universo?

Textos

- a) Sob a orientação das Inteligências Divinas, os Sistemas da Imensidade se construíram, em serviço de Co-Criação em plano maior, de conformidade com os desígnios do Todo-Poderoso.
- b) Há um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os corpos, chamado fluido, éter ou matéria cósmica primitiva. Nesta substância primordial, encontramos os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que estadeiam suas magnificências diante da eternidade. (se necessário, consultar as referências 2, 3 e 12 citadas no *subsídios*)

Questão

2. O fluido cósmico é o princípio elementar do Universo. Ele assume dois estados distintos: o de eterização ou imponderabilidade, e o de materialização ou de ponderabilidade. Sendo assim, é correto afirmar:

Textos

- a) A atmosfera da Terra é formada de diferentes gases, os quais, devido às suas propriedades, podem ser considerados como sendo uma matéria tangível.
- b) O oxigênio, hidrogênio e nitrogênio são exemplos de gases existentes na atmosfera do nosso planeta. Eles devem ser considerados fluidos imponderáveis, elementos de transição entre o fluido cósmico, propriamente dito, e a matéria tangível. (se necessário, consultar as referências 4 e 5 citadas no *subsídios*)

Questão

3. O fluido que dá vitalidade aos corpos orgânicos tem como fonte o fluido universal. É também conhecido como:

Textos

- a) Princípio vital, fluido magnético, fluido elétrico animalizado.
- b) Fluido elétrico, fluido luminoso, fluido calorífico. (se necessário, consultar as referências 8, 9, 10 e 11 citadas no *subsídios*)

Anexo 2 Chave de correção

Questão

1. De onde se originam os corpos materiais existentes no Universo?

Texto

- Há um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os corpos, chamado fluido, éter ou matéria cósmica primitiva. Nesta substância primordial, encontramos os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que estadeiam suas magnificências diante da eternidade.

Questão

2. O fluido cósmico é o princípio elementar do Universo. Ele assume dois estados distintos: o de eterização ou imponderabilidade, e o de materialização ou de ponderabilidade. Sendo assim, é correto afirmar:

Texto

- Oxigênio, hidrogênio e nitrogênio são exemplos de gases existentes na atmosfera do nosso planeta. Eles devem ser conside-

rados fluidos imponderáveis, elementos de transição entre o fluido cósmico, propriamente dito, e a matéria tangível.

Questão

3. O fluido que dá vitalidade aos corpos orgânicos tem como fonte o fluido universal. É também conhecido como:

Texto

- Princípio vital, fluido magnético, fluido elétrico animalizado.

ROTEIRO 2

**Elementos gerais do universo:
matéria e espírito****Objetivo específico**

- Explicar matéria e espírito, à luz do entendimento espírita.

Conteúdo básico

- *Há então dois elementos gerais do Universo: a matéria e o Espírito? Sim e acima de tudo Deus, o criador, o pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas, ao elemento material se tem que juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o Espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o Espírito possa exercer ação sobre ela. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 27.*
- *A matéria é o laço que prende o Espírito; é o instrumento de que este se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua ação. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 22-a.*
- *O espírito [ou princípio inteligente] independe da matéria, ou é apenas uma propriedade desta, como as cores o são da luz e o som o é do ar? São distintos um do outro; mas, a união do Espírito e da matéria é necessária para intelectualizar a matéria. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 25.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Apresentar aos participantes dois cartazes ou transparências, contendo, respectivamente, as seguintes expressões:

PRINCÍPIO MATERIAL OU MATÉRIA

PRINCÍPIO INTELIGENTE OU ESPÍRITO

- Realizar breve exposição sobre o assunto, explicando aos participantes por que, em *O Livro dos Espíritos*, o vocábulo Espírito aparece, ora escrito em letra maiúscula, ora em minúscula.

Desenvolvimento

- Dividir a turma em dois grupos de estudo, orientando-os na realização das atividades que se seguem.

Grupo 1

- a) leitura dos *subsídios* deste Roteiro, item 1 (Formação da matéria);
- b) troca de idéias sobre o assunto lido;
- c) realização de uma síntese que explique o que é matéria ou elemento material, à luz do entendimento espírita.
- d) apresentação da síntese, em plenário, por um colega indicado pelo grupo.

Grupo 2

- a) leitura dos *subsídios* deste Roteiro, item 2 (Formação do princípio inteligente);
 - b) troca de idéias sobre o assunto lido;
 - c) realização de uma síntese que explique o que é princípio inteligente, à luz do entendimento espírita.
 - d) apresentação da síntese, em plenário, por um colega indicado pelo grupo.
- Ouvir as apresentações dos relatores dos grupos, realizando as devidas correções, se necessário.

Conclusão

- Encerrar o assunto com apresentação, em cartaz ou transparência, do teor das questões 18 e 28 de *O Livro dos Espíritos*, as quais revelam, respectivamente: primeiro, que as nossas limitações evolutivas dificultam o real entendimento da origem e

formação dos dois elementos gerais do Universo. Segundo, não nos basta o conhecimento científico sobre o princípio das coisas, sem que tenha ocorrido o aprimoramento moral do nosso Espírito, uma vez que Deus estabelece limites que não podem ser ultrapassados. O aprimoramento moral e intelectual propicia compreensão de tudo aquilo que, por enquanto, permanece oculto.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes elaborarem corretamente a síntese, explicando o que é espírito (princípio inteligente) e matéria (princípio material).

Técnica(s): exposição; trabalho em grupo com realização de síntese.

Recurso(s): cartaz ou projeção; *subsídios* deste Roteiro; *O Livro dos Espíritos*.

Subsídios

Ensina o Espiritismo que há dois elementos gerais do Universo: matéria e espírito e, [...] acima de tudo Deus, o criador, o pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal⁸. Importa considerar que o elemento geral espírito — escrito com e minúsculo, também chamado princípio inteligente do Universo, difere de Espírito (palavra escrita com E maiúsculo), que designa a individualidade humana, dotada de razão. (Veja, a propósito, as questões 23 a 28 e 76 a 81 de *O Livro dos Espíritos*).

1. Formação da matéria

A matéria tem origem no *fluido cósmico universal*, também conhecido como *éter ou matéria cósmica primitiva*, conforme vimos no roteiro anterior deste módulo³. Sabemos também que nessa [...] *substância original, ao influxo do próprio Senhor*

Supremo, operam as Inteligências Divinas a Ele agregadas, em processo de comunhão indescritível, os grandes Devas da teologia hindu ou os Arcanjos da interpretação de variados templos religiosos, extraindo desse hálito espiritual os celeiros de energia com que constroem os sistemas da Imensidade, em serviço de Co-criação em plano maior, de conformidade com os desígnios do Todo-Misericordioso, que faz deles agentes orientadores da Criação Excelsa ¹².

Sob a orientação das Inteligências Superiores, congregam-se os átomos em colméias imensas, e, sob a pressão, espiritualmente dirigida, de ondas eletromagnéticas, são controladamente reduzidas as áreas espaciais intra-atômicas, sem perda de movimento, para que se transformem na massa nuclear adensada, de que se esculpem os planetas, em cujo seio as mônadas celestes [princípio inteligente] encontrarão adequado berço ao desenvolvimento ¹³. *Temos, assim, a luz e o calor, que teoricamente classificamos entre as irradiações nascidas dos átomos supridos de energia. São estes que, excitados na íntima estrutura, despedem as ondas eletromagnéticas. Todavia, não obstante tatearmos com relativa segurança as realidades da matéria, definindo a natureza corpuscular do calor e da luz, e embora saibamos que outras oscilações eletromagnéticas se associam, insuspeitadas por nós, na vastidão universal, aquém do [espectro] infravermelho e além do ultravioleta, completamente fora da zona de nossas percepções, confessamos com humildade que não sabemos ainda, principalmente no que se refere à elaboração da luz, qual seja a força que provoca a agitação inteligente dos átomos, compelindo-os a produzir irradiações capazes de lançar ondas no Universo com a velocidade de 300.000 quilômetros por segundo, preferindo reconhecer, em toda parte, com a obrigação de estudarmos e progredirmos sempre, o hálito divino do Criador* ¹⁴.

Esse processo de Co-criação em plano maior resultou na produção de variados tipos de matéria no cosmos. Para se ter uma idéia da grandiosidade do processo, observamos que as nossas análises químicas apontam para a existência de [...] *cerca de um quarto de milhão de substâncias da Terra, que podem ser reduzidas, aproximadamente, como originárias de noventa elementos* [naturais da tabela periódica] ¹⁵. Na verdade, a atual tabela periódica é formada por cerca de 103 elementos químicos, sendo que os seus noventa primeiros elementos são classificados como de ocorrência natural no nosso planeta. As substâncias químicas restantes foram produzidas pela inteligência humana (veja anexo).

Emmanuel nos esclarece que [...] *a Química necessita apresentar essa divisão de elementos para a catalogação dos valores educativos, com vistas às investigações de natureza científica, no mundo; contudo, se na sua base estão os átomos, na mais vasta expressão de diversidade, mesmo assim tenderá sempre para a unidade*

*substancial, em remontando com as verdades espirituais às suas fontes de origem. Aliás, em se tratando das individualizações químicas [acrescenta o benfeitor], já conheceis que o hidrogênio, no quadro dos conhecimentos terrestres, é o elemento mais simples de todos. Seu átomo é a forma primordial da matéria planetária, constituindo-se do sistema absolutamente simplificado, porque composto de um só elétron, de onde partem as demais individualizações no mecanismo evolutivo da matéria, em suas expressões rudimentares*¹⁶.

Observando a matéria existente no nosso planeta, constatamos que [...] não há o que pareça tão profundamente variado, nem tão essencialmente distinto como as diversas substâncias que compõem o mundo. Entre os objetos que a Arte ou a Natureza nos fazem passar diariamente ante o olhar, haverá duas que revelem perfeita identidade, ou, sequer, paridade de composição? Quanta dessemelhança, sob os aspectos da solidez, da compressibilidade, do peso e das múltiplas propriedades dos corpos, entre os gases atmosféricos e um filete de ouro entre a molécula aquosa da nuvem e a do mineral que forma a carcaça óssea do globo! Que diversidade entre o tecido químico das variadas plantas que adornam o reino vegetal e o dos representantes não menos numerosos da animalidade na Terra! Entretanto, podemos estabelecer como princípio absoluto que todas as substâncias, conhecidas e desconhecidas, por mais dessemelhantes que pareçam, quer do ponto de vista da constituição íntima, quer pelo prisma de suas ações recíprocas, são, de fato, apenas modos diversos sob que a matéria se apresenta; variedades em que ela se transforma sob a direção das forças inumeráveis que a governam¹.

Se se observa tão grande diversidade na matéria, é porque, sendo em número ilimitado as forças que hão presidido às suas transformações e as condições em que estas se produziram, também as várias combinações da matéria não podiam deixar de ser ilimitadas. Logo, quer a substância que se considere pertença aos fluidos propriamente ditos, isto é, aos corpos imponderáveis, quer revista os caracteres e as propriedades ordinárias da matéria, não há, em todo o Universo, senão uma única substância primitiva; o «cosmo», ou «matéria cósmica» dos uranógrafos².

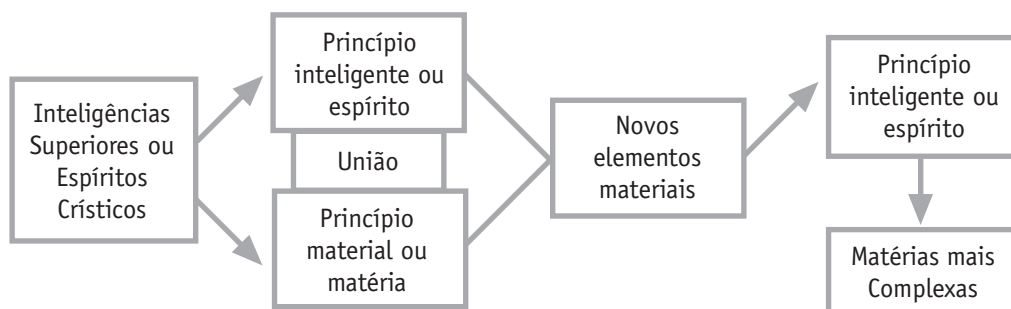
2. Formação do princípio inteligente

Os Espíritos Orientadores da Codificação Espírita afirmam que não é fácil analisar a natureza íntima do espírito — aqui entendido como princípio inteligente — pela nossa linguagem, uma vez que esse princípio, mesmo sem representação inteligível para nós, significa alguma coisa para eles, Espíritos possuidores de esclarecimento superior⁴. Informam também que a inteligência é um atributo essencial do espírito, mas não é o próprio princípio inteligente, e que,

devido à limitação dos nossos conhecimentos, podemos facilmente confundir o atributo com a causa.⁵ Os Espíritos Orientadores afirmam que o espírito ou princípio inteligente independe da matéria, sendo, ao contrário, distintos um do outro. No entanto, informam que [...] *a união do espírito e da matéria é necessária para intelectualizar a matéria* ⁶. Refletindo a respeito, perguntamos: qual é o verdadeiro significado da expressão «intelectualizar a matéria?» Como é que uma matéria pode ser intelectualizada? Realizando uma pesquisa mais aprofundada, vimos que no original francês está escrito «intelligenter la matière», frase que Guillon Ribeiro traduziu por intelectualizar a matéria, uma vez que na nossa Língua não existe o verbo «inteligenciar». Na verdade, também não existe o verbo «intelligenter» na Língua Francesa. Compreendemos então que os Espíritos Orientadores criaram um neologismo na tentativa de melhor explicar o assunto. Etimologicamente, o verbo intelectualizar origina-se de intelecto (*intellectus* do latim) e quer dizer: dar caráter intelectual a; dar forma ou conteúdo racional; elevar algo (um sentimento, uma discussão) à categoria das coisas intelectuais. Por outro lado, «intelligenter» ou «inteligenciar», caso existissem, respectivamente, no francês ou no português, originaria do vocábulo inteligência (do latim, *intelligentia*) de diferentes significados. Citemos alguns: inteligência é um substantivo que pode ser entendido como faculdade de entender, de compreender, de conhecer, de aprender; juízo; discernimento; penetração do espírito; conjunto de funções psíquicas e psicofisiológicas que contribuem para o conhecimento ou compreensão das coisas e significado dos fatos; para a Psicologia é a capacidade de apreender e organizar os dados de uma situação, em circunstâncias para as quais de nada servem o instinto, o aprendizado e o hábito; ainda na Psicologia, é a habilidade em tirar partido das circunstâncias; para a Metafísica, é a substância espiritual e abstrata considerada como fonte de toda a intelectualidade.

Entendemos, assim, que intelectualizar a matéria está relacionada, em última análise, à capacidade ou à habilidade de o princípio inteligente conhecer ou compreender a matéria, e, quando em contato com esta, imprime-lhe ajustes e organizações, tantas quantas forem necessárias. A ligação matéria-princípio inteligente é conduzida pela ação dos Espíritos Crísticos diretamente ligados à Inteligência Divina, os quais retiram do fluido cósmico universal os elementos necessários à formação de novas substâncias e novos corpos materiais. Em outro sentido, a ação dos Espíritos Superiores faz que também sejam repercutidas no princípio inteligente os ajustes e organizações impressos na matéria, de forma que novos aprendizados ocorram igualmente no princípio inteligente e este pos-

sa gerar, sucessivamente, matérias em níveis de complexidade inimagináveis. O seguinte esquema resume estas idéias.



Existe uma certa dificuldade em concebermos os princípios material e inteligente atuando, isoladamente, na Natureza. Acreditamos que este foi um dos motivos que levou Kardec a perguntar aos Espíritos Superiores: *Essa união é igualmente necessária para a manifestação do espírito? (Entendemos aqui por espírito o princípio da inteligência, abstração feita das individualidades que por esse nome se designam.) É necessária [dizem eles] a vós outros, porque não tendes organização apta a perceber o espírito sem a matéria. A isto não são apropriados os vossos sentidos* ⁷. Esta resposta nos faz concluir que a nossa condição evolutiva representa um impedimento natural à percepção, mais aprofundada, dos dois princípios gerais existentes no Universo. Parece que a compreensão do assunto requer, não apenas condições intelectivas adiantadas, mas, também, uma organização física mais especializada.

As orientações da Revelação Espírita indicam, em síntese, que há dois elementos gerais do Universo: matéria e espírito, [...] e acima de tudo Deus, o criador, o pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas, ao elemento material se tem que juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito [princípio inteligente] e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o espírito possa exercer ação sobre ela. Embora, de certo ponto de vista, seja lícito classificá-lo com o elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. Se o fluido universal fosse positivamente matéria, razão não haveria para que também o espírito não o fosse. Está colocado entre o espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria, e suscetível, pelas suas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do espírito, de produzir a infinita variedade das coisas de que apenas

*conheceis uma parte mínima. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o espírito se utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá*⁹.

Reconhecemos, com o Codificador, que os vocábulos matéria e espírito produzem, na nossa linguagem, equívocos de interpretação. Aliás, Kardec até sugeriu denominar os elementos gerais do Universo, respectivamente, de matéria inerte e de matéria inteligente. Os Espíritos Superiores, porém, lhe responderam dizendo: *As palavras pouco nos importam. Compete-vos a vós formular a vossa linguagem de maneira a vos entenderdes. As vossas controvérsias provêm, quase sempre, de não vos entenderdes acerca dos termos que empregais, por ser incompleta a vossa linguagem para exprimir o que não vos fere os sentidos*¹⁰.

O certo mesmo é o que constata admiravelmente o lúcido Codificador do

Espiritismo: *Um fato patente domina todas as hipóteses: vemos matéria destituída de inteligência e vemos um princípio inteligente que independe da matéria. A origem e a conexão destas duas coisas nos são desconhecidas. Se promanam ou não de uma só fonte; se há pontos de contato entre ambas; se a inteligência tem existência própria, ou se é uma propriedade, um efeito; se é mesmo, conforme à opinião de alguns, uma emanção da Divindade, ignoramos. Elas se nos mostram como sendo distintas; daí o considerarmo-las formando os dois princípios constitutivos do Universo. Vemos, acima de tudo isso, uma inteligência que domina todas as outras, que as governa, que se distingue delas por atributos essenciais. A essa inteligência suprema é que chamamos Deus*¹¹.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 6, item 3, p.107.
2. _____. Item 7, p.109.
3. _____. Item 10, p.111.
4. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, questão 23-a, p. 59.
5. _____. Questão 24, p. 59.
6. _____. Questão 25, p. 59.
7. _____. Questão 25-a, p. 59.
8. _____. Questão 27, p. 59.
9. _____. Questão 27, p. 59-60.
10. _____. Questão 28, p. 60.
11. _____. comentário, p. 60-61.
12. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 23. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Primeira parte, cap. 1 (Fluido cósmico), item: Co-criação em plano maior, p. 21.
13. _____. Item: Forças atômicas, p. 24.
14. _____. Item: Luz e calor, p. 25-26.
15. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006, questão 4, p. 24-25.
16. _____. p. 25.

Anexo Tabela periódica atual de elementos químicos

Número Atômico: 1, 100794, Peso Atômico

H, Símbolo Químico

Hidrogênio, Nome do Elemento

1A (1) 2A (2) 3A (13) 4A (14) 5A (15) 6A (16) 7A (17) 8A (18)

3B (3) 4B (4) 5B (5) 6B (6) 7B (7) 8B (8) 9B (9) 10B (10) 11B (11) 12B (12)

13 14 15 16 17 18

19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36

37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54

55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71

72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86

87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100 101 102 103 104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118 119 120

Fr Rf Db Sg Bh Hs Mt Uun Uuu Uub

* 138,9055 140,116 140,9076 144,24 145,7 150,36 151,964 157,25 158,9253 162,50 164,9303 167,26 168,9342 173,04 174,967

** 227 232,0381 231,0358 238,0289 237 244 243 247 247 251 252 251 258 259 259 262

La Ce Pr Nd Pm Sm Eu Gd Tb Dy Ho Er Tm Yb Lu

Ac Th Pa U Np Pu Am Cm Bk Cf Es Fm Md No Lr

Legenda: ■ Hidrogênio ■ Metais ■ Semi-metais ■ Não-metais ■ Gases nobres

Pelo número atômico, facilmente identificamos sua localização na tabela periódica. Assim obtemos:

- sua massa atômica;
- sua distribuição eletrônica.

Em tabelas sofisticadas, encontramos:

- ponto de fusão e ebulição;
- densidade;
- eletronegatividade;
- potencial de ionização, etc.

Cada coluna vertical da tabela periódica agrupa uma família de elementos. Geralmente, aqueles que fazem parte da mesma família apresentam propriedades químicas muito semelhantes. Por meio da tabela periódica, tomamos conhecimento das propriedades químicas e físicas dos elementos, o que facilita os trabalhos de pesquisa e análise químicas. Em resumo: a tabela periódica é o «dicionário da química», de onde retiramos importantes informações dos elemen-

tos para usá-las adequadamente, conforme os parâmetros da linguagem da ciência química, cujos propósitos básicos são a montagem de fórmulas e a elaboração e uso das equações químicas.

Veja informações mais detalhadas sobre cada um dos elementos químicos da Tabela no site: <http://www.cdcc.sc.usp.br/elementos/>

ROTEIRO 3

Formação dos mundos e da Terra

Objetivo específico

- Explicar, à luz dos ensinamentos espíritas, a criação dos mundos e do planeta Terra.

Conteúdo básico

- *A matéria cósmica primitiva continha os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que estadeiam suas magnificências diante da eternidade. Ela é a mãe fecunda de todas as coisas, a primeira avó e, sobretudo, a eterna geratriz. [...] A substância etérea, mais ou menos rarefeita, que se difunde pelos espaços interplanetários; esse fluido cósmico que enche o mundo, mais ou menos rarefeito, nas regiões imensas, opulentas de aglomerações de estrelas [...], nada mais é do que a substância primitiva onde residem as forças universais, donde a Natureza há tirado todas as coisas.* Allan Kardec: *A gênese*. Cap.6, item 17.
- *A história da formação da Terra está escrita nas camadas geológicas [...].* Allan Kardec: *A gênese*. Cap. 7, item 1.
- *Poder-se-á conhecer o tempo que dura a formação dos mundos: da Terra, por exemplo? Nada te posso dizer a respeito, porque só o Criador o sabe [...].* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Questão 42.

Sugestões didáticas

Introdução

- Apresentar o assunto e o objetivo da aula.
- Mostrar, num cartaz, a seguinte pergunta de Kardec aos Espíritos Superiores (*O Livro dos Espíritos*, questão 38): *Como criou Deus o Universo?*
- Solicitar aos participantes que respondam a essa pergunta segundo os seus próprios conhecimentos.
- Ouvir as respostas e, em seguida, pedir a um dos participantes que leia a resposta dada pelos Espíritos.
- Fazer os esclarecimentos cabíveis.

Desenvolvimento

- Dividir a turma em dois grupos, solicitando-lhes a realização das seguintes tarefas:

Grupo 1:

- a) ler os *subsídios*, item 1 (Formação dos mundos);
- b) trocar opiniões a respeito do assunto lido;
- c) registrar num cartaz as idéias principais relativas à formação dos mundos;
- d) escolher um relator para apresentar em plenário as conclusões do trabalho em grupo.

Grupo 2:

- a) ler os *subsídios*, item 2 (Formação da Terra);
 - b) trocar opiniões a respeito do assunto lido;
 - c) registrar num cartaz as idéias principais relativas à formação da Terra;
 - d) escolher um relator para apresentar em plenário, as conclusões do trabalho em grupo.
- Ouvir os relatos, esclarecendo pontos que não ficaram claros.

Conclusão

- Fazer a integração do assunto apresentando, em cartaz, as seguintes palavras contidas na resposta à questão 38 citado no início da aula: *“E disse Deus: haja luz. E houve luz.”* (Gênesis, 1:3)

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes explicarem corretamente a formação dos mundos e da Terra, segundo o Espiritismo.

Técnica(s): trabalho em grupo; exposição.

Recurso(s): *subsídios* do Roteiro; cartazes; pincéis de cores variadas.

Subsídios 1. Formação dos mundos

Allan Kardec assinala em *O Livro dos Espíritos: O Universo abrange a infinidade dos mundos que vemos e dos que não vemos, todos os seres animados e inanimados, todos os astros que se movem no espaço, assim como os fluidos que o enchem*⁷. Diz-nos a razão [continua Kardec] *não ser possível que o Universo se tenha feito a si mesmo e que, não podendo também ser obra do acaso, há de ser obra de Deus*⁸.

Como, entretanto, terá Deus criado o Universo? Allan, Kardec, ouvindo os Espíritos Superiores, nos apresenta os esclarecimentos que se seguem.

Existindo, por sua natureza, desde toda a eternidade, Deus criou desde toda eternidade e não poderia ser de outro modo, visto que, por mais longínqua que seja a época a que recuemos, pela imaginação, os supostos limites da criação, haverá sempre, além desse limite, uma eternidade [...] durante a qual as divinas hipóstases(), as volições infinitas teriam permanecido sepultadas em muda letargia inativa e infecunda, uma eternidade de morte aparente para o Pai eterno que dá vida aos seres, de mutismo indiferente para o Verbo que os governa; de esterilidade fria e egoísta para o Espírito de amor e vivificação.*

(*) **Hipóstase:** (Fil.) para os pensadores da Antigüidade, realidade permanente, concreta e fundamental; substância. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.*

Compreendamos melhor a grandeza da ação divina e a sua perpetuidade sob a mão do Ser absoluto! Deus é o Sol dos seres, é a Luz do mundo. Ora, a aparição do Sol dá nascimento instantâneo a ondas de luz que se vão espalhando por todos os lados, na extensão. Do mesmo modo, o Universo, nascido do Eterno, remonta aos períodos inimagináveis do infinito de duração, ao Fiat lux! [faça-se a luz!] do início ².

O começo absoluto das coisas remonta, pois, a Deus. As sucessivas aparições delas no domínio da existência constituem a ordem da criação perpétua.

Que mortal poderia dizer das magnificências desconhecidas e soberbamente veladas sob a noite das idades que se desdobraram nesses tempos antigos, em que nenhuma das maravilhas do Universo atual existia; nessa época primitiva em que, tendo-se feito ouvir a voz do Senhor, os materiais que no futuro haviam de agregar-se por si mesmos e simetricamente, para formar o templo da Natureza, se encontraram de súbito no seio das vácuos infinitos; quando aquela voz misteriosa, que toda criatura venera e estima como a de uma mãe, produziu notas harmoniosamente variadas, para irem vibrar juntas e modular o concerto dos céus imensos!

O mundo, no nascedouro, não se apresentou assente na sua virilidade e na plenitude da sua vida, não. O poder criador nunca se contradiz e, como todas as coisas, o Universo nasceu criança. Revestido das leis mencionadas acima e da impulsão inicial inerente à sua formação mesma, a matéria cósmica primitiva fez que sucessivamente nascessem turbilhões, aglomerações desse fluido difuso, amontoados de matéria nebulosa que se cindiram por si próprios e se modificaram ao infinito para gerar, nas regiões incomensuráveis da amplidão, diversos centros de criações simultâneas ou sucessivas.

Em virtude das forças que predominaram sobre um ou sobre outro deles e das circunstâncias ulteriores que presidiram aos seus desenvolvimentos, esses centros primitivos se tornaram focos de uma vida especial: uns, menos disseminados no espaço e mais ricos em princípios e em forças atuantes, começaram desde logo a sua particular vida astral; os outros, ocupando ilimitada extensão, cresceram com lentidão extrema, ou de novo se dividiram em outros centros secundários ³.

Transportando-nos a alguns milhões de séculos somente, acima da época atual, verificamos que a nossa Terra ainda não existe, que mesmo o nosso sistema solar ainda não começou as evoluções da vida planetária; mas, que, entretanto, já esplêndidos sóis iluminam o éter; já planetas habitados dão vida e existência a uma multidão de seres, nossos predecessores na carreira humana, que as produções opulentas de uma natureza desconhecida e os maravilhosos fenômenos do céu desdobram, sob outros olhares, os quadros da imensa criação. Que digo! Já deixaram de existir es-

plendores que muito antes fizeram palpitar o coração de outros mortais, sob o pensamento da potência infinita! E nós, pobres seres pequeninos, que viemos após uma eternidade de vida, nós nos cremos contemporâneos da criação!

Ainda uma vez, compreendamos melhor a Natureza. Saibamos que atrás de nós, como à nossa frente, está a eternidade, que o espaço é teatro de inimaginável sucessão e simultaneidade de criações. Tais nebulosas, que mal percebemos nos mais longínquos pontos do céu, são aglomerados de sóis em vias de formação; tais outras são vias-lácteas de mundos habitados; outras, finalmente, sedes de catástrofes e de deperecimento. Saibamos que, assim como estamos colocados no meio de uma infinidade de mundos, também estamos no meio de uma dupla infinidade de durações, anteriores e ulteriores; que a criação universal não se acha restrita a nós, que não nos é lícito aplicar essa expressão à formação isolada do nosso pequenino globo⁴.

Podemos então afirmar, como nos esclarecem os Espíritos Superiores, que Deus criou o Universo e os seres pela sua Vontade⁹.

A base de construção dos mundos e dos corpos materiais é o *fluido cósmico universal*, igualmente chamado de *matéria cósmica primitiva*. A *matéria cósmica primitiva* continha os elementos materiais, *fluídicos* e *vitais* de todos os universos que estadeiam suas magnificências diante da eternidade. Ela é a mãe fecunda de todas as coisas, a primeira avó e, sobretudo, a eterna geratriz. Absolutamente não desapareceu essa substância donde provêm as esferas siderais; não morreu essa potência, pois que ainda, incessantemente, dá à luz novas criações e incessantemente recebe, reconstituídos, os princípios dos mundos que se apagam do livro eterno.

A substância etérea, mais ou menos rarefeita, que se difunde pelos espaços interplanetários; esse fluido cósmico que enche o mundo, mais ou menos rarefeito, nas regiões imensas, opulentas de aglomerações de estrelas; mais ou menos condensado onde o céu astral ainda não brilha; mais ou menos modificado por diversas combinações, de acordo com as localidades da extensão, nada mais é do que a substância primitiva onde residem as forças universais, donde a Natureza há tirado todas as coisas⁵.

Conforme estudamos no roteiro 1 deste Módulo, encontramos no fluido cósmico as forças inerentes [...] que presidiram às metamorfoses da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo. Essas múltiplas forças, indefinidamente variáveis segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas [atômicas], diversificadas em seus modos de ação, segundo as circunstâncias e os meios, são conhecidas na Terra sob os nomes de gravidade, coesão, afinidade, atração, magnetismo, eletricidade ativa. Os movimentos vibratórios do agente [ou dessas forças] são conhecidos sob os nomes de som, calor, luz, etc¹.

Os mundos, assim, se formam [...] *pela condensação da matéria disseminada no Espaço* ¹⁰.

2. Formação da Terra

Rezam as tradições do mundo espiritual que [...] existe uma Comunidade de Espíritos Puros e Eleitos pelo Senhor Supremo do Universo, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetárias. Essa comunidade de seres angélicos e perfeitos, da qual é Jesus um dos membros divinos, [...] apenas já se reuniu, nas proximidades da Terra para a solução de problemas decisivos da organização e da direção do nosso planeta, por duas vezes no curso dos milênios conhecidos.

A primeira, verificou-se quando o orbe terrestre se desprendia da nebulosa solar, a fim de que se lançassem, no Tempo e no Espaço, as balizas do nosso sistema cosmogônico e os pródromos da vida na matéria em ignição, do planeta, e a segunda, quando se decidia a vinda do Senhor à face da Terra, trazendo à família humana a lição imortal do seu Evangelho de amor e redenção ¹¹.

Assim, sob a direção de Jesus – o governador espiritual da Terra – e seus propostos divinos, temos informações sobre a formação do Planeta.

A Terra conserva em si os traços evidentes da sua formação. Acompanham-se-lhe as fases com precisão matemática, nos diferentes terrenos que lhe constituem o arcabouço. O conjunto desses estudos forma a ciência chamada Geologia, ciência nascida deste século (XIX) e que projetou luz sobre a tão controvertida questão da origem do globo terreno e da dos seres vivos que o habitam. Neste ponto, não há simples hipótese; há o resultado rigoroso da observação dos fatos e, diante dos fatos, nenhuma dúvida se justifica. A história da formação da Terra está escrita nas camadas geológicas, de maneira bem mais certa do que nos livros preconcebidos, porque é a própria Natureza que fala, que se põe a nu, e não a imaginação dos homens a criar sistemas. [...] Sem as descobertas da Geologia, como sem as da Astronomia, a Gênese do mundo ainda estaria nas trevas da lenda. Graças a elas, o homem conhece hoje a história da sua habitação, tendo desmoronado, para não mais tornar a erguer-se a estrutura de fábulas que lhe rodeavam o berço ⁶.

Que força sobre-humana pôde manter o equilíbrio da nebulosa terrestre, destacada do núcleo central do sistema, conferindo-lhe um conjunto de leis matemáticas, dentro das quais se iam manifestar todos os fenômenos inteligentes e harmônicos de sua vida, por milênios de milênios? Distanciando do Sol cerca de 149.600.000 quilômetros e deslocando-se no espaço com a velocidade diária de 2.500.000 quilô-

metros, em torno do grande astro do dia, imaginemos a sua composição nos primeiros tempos de existência, como planeta.

Laboratório de matérias ignescentes, o conflito das forças telúricas e das energias físico-químicas opera as grandiosas construções do teatro da vida, no imenso cadinho onde a temperatura se eleva, por vezes, a 2.000 graus de calor, como se a matéria colocada num forno, incandescente, estivesse sendo submetida aos mais diversos ensaios, para examinar-se a sua qualidade e possibilidades na edificação da nova escola dos seres. As descargas elétricas, em proporções jamais vistas da Humanidade, despertam estranhas comoções no grande organismo planetário, cuja formação se processa nas oficinas do Infinito 12.

Na grande oficina surge, então, a diferenciação da matéria ponderável, dando origem ao hidrogênio.

As vastidões atmosféricas são amplo repositório de energias elétricas e de vapores que trabalham as substâncias torturadas no orbe terrestre. O frio dos espaços atua, porém, sobre esse laboratório de energias incandescentes e a condensação dos metais verifica-se com a leve formação da crosta solidificada.

É o primeiro descanso das tumultuosas comoções geológicas do globo. Formam-se os primitivos oceanos, onde a água tépida sofre pressão difícil de descrever-se. A atmosfera está carregada de vapores aquosos e as grandes tempestades varrem, em todas as direções, a superfície do planeta, mas sobre a Terra o caos fica dominado como por encanto. As paisagens aclaram-se, fixando a luz solar, que se projeta nesse novo teatro de evolução e vida.

As mãos de Jesus haviam descansado, após o longo período de confusão dos elementos físicos da organização planetária ¹³.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 6, item 10, p. 111.
2. _____. Item 14, p. 113-114.
3. _____. Item 15, p. 114.
4. _____. Item 16, p. 115.
5. _____. Item 17, p. 115-116.
6. _____. Cap. 7, item 1, p. 141-142.
7. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Parte primeira. Cap. 3. (Formação dos mundos), p. 64.
8. _____. Questão 37 - comentário, p. 64.
9. _____. Questão 38, p. 64.
10. _____. Questão 39, p. 65.
11. XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 33. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 1 (A gênese planetária), item: A comunidade dos Espíritos puros, p. 17-18.
12. _____. Item: Os primeiros tempos do orbe terrestre, p. 19.
13. _____. Item: A solidificação da matéria, p. 20-21.

ROTEIRO 4

Os reinos da natureza: mineral, vegetal, animal e hominal**Objetivo específico**

- Caracterizar os reinos da natureza, segundo a interpretação espírita.

Conteúdo básico

- *Do ponto de vista material, apenas há seres orgânicos e inorgânicos. Do ponto de vista moral, há evidentemente quatro graus. Esses quatro graus apresentam, com efeito, caracteres determinados, muito embora pareçam confundir-se nos seus limites extremos. A matéria inerte, que constitui o reino mineral, só tem em si uma força mecânica. As plantas, ainda que compostas de matéria inerte [mineral], são dotadas de vitalidade. Os animais, também compostos de matéria inerte e igualmente dotados de vitalidade, possuem, além disso, uma espécie de inteligência instintiva, limitada, e a consciência de sua existência e de suas individualidades. O homem, tendo tudo o que há nas plantas e nos animais, domina todas as outras classes por uma inteligência especial, indefinida, que lhe dá a consciência do seu futuro, a percepção das coisas extramateriais e o conhecimento de Deus. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 585 e questão 585 – comentário.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Citar o objetivo da aula.
- Explicar que o assunto deste Roteiro será apresentado por meio de uma exposição, ao final da qual os participantes terão oportunidade de fazer perguntas.

Desenvolvimento

- Fazer uma exposição detalhada do conteúdo do Roteiro, usando os recursos disponíveis: cartazes/transparências/*data show*.
- Em seguida, abrir espaço para que sejam feitas as perguntas dos alunos, previamente elaboradas durante a explanação do assunto.
- Esclarecer outras questões colocadas pelos participantes até que o assunto esteja bem compreendido.

Conclusão

- Encerrar o estudo, enfatizando o seguinte conteúdo, existente no final dos *subsídios* deste Roteiro: [...] *que os reinos vegetal, animal e hominal existem em todos os mundos destinados à encarnação dos Espíritos. [...] As plantas, porém, são sempre plantas, como os animais sempre animais e os homens sempre homens.*

Atividade extraclasse para a próxima reunião

- Pesquisar na *internet*, em livros, em revistas etc, os resultados mais recentes da Ciência acerca da existência de vida em outros planetas, em especial os relacionados ao planeta Marte.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se ao final do estudo, os participantes demonstrarem compreensão das características dos reinos da natureza, segundo o Espiritismo.

Técnica(s): exposição.

Recurso(s): cartazes / transparência / *data show* / e perguntas.

Subsídios Allan Kardec faz a seguinte pergunta aos Espíritos Superiores: *Que pensais da divisão da Natureza em três reinos, ou melhor, em duas classes: a dos seres orgânicos e a dos inorgânicos? Segundo alguns, a espécie humana forma uma quarta classe. Qual destas divisões é preferível¹³?* Respondem os Instrutores da Humanidade: *Todas são boas, conforme o ponto de vista. Do ponto de vista material, apenas há seres orgânicos e inorgânicos. Do ponto de vista moral, há evidentemente quatro graus¹³.*

Comentando a resposta dos Espíritos, assinala o Codificador:

Esses quatro graus apresentam, com efeito, caracteres determinados, muito embora pareçam confundir-se no seus limites extremos. A matéria inerte, que constitui o reino mineral, só tem em si uma força mecânica. As plantas, ainda que compostas de matéria inerte [mineral], são dotadas de vitalidade. Os animais, também compostos de matéria inerte e igualmente dotados de vitalidade, possuem, além disso, uma espécie de inteligência instintiva, limitada, e a consciência de sua existência e de suas individualidades. O homem, tendo tudo o que há nas plantas e nos animais, domina todas as outras classes por uma inteligência especial, indefinida, que lhe dá a consciência do seu futuro, a percepção das coisas extramateriais, e o conhecimento de Deus¹³.

A propósito dessa vitalidade de que são dotados os seres orgânicos, assinala Kardec:

Sem falar do princípio inteligente, que é questão à parte, há, na matéria orgânica, um princípio especial, inapreensível e que ainda não pode ser definido: o princípio vital. Ativo no ser vivente, esse princípio se acha extinto no ser morto; mas nem por isso deixa de dar à substância propriedades que a distinguem das substâncias inorgânicas. A Química, que decompõe e recompõe a maior parte dos corpos inorgânicos, também conseguiu decompor os corpos orgânicos, porém jamais chegou a reconstituir, sequer, uma folha morta, prova evidente de que há nestes últimos o que quer que seja, inexistente nos outros³. Será o princípio vital alguma coisa particular, que tenha existência própria? Ou, integrado no sistema da unidade do elemento gerador, apenas será um estado especial, uma das modificações do fluido cósmico, pela qual este se torne princípio

de vida, como se torna luz, fogo, calor, eletricidade? [...] Seja, porém, qual for a opinião que se tenha sobre a natureza do princípio vital, o certo é que ele existe, pois que se lhe apreciam os efeitos. Pode-se, portanto, logicamente, admitir que, ao se formarem, os seres orgânicos assimilaram o princípio vital, por ser necessário à destinação deles; ou, se o preferirem, que esse princípio se desenvolveu em cada indivíduo, por efeito mesmo da combinação dos elementos, tal como se desenvolvem, dadas certas circunstâncias, o calor, a luz e a eletricidade ⁴. (Veja Roteiro 1 deste módulo)

A classificação dos seres existentes na Natureza em orgânicos e inorgânicos está relacionada à presença, ou não, de fluido vital em seus organismos.

Assim, os [...] *seres orgânicos são os que têm em si uma fonte de atividade íntima que lhes dá vida. Nascem, crescem, reproduzem-se por si mesmos e morrem. São providos de órgãos especiais para a execução dos diferentes atos da vida, órgãos esses apropriados às necessidades que a conservação própria lhes impõe. Nessa classe estão compreendidos os homens, os animais e as plantas. Seres inorgânicos são todos os que carecem de vitalidade, de movimentos próprios e que se formam apenas pela agregação da matéria. Tais são os minerais, a água, o ar, etc* ¹².

O aparecimento dos seres vivos [orgânicos] na Terra em determinada época, por sua vez, deveu-se ao fato de que o nosso planeta [...] *lhes continha os germens, que aguardavam momento favorável para se desenvolverem. Os princípios orgânicos se congregaram, desde que cessou a atuação da força que os mantinha afastados, e formaram os germens de todos os seres vivos. Estes germens permaneceram em estado latente de inércia, como a crisálida e as sementes das plantas, até o momento propício ao surto de cada espécie. Os seres de cada uma destas se reuniram, então, e se multiplicaram* ⁶. Esses elementos orgânicos, antes da formação da Terra se achavam, [...] *por assim dizer, em estado de fluido no Espaço, no meio dos Espíritos, ou em outros planetas, à espera da criação da Terra, para começarem existência nova em novo globo* ⁷.

1. Os seres orgânicos

1.1. Os vegetais

Ensina a Doutrina Espírita que as plantas não têm consciência de que existem, uma vez que não pensam; [...] *só têm vida orgânica* ¹⁴. *Recebem impressões físicas que atuam sobre a matéria, mas não têm percepções. Consequentemente, não têm a sensação da dor* ¹⁵. A força que as atrai umas às outras é apenas [...] *uma força mecânica da matéria, que atua sobre a matéria, sem que elas possam a isso*

*opor-se*¹⁶. Algumas [...] plantas, como a sensitiva e a dionéia, por exemplo, executam movimentos que denotam grande sensibilidade e, em certos casos, uma espécie de vontade, conforme se observa na segunda, cujos lóbulos apanham a mosca que sobre ela pousa para sugá-la, parecendo que urde uma armadilha com o fim de capturar e matar aquele inseto¹⁷. Podem ser, essas espécies, consideradas uma transição entre a natureza vegetal e a animal, porque tudo [...] em a Natureza é transição, por isso mesmo que uma coisa não se assemelha a outra e, no entanto, todas se prendem umas às outras¹⁷. Contudo, carecem de vontade própria, porque não pensam. [...] Nem a ostra que se abre, nem os zoófitos pensam: têm apenas um instinto cego e natural¹⁷.

Entretanto, não [...] haverá nas plantas, como nos animais, um instinto de conservação que as induza a procurar o que lhes possa ser útil e a evitar o que lhes possa ser nocivo?¹⁸ A essa pergunta de Kardec, respondem os Espíritos Superiores: Há, se quiserdes, uma espécie de instinto, dependendo isso da extensão que se dê ao significado desta palavra. É, porém, um instinto puramente mecânico. Quando, nas operações químicas, observais que dois corpos se reúnem, é que um ao outro convém; quer dizer: é que há entre eles afinidade. Ora, a isto não dais o nome de instinto¹⁹. Atualmente, entendemos melhor as leis de afinidade e repulsão moleculares, em decorrência dos avanços significados da Química.

1.2. Os animais

Kardec pergunta aos Espíritos Superiores se os animais possuem algum princípio independente da matéria, que lhes sobreviva ao corpo, e se esse princípio seria semelhante à alma humana.^{26, 27} E os Espíritos afirmam: *É também uma alma, se quiserdes, dependendo isto do sentido que se der a esta palavra. É, porém, inferior à do homem. Há entre a alma dos animais e a do homem distância equivalente à que medeia entre a alma do homem e Deus*²⁷. Após a morte, a alma dos animais conserva a sua individualidade, mas não a consciência do seu eu. *A vida inteligente lhe permanece em estado latente*²⁸.

A progressão dos animais, por outro lado, não se dá, como no homem, por ato de vontade própria, mas sim pela [...] *força das coisas, razão por que não estão sujeitos à expiação*²⁹.

O Espírito André Luiz nos esclarece que na [...] *moradia de continuidade para a qual se transfere, encontra, pois, o homem as mesmas leis de gravitação que controlam a Terra, com os dias e as noites marcando a conta do tempo, embora os rigores das estações estejam suprimidos pelos fatores de ambiente que asseguram a*

harmonia da Natureza, estabelecendo clima quase constante e quase uniforme, como se os equinócios e solstícios entrelaçassem as próprias forças, retificando automaticamente os excessos de influência com que se dividem. Plantas e animais domesticados pela inteligência humana, durante milênios, podem ser aí aclimatados e aprimorados, por determinados períodos de existência, ao fim dos quais regressam aos seus núcleos de origem no solo terrestre, para que avancem na romagem evolutiva, compensados com valiosas aquisições de acrisolamento, pelas quais auxiliam a flora e a fauna habituais à Terra, com os benefícios das chamadas mutações espontâneas.

*As plantas, pela configuração celular mais simples, atendem, no plano extrafísico, à reprodução limitada, aí deixando descendentes que, mais tarde, voltam também à leira do homem comum, favorecendo, porém, de maneira espontânea, a solução de diferentes problemas que lhes dizem respeito, sem exigir maior sacrifício dos habitantes em sua conservação*³⁰.

Ressalte-se, finalmente, que os reinos vegetal, animal e hominal existem em todos os mundos destinados à encarnação dos Espíritos. Nos mundos superiores, entretanto, tudo é mais perfeito: as plantas, os animais e os homens. *As plantas, porém, são sempre plantas, como os animais sempre animais e os homens sempre homens*²⁰.

A maioria dos animais obra por instinto, mas muitos deles denotam acentuada vontade, revelando sua inteligência, embora limitada²². Sobre a relação entre o instinto e a inteligência nos animais, Kardec comenta: *Não se poderia negar que, além de possuírem o instinto, alguns animais praticam atos combinados, que denunciam vontade de operar em determinado sentido e de acordo com as circunstâncias. Há, pois, neles, uma espécie de inteligência, mas cujo exercício quase que se circunscreve à utilização dos meios de satisfazerem às suas necessidades físicas e de proverem à conservação própria. Nada, porém, criam, nem melhora alguma realizam. Qualquer que seja a arte com que executem seus trabalhos, fazem hoje o que faziam outrora e o fazem, nem melhor, nem pior, segundo formas e proporções constantes e invariáveis. A cria, separada dos de sua espécie, não deixa por isso de construir o seu ninho de perfeita conformidade com os seus maiores, sem que tenha recebido nenhum ensino. O desenvolvimento intelectual de alguns, que se mostram suscetíveis de certa educação, desenvolvimento, aliás, que não pode ultrapassar acanhados limites, é devido à ação do homem sobre uma natureza maleável, porquanto não há aí progresso que lhe seja próprio. Mesmo o progresso que realizam pela ação do homem é efêmero e puramente individual, visto que, entregue a si mesmo, não tarda que o animal volte a encerrar-se nos limites que lhe traçou a Natureza*²².

Os animais, embora não tenham uma linguagem formada de palavras, possuem meios de se comunicarem. *Dizem uns aos outros muito mais coisas do que imaginais [ensinam os Espíritos Superiores]. Mas, essa mesma linguagem de que dispõem é restrita às necessidades, como restritas também são as idéias que podem ter*²³.

*Efetivamente, [comenta Kardec] os peixes que, como as andorinhas, emigram em cardumes, obedientes ao guia que os conduz, devem ter meios de se advertirem, de se entenderem e combinarem. É possível que disponham de uma vista mais penetrante e esta lhes permita perceber os sinais que mutuamente façam. Pode ser também que tenham na água um veículo próprio para a transmissão de certas vibrações. Como quer que seja, o que é incontestável é que lhes não falecem meios de se entenderem [...]*²⁴.

Deflui desses ensinamentos que os animais têm inteligência, conquanto limitada, demonstram vontade própria e se comunicam entre si. Possuiriam, assim, livre-arbítrio, para praticar os seus atos? Kardec fez essa indagação aos Instrutores Espirituais, obtendo desses a seguinte resposta: *Os animais não são simples máquinas, como supondes. Contudo, a liberdade de ação, de que desfrutam, é limitada pelas suas necessidades e não se pode comparar à do homem. Sendo muitíssimo inferiores a este, não têm os mesmos deveres que ele. A liberdade, possuem-na restrita aos atos da vida material*²⁵.

1.3. A espécie humana

A respeito da espécie humana, esclarece a Doutrina Espírita que os seus germens também se encontravam entre os elementos orgânicos existentes na Terra e que o homem veio a seu tempo⁸. Os [...] *homens, uma vez espalhados pela Terra, absorveram em si mesmos os elementos necessários à sua própria formação, para os transmitir segundo as leis da reprodução. O mesmo se deu com as diferentes espécies de seres vivos*⁹.

É difícil estabelecer-se um limite entre os animais e o homem, no tocante à estrutura orgânica, porque alguns animais demonstram, nesse aspecto, uma visível superioridade sobre o homem. Todavia, o [...] *homem é um ser à parte, que desce muito baixo algumas vezes e que pode também elevar-se muito alto. Pelo físico, é como os animais e menos bem dotado do que muito destes. A Natureza lhes deu tudo o que o homem é obrigado a inventar com a sua inteligência, para satisfação de suas necessidades e para sua conservação. Seu corpo se destrói, como o dos animais, é certo, mas ao seu Espírito está assinado um destino que só ele pode compreender, porque só ele é inteiramente livre. [...] Reconheci o homem pela faculdade de pensar em Deus*²¹.

Com efeito, do [...] *ponto de vista corpóreo e puramente anatômico, o homem pertence à classe dos mamíferos, dos quais unicamente difere por alguns matices na forma exterior. Quanto ao mais, a mesma composição de todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção, de reprodução. Ele nasce, vive e morre nas mesmas condições e, quando morre, seu corpo se decompõe, como tudo o que vive. Não há, em seu sangue, na sua carne, em seus ossos, um átomo diferente dos que se encontram no corpo dos animais. Como estes, ao morrer, restitui à terra o oxigênio, o hidrogênio, o azoto [nitrogênio] e o carbono que se haviam combinado para formá-lo; e esses elementos, por meio de novas combinações, vão formar outros corpos minerais, vegetais e animais. É tão grande a analogia que se estudam as suas funções orgânicas, em certos animais, quando as experiências não podem ser feitas nele próprio*⁵.

A religião cristã, por influência do judaísmo, prega que a origem da espécie humana está em Adão. O Espiritismo no ensina, porém, que o [...] *homem, cuja tradição se conservou sob o nome de Adão, foi dos que sobreviveram, em certa região, a alguns dos grandes cataclismos que revolveram em diversas épocas a superfície do globo, e se constituiu tronco de uma das raças que atualmente o povoam. As leis da Natureza se opõem a que os progressos da Humanidade, [...] se tenham realizado em alguns séculos, como houvera sucedido se o homem não existisse na Terra senão a partir da época indicada para a existência de Adão. Muitos, com mais razão, consideraram Adão um mito ou uma alegoria que personifica as primeiras idades do mundo*¹⁰.

As diferenças físicas e morais que distinguem as raças humanas na Terra estão relacionadas à ação do [...] *clima, da vida e dos costumes. Dá-se aí o que se dá com dois filhos de uma mesma mãe que, educados longe um do outro e de modos diferentes, em nada se assemelharão, quanto ao moral*¹¹.

2. Os seres inorgânicos

Os seres inorgânicos são também conhecidos como seres inertes (sem vida), tais como os minerais – inclusive a água – as rochas e os cristais.

A lei que preside à formação dos minerais conduz naturalmente à formação dos corpos orgânicos.

A análise química mostra que todas as substâncias vegetais e animais são compostas dos mesmos elementos que os corpos inorgânicos. Desses elementos, são o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono os que desempenham papel principal. Os outros entram acessoriamente. Como no reino mineral, a diferença de proporções na combinação dos referidos elementos produz todas as variedades de substâncias or-

*gânicas e suas diversas propriedades, tais como: os músculos, os ossos, o sangue, a bÍlis, os nervos, a matéria cerebral, a gordura, nos animais; a seiva, a madeira, as folhas, os frutos, as essências, os óleos, as resinas, etc., nos vegetais. Assim, na formação dos animais e das plantas, nenhum corpo especial entra que igualmente não se encontre no reino mineral*².

Na formação dos corpos sólidos, um dos mais notáveis fenômenos é o da cristalização, que consiste na forma regular que assumem certas substâncias, ao passarem do estado líquido, ou gasoso, ao estado sólido. Essa forma, que varia de acordo com a natureza da substância, é geralmente a de sólidos geométricos, tais como o prisma, o rombóide, o cubo, a pirâmide. Toda gente conhece os cristais de açúcar cândi; os cristais de rocha, ou sílica cristalizada, são prismas de seis faces que terminam em pirâmide igualmente hexagonal. O diamante é carbono puro, ou carvão cristalizado. Os desenhos que no inverno se produzem sobre as vidraças são devidos à cristalização do vapor d'água durante a congelação, sob a forma de agulhas prismáticas*¹.

(*) Cândi ou cande: é o açúcar que resulta da cristalização da sacarose e que apresenta grandes cristais prismáticos. É açúcar de farmácia.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 10, item 11, p. 194.
2. _____. Item 12, p. 194-195.
3. _____. Item 16, p. 197-198.
4. _____. Item 17, p. 198.
5. _____. Item 26, p. 203.
6. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, questão 44, p. 65-66.
7. _____. Questão 45, p. 66.
8. _____. Questão 47, p. 67.
9. _____. Questão 49, p. 67.
10. _____. Questão 51 – comentário, p. 67-68.
11. _____. Questão 52, p. 68.
12. _____. Introdução ao capítulo 4 (Do princípio vital), p. 74.
13. _____. Questão 585 p. 291.
14. _____. Questão 586, p. 291.
15. _____. Questão 587, p. 292.
16. _____. Questão 588, p. 292.
17. _____. Questão 589, p. 292.
18. _____. Questão 590, p. 292.
19. _____. Questão 590, p. 293.
20. _____. Questão 591, p. 293.
21. _____. Questão 592, p. 293.
22. _____. Questão 593, p. 294.
23. _____. Questão 594, p. 294.
24. _____. Questão 594 - comentário, p. 295.
25. _____. Questão 595, p. 295.
26. _____. Questão 597, p. 296.
27. _____. Questão 597-a, p. 296.
28. _____. Questão 598, p. 296.
29. _____. Questão 602, p. 297.
30. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 23. ed. Rio de Janeiro. FEB, 2005. Primeira parte, cap. 13, (Alma e fluidos), item: Vida na espiritualidade, p. 96.

ROTEIRO 5

Diferentes categorias de mundos habitados

Objetivos específicos ■ Relacionar o ensino dos Espíritos sobre as diferentes categorias de mundos habitados com a expressão evangélica *há muitas moradas na casa de meu Pai*.

- Enumerar as diferentes categorias de mundos habitados, caracterizando-os, segundo o Espiritismo.

Conteúdo básico

- *São habitados todos os globos que se movem no espaço? Sim e o homem terreno está longe de ser, como supõe, o primeiro em inteligência, em bondade e em perfeição.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 55.
- *Há muitas moradas na casa de meu Pai.* João, 14:2.
- *A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, moradas correspondentes ao adiantamento dos mesmos Espíritos.* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. 3, item 2.
- *Muito [...] diferentes umas das outras são as condições dos mundos, quanto ao grau de adiantamento ou de inferioridade dos seus habitantes [...]. Nos mundos inferiores, a existência é toda material, reinam soberanas as paixões, sendo quase nula a vida moral. À medida que esta se desenvolve, diminui a influência da matéria, de tal maneira que, nos mundos mais adiantados, a vida é, por assim dizer, toda espiritual.* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. 3, item 3.

- *Nos mundos intermédios, misturam-se o bem e o mal, predominando um ou outro, segundo o grau de adiantamento da maioria dos que os habitam. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. 3, item 4.*
- De acordo com a classificação dada por Kardec, os mundos podem ser: [...] *primitivos, destinados às primeiras encarnações da alma humana; mundos de expiação e provas, onde domina o mal; mundos de regeneração, nos quais as almas que ainda têm o que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta; mundos ditosos, onde o bem sobrepuja o mal; mundos celestes ou divinos, habitações de Espíritos depurados, onde exclusivamente reina o bem. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap.3, item 4.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Mostrar um cartaz com a seguinte pergunta: *Existe vida em outros planetas?*
- Solicitar à turma que, em grupos de três, troque idéias a respeito do assunto, respondendo à pergunta.
- Ouvir as respostas dos grupos.

Desenvolvimento

- Exibir dois cartazes com os seguintes conteúdos:

1º cartaz: *“Não se turbe o vosso coração; crede em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito, pois vou preparar-vos lugar.”* (João, 14:1-2)

2º cartaz: *São habitados todos os globos que se movem no espaço? Sim e o homem terreno está longe de ser, como supõe, o primeiro em inteligência, em bondade e em perfeição. (O Livro dos Espíritos, questão 55)*
- Em seguida, juntamente com os participantes, relacionar o ensino de Jesus com o do *Livro dos Espíritos*, enfatizando os

seguintes tópicos: a) a semelhança desses ensinos; b) a diferença da constituição física desses diversos mundos e a conseqüente diversidade de organização dos seres que os habitam (*O Livro dos Espíritos*, questões 56 e 57).

- Trocar idéias com os participantes a respeito das pesquisas científicas em torno deste assunto, baseando-se, inclusive, no resultado da atividade extraclasse. Referir-se, especificamente, às informações transmitidas pelo Espírito Humberto de Campos sobre o planeta Marte (*Novas Mensagens*, ed. FEB), ressaltando as diferenças de manifestação da vida no Universo, ainda não detectadas pelos instrumentos da nossa Ciência.
- Dividir a turma em cinco grupos para a leitura dos *subsídios* do Roteiro, devendo cada um deles estudar uma categoria de mundo habitado. Em seqüência, cada grupo deverá preparar um resumo referente à categoria de mundo que lhe coube estudar.
- Pedir aos representantes dos grupos que leiam os resumos elaborados.
- Prestar os comentários cabíveis.

Conclusão

- Pedir aos participantes que enumerem as diferentes categorias de mundos habitados, solicitando a um voluntário que as escreva num cartaz, colocado em local visível a todos.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes souberem:

- a) relacionar os ensinos de Jesus com o dos Espíritos;
- b) enumerar e caracterizar as diferentes categorias de mundos habitados.

Técnica(s): zum-zum; exposição dialogada; trabalho em pequenos grupos.

Recurso(s): *subsídios* do Roteiro; cartazes; textos/figuras da internet/ revistas; papel; lápis/ caneta; pincel atômico; folha de papel pardo ou cartolina.

Subsídios Ensina o Espiritismo que são habitados todos os mundos que existem no Universo [...] e o homem terreno está longe de ser [...] o primeiro em inteligência, em bondade e em perfeição ¹¹. Comentando esse assunto, diz Allan Kardec:

Deus povoou de seres vivos os mundos, concorrendo todos esses seres para o objetivo final da Providência. Acreditar que só os haja no planeta que habitamos fora duvidar da sabedoria de Deus, que não fez coisa alguma inútil. Certo, a esses mundos há de ele ter dado uma destinação mais séria do que a de nos recrearem a vista. Aliás, nada há, nem na posição, nem no volume, nem na constituição física da Terra, que possa induzir à suposição de que ela goze do privilégio de ser habitada, com exclusão de tantos milhares de milhões de mundos semelhantes ¹¹.

Ensino semelhante se encontra no Evangelho, quando o Cristo afirma: *há muitas moradas na casa de meu Pai* ¹. A propósito dessa expressão evangélica, Kardec faz o seguinte comentário: *A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, moradas correspondentes ao adiantamento dos mesmos Espíritos* ².

Do ensino dado pelos Espíritos, resulta que muito diferentes umas das outras são as condições dos mundos, quanto ao grau de adiantamento ou de inferioridade dos seus habitantes. [...] Nos mundos inferiores, a existência é toda material, reinam soberanas as paixões, sendo quase nula a vida moral. À medida que esta se desenvolve, diminui a influência da matéria, de tal maneira que, nos mundos mais adiantados, a vida é, por assim dizer, toda espiritual ³.

Nos mundos intermédios, misturam-se o bem e o mal, predominando um ou outro, segundo o grau de adiantamento da maioria dos que os habitam. Embora se não possa fazer, dos diversos mundos, uma classificação absoluta, pode-se contudo, em virtude do estado em que se acham e da destinação que trazem, tomando por base os matizes mais salientes, dividi-los, de modo geral, como segue: mundos primitivos, destinados às primeiras encarnações da alma humana; mundos de expiação e provas, onde domina o mal; mundos de regeneração, nos quais as almas que ainda têm o que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta; mun-

dos ditosos, onde o bem sobrepuja o mal; mundos celestes ou divinos, habitações de Espíritos depurados, onde exclusivamente reina o bem ⁴.

1. Mundos Primitivos

Tomada a Terra por termo de comparação, pode-se fazer idéia do estado de um mundo inferior, supondo os seus habitantes na condição das raças selvagens ou das nações bárbaras que ainda entre nós se encontram, restos do estado primitivo do nosso orbe. Nos mais atrasados, são de certo modo rudimentares os seres que os habitam. Revestem a forma humana, mas sem nenhuma beleza. Seus instintos não têm a abrandá-los qualquer sentimento de delicadeza ou de benevolência, nem as noções do justo e do injusto. A força bruta é, entre eles, a única lei. Carentes de indústrias e de invenções, passam a vida na conquista de alimentos. Deus, entretanto, a nenhuma de suas criaturas abandona; no fundo das trevas da inteligência jaz, latente, a vaga intuição, mais ou menos desenvolvida, de um Ente supremo ⁵.

2. Mundos de Expição e Provas

São mundos onde domina o mal, destinados aos espíritos que necessitam expiar as faltas cometidas em suas encarnações anteriores. A variedade desses mundos é infinita, [...] mas revelando todos, como caráter comum, o servirem de lugar de exílio para Espíritos rebeldes à lei de Deus. Esses Espíritos têm aí de lutar, ao mesmo tempo, com a perversidade dos homens e com a inclemência da Natureza, duplo e árduo trabalho que simultaneamente desenvolve as qualidades do coração e as da inteligência ⁸.

3. Mundos de Regeneração ou Regeneradores

Os mundos regeneradores servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes. A alma penitente encontra neles a calma e o repouso e acaba por depurar-se. Sem dúvida, em tais mundos o homem ainda se acha sujeito às leis que regem a matéria; a Humanidade experimenta as vossas sensações e desejos, mas liberta das paixões desordenadas de que sois escravos, isenta do orgulho que impõe silêncio ao coração, da inveja que a tortura, do ódio que a sufoca. Em todas as frentes, vê-se escrita a palavra amor; perfeita equidade preside às relações sociais, todos reconhecem Deus e tentam caminhar para Ele, cumprindo-lhe as leis.

Nesses mundos, todavia, ainda não existe a felicidade perfeita, mas a aurora da felicidade. O homem lá é ainda de carne e, por isso, sujeito às vicissitudes de que

libertos só se acham os seres completamente desmaterializados. Ainda tem de suportar provas, porém, sem as pungentes angústias da expiação ⁹.

4. Mundos Ditosos ou Felizes

Nos mundos que chegaram a um grau superior, as condições da vida moral e material são muitíssimo diversas [...]. Como por toda parte, a forma corpórea aí é sempre a humana, mas embelezada, aperfeiçoada e, sobretudo, purificada. O corpo nada tem da materialidade terrestre e não está, conseqüentemente, sujeito às necessidades, nem às doenças ou deteriorações que a predominância da matéria provoca. Mais apurados, os sentidos são aptos a percepções a que neste mundo a grosseria da matéria obsta. A leveza específica do corpo permite locomoção rápida e fácil: em vez de se arrastar penosamente pelo solo, desliza, a bem dizer, pela superfície, ou plana na atmosfera, sem qualquer outro esforço além do da vontade [...]. Em lugar de semblantes descorados, abatidos pelos sofrimentos e paixões, a inteligência e a vida cintilam com o fulgor que os pintores hão figurado no nimbo ou auréola dos santos.

A pouca resistência que a matéria oferece a Espíritos já muito adiantados torna rápido o desenvolvimento dos corpos e curta ou quase nula a infância. Isenta de cuidados e angústias, a vida é proporcionalmente muito mais longa do que na Terra. Em princípio, a longevidade guarda proporção com o grau de adiantamento dos mundos. A morte de modo algum acarreta os horrores da decomposição; longe de causar pavor, é considerada uma transformação feliz, por isso que lá não existe a dúvida sobre o porvir ⁶.

Nesses mundos venturosos, as relações, sempre amistosas entre os povos, jamais são perturbadas pela ambição, da parte de qualquer deles, de escravizar o seu vizinho, nem pela guerra que daí decorre, [...]. A autoridade merece o respeito de todos, porque somente ao mérito é conferida e se exerce sempre com justiça. [...] Lá, todos os sentimentos delicados e elevados da natureza humana se acham engrandecidos e purificados; [...] um laço de amor e fraternidade prende uns aos outros todos os homens [...] ⁷.

5. Mundos Celestes ou Divinos

Esses mundos são habitados pelos Espíritos puros, aqueles que atingiram a perfeição. Não ficam, contudo, esses Espíritos presos à sua habitação, [...] como os homens à Terra; podem, melhor do que os outros, estar em toda parte ¹².

O progresso é lei da Natureza. A essa lei todos os seres da Criação, animados e inanimados, foram submetidos pela bondade de Deus, que quer que tudo se engran-

*deça e prospere. [...] Ao mesmo tempo que todos os seres vivos progridem moralmente, progridem materialmente os mundos em que eles habitam. Quem pudesse acompanhar um mundo em suas diferentes fases, desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos destinados a constituí-lo, vê-lo-ia a percorrer uma escala incessantemente progressiva, mas de degraus imperceptíveis para cada geração, e a oferecer aos seus habitantes uma morada cada vez mais agradável, à medida que eles próprios avançam na senda do progresso*¹⁰.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 3, item 1, p. 71.
2. _____. Item 2, p. 71.
3. _____. Item 3, p. 72.
4. _____. Item 4, p. 72-73.
5. _____. Item 8, p. 74-75.
6. _____. Item 9, p. 75-76.
7. _____. Item 10, p. 76.
8. _____. Item 15, p. 78-79.
9. _____. (Santo Agostinho), Item 17, p. 79-80.
10. _____. (Santo Agostinho), Item 19, p. 81.
11. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Questão 55, p. 69.
12. _____. Questão 188, p. 127-128.

ROTEIRO 6

Encarnação nos diferentes mundos

Objetivo específico

- Esclarecer a respeito das encarnações nos diferentes mundos.

Conteúdo básico

- *Os Espíritos que encarnam em um mundo não se acham a ele presos indefinidamente, nem nele atravessam todas as fases do progresso que lhes cumpre realizar, para atingir a perfeição. Quando, em um mundo, eles alcançam o grau de adiantamento que esse mundo comporta, passam para outro mais adiantado, e assim por diante, até que cheguem ao estado de puros Espíritos.* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. 3, item 5.
- *Da mesma forma que diariamente ocorrem partidas e chegadas de Espíritos entre os planos material e espiritual, promovendo renovações intelecto-morais, [...] igualmente [essa movimentação] se efetua entre os mundos, quer individualmente, nas condições normais, quer por massas, em circunstâncias especiais. Há [...] emigrações e imigrações coletivas de um mundo para outro, donde resulta a introdução, na população de um deles, de elementos inteiramente novos. Novas raças de Espíritos, vindo misturar-se às existentes, constituem novas raças de homens.* Allan Kardec: *A gênese*. Cap. 11, item 37.

Sugestões didáticas

Introdução

- Referir-se à mensagem do Espírito Humberto de Campos – citada na aula anterior – sobre Marte, ressaltando que alguns Espíritos já nos trouxeram informações a respeito da vida nesse planeta e em outros: Júpiter, por exemplo (*Revista Espírita* de março/abril/maio/agosto/setembro, de 1858).
- Esclarecer que as comunicações em referência se baseiam na interpretação dos Espíritos informantes, as quais, embora não contradizendo o ensino geral contido na Codificação Espírita, devem ser acolhidas como material de estudo, sujeito sempre à comprovação.

Desenvolvimento

- Dividir a turma em pequenos grupos para realizarem a seguinte tarefa:
 1. ler a mensagem do Espírito Humberto de Campos supracitada;
 2. listar as principais características da vida em Marte, conforme descrito pelo referido autor espiritual.

Observação: Se não for possível colocar à disposição dos grupos a obra em referência, entregar a cada um deles uma cópia da mencionada comunicação.

- Ouvir as respostas dos grupos, prestando os esclarecimentos cabíveis.
- Em seguida, fazer uma exposição dialogada com base nos *subsídios* e na referência bibliográfica do roteiro, usando os recursos disponíveis: cartazes/ transparências / *flip-chart* / quadro de giz / pincel etc.
- Logo após, fazer perguntas – tipo «pinga-fogo» – a respeito do conteúdo da exposição. Ouvir as respostas, prestando os esclarecimentos necessários.

Conclusão

- Apresentar uma foto ou desenho contendo uma visão parcial do Universo, ressaltando que, dentre as diversas moradas da Casa do Pai, muitas são orbes venturosos, que nos aguardam após cumprirmos os nossos compromissos com a Terra.

Observação:

- Pinga-fogo: trata-se de uma técnica objetiva de perguntas e respostas concisas.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os alunos participarem ativamente da aula e responderem corretamente às perguntas do «pinga-fogo».

Técnica(s): exposição; trabalho em pequenos grupos; exposição dialogada; «pinga-fogo».

Recurso(s): *subsídios* do Roteiro; livros / textos; cartazes / transparências; quadro de giz / pincel / *flip-chart* / retroprojeter; papel, lápis / caneta.

Subsídios

De acordo com o ensinamento da Doutrina Espírita, tendo [...] *o Espírito que passar por muitas encarnações, segue-se que todos nós temos tido muitas existências e que teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, quer na Terra, quer em outros mundos* ⁴

Para chegarem à perfeição, que é o seu destino final, os Espíritos não precisam, entretanto, passar pela imensa variedade de mundos existentes no Universo, uma vez que muitos desses mundos pertencem ao mesmo grau da escala evolutiva, e os Espíritos, ao se retirarem de um deles, nada aprenderiam nos outros que se lhe assemelhassem ⁵. Podem, no entanto, encarnar num mundo em que já viveram para desempenhar missões, que concorram para o seu adiantamento ⁷. Por outro lado, a pluralidade das existências de um Espírito num mesmo orbe se explica pela necessidade de ele ocupar, de cada vez, [...] *posição diferente das anteriores e nessas diversas posições se lhe deparam outras tantas ocasiões de adquirir experiência* ⁶.

Ao passar de um planeta para outro, conserva o Espírito a sua inteligência, uma vez que [...] *a inteligência não se perde. Pode, porém, acontecer que ele não disponha dos mesmos meios para manifestá-la, dependendo isto da sua superioridade e das condições do corpo que tomar*⁹. Note-se, a propósito, que os [...] *Espíritos podem conservar-se estacionários, mas não retrogradam*⁸.

Dessa forma, os [...] *Espíritos que encarnam em um mundo não se acham a ele presos indefinidamente, nem nele atravessam todas as fases do progresso que lhes cumpre realizar, para atingir a perfeição. Quando, em um mundo, eles alcançam o grau de adiantamento que esse mundo comporta, passam para outro mais adiantado, e assim, por diante, até que cheguem ao estado de puros Espíritos. São outras tantas estações, em cada uma das quais se lhes deparam elementos de progresso apropriados ao adiantamento que já conquistaram. É-lhes uma recompensa ascenderem a um mundo de ordem mais elevada, como é um castigo o prolongarem a sua permanência em um mundo desgraçado, ou serem relegados para outro ainda mais infeliz do que aquele a que se vêem impedidos de voltar quando se obstinaram no mal*¹.

Essa passagem dos Espíritos para um outro planeta mais ou menos adiantado, em relação ao mundo em que estavam encarnados, pode ser individual ou coletiva. Para melhor compreensão desse processo, comparemos essa transmigração de um mundo a outro à que se dá com as desencarnações e reencarnações na Terra.

Assim é que no [...] *intervalo de suas existências corporais, os Espíritos se encontram no estado de erraticidade e formam a população espiritual ambiente da Terra. Pelas mortes e pelos nascimentos, as duas populações, terrestre e espiritual, deságuam incessantemente uma na outra. Há, pois, diariamente, emigrações do mundo corpóreo para o mundo espiritual e imigrações deste para aquele: é o estado normal*². Essa transfusão, que se efetua entre a população encarnada e desencarnada de um planeta, igualmente se efetua entre outros mundos, quer individualmente, nas condições normais, quer por massas, em circunstâncias especiais. Há, pois, emigrações e imigrações coletivas de um mundo para outro, donde resulta a introdução, na população de um deles, de elementos inteiramente novos. Novas raças de Espíritos, vindo misturar-se às existentes, constituem novas raças de homens. Ora, como os Espíritos nunca mais perdem o que adquiriram, consigo trazem eles sempre a inteligência e a intuição dos conhecimentos que possuem, o que faz que imprimam o caráter que lhes é peculiar à raça corpórea que venham animar. Para isso, só necessitam de que novos corpos sejam criados para serem por eles usados. Uma vez que a espécie corporal existe, eles encontram sempre corpos prontos para os receber. Não

são mais, portanto, do que novos habitantes. Em chegando à Terra, integram-lhe, a princípio, a população espiritual; depois, encarnam, como os outros³.

À medida que o Espírito se purifica, o corpo que o reveste se aproxima igualmente da natureza espírita. Torna-se-lhe menos densa a matéria, deixa de rastejar penosamente pela superfície do solo, menos grosseiras se lhe fazem as necessidades físicas, não mais sendo preciso que os seres vivos se destruam mutuamente para se nutrirem. O Espírito se acha mais livre e tem, das coisas longínquas, percepções que desconhecemos. Vê com os olhos do corpo o que só pelo pensamento entrevemos. [...] A duração da vida, nos diferentes mundos, parece guardar proporção com o grau de superioridade física e moral de cada um, o que é perfeitamente racional. Quanto menos material o corpo, menos sujeito às vicissitudes que o desorganizam. Quanto mais puro o Espírito, menos paixões a miná-lo¹¹.

Sendo assim, nas [...] esferas superiores à Terra o império da matéria é menor. Os males por esta originados atenuam-se, à medida que o ser se eleva e acabam por desaparecer. Lá, o ser humano não mais se arrasta penosamente sob a ação de pesada atmosfera; desloca-se de um lugar para outro com muita facilidade. As necessidades corpóreas são quase nulas e os trabalhos rudes, desconhecidos. Mais longa que a nossa, a existência aí se passa no estudo, na participação das obras de uma civilização aperfeiçoada, tendo por base a mais pura moral, o respeito aos direitos de todos, a amizade e a fraternidade¹⁵.

Isto posto, podemos dizer que os mundos, como tudo no Universo, estão sujeitos à lei do progresso. [...] Todos começaram, como o vosso [ensinam os Espíritos Superiores], por um estado inferior e a própria Terra sofrerá idêntica transformação. Tornar-se-á um paraíso, quando os homens se houveram tornado bons¹². Por sua vez, os corpos que servem de instrumentos aos Espíritos em suas encarnações nos diferentes mundos são mais ou menos materiais, [...] conforme o grau de pureza a que chegaram os Espíritos. É isso o que assinala a diferença entre os mundos que temos de percorrer, porquanto muitas moradas há na casa de nosso Pai, sendo, conseguintemente, de muitos graus essas moradas¹⁰. Aliás, não só o corpo material, mas também a substância do perispírito não é a mesma em todos os mundos. [...] Passando de um mundo a outro, o Espírito se reveste da matéria própria desse outro [...] ¹⁴. Há mesmo mundos em que o Espírito deixa de revestir corpos materiais, só tendo por envoltório o perispírito [...] e mesmo esse envoltório se torna tão etéreo que para vós – dizem os Instrutores da Codificação – é como se não existisse. Esse o estado dos Espíritos puros¹³.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 3, item 5, p. 73.
2. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 11, item 35, p. 225.
3. _____. Item 37, p. 226.
4. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução, item 6, p. 25.
5. _____. Questão 177, p. 124.
6. _____. Questão 177-a, p. 124.
7. _____. Questão 178, p. 124.
8. _____. Questão 178-a, p. 124.
9. _____. Questão 180, p. 125.
10. _____. Questão 181, p. 125.
11. _____. Questão 182 – comentário – p. 125-126.
12. _____. Questão 185, p. 127.
13. _____. Questão 186, p. 127.
14. _____. Questão 187, p. 127.
15. DENIS, Léon. *Depois da morte*. Tradução de João Lourenço de Souza. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 35 (A vida superior), p. 221.

ROTEIRO 7

A Terra: mundo de expiação e provas

Objetivos específicos ■ Identificar a Terra como mundo de expiação e provas.

- Explicar como a Terra se transformará num mundo melhor.

Conteúdo básico

- *A Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e provas, razão por que aí vive o homem a braços com tantas misérias. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. 3, item 4.*
- *A superioridade da inteligência, em grande número dos seus habitantes, indica que a Terra não é um mundo primitivo, destinado à encarnação dos Espíritos que acabaram de sair das mãos do Criador. As qualidades inatas que eles trazem consigo constituem a prova de que já viveram e realizaram certo progresso. Mas, também, os numerosos vícios a que se mostram propensos constituem o índice de grande imperfeição moral. Por isso os colocou Deus num mundo ingrato, para expiarem aí suas faltas, mediante penoso trabalho e misérias da vida, até que hajam merecido ascender a um planeta mais ditoso. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. 3, item 13.*
- *Para que na Terra sejam felizes os homens, preciso é que somente a povoem Espíritos bons, encarnados e desencarnados, que somente ao bem se dediquem. Havendo chegado o tempo, grande emigração se verifica dos que a habitam: a dos que praticam o mal pelo mal, ainda não tocados pelo sentimento do bem, os quais, já não sendo dignos do planeta transformado, serão excluídos [da Terra] (...). Substituí-los-ão Espíritos melhores, que farão reinem em seu seio a justiça, a paz e a fraternidade. Allan Kardec: A gênese. Cap. 18, item 27.*

- *A Terra [...] não terá de transformar-se por meio de um cataclismo que aniquile de súbito uma geração. A atual desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança alguma na ordem natural das coisas. Allan Kardec: A gênese. Cap. 18, item 27.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Sondar o entendimento dos participantes a respeito das expressões *final dos tempos* e *fim do mundo*, escrevendo as idéias apresentadas no quadro de giz ou *flip-chart* (não fazer comentários no momento).

Desenvolvimento

- Dividir a turma em pequenos grupos para realizarem a seguinte tarefa:
 1. ler os *subsídios* do Roteiro;
 2. responder às seguintes perguntas: a) O que é expiação e o que são provas? b) Que razões nos levam a considerar a Terra um mundo de expiação e provas? c) De que forma a Terra se transformará num mundo melhor?
- Ouvir as respostas dos representantes dos grupos.
- Prestar os esclarecimentos necessários à boa compreensão do assunto. Na oportunidade, fazer a correlação entre as idéias apresentadas na introdução da aula e as respostas dadas à pergunta da letra «c», item 2 do trabalho de grupo.

Conclusão

- Encerrar a aula destacando a nossa responsabilidade no processo de ascensão da Terra na hierarquia dos mundos.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes, no trabalho em grupo, identificarem a Terra como mundo de expiação e provas, e explicarem como o nosso planeta se transformará num mundo melhor.

Técnica(s): explosão de idéias; exposição; trabalho em pequenos grupos.

Recurso(s): *subsídios* do Roteiro; quadro de giz / *flip-chart*; papel; lápis / caneta.

Subsídios Ensina a Doutrina Espírita que a [...] *Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana. O período da humanização começa, geralmente, em mundos ainda inferiores à Terra*⁹. As nossas existências no orbe terráqueo [...] *são, porém, das mais materiais e das mais distantes da perfeição*⁸. *A Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e provas, razão por que aí vive o homem a braços com tantas misérias*¹.

Muitos se admiram de que na Terra haja tanta maldade e tantas paixões grosseiras, tantas misérias e enfermidades de toda natureza, e daí concluem que a espécie humana bem triste coisa é. *Provém esse juízo do acanhado ponto de vista em que se colocam os que o emitem e que lhes dá uma falsa idéia de conjunto. Deve-se considerar que na Terra não está a Humanidade toda, mas apenas uma pequena fração da Humanidade. Com efeito, a espécie humana abrange todos os seres dotados de razão que povoam os inúmeros orbes do Universo. Ora, que é a população da Terra, em face da população total desses mundos? Muito menos que a de uma aldeia, em confronto com a de um grande império. A situação material e moral da Humanidade terrena nada tem que espante, desde que se leve em conta a destinação da Terra e a natureza dos que a habitam*².

Faria dos habitantes de uma grande cidade falsíssima idéia quem os julgasse pela população dos seus quarteirões mais ínfimos e sórdidos. Num hospital, ninguém vê senão doentes e estropiados; numa penitenciária, vêem-se reunidas todas as torpezas, todos os vícios; nas regiões insalubres, os habitantes, em sua maioria, são

*pálidos, franzinos e enfermiços. Pois bem: figure-se a Terra como um subúrbio, um hospital, uma penitenciária, um sítio malsão, e ela é simultaneamente tudo isso, e compreender-se-á por que as aflições sobrepõem aos gozos, porquanto não se mandam para o hospital os que se acham com saúde, nem para as casas de correção os que nenhum mal praticaram; nem os hospitais e as casas de correção se podem ter por lugares de deleite. Ora, assim como, numa cidade, a população não se encontra toda nos hospitais ou nas prisões, também na Terra não está a Humanidade inteira. E, do mesmo modo que do hospital saem os que se curaram e da prisão os que cumpriram suas penas, o homem deixa a Terra, quando está curado de suas enfermidades morais*³.

*A superioridade da inteligência, em grande número dos seus habitantes, indica que a Terra não é um mundo primitivo, destinado à encarnação dos Espíritos que acabaram de sair das mãos do Criador. As qualidades inatas que eles trazem consigo constituem a prova de que já viveram e realizaram certo progresso. Mas, também, os numerosos vícios a que se mostram propensos constituem o índice de grande imperfeição moral. Por isso os colocou Deus num mundo ingrato, para expiarem aí suas faltas, mediante penoso trabalho e misérias da vida, até que hajam merecido ascender a um planeta mais ditoso*⁴.

Note-se, entretanto, conforme assinala Emmanuel, que a [...] *capacidade intelectual do homem terrestre é excessivamente reduzida, em face dos elevados poderes da personalidade espiritual independente dos laços da matéria. Os elos da reencarnação fazem o papel de quebra-luz sobre todas as conquistas anteriores do Espírito reencarnado. Nessa sombra, reside o acervo de lembranças vagas, de vocações inatas, de numerosas experiências, de valores naturais e espontâneos, a que chamais subconsciência. O homem comum é uma representação parcial do homem transcendente, que será reintegrado nas suas aquisições do passado, depois de haver cumprido a prova ou a missão exigidas pelas suas condições morais, no mecanismo da justiça divina. Aliás, a incapacidade intelectual do homem físico tem sua origem na sua própria situação, caracterizada pela necessidade de provas amargas. O cérebro humano é um aparelho frágil e deficiente, onde o Espírito em queda tem de valorizar as suas realizações de trabalho*¹².

Por outro lado, também [...] *se explicam pela pluralidade das existências e pela destinação da Terra, como mundo expiatório, as anomalias que apresenta a distribuição da ventura e da desventura entre os bons e os maus neste planeta. Semelhante anomalia, contudo, só existe na aparência, porque considerada tão-só do ponto de vista da vida presente. Aquele que se elevar, pelo pensamento, de maneira a apreender toda uma série de existências, verá que a cada um é atribuída a parte*

*que lhe compete, sem prejuízo da que lhe tocará no mundo dos Espíritos, e verá que a justiça de Deus nunca se interrompe*⁵.

Nem todo o sofrimento suportado na Terra, porém, constitui expiação de determinada falta cometida em pregressas reencarnações. *Muitas vezes são simples provas buscadas pelo Espírito para concluir a sua depuração e ativar o seu progresso. Assim, a expiação serve sempre de prova, mas nem sempre a prova é uma expiação. Provas e expiações, todavia, são sempre sinais de relativa inferioridade, porquanto o que é perfeito não precisa ser provado. Pode, pois, um Espírito haver chegado a certo grau de elevação e, nada obstante, desejoso de adiantar-se mais, solicitar uma missão, uma tarefa a executar, pela qual tanto mais recompensado será, se sair vitorioso, quanto mais rude haja sido a luta*⁶.

Para que na Terra sejam felizes os homens, preciso é que somente a povoem Espíritos bons, encarnados e desencarnados, que somente ao bem se dediquem. Havendo chegado o tempo, grande emigração se verifica dos que a habitam: a dos que praticam o mal pelo mal, ainda não tocados pelo sentimento do bem, os quais, já não sendo dignos do planeta transformado, serão excluídos, porque, senão, lhe ocasionariam de novo perturbação e confusão e constituiriam obstáculo ao progresso. Irão expiar o endurecimento de seus corações, uns em mundos inferiores, outros em raças terrestres ainda atrasadas, equivalentes a mundos daquela ordem, aos quais levarão os conhecimentos que hajam adquirido, tendo por missão fazê-las avançar. Substituí-los-ão Espíritos melhores, que farão reinem em seu seio a justiça, a paz e a fraternidade.

*A Terra, no dizer dos Espíritos, não terá de transformar-se por meio de um cataclismo que aniquile de súbito uma geração. A atual desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança alguma na ordem natural das coisas. Tudo, pois, se processará exteriormente, como sói acontecer, com a única, mas capital diferença de que uma parte dos Espíritos que encarnavam na Terra aí não mais tornarão a encarnar. Em cada criança que nascer, em vez de um Espírito atrasado e inclinado ao mal, que antes nela encarnaria, virá um Espírito mais adiantado e propenso ao bem*⁷.

*Dessa forma, o [...] bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que a vêm habitar, os bons predominarem, porque, então, farão que aí reinem o amor e a justiça, fonte do bem e da felicidade. Por meio do progresso moral e praticando as leis de Deus é que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e dela afastará os maus. Estes, porém, não a deixarão, senão quando daí estejam banidos o orgulho e o egoísmo*¹⁰.

Assim, como vimos, avizinha-se o momento da transformação moral da Humanidade, e da conseqüente ascensão da Terra na hierarquia dos mundos. *Essa transformação se verificará por meio da encarnação de Espíritos melhores, que constituirão na Terra uma geração nova. Então, os Espíritos dos maus, que a morte vai ceifando dia a dia, e todos os que tentem deter a marcha das coisas serão daí excluídos, pois que viriam a estar deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade perturbariam* ¹¹.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 3, item 4, p. 73.
2. _____. item 6, p. 73-74.
3. _____. Item 7, p. 74.
4. _____. Item 13, p. 77-78.
5. _____. Cap. 5, item 7, p. 102.
6. _____. Item 9, p. 103.
7. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 18, item 27, p. 418.
8. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Questão 172, p. 122.
9. _____. Questão 607-b, p. 300.
10. _____. Questão 1018, p. 475-476.
11. _____. p. 476.
12. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Questão 205, p. 123.

PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO VIII

Lei Divina ou Natural

OBJETIVO GERAL

Propiciar entendimento da lei divina ou natural.

ROTEIRO 1

Lei natural: definição e caracteres

Objetivos específicos

- Definir lei natural.
- Identificar as características fundamentais da lei natural.
- Citar a classificação da lei natural, segundo a Codificação Espírita.

Conteúdo básico

- *A lei natural é a lei de Deus. É a única verdadeira para a felicidade do homem. Indica-lhe o que deve fazer ou deixar de fazer e ele só é infeliz quando dela se afasta. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 614.*
- *A Lei Natural tem como características ser eterna e imutável como o próprio Deus. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 615.*
- *Todas as leis da [...] Natureza são leis divinas, pois que Deus é o autor de tudo. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 617.*
- *Entre as leis divinas, umas regulam o movimento e as relações da matéria bruta: as leis físicas, cujo estudo pertence ao domínio da Ciência. As outras dizem respeito especialmente ao homem considerado em si mesmo e nas suas relações com Deus e com seus semelhantes. Contêm as regras da vida do corpo, bem como as da vida da alma: são as leis morais. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 617 – comentário.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Introduzir o tema da reunião, transmitindo aos participantes informações gerais sobre a definição e as características fundamentais da lei natural.

Desenvolvimento

- Em seguida, dividir a turma em pequenos grupos, orientando-os na realização das seguintes atividades:
 - a) leitura dos *subsídios* deste Roteiro;
 - b) troca de opiniões sobre o assunto;
 - c) seleção, no texto lido, de idéias relacionadas à definição, às características e à classificação da lei natural;
 - d) transcrição das idéias selecionadas para um formulário, entregue pelo monitor pós a conclusão da etapa «c» (veja anexo 1);
 - e) indicação de um representante para relatar, em plenário, as idéias selecionadas pelo grupo.
- Solicitar aos relatores que apresentem os resultados do trabalho, evitando repetir informações anteriormente prestadas pelos demais representantes dos grupos.
- Fazer, se necessário, alguns ajustes nas conclusões apresentadas.

Conclusão

- Apresentar, então, em cartaz ou projeção, o formulário (anexo 1) corretamente preenchido, para que os participantes o comparem com as suas respostas.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes souberem selecionar corretamente, nos *subsídios*, as idéias referentes à definição, características e classificação da Lei Divina.

Atividade extraclasse para a próxima reunião de estudo: Solicitar aos participantes leitura do texto: *A luta contra o mal*, do Espírito Humberto de Campos (anexo 2), e a realização do exercício proposto.

Técnica(s): exposição; trabalho em pequenos grupos.

Recurso(s): *subsídios* do Roteiro; formulário de Compreensão da Lei Divina ou Natural; cartaz ou projeção.

Subsídios *A lei natural é a lei de Deus. É a única verdadeira para a felicidade do homem. Indica-lhe o que deve fazer ou deixar de fazer e ele só é infeliz quando dela se afasta* ³. São características fundamentais da lei de Deus: a eternidade e a imutabilidade, atributos do próprio Deus, que a criou ⁴.

Todas as leis [...] da Natureza são leis divinas, pois que Deus é o autor de tudo. O sábio estuda as leis da matéria, o homem de bem estuda e pratica as da alma ⁵. *Entre as leis divinas, umas regulam o movimento e as relações da matéria bruta: as leis físicas, cujo estudo pertence ao domínio da Ciência. As outras dizem respeito especialmente ao homem considerado em si mesmo e nas suas relações com Deus e com seus semelhantes. Contêm as regras da vida do corpo, bem como as da vida da alma: são as leis morais* ⁶.

A lei de Deus está escrita na consciência ⁸. *Em razão disto, todos [...] podem conhecê-la, mas nem todos a compreendem. Os homens de bem e os que se decidem a investigá-la são os que melhor a compreendem. Todos, entretanto, a compreenderão um dia, porquanto forçoso é que o progresso se efetue* ⁷.

A lei de Deus é continuamente revelada aos homens, não obstante estar ela escrita na consciência, porque é passível de ser esquecida e desprezada pelo ser humano. Quis, assim, Deus que ela fosse sempre lembrada ⁹. [...] *Em todos os tempos houve homens que tiveram essa missão. São Espíritos superiores, que encarnam com o fim de fazer progredir a Humanidade* ¹⁰.

Esses missionários, porém, quando encarnados, podem ser influenciados pela vida no plano físico e, cometendo enganos, induzem a Humanidade a se transviar por princípios falsos. Isso aconteceu com [...] *aqueles que não eram inspirados por Deus e que, por ambição, tomaram sobre si um encargo que lhes não fora cometido. Todavia, como eram, afinal, homens de gênio, mesmo entre os erros que ensinaram, grandes verdades muitas vezes se encontram* ¹¹.

O amor ao próximo, ensinado por Jesus, é um preceito que resume a lei de Deus. Certamente [...] *esse preceito encerra todos os deveres dos homens uns para com os outros. Cumpre, porém, se lhes mostre a aplicação que comporta, do contrário deixarão de cumpri-lo, como o fazem presentemente. Demais, a lei natu-*

ral abrange todas as circunstâncias da vida e esse preceito compreende só uma parte da lei. Aos homens são necessárias regras precisas; os preceitos gerais e muito vagos deixam grande número de portas abertas à interpretação ¹².

Para que seja mais bem explicitada, a lei natural pode se dividida [...] *em dez partes, compreendendo as leis de adoração, trabalho, reprodução, conservação, destruição, sociedade, progresso, igualdade, liberdade e, por fim, a de justiça, amor e caridade* [...]. *

Essa divisão da lei de Deus em dez partes é a de Moisés e de natureza a abranger todas as circunstâncias da vida, o que é essencial. Podes, pois, adotá-la, sem que, por isso, tenha qualquer coisa de absoluta, como não o tem nenhum dos outros sistemas de classificação, que todos dependem do prisma pelo qual se considere o que quer que seja. A última lei é a mais importante, por ser a que faculta ao homem adiantar-se mais na vida espiritual, visto que resume todas as outras ¹³.

A vivência da lei de Deus conduz o homem ao bem. E o [...] *verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza* ¹. Por extensão, reconhece-se [...] *o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más* ².

Dessa forma, tanto [...] *quanto podemos perceber o Pensamento Divino, imanente em todos os seres e em todas as coisas, o Criador se manifesta a nós outros – criaturas conscientes, mas imperfeitas – através de leis que Lhe expressam os objetivos no rumo do Bem Supremo* ¹⁴.

Lembre-mos, pois, de que no concerto admirável da Criação, somente será possível regenerar e burilar a nós mesmos para que a vida imperecível em nós se retrate vitoriosa, mas não nos esqueçamos de que, apesar da grandeza cósmica, nosso desequilíbrio no mal pode comprometer todo o sistema em que as Leis Divinas se expressam, através do trono sublime da natureza [...] ¹⁵.

* Essas leis serão estudadas nos módulos subseqüentes.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 17, item 3, p. 272.
2. _____. Item 4, p. 276.
3. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, questão 614, p. 305.
4. _____. Questão 615, p. 305.
5. _____. Questão 617, p. 306.
6. _____. Questão 617-a, p. 306.
7. _____. Questão 619, p. 306.
8. _____. Questão 621, p. 307.
9. _____. Questão 621-a, p. 307.
10. _____. Questão 622, p. 307.
11. _____. Questão 623, p. 307.
12. _____. Questão 647, p. 314.
13. _____. Questão 648, p. 315.
14. XAVIER, Francisco Cândido. *Justiça divina*. Pelo Espírito Emmanuel. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. (Nas leis do destino), p. 119.
15. _____. *Inspiração*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. São Bernardo do Campo: Grupo Espírita Emmanuel, 1978. (Diante do universo), p. 72-73.

Anexo 1 Exercício de compreensão da Lei Divina ou Natural

Conceito	Características	Classificação

Anexo 2 **Atividade extraclasse: leitura de texto e exercício**

A LUTA CONTRA O MAL*.

Humberto de Campos

De todas as ocorrências da tarefa apostólica, os encontros do Mestre com os endemoninhados constituíam os fatos que mais impressionavam os discípulos.

A palavra «diabo» era então compreendida na sua justa acepção. Segundo o sentido exato da expressão, era ele o adversário do bem, simbolizando o termo, dessa forma, todos os maus sentimentos que dificultavam o acesso das almas à aceitação da Boa Nova e todos os homens de vida perversa, que contrariavam os propósitos da existência pura, que deveriam caracterizar as atividades dos adeptos do Evangelho.

Dentre os companheiros do Messias, Tadeu era o que mais se deixava impressionar por aquelas cenas dolorosas. Aguçavam-lhe, sobremaneira, a curiosidade de homem, os gritos desesperados dos Espíritos malfazejos, que se afastavam de suas vítimas sob a amorosa determinação do Mestre Divino. Quando os pobres obsidiados deixavam escapar um suspiro de alívio, Tadeu voltava os olhos para Jesus, maravilhado de seus feitos.

Certo dia em que o Senhor se retirara, com Tiago e João, para os lados de Cesaréia de Filipe, uma pobre demente lhe foi trazida, a fim de que ele, Tadeu, anulasse a atuação dos Espíritos perturbadores que a subjugavam. Entretanto, apesar de todos os esforços de sua boa-vontade, Tadeu não conseguiu modificar a situação. Somente no dia imediato, ao anoitecer, na presença confortadora do Messias, foi possível à infeliz dementada recuperar o senso de si mesma.

Observando o fato, Tadeu caiu em sério e profundo cismar. Por que razão o Mestre não lhes transmitia, automaticamente, o poder de expulsar os demônios malfazejos, para que pudessem dominar os adversários da causa divina? Se era tão fácil a Jesus a cura integral dos endemoninhados, por que motivo não provocava ele de vez a aproximação geral de todos os inimigos da luz, a fim de que, pela sua autoridade, fossem defi-

nitivamente convertidos ao reino de Deus? Com o cérebro torturado por graves cogitações e sonhando possibilidades maravilhosas para que cessassem todos os combates entre os ensinamentos do Evangelho e os seus inimigos, o discípulo inquieto procurou avistar-se particularmente com o Senhor, de modo a expor-lhe com humildade suas idéias íntimas.

✱

Numa noite tranqüila, depois de lhe escutar as ponderações, perguntou-lhe Jesus, em tom austero:

— Tadeu, qual o principal objetivo das atividades de tua vida?

Como se recebesse uma centelha de inspiração superior, respondeu o discípulo com sinceridade:

— Mestre, estou procurando realizar o reino de Deus no coração.

— Se procuras semelhante realidade, por que a reclamas no adversário em primeiro lugar? Seria justo esqueceres as tuas próprias necessidades nesse sentido? Se buscamos atingir o infinito da sabedoria e do amor em Nosso Pai, indispensáveis se faz reconhecemos que todos somos irmãos no mesmo caminho!...

— Senhor, os espíritos do mal são também nossos irmãos? – inquiriu, admirado, o apóstolo.

— Toda a criação é de Deus. Os que vestem a túnica do mal envergarão um dia a da redenção pelo bem. Acaso poderias duvidar disso? O discípulo do Evangelho não combate propriamente o seu irmão, como Deus nunca entra em luta com seus filhos; aquele apenas combate toda manifestação de ignorância, como o Pai que trabalha incessantemente pela vitória do seu amor, junto da humanidade inteira.

— Mas, não seria justo – ajuntou o discípulo, com certa convicção – convocarmos todos os gênios malfazejos para que se convertessem à verdade dos céus?

O Mestre, sem se surpreender com essa observação, disse:

— Por que motivo não procede Deus assim?... Porventura, teríamos nós uma substância de amor mais sublime e mais forte que a do seu coração paternal? Tadeu, jamais olvidemos o bom combate. Se alguém te convoca ao labor ingrato da má semente, não desdenhes a boa luta pela vitória do bem, encarando qualquer posição difícil como ensejo sagrado para revelares a tua fidelidade a Deus. Abraça sempre o teu irmão. Se o adversário do reino te provoca ao esclarecimento de toda a verdade, não desprezes a hora de trabalhar pela vitória da luz; mas segue o teu caminho no mundo atento aos teus próprios deveres, pois não nos consta que Deus abandonasse as suas atividades divinas para impor a renovação moral dos filhos ingratos, que se rebelaram na sua casa. Se o mundo

parece povoar-se de sombras, é preciso reconhecer que as leis de Deus são sempre as mesmas, em todas as latitudes da vida.

É indispensável meditar na lição de Nosso Pai e não estacionar a meio do caminho que percorremos. Os inimigos do reino se empenham em batalhas sangrentas? Não olvides o teu próprio trabalho. Padecem no inferno das ambições desmedidas? Caminha para Deus. Lançam a perseguição contra a verdade? Tens contigo a verdade divina que o mundo não te poderá roubar, nunca. Os grandes patrimônios da vida não pertencem às forças da Terra, mas às do Céu. O homem que dominasse o mundo inteiro com a sua força teria de quebrar a sua espada sangrenta, ante os direitos inflexíveis da morte. E, além desta vida, ninguém te perguntará pelas obrigações que tocam a Deus, mas, unicamente, pelo mundo interior que te pertence a ti mesmo, sob as vistas amoráveis de Nosso Pai.

Que diríamos de um rei justo e sábio que perguntasse a um só de seus súditos pela justiça e pela sabedoria do reino inteiro? Entretanto, é natural que o súdito seja inquirido acerca dos trabalhos que lhe foram confiados, no plano geral, sendo também justo se lhe pergunte pelo que foi feito de seus pais, de sua companheira, de seus filhos e irmãos. Andas assim tão esquecido desses problemas fáceis e singelos? Aceita a luta, sempre que fores julgado digno dela e não te esqueças, em todas as circunstâncias, de que construir é sempre melhor.

Tadeu contemplou o Mestre, tomado de profunda admiração. Seus esclarecimentos lhe caíam no espírito como gotas imensas de uma nova luz.

— Senhor – disse ele –, vossos raciocínios me iluminam o coração; mas, terei errado externando meus sentimentos de piedade pelos Espíritos malfazejos? Não devemos, então, convocá-los ao bom caminho?

— Toda intenção excelente – redargüiu Jesus – será levada em justa conta no céu, mas precisamos compreender que não se deve tentar a Deus. Tenho aceitado a luta como o Pai ma envia e tenho esclarecido que a cada dia basta o seu trabalho.

Nunca reuni o colégio dos meus companheiros para provocar as manifestações dos que se comprazem na treva; reuni-os, em todas as circunstâncias e oportunidades, suplicando para o nosso esforço a inspiração sagrada do Todo-Poderoso. O adversário é sempre um necessitado que comparece ao banquete das nossas alegrias e, por isso, embora não o tenha convocado, convidando somente os aflitos, os simples e os de boa-vontade, nunca lhe fechei as portas do coração, encarando a sua vinda como uma oportunidade de trabalho, de que Deus nos julga dignos.

O apóstolo humilde sorriu, saciado em sua fome de conhecimento, porém acrescentou, preocupado com a impossibilidade em que se via de atender eficazmente à vítima que o procurara:

— Senhor, vossas palavras são sempre sábias; entretanto, de que necessitarei para afastar as entidades da sombra, quando o seu império se estabeleça nas almas?!...

— Voltamos, assim, ao início das nossas explicações – retrucou Jesus –, pois, para isso, necessitas da edificação do reino no âmago do teu espírito, sendo este o objetivo de tua vida. Só a luz do amor divino é bastante forte para converter uma alma à verdade. Já viste algum contendor da Terra convencer-se sinceramente tão-só pela força das palavras do mundo? As dissertações filosóficas não constituem toda a realização. Elas podem ser um recurso fácil da indiferença ou uma túnica brilhante, acobertando penosas necessidades. O reino de Deus, porém, é a edificação divina da luz. E a luz ilumina, dispensando os longos discursos. Capacita-te de que ninguém pode dar a outrem aquilo que ainda não possua no coração. Vai! Trabalha sem cessar pela tua grande vitória. Zela por ti e ama a teu próximo, sem olvidares que Deus cuida de todos.

Tadeu guardou os esclarecimentos de Jesus, para retirar de sua substância o mais elevado proveito no futuro.

No dia seguinte, desejando destacar, perante a comunidade dos seus seguidores, a necessidade de cada qual se atirar ao esforço silencioso pela sua própria edificação evangélica, o Mestre esclareceu ao seus apólogos singelos, como se encontra dentro da narrativa de Lucas: — «Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos, procurando, e não o achando diz: — Voltarei para a casa de donde saí; e, ao chegar, acha-a varrida e adornada. Depois, vai e leva mais sete Espíritos piores do que ele, que ali entram e habitam; e o último estado daquele homem fica sendo pior do que o primeiro.» Então, todos os ouvintes das pregações do lago compreenderam que não bastava ensinar o caminho da verdade e do bem aos Espíritos perturbados e malfazejos; que indispensável era edificasse cada um a fortaleza luminosa e sagrada do reino de Deus, dentro de si mesmo.

* XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 35. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006, p. 50-55.

Anexo 3 Exercício de interpretação de texto

I. Ligue, na listagem abaixo, as palavras da coluna da esquerda às da direita, tendo como base a leitura do texto (veja o exemplo):

- | | |
|--|--|
| 1. Boa Nova | a) procurar realizar o reino de Deus no coração. |
| 2. Diabo | b) é a edificação da fortaleza luminosa e sagrada do reino de Deus, dentro de si mesmo. |
| 3. Demônios malfazejos | c) é um símbolo do adversário do bem. |
| 4. Bem | d) significa notícia feliz; notícia da salvação do mundo por Jesus Cristo; Evangelho de Jesus. |
| 5. Capacita-te de que ninguém pode dar a outrem | e) propriamente o seu irmão, combate toda manifestação da ignorância. |
| 6. O adversário | f) é qualquer oposição ao bem. Os que vestem a túnica do mal envergarão um dia a da redenção pelo bem. |
| 7. O mal | g) é sempre um necessitado. |
| 8. O discípulo do Evangelho não combate | h) são os Espíritos perturbadores ou obsessores. |
| 9. O principal objetivo das atividades da vida é | i) aquilo que ainda não possui no coração. |

II. Considerando o título do artigo – *A luta contra o mal* –, interprete as seguintes palavras do último parágrafo do texto: *Então todos os ouvintes (...) compreenderam que não bastava ensinar o caminho da verdade e do bem aos Espíritos perturbados e malfazejos; que indispensável era edificasse cada um a fortaleza luminosa e sagrada do reino de Deus, dentro de si mesmo.*

ROTEIRO 2

O bem e o mal

Objetivos específicos

- Conceituar o bem e o mal.
- Esclarecer por que o homem instruído tem mais responsabilidade em praticar o bem.

Conteúdo básico

- *O bem é tudo o que é conforme à lei de Deus; o mal, tudo o que lhe é contrário. Assim, fazer o bem é proceder de acordo com a lei de Deus. Fazer o mal é infringi-la.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 630.
- *A lei de Deus é a mesma para todos; porém, o mal depende principalmente da vontade que se tenha de o praticar. O bem é sempre o bem e o mal sempre o mal, qualquer que seja a posição do homem. Diferença só há quanto ao grau da responsabilidade.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 636.
- *Tanto mais culpado é o homem, quanto melhor sabe o que faz.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 637.
- *As circunstâncias dão relativa gravidade ao bem e ao mal. Muitas vezes, comete o homem faltas, que, nem por serem conseqüência da posição em que a sociedade o colocou, se tornam menos repreensíveis. Mas, a sua responsabilidade é proporcionada aos meios de que ele dispõe para compreender o bem e o mal. Assim, mais culpado é, aos olhos de Deus, o homem instruído que pratica uma simples injustiça, do que o selvagem ignorante que se entrega aos seus instintos.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 637 – comentário.

Sugestões didáticas

Introdução

- Solicitar aos participantes que releiam, silenciosa e individualmente, o texto *A luta contra o mal*, indicado na atividade extraclasse da reunião anterior (veja o anexo 2 do roteiro 1).

Desenvolvimento

- Terminada a leitura, dividir a turma em pequenos grupos, orientando-os na realização das seguintes atividades:
 - a) troca de opiniões sobre o assunto desenvolvido no texto;
 - b) realização do exercício de interpretação de leitura, proposto no anexo 3 do Roteiro 1. É importante que a realização deste exercício tenha, como base, as contribuições individuais previstas na atividade extraclasse;
 - c) indicação de um colega para representar o grupo e relatar, em plenária, as conclusões do trabalho.
- Solicitar aos representantes que apresentem o resultado do exercício desenvolvido no trabalho em grupo.
- Em seguida, entregar a cada participante um número, pedindo à turma que forme um grande círculo. Mostrar, então, uma caixa que deverá circular pelo grupo. Esclarecer que a caixa contém tiras de papel, nas quais estão escritas frases com conceitos de *bem* e de *mal*, extraídas dos *subsídios*.
- Informar que os participantes que receberam número ímpar devem retirar uma tira de papel da caixa, ler a frase em voz alta, e explicar se o conceito, aí existente, é de *bem* ou de *mal*. Os demais participantes – os que receberam número par – devem complementar a explicação do colega.
- Observação: o monitor deve ficar atento às colocações da turma, prestando esclarecimentos doutrinários, se for preciso.

Conclusão

- Realizar, como fechamento do estudo, breve exposição sobre o conceito espírita de *bem* e de *mal*, esclarecendo que o homem instruído tem mais responsabilidade em praticar o bem. Orientar-se pelo conteúdo dos *subsídios* deste Roteiro.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes realizarem corretamente o exercício de interpretação de leitura e explicarem corretamente os conceitos de bem e de mal.

Técnica(s): interpretação de texto; trabalho em pequenos grupos; discussão circular; exposição.

Recurso(s): texto do Espírito Humberto de Campos: *A luta contra o mal*; subsídios deste Roteiro; exercício de interpretação de texto (anexo 3 do roteiro 1); frases-conceito de *bem* e de *mal*.

Subsídios

*Sendo Deus o princípio de todas as coisas e sendo todo sabedoria, todo bondade, todo justiça, tudo o que dele procede há de participar dos seus atributos, porquanto o que é infinitamente sábio, justo e bom nada pode produzir que seja ininteligente, mau e injusto. O mal que observamos não pode ter nele a sua origem*¹.

Com efeito, esclarece Emmanuel, o [...] *determinismo divino se constitui de uma só lei, que é a do amor para a comunidade universal. Todavia, confiando em si mesmo, mais do que em Deus, o homem transforma a sua fragilidade em foco de ações contrárias a essa mesma lei, efetuando, desse modo, uma intervenção indébita na harmonia divina. Eis o mal.*

Urge recompor os elos sagrados dessa harmonia sublime. Eis o resgate.

Vede, pois, que o mal, essencialmente considerado, não pode existir para Deus, em virtude de representar um desvio do homem, sendo zero na Sabedoria e na Providência Divinas.

*O Criador é sempre o Pai generoso e sábio, justo e amigo, considerando os filhos transviados como incursos em vastas experiências. Mas, como Jesus e os seus prepostos são seus cooperadores divinos, e eles próprios instituem as tarefas contra o desvio das criaturas humanas, focalizam os prejuízos do mal com a força de suas responsabilidades educativas, a fim de que a Humanidade siga retamente no seu verdadeiro caminho para Deus*²¹.

Dessa forma, o [...] *bem é tudo o que é conforme à lei de Deus; o mal, tudo o que lhe é contrário. Assim, fazer o bem é proceder de acordo com a lei de Deus. Fazer o mal é infringi-la*⁷. Não é difícil ao homem distinguir o bem do mal [...] *quando crê em Deus e o quer saber. Deus lhe deu a inteligência para distinguir um do outro*⁸. Basta, para isso, que aplique a si mesmo o preceito de Jesus [...] *vede o que quereis que vos fizessem ou não vos fizessem. Tudo se resume nisso*⁹.

Note-se, entretanto, que a [...] *regra do bem e do mal, que se poderia chamar de reciprocidade ou de solidariedade, é inaplicável ao proceder pessoal do homem para consigo mesmo*¹⁰. É importante que o homem conheça os seus limites. A lei natural, neste sentido, é-lhe guia seguro desse proceder, como explicam os Espíritos Superiores: *Quando comeis em excesso, verificais que isso vos faz mal. Pois bem, é Deus quem vos dá a medida daquilo de que necessitais. Quando excedeis dessa medida, sois punidos. Em tudo é assim. A lei natural traça para o homem o limite das suas necessidades. Se ele ultrapassa esse limite, é punido pelo sofrimento. Se atendesse sempre à voz que lhe diz – basta, evitaria a maior parte dos males, cuja culpa lança à Natureza*¹¹.

*A lei de Deus é a mesma para todos; porém, o mal depende principalmente da vontade que se tenha de o praticar. O bem é sempre o bem e o mal sempre o mal, qualquer que seja a posição do homem. Diferença só há quanto ao grau da responsabilidade*¹². Tanto mais culpado é o homem, quanto melhor sabe o que faz¹³.

*As circunstâncias dão relativa gravidade ao bem e ao mal. Muitas vezes, comete o homem faltas, que, nem por serem consequência da posição em que a sociedade o colocou, se tornam menos repreensíveis. Mas, a sua responsabilidade é proporcionada aos meios de que ele dispõe para compreender o bem e o mal. Assim, mais culpado é, aos olhos de Deus, o homem instruído que pratica uma simples injustiça, do que o selvagem ignorante que se entrega aos seus instintos*¹³.

A ambição desvairada, o orgulho, o egoísmo, entre outras paixões inferiores, podem levar o homem a destruir o seu semelhante. Dizem os Espíritos Superiores que essa [...] *necessidade desaparece, entretanto, à medida que a alma se depura, passando de uma a outra existência. Então, mais culpado é o homem, quando o pratica, porque melhor o compreende*¹⁴. Essa compreensão se expressa, por exemplo, quando, nas situações de legítima defesa, o agredido busca salvar a sua vida¹⁷. ou, ainda, quando, nas guerras, procede com sentimento de humanidade¹⁸.

De toda forma, o mal recai sempre sobre o seu causador. Aquele que induz o seu semelhante a praticar o mal pela posição em que o coloca tem mais responsabilidade do que este último, porque [...] *cada um será punido, não só pelo mal que haja feito, mas também pelo mal a que tenha dado lugar*¹⁵. De igual modo,

aquele que, embora não praticando o mal, se aproveita do mal praticado por outrem, é tão culpado quanto este, uma vez que aproveitar [...] *do mal é participar dele. Talvez não fosse capaz de praticá-lo; mas, desde que, achando-o feito, dele tira partido, é que o aprova; é que o teria praticado, se pudera, ou se ousara*¹⁶.

Pode-se dizer que os [...] *males de toda espécie, físicos ou morais, que afligem a Humanidade, formam duas categorias que importa distinguir: a dos males que o homem pode evitar e a dos que lhe independem da vontade. Entre os últimos cumpre se incluam os flagelos naturais*².

*Tendo o homem que progredir, os males a que se acha exposto são um estimulante para o exercício da sua inteligência, de todas as suas faculdades físicas e morais, incitando-o a procurar os meios de evitá-los. Se ele nada houvesse de temer, nenhuma necessidade o induziria a procurar o melhor; o espírito se lhe entorpeceria na inatividade; nada inventaria, nem descobriria. A dor é o aguilhão que o impele para a frente, na senda do progresso*³.

Porém, os males mais numerosos são os que o homem cria pelos seus vícios, os que provêm do seu orgulho, do seu egoísmo, da sua ambição, da sua cupidez, de seus excessos em tudo. Aí a causa das guerras e das calamidades que estas acarretam, das dissensões, das injustiças, da opressão do fraco pelo forte, da maior parte, afinal, das enfermidades.

*Deus promulgou leis plenas de sabedoria, tendo por único objetivo o bem. Em si mesmo encontra o homem tudo o que lhe é necessário para cumpri-las. A consciência lhe traça a rota, a lei divina lhe está gravada no coração e, ao demais, Deus lhe lembra constantemente por intermédio de seus messias e profetas, de todos os Espíritos encarnados que trazem a missão de o esclarecer, moralizar e melhorar e, nestes últimos tempos, pela multidão dos Espíritos desencarnados que se manifestam em toda parte. Se o homem se conformasse rigorosamente com as leis divinas, não há duvidar de que se pouparia aos mais agudos males e viveria ditoso na Terra. Se assim não procede, é por virtude do seu livre-arbítrio: sofre então as conseqüências do seu proceder*⁴.

*Entretanto, Deus, toda bondade, pôs o remédio ao lado do mal, isto é, faz que do próprio mal saia o remédio. Um momento chega em que o excesso do mal moral se torna intolerável e impõe ao homem a necessidade de mudar de vida. Instruído pela experiência, ele se sente compelido a procurar no bem o remédio, sempre por efeito do seu livre-arbítrio. Quando toma melhor caminho, é por sua vontade e porque reconheceu os inconvenientes do outro. A necessidade, pois, o constrange a melhorar-se moralmente, para ser mais feliz, do mesmo modo que o constrange a melhorar as condições materiais da sua existência*⁵.

Pode dizer-se que o mal é a ausência do bem, como o frio é a ausência do calor. Assim como o frio não é um fluido especial, também o mal não é atributo distinto; um é o negativo do outro. Onde não existe o bem, forçosamente existe o mal. Não praticar o mal já é um princípio do bem. Deus somente quer o bem; só do homem procede o mal. Se na criação houvesse um ser preposto ao mal, ninguém o poderia evitar; mas, tendo o homem a causa do mal em «si mesmo», tendo simultaneamente o livre-arbítrio e por guia as leis divinas, evitá-lo-á sempre que o queira⁶.

O mal não tem, pois, existência real, não há mal absoluto no Universo, mas em toda a parte a realização vagarosa e progressiva de um ideal superior; em toda a parte se exerce a ação de uma força, de um poder, de uma coisa que, conquanto nos deixe livres, nos atrai e arrasta para um estado melhor. Por toda a parte, a grande lida dos seres trabalhando para desenvolver em si, à custa de imensos esforços, a sensibilidade, o sentimento, a vontade, o amor!¹⁹

Em suma, diremos que [...] o bem é o único determinismo divino dentro do Universo, determinismo que absorve todas as ações humanas, para as assinalar com o sinete da fraternidade, da experiência e do amor²⁰.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 3, item 1, p. 69.
2. _____. Item 3, p. 70.
3. _____. Item 5, p. 71.
4. _____. Item 6, p. 71.
5. _____. Item 7, p. 72.
6. _____. Item 8, p. 72.
7. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Questão 630, p. 310.
8. _____. Questão 631, p. 310.
9. _____. Questão 632, p. 310.
10. _____. Questão 633, p. 310-311.
11. _____. p. 311.
12. _____. Questão 636 p. 312.
13. _____. Questão 637, p. 312.
14. _____. Questão 638, p. 312.
15. _____. Questão 639, p. 313.
16. _____. Questão 640, p. 313.
17. _____. Questão 748, p. 352.
18. _____. Questão 749, p. 352.
19. DENIS, Léon. *O problema do ser do destino e da dor*. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Segunda parte, cap. 18 (Justiça e responsabilidade. O problema do mal), p. 293-294.
20. XAVIER, Francisco Cândido. *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 30. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, cap. XV (A revolução francesa), p. 128-129.
21. _____. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006, questão 135, p. 86-87.



PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO IX

Lei de Adoração

OBJETIVO GERAL

Entender o significado e o objetivo da lei de adoração

ROTEIRO 1

Adoração: significado e objetivo

Objetivos específicos

- Dizer em que consiste a adoração.
- Explicar a maneira de adorar a Deus segundo o Espiritismo.

Conteúdo básico

- A adoração consiste [...] *na elevação do pensamento a Deus. Deste, pela adoração, aproxima o homem sua alma.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 649.
- *A adoração está na lei natural, pois resulta de um sentimento inato no homem. Por essa razão é que existe entre todos os povos, se bem que sob formas diferentes.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 652.
- *A adoração verdadeira é do coração. Em todas as vossas ações, lembrai-vos sempre de que o Senhor tem sobre vós o seu olhar.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 653.
- *É hipócrita aquele cuja piedade se cifra nos atos exteriores. Mau exemplo dá todo aquele cuja adoração é afetada e contradiz o seu procedimento.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 654.

Sugestões didáticas

Introdução

- No início da reunião, lembrar que, na década de 60, no século XX, os homens estavam tão inebriados com o progresso científico que, em diversos jornais e revistas, foram publicados artigos que decretavam a *morte de Deus*. Deus estava morto porque, com o avanço científico, seria possível demonstrar a inutilidade do poder divino na resolução dos problemas humanos. Entretanto, com o passar do tempo, vimos que a Ciência vem se revelando incapaz de atender as necessidades crescentes do homem, sejam elas físicas, emocionais, afetivas, sociais ou espirituais. Persiste, pois, a importância da crença em Deus e a necessidade de adorá-Lo, segundo as possibilidades de cada um.
- Explicar também que a adoração é uma das leis naturais, porque é resultante de um sentimento inato no homem. Por esse motivo é que todos os povos sempre adoraram a Deus, embora de formas diferentes.

Desenvolvimento

- Pedir, em seguida, aos participantes que, em duplas, emitam um conceito de *adoração*.
- Ouvir as respostas das duplas.
- Explicar em que consiste a adoração segundo o Espiritismo, esclarecendo sobre diversas formas de adoração conhecidas, de acordo com o progresso humano.
- Solicitar à turma que leia os dois últimos parágrafos dos *subsídios*, e, em seguida, informe, em plenário, o significado de adoração, segundo a Doutrina Espírita.
- Ouvir as interpretações dos participantes, esclarecendo possíveis dúvidas.

Conclusão

- Concluir a aula, reforçando a idéia de que o processo de adoração acompanha a evolução do homem. Quanto mais este evolui, intelectual e moralmente, mais se aperfeiçoam a sua concepção de Deus e a forma de adorá-lo.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes, nos trabalhos realizados, souberem conceituar adoração e explicar a maneira de adorar a Deus segundo o Espiritismo.

Técnica(s): exposição; estudo em duplas; trabalho em pequenos grupos.

Recurso(s): *subsídios* do Roteiro; papel; lápis/caneta.

Subsídios

O vocábulo *adoração* significa, segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, ato ou efeito de adorar, que está intimamente relacionado à palavra *veneração*, culto que se rende a alguém ou algo considerado divindade. No sentido vulgar do termo, *adorar* traduz-se como prestar culto à divindade. Todavia, afirmam os Espíritos Superiores que *adoração* consiste na [...] *elevação do pensamento a Deus*.

*Deste, pela adoração, aproxima o homem sua alma*¹. Esclarecem também que a [...] *adoração está na lei natural, pois resulta de um sentimento inato no homem. Por essa razão é que existe entre todos os povos, se bem que sob formas diferentes*².

*Tempos houve em que cada família, cada tribo, cada cidade e cada raça tinha os seus deuses particulares, em cujo louvor o fogo divino ardia constantemente na lareira ou nos altares dos templos que lhes eram dedicados. Retribuindo essas homenagens (assim se acreditava), os deuses tudo faziam pelos seus adoradores, chegando até a se postar à frente dos exércitos das comunas ou das nações a que pertenciam, ajudando-as em guerras defensivas ou de conquista*⁸.

É importante destacar que a [...] *palavra deus tinha, entre os antigos, acepção muito ampla. Não indicava, como presentemente, uma personificação do Senhor da Natureza. Era uma qualificação genérica, que se dava a todo ser existente fora das condições da Humanidade. Ora, tendo-lhes as manifestações espíritas revelado*

a existência de seres incorpóreos a atuarem como potência da Natureza, a esses seres deram eles o nome de deuses, como lhes damos atualmente o de Espíritos.

Pura questão de palavras, com a única diferença de que, na ignorância em que se achavam, mantida intencionalmente pelos que nisso tinham interesse, eles erigiram templos e altares muito lucrativos a tais deuses, ao passo que hoje os consideramos simples criaturas como nós, mais ou menos perfeitas e despidas de seus invólucros terrestres. Se estudarmos atentamente os diversos atributos das divindades pagãs, reconheceremos, sem esforço, todos os de que vemos dotados os Espíritos nos diferentes graus da escala espírita, o estado físico em que se encontram nos mundos superiores, todas as propriedades do perispírito e os papéis que desempenham nas coisas da Terra ⁶.

Para entendermos a adoração, precisamos reconhecer que esta acompanha o processo evolutivo da criatura humana, uma vez que, como o homem evolui intelectual e moralmente, aperfeiçoa também sua concepção de Deus e a sua forma de adorá-lo. Podemos, então, acompanhar com nitidez a transformação histórica da idéia de Deus ocorrida na nossa humanidade: partindo das primitivas idéias politeístas, alcançamos significativo progresso religioso com o monoteísmo, a despeito de ainda presos às manifestações de culto exterior. Nesse ponto da história religiosa do Planeta, a nossa rota evolutiva abre-se em uma bifurcação, estabelecida pelo surgimento do Cristianismo. Assim, os povos do hemisfério ocidental abraçam as idéias cristãs, enquanto os povos do hemisfério oriental se mantêm presos às tradições religiosas do seu passado remoto. É oportuno assinalar que vindo [...] *iluminar o mundo com a sua divina luz, o Cristianismo não se propôs destruir uma coisa que está na Natureza.*

Orientou, porém, a adoração para Aquele a quem é devida. Quanto aos Espíritos, a lembrança deles se há perpetuado, conforme os povos, sob diversos nomes, e suas manifestações, que nunca deixaram de produzir-se, foram interpretadas de maneiras diferentes e muitas vezes exploradas sob o prestígio do mistério. Enquanto para a religião essas manifestações eram fenômenos miraculosos, para os incrédulos sempre foram embustes. Hoje, mercê de um estudo mais sério, feito à luz meridiana, o Espiritismo, escoimado das idéias supersticiosas que o ensombraram durante séculos, nos revela um dos maiores e mais sublimes princípios da Natureza ⁷.

Devemos considerar, no entanto, que longe ainda nos encontramos de adorar Deus em espírito e verdade, conforme preconiza o Espiritismo, e lembrando a mensagem cristã. Muitas interpretações religiosas ainda trazem o ranço das manifestações ritualísticas, visíveis nos seus cerimoniais de culto externo. Emmanuel, a propósito, lembra-nos que nos [...] *tempos primevos, como na atu-*

alidade, o homem teve uma concepção antropomórfica de Deus. Nos períodos primários da Civilização, como preponderavam as leis de força bruta e a Humanidade era uma aglomeração de seres que nasciam da brutalidade e da aspereza, que apenas conheciam os instintos nas suas manifestações, a adoração aos seres invisíveis que personificavam os seus deuses era feita de sacrifícios inadmissíveis em vossa época. Hodiernamente, nos vossos tempos de egoísmo utilitário, Deus é considerado como poderoso magnata, a quem se pode peitar com bajulação e promessa, no seio de muitas doutrinas religiosas ⁹.

Os Espíritos Orientadores da Codificação Espírita nos esclarecem que [...] *adoração verdadeira é do coração. Em todas as vossas ações, lembrai-vos sempre de que o Senhor tem sobre vós o seu olhar* ³. Esclarecem igualmente que a adoração exterior será útil, [...] *se não consistir num vão simulacro. É sempre útil dar um bom exemplo. Mas, os que somente por afetação e amor-próprio o fazem, desmentindo com o proceder a aparente piedade, mau exemplo dão e não imaginam o mal que causam* ⁴.

Na verdade, continuam elucidando os Espíritos Codificadores, *Deus prefere os que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, aos que julgam honrá-lo com cerimônias que os não tornam melhores para com os seus semelhantes. Todos os homens são irmãos e filhos de Deus. Ele atrai a si todos os que lhe obedecem às leis, qualquer que seja a forma sob que as exprimam. É hipócrita aquele cuja piedade se cifra nos atos exteriores. Mau exemplo dá todo aquele cuja adoração é afetada e contradiz o seu procedimento. Declaro-vos que somente nos lábios e não na alma tem religião aquele que professa adorar o Cristo, mas que é orgulhoso, invejoso e cioso, duro e implacável para com outrem, ou ambicioso dos bens deste mundo. Deus, que tudo vê, dirá: o que conhece a verdade é cem vezes mais culpado do mal que faz, do que o selvagem ignorante [...]. E como tal será tratado no dia da justiça. Se um cego, ao passar, vos derriba, perdoá-lo-eis; se for um homem que enxerga perfeitamente bem, queixar-vos-eis e com razão. Não pergunteis, pois, se alguma forma de adoração há que mais convenha, porque equivaleria a perguntardes se mais agrada a Deus ser adorado num idioma do que noutra. Ainda uma vez vos digo: até ele não chegam os cânticos, senão quando passam pela porta do coração* ⁵.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Questão 649, p. 316.
2. _____. Questão 652, p. 316.
3. _____. Questão 653, p. 317.
4. _____. Questão 653-a, p. 317.
5. _____. Questão 654, p. 317-318.
6. _____. Questão 668, p. 323.
7. _____. p. 324.
8. CALLIGARIS, Rodolfo. *As leis morais*. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. (Como adorar a Deus?), p. 46.
9. XAVIER, Francisco Cândido. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 15 (O antropomorfismo), p. 87.

ROTEIRO 2

A prece: importância, eficácia e ação

Objetivos específicos

- Conceituar prece.
- Justificar a importância da prece.
- Explicar a eficácia e a ação da prece.

Conteúdo básico

- *A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele; é aproximar-se dele; é pôr-se em comunicação com ele. A três coisas podemos propor-nos por meio da prece: louvar, pedir, agradecer. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 659.*
- *Pela prece, obtém o homem o concurso dos bons Espíritos que ocorrem a sustentá-lo em suas boas resoluções e a inspirar-lhe idéias sãs. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. 27, item 11.*
- *Há quem conteste a eficácia da prece, com fundamento no princípio de que, conhecendo Deus as nossas necessidades, inútil se torna expor-lhas [...]. Sem dúvida alguma, há leis naturais e imutáveis que não podem ser ab-rogadas ao capricho de cada um; mas, daí a crer-se que todas as circunstâncias da vida estão submetidas à fatalidade, vai grande distância. Se assim fosse, nada mais seria o homem do que instrumento passivo, sem livre-arbítrio e sem iniciativa [...]. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. 27, item 6.*
- *O Espiritismo torna compreensível a ação da prece, explicando o modo de transmissão do pensamento, quer no caso em que o ser a quem oramos acuda ao nosso apelo, quer no em que apenas lhe chegue o nosso pensamento. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. 27, item 10.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Apresentar um cartaz no qual estão escritas as palavras: *orar* e *rezar*.
- Pedir aos participantes que façam distinção entre os dois vocábulos.
- Ouvir as respostas, esclarecendo pontos que não ficaram claros na interpretação dos alunos.

Desenvolvimento

- Em seguida, fazer uma exposição dialogada a respeito do conceito de prece, de acordo com o item 1 dos subsídios do roteiro.
- Favorecer a participação dos alunos, durante a exposição, dirigindo-lhes algumas questões.
- Organizar os participantes em pequenos grupos para a realização da seguinte tarefa: 1. ler o conteúdo básico dos itens 2 e 3 dos subsídios, assinalando os pontos de maior relevância; 2. trocar idéias entre si a respeito da importância, eficácia e ação da prece; 3. indicar um relator para apresentar as conclusões do trabalho em grupo, em plenária.
- Ouvir os relatos, esclarecendo possíveis dúvidas.

Conclusão

- Encerrar a aula com a apresentação – em cartaz ou transparência – da prece *Pai Nosso* (Mateus, 6:9-13), que deverá ser lida por um dos participantes.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes demonstrarem, pela participação na aula, que atingiram os objetivos propostos no roteiro.

Técnica(s): exposição dialogada; trabalho em pequenos grupos; exposição.

Recurso(s): subsídios do roteiro; cartaz / transparência; prece: *Pai Nosso*.

Subsídios 1. Conceito de prece

O Espírito Manod, em mensagem existente em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, afirma: *O dever primordial de toda criatura humana, o primeiro ato que deve assinalar a sua volta à vida ativa de cada dia, é a prece. Quase todos vós orais, mas quão poucos são os que sabem orar! Que importam ao Senhor as frases que maquinalmente articulais umas às outras, fazendo disso um hábito, um dever que cumpris e que vos pesa como qualquer dever? A prece do cristão, do espírita, seja qual for o seu culto, deve ele dizê-la logo que o Espírito haja retomado o jugo da carne; deve elevar-se aos pés da Majestade Divina com humildade, com profundidade, num ímpeto de reconhecimento por todos os benefícios recebidos até àquele dia; pela noite transcorrida e durante a qual lhe foi permitido, ainda que sem consciência disso, ir ter com os seus amigos, com os seus guias, para haurir, no contato com eles, mais força e perseverança. Deve ela subir humilde aos pés do Senhor, para lhe recomendar a vossa fraqueza, para lhe suplicar amparo, indulgência e misericórdia. Deve ser profunda, porquanto é a vossa alma que tem de elevar-se para o Criador, de transfigurar-se, como Jesus no Tabor, a fim de lá chegar nívea e radiosa de esperança e de amor*⁵.

*A prece é um ato de adoração*⁹. É [...] *uma invocação, mediante a qual o homem entra, pelo pensamento, em comunicação com o ser a quem se dirige* [...].

*Podemos orar por nós mesmos ou por outrem, pelos vivos ou pelos mortos. As preces feitas a Deus escutam-nas os Espíritos incumbidos da execução de suas vontades; as que se dirigem aos bons Espíritos são reportadas a Deus. Quando alguém ora a outros seres que não a Deus, fá-lo recorrendo a intermediários, a intercessores, porquanto nada sucede sem a vontade de Deus*².

É ainda o Espírito Manod que nos aconselha: *Deveis orar incessantemente, sem que, para isso, se faça mister vos recolhais ao vosso oratório, ou vos lanceis de joelhos nas praças públicas. A prece do dia é o cumprimento dos vossos deveres, sem exceção de nenhum, qualquer que seja a natureza deles. Não é ato de amor a Deus assistirdes os vossos irmãos numa necessidade, moral ou física? Não é ato de reconhecimento o elevardes a ele o vosso pensamento, quan-*

*do uma felicidade vos advém, quando evitais um acidente, quando mesmo uma simples contrariedade apenas vos roça a alma, desde que vos não esqueçais de exclaimar: Sede bendito, meu Pai?! Não é ato de contrição o vos humilhardes diante do supremo Juiz, quando sentis que falistes, ainda que somente por um pensamento fugaz, para lhe dizerdes: Perdoai-me, meu Deus, pois pequei (por orgulho, por egoísmo, ou por falta de caridade); dai-me forças para não falir de novo e coragem para a reparação da minha falta?! Isso independe das preces regulares da manhã e da noite e dos dias consagrados. Como o vedes, a prece pode ser de todos os instantes, sem nenhuma interrupção acarretar aos vossos trabalhos*⁷.

Léon Denis analisa que a [...] *prece deve ser uma expansão íntima da alma para com Deus, um colóquio solitário, uma meditação sempre útil, muitas vezes fecunda. É, por excelência, o refúgio dos aflitos, dos corações magoados. Nas horas de acabrunhamento, de pesar íntimo e de desespero, quem não achou na prece a calma, o reconforto e o alívio a seus males? Um diálogo misterioso se estabelece entre a alma sofredora e a potência evocada. A alma expõe suas angústias, seus desânimos; implora socorro, apoio, indulgência. E, então, no santuário da consciência, uma voz secreta responde: É a voz dAquele donde dimana toda a força para as lutas deste mundo, todo o bálsamo para as nossas feridas, toda a luz para as nossas incertezas. E essa voz consola, reanima, persuade; traz-nos a coragem, a submissão, a resignação estóicas. E, então, erguemo-nos menos tristes, menos atormentados; um raio de sol divino luziu em nossa alma, fez despontar nela a esperança*¹⁰.

É importante destacar que o *Pai Nosso*, oração ensinada por Jesus (Mateus, 6:9-13), contém os três pontos considerados objeto da prece: um pedido, um agradecimento, ou uma glorificação⁹. *O Pai Nosso representa [...] o mais perfeito modelo de concisão, verdadeira obra-prima de sublimidade na simplicidade. Com efeito, sob a mais singela forma, ela resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo. Encerra uma profissão de fé, um ato de adoração e de submissão; o pedido das coisas necessárias à vida e o princípio da caridade. Quem a diga, em intenção de alguém, pede para este o que pediria para si. Contudo, em virtude mesmo da sua brevidade, o sentido profundo que encerram as poucas palavras de que ela se compõe escapa à maioria das pessoas. Daí vem o dizerem-na, geralmente, sem que os pensamentos se detenham sobre as aplicações de cada uma de suas partes*⁸.

Os Espíritos Superiores nos esclarecem a respeito da forma correta de agir quanto às petições que fazemos durante as nossas preces: *A vossa prece deve conter o pedido das graças de que necessitais, mas de que necessitais em realidade. Inútil, portanto, pedir ao Senhor que vos abrevie as provas, que vos dê alegrias e*

riquezas. Rogai-lhe que vos conceda os bens mais preciosos da paciência, da resignação e da fé. Não digais, como o fazem muitos: «Não vale a pena orar, porquanto Deus não me atende.» Que é o que, na maioria dos casos, pedis a Deus? Já vos tendes lembrado de pedir-lhe a vossa melhoria moral? Oh! Não; bem poucas vezes o tendes feito. O que preferentemente vos lembrais de pedir é o bom êxito para os vossos empreendimentos terrenos e haveis com freqüência exclamado: «Deus não se ocupa conosco; se se ocupasse, não se verificariam tantas injustiças.» Insensatos! Ingratos! Se descêsseis ao fundo da vossa consciência, quase sempre depararíeis, em vós mesmos, com o ponto de partida dos males de que vos queixais.

*Pedi, pois, antes de tudo, que vos possais melhorar e vereis que torrente de graças e de consolações se derramará sobre vós*⁶.

2. Importância da prece

A prece se reveste de importância capital em qualquer situação. *Pela prece, obtém o homem o concurso dos bons Espíritos que acorrem a sustentá-lo em suas boas resoluções e a inspirar-lhe idéias sãs. Ele adquire, desse modo, a força moral necessária a vencer as dificuldades e a volver ao caminho reto, se deste se afastou. Por esse meio, pode também desviar de si os males que atrairia pelas suas próprias faltas. Um homem, por exemplo, vê arruinada a sua saúde, em conseqüência de excessos a que se entregou, e arrasta, até o termo de seus dias, uma vida de sofrimento: terá ele o direito de queixar-se, se não obtiver a cura que deseja? Não, pois que houvera podido encontrar na prece a força de resistir às tentações*³.

Admitamos, entretanto, que o homem nada possa fazer para evitar a ocorrência de certos males da vida, males que não se encontram relacionados à imprevidência ou aos excessos humanos. Nessa situação, em especial, [...] *facilmente se concebe a ação da prece, visto ter por efeito atrair a salutar inspiração dos Espíritos bons, granjear deles força para resistir aos maus pensamentos, cuja realização nos pode ser funesta. Nesse caso, o que eles fazem não é afastar de nós o mal, porém, sim, desviar-nos a nós do mau pensamento que nos pode causar dano; eles em nada obstam ao cumprimento dos decretos de Deus, nem suspendem o curso das leis da Natureza; apenas evitam que as infringamos, dirigindo o nosso livre-arbítrio. Agem, contudo, à nossa revelia, de maneira imperceptível, para nos não subjugar a vontade. O homem se acha então na posição de um que solicita bons conselhos e os põe em prática, mas conservando a liberdade de segui-los, ou não. Quer Deus que seja assim, para que aquele tenha a responsabilidade dos seus atos e o mérito da escolha entre o bem e o mal. É isso o que o homem pode estar sempre certo de receber,*

se o pedir com fervor, sendo, pois, a isso que se podem sobretudo aplicar estas palavras: «Pedi e obtereis ⁴».

A prece [...] é sempre um atestado de boa vontade e compreensão, no testemunho da nossa condição de Espíritos devedores... Sem dúvida, não poderá modificar o curso das leis, diante das quais nos fazemos réus sujeitos a penas múltiplas, mas renova-nos o modo de ser, valendo não só como abençoada plantação de solidariedade em nosso benefício, mas também como vacina contra a reincidência no mal. Além disso, a prece faculta-nos a aproximação com os grandes benfeitores que nos presidem os passos, auxiliando-nos a organização de novo roteiro para a caminhada segura ¹¹.

Em qualquer situação, a prece não deve traduzir-se como [...] movimento mecânico de lábios, nem disco de fácil repetição no aparelho da mente. É vibração, energia, poder. A criatura que ora, mobilizando as próprias forças, realiza trabalhos de inexprimível significação. Semelhante estado psíquico descortina forças ignoradas, revela a nossa origem divina e coloca-nos em contato com as fontes superiores. Dentro dessa realização, o Espírito, em qualquer forma, pode emitir raios de espantoso poder ¹².

A oração é divina voz do espírito no grande silêncio. Nem sempre se caracteriza por sons articulados na conceituação verbal, mas, invariavelmente, é prodigioso poder espiritual comunicando emoções e pensamentos, imagens e idéias, desfazendo empecilhos, limpando estradas, reformando concepções e melhorando o quadro mental em que nos cabe cumprir a tarefa a que o Pai nos convoca ¹⁵.

A importância da prece é facilmente evidenciada quando aprendemos a fazer distinções entre rezar e orar. Rezar é repetir palavras segundo fórmulas determinadas. É produzir eco que a brisa dissipa, como sucede à voz do sino que no espaço se espraia e morre. Orar é sentir. O sentimento é intraduzível. Não há palavra que o defina com absoluta precisão. O mais rico vocabulário do mundo é pobre para traduzir a grandeza de um sentimento. Não há fórmula que o contenha, não há molde que o guarde, não há modelo que o plasme. [...] Orar é irradiar para Deus, firmando desse modo nossa comunhão com Ele. A oração é o poder dos fiéis. Os crentes oram. Os impostores e os supersticiosos rezam. Os crentes oram a Deus. Os hipócritas, quando rezam, dirigem-se à sociedade em cujo meio vivem. Difícil é compreender-se o crente em seus colóquios com a Divindade. Os fariseus rezavam em público para serem vistos, admirados, louvados ¹⁶.

3. Eficácia e ação da prece

Há quem conteste a eficácia da prece, com fundamento no princípio de que, conhecendo Deus as nossas necessidades, inútil se torna expor-lhas. E acrescentam

os que assim pensam que, achando-se tudo no Universo encadeado por leis eternas, não podem as nossas súplicas mudar os decretos de Deus. Sem dúvida alguma, há leis naturais e imutáveis que não podem ser ab-rogadas ao capricho de cada um; mas, daí a crer-se que todas as circunstâncias da vida estão submetidas à fatalidade, vai grande distância. Se assim fosse, nada mais seria o homem do que instrumento passivo, sem livre-arbítrio e sem iniciativa. Nessa hipótese, só lhe caberia curvar a cabeça ao jugo dos acontecimentos, sem cogitar de evitá-los; não deveria ter procurado desviar o raio. Deus não lhe outorgou a razão e a inteligência, para que ele as deixasse sem serventia; a vontade, para não querer; a atividade, para ficar inativo. Sendo livre o homem de agir num sentido ou noutro, seus atos lhe acarretam, e aos demais, conseqüências subordinadas ao que ele faz ou não. Há, pois, devidos à sua iniciativa, sucessos que forçosamente escapam à fatalidade e que não quebram a harmonia das leis universais, do mesmo modo que o avanço ou o atraso do ponteiro de um relógio não anula a lei do movimento sobre a qual se funda o mecanismo. Possível é, portanto, que Deus aceda a certos pedidos, sem perturbar a imutabilidade das leis que regem o conjunto, subordinada sempre essa anuência à sua vontade ¹.

Percebe-se a eficácia e a ação da prece nos efeitos ou resultados obtidos. Os [...] raios divinos, expedidos pela oração santificadora, convertem-se em fatores adiantados de cooperação eficiente e definitiva na cura do corpo, na renovação da alma e iluminação da consciência. Toda prece elevada é manancial de magnetismo criador e vivificante e toda criatura que cultiva a oração, com o devido equilíbrio do sentimento, transforma-se, gradativamente, em foco irradiante de energias da Divindade ¹³.

O [...] trabalho da prece é mais importante do que se pode imaginar no círculo dos encarnados. Não há prece sem resposta. E a oração, filha do amor, não é apenas súplica. É comunhão entre o Criador e a criatura, constituindo, assim, o mais poderoso influxo magnético que conhecemos. Acresce notar, porém, [...] que a rogativa maléfica conta, igualmente, com enorme potencial de influência. Toda vez que o Espírito se coloca nessa atitude mental, estabelece um laço de correspondência entre ele e o Além. Se a oração traduz atividade no bem divino, venha de donde vier, encaminhar-se-á para o Além em sentido vertical, buscando as bênçãos da vida superior, cumprindo-nos advertir que os maus respondem aos maus nos planos inferiores, entrelaçando-se mentalmente uns com os outros. É razoável, porém, destacar que toda prece impessoal dirigida às Forças Supremas do Bem, delas recebe resposta imediata, em nome de Deus. Sobre os que oram nessas tarefas benditas, fluem, das esferas mais altas, os elementos-força que vitalizam nosso mundo interior, edificando-nos as esperanças divinas, e se exteriorizam, em seguida, contagiados de nosso magnetismo pessoal, no intenso desejo de servir com o Senhor ¹⁴.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 27, item 6, p. 370-371.
2. _____. item 9, p. 373.
3. _____. Item 11, p. 374.
4. _____. Item 12, p. 375.
5. _____. Item 22, p. 381.
6. _____. p. 381-382.
7. _____. p. 382.
8. _____. Cap. 28, item 2, p. 387.
9. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Questão 659, p. 319.
10. DENIS, Léon. *Depois da morte*. Tradução de João Lourenço de Souza. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Quinta parte, cap. 51 (A prece), p. 295.
11. XAVIER, Francisco Cândido. *Ação e reação*. Pelo Espírito André Luiz. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 19 (Sanções e auxílios), p. 327.
12. _____. *Missionários da luz*. Pelo Espírito André Luiz. 38. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 6 (A oração), p. 83.
13. _____. p. 84.
14. _____. *Os mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. 40. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 25 (Efeitos da oração), p. 159-160.
15. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 98 (A prece recompõe), p. 222.
16. VINÍCIUS. *Nas pegadas do mestre*. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. (Rezar e orar), p. 135.

ROTEIRO 3

Evangelho no lar

Objetivos específicos ■ Identificar, na reunião de Evangelho no lar, um ato de adoração a Deus.

- Destacar a importância dessa reunião.
- Explicar como deve ser realizada a reunião de Evangelho no lar.

Conteúdo básico

- *Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade porque o Pai procura a tais que assim o adorem.* (João, 4:23.)
- *Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles.* (Mateus, 18:20.)
- *O culto do Evangelho no lar não é uma inovação. É uma necessidade em toda parte onde o Cristianismo lance raízes de aperfeiçoamento e sublimação.* Emmanuel: *Luz no lar*, cap. 1.
- *Organizemos o nosso agrupamento doméstico do Evangelho. O Lar é o coração do organismo social. Em casa, começa nossa missão no mundo. Entre as paredes do templo familiar, preparamo-nos para a vida com todos.* Scheilla: *Luz no lar*, cap. 9.
- *O culto ou estudo do Evangelho no lar é um encontro semanal, previamente marcado, com o objetivo de reunir a família em torno dos ensinamentos evangélicos, à luz do Espiritismo, e sob a assistência dos Benfeitores Espirituais.* Folheto do Evangelho no Lar, FEB.

Sugestões didáticas

Introdução

- Pedir à turma que leia e explique o significado da poesia *Jesus em casa*, do Espírito Irene S. Pinto, psicografada por Francisco Cândido Xavier (veja anexo).
- Ouvir as explicações, esclarecendo possíveis dúvidas.

Desenvolvimento

- Fazer uma breve exposição sobre a reunião do Evangelho no lar, orientando-se pelas seguintes questões:
 - O que é Evangelho no lar?
 - Qual a importância do Evangelho no lar?
 - Que livros devem ser estudados nessa reunião?
 - Qual o tempo de duração da reunião?
 - É conveniente a manifestação de Espíritos?
 - Pode-se colocar água para ser magnetizada?
 - Pode-se aplicar passe nas pessoas antes do encerramento da reunião?
- Terminada a exposição, apresentar as etapas de uma reunião do Evangelho no lar.
- Em seguida, entregar a cada participante uma cópia do roteiro para a reunião do Evangelho no lar (veja *subsídios*, item 3) para leitura e troca de idéias.
- Pedir-lhes que façam uma simulação do culto do Evangelho no lar, tendo como base as instruções contidas no roteiro que lhes foi entregue.
- Observações: Colocar à disposição dos participantes exemplares de livros de mensagens espíritas (tipo *Pão Nosso*, *Fonte Viva* etc.) e do *Evangelho segundo o Espiritismo*. Não ultrapassar o tempo de 15 minutos na simulação.

Conclusão

- Fazer comentários pertinentes, se necessário.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se os participantes seguirem o roteiro de realização do Evangelho no lar, realizando-a corretamente a tarefa proposta.

Técnica(s): análise de texto; exposição; simulação de uma reunião do Evangelho no lar.

Recurso(s): poesia; *subsídios* deste Roteiro; *O Evangelho segundo o Espiritismo* e outras obras espíritas de mensagens.

Subsídios 1. O Evangelho no lar é um ato de adoração a Deus

Os Espíritos Superiores nos esclarecem que a [...] *prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele; é aproximar-se dele; é pôr-se em comunicação com ele.*

*A três coisas podemos propor-nos por meio da prece: louvar, pedir, agradecer*². *Nunca poderemos enumerar todos os benefícios da oração. Toda vez que se ora num lar, prepara-se a melhoria do ambiente doméstico. Cada prece do coração constitui emissão eletromagnética de relativo poder. Por isso mesmo, o culto familiar do Evangelho não é tão-só um curso de iluminação interior, mas também processo avançado de defesa exterior, pelas claridades espirituais que acende em torno. O homem que ora traz consigo inalienável coragem. O lar que cultiva a prece transformase em fortaleza [...]*¹⁰.

Sendo assim, a reunião ou culto do Evangelho no lar é uma [...] *reunião da família em dia e hora certos, para estudo do Evangelho e oração em conjunto*³. Podemos dizer, em outras palavras, que é uma reunião familiar de estudo e reflexão dos ensinamentos de Jesus, interpretados à luz da Doutrina Espírita, na qual se utiliza a prece como instrumento de ligação com o Senhor da Vida. Nós, espíritas, entendemos que o [...] *lar não é somente a moradia dos corpos, mas, acima de tudo, a residência das almas. O santuário doméstico que encontre criaturas amantes da oração e dos sentimentos elevados converte-se em campo sublime das mais belas florações e colheitas espirituais*⁹.

O Evangelho no lar é também considerado um ato de adoração a Deus porque não [...] *há serviço da fé viva, sem aquiescência e concurso do coração. Se possível, continuemos trabalhando sob a tormenta, removendo os espinheiros da discórdia ou transformando as pedras do mal em flores de compreensão, suportando, com heroísmo, o clima de sacrifício, mas, se a ventania nos compele a pausas de repouso, não admitamos o bolor do desânimo nos serviços iniciados. Sustentemos em casa a chama de nossa esperança, estudando a Revelação Divina; praticando a fraternidade e crescendo em amor e sabedoria, porque segundo a promessa do Evangelho Redentor, «onde estiverem dois ou três corações reunidos em Seu nome» aí estará Jesus, amparando-nos para a ascensão à Luz Celestial, hoje, amanhã e sempre*⁷.

O estudo do Evangelho no lar sob a orientação da verdade espírita conduz-nos ao entendimento da Lei de Deus porque *Jesus não veio destruir a lei, isto é, a lei de Deus; veio cumpri-la, isto é, desenvolvê-la, dar-lhe o verdadeiro sentido e adaptá-la ao grau de adiantamento dos homens. Por isso é que se nos depara, nessa lei, os princípios dos deveres para com Deus e para com o próximo, base da sua doutrina. [...] Combatendo constantemente o abuso das práticas exteriores e das falsas interpretações, por mais radical reforma não podia fazê-la passar, do que as reduzindo a esta última prescrição: «Amar a Deus acima de todas as coisas e o próximo como a si mesmo», e acrescentando: aí estão todas as leis e os profetas*¹.

2. Importância do Evangelho no lar

A seguinte mensagem do Espírito Emmanuel destaca, de forma clara e inequívoca, a importância do Evangelho no lar.

O culto do Evangelho no lar não é uma inovação. É uma necessidade em toda parte onde o Cristianismo lance raízes de aperfeiçoamento e sublimação. A Boa-Nova seguiu da Manjedoura para a praças públicas e avançou da casa humilde de Simão Pedro para a glorificação no Pentecostes. A palavra do Senhor soou, primeiramente, sob o teto simples de Nazaré e, certo, se fará ouvir, de novo, por nosso intermédio, antes de tudo, no círculo dos nossos familiares e afeiçoados, com os quais devemos atender às obrigações que nos competem no tempo. Quando o ensinamento do Mestre vibre entre as quatro paredes de um templo doméstico, os pequeninos sacrifícios tecem a felicidade comum.

A observação impensada é ouvida sem revolta.

A calúnia é isolada no algodão do silêncio.

A enfermidade é recebida com calma.

O erro alheio encontra compaixão.

A maldade não encontra brechas para insinuar-se.

E aí, dentro desse paraíso que alguns já estão edificando, a benefício deles e dos outros, o estímulo é um cântico de solidariedade incessante, a bondade é uma fonte inexaurível de paz e entendimento, a gentileza é inspiração de todas as horas, o sorriso é a sombra de cada um e a palavra permanece revestida de luz, vinculada ao amor que o Amigo Celeste nos legou.

Somente depois da experiência evangélica do lar, o coração está realmente habilitado para distribuir o pão divino da Boa-Nova, junto da multidão, embora devamos o esclarecimento amigo e o conselho santificante aos companheiros da ro-magem humana, em todas as circunstâncias.

Não olvidemos, assim, os impositivos da aplicação com o Cristo, no santuário familiar, onde nos cabe o exemplo de paciência, compreensão, fraternidade, serviço, fé e bom ânimo, sob o reinado legítimo do amor, porque, estudando a Palavra do Céu em quatro Evangelhos, que constituem o Testamento da Luz, somos, cada um de nós, o quinto Evangelho inacabado, mas vivo e atuante, que estamos escrevendo com os próprios testemunhos, a fim de que a nossa vida seja uma revelação de Jesus, aberta ao olhar e à apreciação de todos, sem necessidade de utilizarmos muitas pa-lavras na advertência ou na pregação ⁶.

Os espíritas, em geral, e os participantes de grupos mediúnicos, em parti-cular, precisam [...] *compreender a necessidade do culto do Evangelho no lar. Pelo menos, semanalmente, é aconselhável se reúna com os familiares ou com alguns parentes, capazes de entender a importância da iniciativa, em torno dos estudos da Doutrina Espírita, à luz do Evangelho do Cristo e sob a cobertura moral da oração. Além dos companheiros desencarnados que estacionam no lar ou nas adjacências dele, há outros irmãos já desenfaixados da veste física, principalmente os que remanescem das tarefas de enfermagem espiritual no grupo, que recolhem amparo e ensinamento, consolação e alívio, da conversação espírita e da prece em casa. O culto do Evangelho no abrigo doméstico equivale a lâmpada acesa para todos os imperativos do apoio e do esclarecimento espiritual ⁵.*

3. Roteiro para o estudo do Evangelho no lar

Na reunião do Evangelho e oração em família evocamos a presença de benfeitores espirituais, familiares e demais Espíritos amigos para, em conjun-to, participar desses momentos de paz. Trata-se, na verdade, de uma modali-dade de reunião espírita, que deve ser caracterizada pela seriedade e continui-dade, a despeito da simplicidade que encerra. Os benfeitores espirituais acorrem ao nosso lar, auxiliando-nos no que for possível, afastando entidades

perturbadoras do reduto doméstico, amparando os Espíritos mais necessitados, que se revelam sensíveis às vibrações e elucidações que o serviço religioso do Evangelho no lar propicia ⁸.

1. *Finalidade*: trata-se de uma reunião com o objetivo de reunir a família em torno dos ensinamentos evangélicos à luz da Doutrina Espírita, e sob a assistência de benfeitores espirituais.
2. *Participantes*
Poderão participar do Culto [ou da Reunião] todas as pessoas integrantes do lar, inclusive as crianças.
3. *Desenvolvimento*
 - a) prece inicial;
 - b) leitura e comentário de página evangélica com a participação de todos os presentes. A reunião pode ser enriquecida, conforme o caso, com poesia, história ou narrativa de fatos reais;
 - c) prece de encerramento (ocasião em que se pode orar pelos que não puderam estar presentes: parentes, amigos, vizinhos etc).
4. *Recomendações*
 - a) o tempo de duração do Culto não deve ultrapassar uma hora;
 - b) recomenda-se a leitura de «O Evangelho segundo o Espiritismo», do «Evangelho em Casa» e outras páginas evangélicas;
 - c) abster-se de manifestações de Espíritos;
 - d) pode-se colocar água para ser fluidificada [magnetizada] pelos Benfeitores Espirituais;
 - e) é conveniente que a reunião seja semanal;
 - f) a presença de visita não deverá ser motivo para a não realização do Culto, convidando-se os visitantes a dele participarem ⁴.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 1, item 3, p. 55.
2. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Questão 659, p. 319.
3. CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL. *Orientação ao centro espírita*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996, item 12, p. 65.
4. _____. p. 65-66.
5. XAVIER, Francisco Cândido. *Desobsessão*. Pelo Espírito André Luiz. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, cap. 70, p. 239.
6. _____. *Luz no lar*. Por diversos Espíritos. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006, Cap. 1 (Culto cristão no lar, mensagem do Espírito Emmanuel), p. 11-12.
7. _____. cap. 9 (Luz no lar, mensagem do Espírito Scheilla), p. 33-34.
8. _____. *E a vida continua*. Pelo Espírito André Luiz. 29. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 13, p. 128-129.
9. _____. *Missionários da luz*. Pelo Espírito André Luiz. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 6 (A oração), p. 80.
10. _____. *Os mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. 42. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 37 (No santuário doméstico), p. 232.

Anexo

JESUS EM CASA *

Irene S. Pinto

O culto do Mestre, em casa,
É novo sol que irradia
A música da alegria
Em santa e bela canção.
É a glória de Deus que vaza
O Dom da Graça Divina,
Que regenera e ilumina
O templo do coração.

Ouvida a bênção da prece,
Na sala doce e tranqüila,
A lição do bem cintila
Como um poema a brilhar.
O verbo humano enaltece
A caridade e a esperança.
Tudo é bendita mudança
No plano familiar.

Anula-se a malquerença,
A frase é contente e boa.
Quem guarda ofensas, perdoa,
Quem sofre, agradece à cruz.

A maldade escuta e pensa
É o vício da rebeldia
Perde a máscara sombria...
Toda névoa faz-se luz!

Na casa fortalecida
Por semelhante alimento,
Tudo vibra entendimento
Sublime e renovador.
O dever governa a vida,
Vozes brandas falam calmas...
É Jesus chamando as almas
Ao Reino do Eterno Amor!

* XAVIER, Francisco Cândido. *Luz no lar*. Por diversos Espíritos. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 2, p. 13-14.

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

Estudar o Espiritismo? Por quê?

Porque temos necessidade de ser felizes. Porque é importante saber de onde viemos, o que fazemos aqui e qual será a nossa destinação espiritual.

O estudo da Doutrina Espírita nos conduz, certamente, a essa compreensão. Os primeiros passos começam aqui, nesta apostila, quando tomamos conhecimento das orientações básicas que os Espíritos Superiores transmitiram a Allan Kardec, tais como: Deus, Espírito, matéria, comunicabilidade dos Espíritos, reencarnação, pluralidade dos mundos habitados, o bem e o mal, a lei de adoração, entre outras.